

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

MÁRCIO PEREIRA MORATO

**FUTEBOL PARA CEGOS
(FUTEBOL DE CINCO) NO BRASIL:
LEITURA DO JOGO E ESTRATÉGIAS
TÁTICO-TÉCNICAS**

Campinas
2007

MÁRCIO PEREIRA MORATO

**FUTEBOL PARA CEGOS
(FUTEBOL DE CINCO) NO BRASIL:
LEITURA DO JOGO E ESTRATÉGIAS
TÁTICO-TÉCNICAS**

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: José Júlio Gavião de Almeida

Campinas
2007

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

M797t Morato, Marcio Pereira.
Futebol para cegos (futebol de cinco) no Brasil: leitura do jogo e estratégias tático-técnicas / Marcio Pereira Morato. - Campinas, SP: [s.n], 2007.

Orientador: José Julio Gavião de Almeida.
Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física,
Universidade Estadual de Campinas.

1. Futebol. 2. Futebol – Estudo e ensino. 3. Cegos. 4. Deficientes visuais. 5. Esportes para deficientes. 6. Educação física para deficientes. I. Almeida, Jose Julio Gavião de. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

(asm/fef)

Título em inglês: Football for blind (football five-a-side) in Brazil: game understanding and tactical-technical strategies.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Football; Football – Study and teaching; Visual disabled; Blind; Sports for disabled; Physical education for disabled people.

Área de Concentração: Atividade Física, Adaptação e Saúde.

Titulação: Mestrado em Educação Física.

Banca Examinadora: Edison Duarte. Alcides Jose Scaglia. Jose Julio Gavião de Almeida.

Data da defesa: 11/06/2007.

MÁRCIO PEREIRA MORATO

FUTEBOL PARA CEGOS
(FUTEBOL DE CINCO) NO BRASIL:
LEITURA DO JOGO E ESTRATÉGIAS
TÁTICO-TÉCNICAS

Este exemplar corresponde à redação final
da Dissertação de Mestrado defendida por
Márcio Pereira Morato e aprovada pela
Comissão Julgadora em:

11/10/07.



José Júlio Gavião de Almeida
Orientador

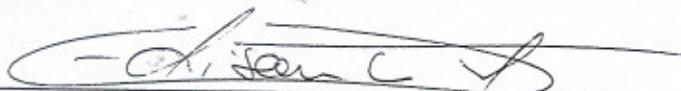
Campinas
2007

Dedicatória

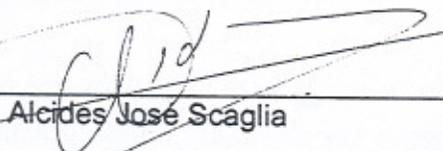
COMISSÃO JULGADORA



José Júlio Gavião de Almeida
Orientador



Edison Duarte



Alcides José Scaglia

*Este trabalho é dedicado
Aos que mesmo diante da escuridão
Trilham caminhos iluminados.*

Dedicatória

*Este trabalho é dedicado
Aos que mesmo diante da escuridão
Trilham caminhos iluminados.*

Agradecimentos

Agradecer me lembra sorrir.

Quem nunca sorriu depois de um agradecimento?

Quer ver só... Agradeço a você, que está lendo meu texto... Duvido que você não sorria com isso!

Quem nunca agradeceu, talvez nunca tenha feito ninguém sorrir!

Fazer os outros sorrirem pode ser fácil. Tem vários caminhos capazes de levar alguém ao sorriso. Caminhos que vão desde a piada, até as cócegas.

Mas o sorriso de um agradecimento é diferente. O sorriso de um agradecimento é puro, é verdadeiro!

É porque o agradecimento faz as pessoas presentes. Faz com que elas sejam vistas. Sejam tocadas! Sejam reconhecidas por algo que fizeram por nós!

E como é bom fazer algo pelos outros! Como isso faz com que nos sintamos bem!

É daí que vem a pureza do sorriso de um agradecimento. Fazer bem aos outros é muito bom! Ser reconhecido por isso é melhor ainda!

Por isso eu agradeço a todos que já me agradeceram um dia, pois eles me fizeram sorrir um verdadeiro sorriso! E isso me faz lembrar que um dia pode ser importante para alguém. Que um dia pude agradecer e ser agradecido!

Agradeço a você que se interessou em ler meu trabalho, pois isso me deixa feliz!

Agradeço a todos que já compartilharam meus sonhos, pois sem vocês eu não teria sonhado!

Agradeço a todos que já cruzaram meus caminhos, pois sem vocês eu não seria quem sou!

Agradeço a todos aqueles que já me ensinaram algo, pois sem vocês eu não teria aprendido a aprender!

E também a todos que eu pude ensinar, pois não fossem vocês, eu não teria aprendido a ensinar!

Agradeço a todos que continuam ao meu lado, pois são vocês que dão sentido à minha vida!

Se hoje reconheço a importância de um agradecimento, foram vocês que me proporcionaram esse aprendizado.

Hoje, sou um grande sorriso! Graças a todos que pude agradecer!

Morato
02 abr 2007

MORATO, Márcio P. *Futebol para cegos (futebol de cinco) no Brasil: leitura do jogo e estratégias tático-técnicas*. 2007. 202f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

Resumo

O futebol para cegos é uma modalidade esportiva coletiva capaz de proporcionar a prática do fenômeno futebol às pessoas cegas. Suas regras são baseadas nas adotadas pelo futsal. As adaptações existentes visam contemplar as características específicas das pessoas cegas. Neste contexto, este estudo se apresenta com o objetivo de descrever e analisar as características específicas do futebol para cegos: Quais os contextos e os personagens mediadores do desenvolvimento e prática dessa modalidade? Como se dá a estruturação coletiva das equipes? Quais as estratégias tático-técnicas utilizadas pelos jogadores diante de suas diferentes percepções? Em busca da concretização de tal objetivo, utilizou-se a entrevista semi-estruturada para coletar os dados junto a seis jogadores que integraram a seleção brasileira nos Jogos Paraolímpicos de Atenas 2004, no Pan-americano de 2005 e no Mundial de 2006; e os técnicos que já passaram ou não pela seleção, mas que já dirigiram equipes que se destacam no cenário nacional. Após a transcrição das entrevistas elas foram analisadas pela Análise de Enunciação, uma das técnicas da Análise de Conteúdo. Os dados evidenciaram o ciclo de mediação cultural do futebol para cegos, influenciado pelo fenômeno futebol e protagonizado pelos seguintes personagens: jogadores de futebol, família, professor/técnico, amigos e jogadores de futebol para cegos. Tais personagens interagem nos seguintes contextos para a mediação da aprendizagem da modalidade: instituto/entidade, eventos (paradesporto), seleção brasileira da modalidade e faculdades de educação física. Para o exercício da base regencial as equipes desenvolvem estratégias de comunicação baseadas na padronização de termos, na descentralização e na personalização. Os sistemas táticos dão sentido e sustentam a comunicação, pois a filtragem da informação é dependente da função exercida por cada jogador. Para os princípios ofensivos, as equipes utilizam jogadas pré-estabelecidas e aperfeiçoam o patrimônio tático-técnico da modalidade. Defensivamente, as equipes centram sua organização na movimentação da bola, caracterizando a defesa por zona e possibilitando a realização de coberturas. Na transição entre os pólos defensivo e ofensivo, as equipes procuram se utilizar do sentido visual do goleiro, que com lançamentos rápidos tenta surpreender o adversário. Para a leitura do jogo, os jogadores constroem um mapa mental da quadra a partir de referenciais sonoros e cinestésicos. Tal imagem mental permite que eles se orientem pelo espaço de jogo, tomando como base os pontos referenciais fixos previstos em regra. A comunicação de sua equipe e também da adversária, permite a localização dos referenciais móveis (jogadores). Conhecer as características dos outros jogadores, tanto parceiros quanto adversários, também auxilia a leitura do jogo. De posse das informações obtidas pela leitura do jogo, o jogador as processa de acordo com sua capacidade perceptiva e seleciona as estratégias tático-técnicas que julga necessárias para resolver a situação problema em que se encontra.

Palavras-Chaves: Futebol; Futebol – Estudo e ensino; Deficientes visuais; Cegos; Esportes para deficientes; Educação física para deficientes.

MORATO, Márcio P. *Football for blind (football five-a-side) in Brazil: game understanding and tactical-technical strategies*. 2007. 202f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

Abstract

The football for blind is a team sport that provides the practice of the football phenomenon for blind people. Its rules are based on futsal rules. The current adaptations aim to contemplate the blind people specific characteristics. In this context, this study objectives to describe and analyze the football for blind specific characteristics: What are the contexts and characters which mediate the development and practice of this sport? How are the teams organized? What are the *tactical-technical strategies* used by players according to their different perceptions? Seeking to achieve this target, we used the semi-structured interview to collect the data from six players who played for the Brazilian team in the Paralympics Games Athens 2004, Pan-American Games 2005 and World Championship 2006; and the coaches who have trained or not the Brazilian team, but have already managed top teams in the country. After the interviews transcriptions, they were analyzed by Enunciation Analyses, a technique from Contend Analyses. The data showed the cultural mediation circle of football for blind, influenced by the football phenomenon and stared by the following characters: football players, family, teacher/coach, friends and football for blind players. These characters interact in the following contexts for the sport's learning mediation: institute/entity, events (adapted sport), Brazilian team and Physical Education courses. For the *regencial basis* exercise the teams develop communication strategies based on the standard of terms, decentralization and personification. The tactic systems signify and support the communication, because the received information depends on the function of each player. For the offensive principles the teams used pre-established plays and upgraded the sport tactical-technical patrimony. For the defense the teams focus their organization in the ball circulation, characterizing the zone defense and providing the covers. In the transition between offensive and defensive sides the teams seek to use the goalkeeper visual sense, trying to surprise the rival with quick throws. For the game understanding the players develop a mental map of the court from sonorous and kinetics referential. This mental image enables players to guide themselves by the game space, based on fixed referential points, and previewed in rules. The team communication and the rival communication, provides the localization of the mobile referential (players). Knowing other players characteristics, either colleagues or opponents, also help the game understanding. With the information obtained by game reading, the player processes it according to his perception skills and selects the *tactical-technical strategies* that he judges necessary to solve the problem situation in what he is.

Keywords: Football; Football – Study and teaching; Visual disabled; Blind; Sports for disabled; Physical education for disabled people.

Lista de Figuras

Fig. P.1 – Os aspectos norteadores da pesquisa.	22
Fig. P.2 – O processo de mestrado.	33
Fig. 2.1 – A base regencial.	59
Fig. 2.2 – A bola oficial.	66
Fig. 2.3 – A quadra.	67
Fig. 2.4 – As bandas laterais.	68
Fig. 2.5 – A área do goleiro.	69
Fig. 2.6 – A área de atuação do chamador.	72
Fig. 2.7 – O sistema tático 3-1.	76
Fig. 2.8 – O sistema tático 2-2.	76
Fig. 2.9 – O sistema tático 2-1-1.	77
Fig. 2.10 – O sistema tático 4-0.	77
Fig. 3.1 – O modelo pendular.	89
Fig. 3.2 – A condução de frente.	99
Fig. 3.3 – A condução de costas.	99
Fig. 3.4 – O passe.	100
Fig. 3.5 – A recepção.	103
Fig. 3.6 – O drible e a proteção de bola.	105
Fig. 3.7 – O chute a gol.	106
Fig. B.1 – O referencial teórico do estudo.	116
Fig. B.2 – O ciclo de mediação cultural no futebol para cegos.	117
Fig. B.3 – O exercício da base regencial pelas equipes.	118
Fig. B.4 – As estratégias usadas pelos jogadores.	120

Sumário

PRELEÇÃO	19
A.1) APRESENTAÇÃO.....	21
A.2) O ENLACE ENTRE O PESQUISADOR E O TEMA	23
A.3) OS CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	25
A.4) O PLANO DE REDAÇÃO.....	31
JOGO 1	
CONTEXTOS E PERSONAGENS NO DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL PARA CEGOS	35
1.1) INTRODUÇÃO.....	37
1.2) A CULTURA FUTEBOLÍSTICA NO BRASIL.....	39
1.3) O FUTEBOL E O MOVIMENTO PARADESPORTIVO.....	41
1.4) AS ORIGENS DO FUTEBOL PARA CEGOS.....	45
1.5) A MEDIAÇÃO CULTURAL NO FUTEBOL PARA CEGOS	47
JOGO 2	
ESTRUTURAÇÃO COLETIVA NO FUTEBOL PARA CEGOS	55
2.1) INTRODUÇÃO.....	57
2.2) A BASE REGENCIAL COMUM.....	58
2.3) AS INVARIANTES.....	61
2.4) AS EQUIPES E SUAS INTERAÇÕES.....	62
2.5) AS REGRAS ESPECÍFICAS DO FUTEBOL PARA CEGOS.....	65
2.6) O EXERCÍCIO DA BASE REGENCIAL.....	73
2.7) AS CARACTERÍSTICAS DAS EQUIPES DE DESTAQUE.....	81
JOGO 3	
LEITURA DO JOGO E ESTRATÉGIAS TÁTICO-TÉCNICAS NO FUTEBOL PARA CEGOS	83
3.1) INTRODUÇÃO.....	85
3.2) AS AÇÕES TÁTICO-TÉCNICAS	86
3.3) A LEITURA DO JOGO.....	90
3.4) AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS JOGADORES	94
3.5) AS CARACTERÍSTICAS DOS JOGADORES DE DESTAQUE.....	108
BATE-BOLA.....	113
REFERÊNCIAS.....	123
ANEXO	131
APÊNDICES.....	135
Apêndice A: Análises Inferenciais.....	137
Apêndice B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	200
Apêndice C: Permissão CBDC	201

Preleção

*Na viagem da descoberta
Coincidem aflição e satisfação
Desce logo o ansioso
Sofre o negligente
Permanece e aprende
Somente aquele que entende...
Que antes de chegar
É preciso viajar!*

A VIAGEM
MORATO, Márcio P.
(arquivo pessoal)

A.1) APRESENTAÇÃO

O futebol para cegos é uma modalidade esportiva coletiva capaz de proporcionar a prática do fenômeno futebol às pessoas cegas. As regras são baseadas nas regras do futsal adotadas pela FIFA¹. As alterações ou adaptações existentes visam contemplar as características específicas das pessoas cegas².

Neste contexto, este estudo se apresenta com o objetivo de descrever e analisar as características do futebol para cegos, mais especificamente em relação às técnicas e táticas apresentadas pelas equipes nacionais.

Em busca da concretização deste objetivo percorreu-se um caminho respaldado na junção entre história de vida e experiências prévias do pesquisador e nas escolhas científico-acadêmicas realizadas em sua formação. Caminho traçado por três aspectos norteadores, interligados entre si, e balizados pela influência do fenômeno futebol em nossa cultura (Fig. A.1).

¹ Federação Internacional de Futebol Associado

² A terminologia utilizada para a modalidade pode ser encontrada de duas formas: **futebol para cegos** (utilizado neste trabalho) ou **futebol de cinco**. Não há diferenças nas regras e a escolha pela utilização de cada termo, depende da filosofia de cada órgão regulador do paradesporto ou do âmbito em que é disputada a modalidade. De modo geral, a International Blind Sports Federation (IBSA) e suas filiadas, como a Confederação Brasileira de Desportos para Cegos (CBDC), preferem o termo **futebol para cegos**. Já o International Paralympic Committee (IPC) e os órgãos ligados a ele, como o Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), utilizam o termo **futebol de cinco**.



Fig. P.1 – Os aspectos norteadores da pesquisa.

Utilizou-se a entrevista semi-estruturada (TRIVIÑOS, 1987) para coletar os dados junto a seis jogadores que integraram a seleção brasileira nos Jogos Paraolímpicos de Atenas 2004, no Pan-americano de 2005 e no Mundial de 2006; e os técnicos que já passaram ou não pela seleção, mas que já dirigiram equipes que se destacam no cenário nacional. Após a transcrição das entrevistas elas foram analisadas pela Análise de Enunciação, uma das técnicas da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). Com o tratamento dos dados estabeleceu-se um diálogo entre os discursos dos atores e a linguagem da ciência, numa mediação estabelecida pelo pesquisador para alcançar os objetivos propostos e, conseqüentemente, tentar contribuir para a produção do conhecimento na área do Paradesporto e da Educação Física Adaptada.

Neste trabalho o termo deficiência visual envolve tanto a perda parcial da visão (baixa visão) como a perda total (cegueira)³. A escolha dessa terminologia deve-se ao seu habitual uso na academia e à aceitação das próprias pessoas nessas condições, que mantêm contato com o pesquisador. É necessário lembrar que antes de classificá-los dentro de certa “categoria”, eles são pessoas e, como tais, possuem nomes. Nomes pelos quais gostam e devem ser chamados.

³ Na classificação esportiva existem três categorias. As pessoas cegas são classificadas como B1 (classe do futebol para cegos) e as pessoas com baixa visão como B2 ou B3 (o B2 tem o resíduo visual mais comprometido que o B3 – Fonte: <http://www.cbdc.org.br/classvisual.htm>). Para uma melhor compreensão da conceituação da deficiência visual e suas categorias de classificações, procurar Almeida e Conde (2002).

A.2) O ENLACE ENTRE O PESQUISADOR E O TEMA

A escolha do tema desta pesquisa se deve aos questionamentos criados ao longo dos anos de contato com pessoas com deficiência visual, ao particular interesse pelas modalidades esportivas coletivas, mais especificamente em relação ao futebol, e à participação efetiva em dois grupos de estudos e pesquisas: GEPEAMA⁴ e GEPEFIC⁵.

No GEPEFIC, o foco da discussão era a influência do fenômeno futebol no Brasil⁶. Posteriormente, passou-se a discutir metodologias de ensino das modalidades coletivas, onde existia o questionamento sobre a hegemonia do método analítico-sintético e sua instrumentalização da dimensão técnica em contraposição ao método global-funcional.

No GEPEAMA comecei a ter contato com as pessoas com deficiência visual por intermédio de um projeto de extensão destinado a essa população e que posteriormente deu-me a oportunidade de trabalhar no VII Campeonato Mundial de Goalball⁷, realizado em 2002 no Rio de Janeiro. No ano seguinte ao campeonato fui convidado para trabalhar como voluntário no Centro de Integração do Deficiente de Paulínia (CINDEP), no ensino de modalidades esportivas coletivas, mais especificamente com o goalball.

Esse contato maior e mais próximo com pessoas com deficiência visual, além de me dar grande satisfação pessoal e profissional, fez com que eu questionasse muitas “verdades” em que acreditava e assim, realizei em 2002 uma experiência, ou melhor, uma vivência, que se apresenta como um grande marco para minha identificação com o tema.

Juntamente com integrantes do GEPEAMA e com os alunos com deficiência visual do projeto de extensão, fui para um local desconhecido e fiquei vendado por dezessete horas, conhecendo grande parte do local nesta condição e depois tirando a venda para confrontar

⁴ Grupo de Estudos e Pesquisa em Atividade Motora Adaptada – Deficiência Visual. Grupo cadastrado ao CNPq e coordenado pelo Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida, com sede no Laboratório de Atividade Motora Adaptada (LAMA), na Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

⁵ Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura, sediado no Departamento de Educação Motora da FEF-Unicamp, cadastrado ao CNPq e coordenado pelo Prof. Dr. Jocimar Daolio.

⁶ Os encontros e discussões desse grupo foram fundamentais para a publicação de um livro, organizado pelo coordenador do grupo GEPEFIC – Prof. Dr. Jocimar Daolio – e intitulado "Futebol, Cultura e Sociedade", lançado em 2005 pela Editora Autores Associados; do qual pude contribuir com um texto baseado em minha pesquisa de iniciação científica (agosto/2001 à julho/2002), por intermédio do Programa de Iniciação Científica PIBIC-CNPq / SAE-UNICAMP. Vide Morato (2005).

⁷ Modalidade esportiva coletiva criada especificamente para as pessoas com deficiência visual.

experiências e tentar entender um pouco mais sobre as diferentes percepções de (e em) um local desconhecido. Foi uma experiência difícil, mas importante para o grupo, que sempre esteve preocupado em realizar vivências deste tipo, em busca de melhores estratégias para lidar com as pessoas com deficiência visual.

O intenso envolvimento, nessa fase, com diretrizes acadêmico-científicas direcionadas pelo grupo em questão, proporcionou uma gama de reflexões e análises sobre essa que poderia ter sido apenas uma experiência. Partindo das reflexões oriundas dessa vivência e do embasamento teórico construído no GEPEAMA, sistematizamos e confeccionamos um artigo científico⁸ que, por sua vez, nos traria subsídios gerais para a temática desse estudo.

Essa busca por diferentes estratégias é algo que acreditamos ser de responsabilidade de profissionais que se preocupam com o ensino-aprendizagem de pessoas com diferentes percepções. A falta da visão é um diferencial e deve ser tratada como tal. A essas pessoas não deve ser negada a prática esportiva e, muito menos, transmitida na forma usual baseada na percepção visual. O profissional de educação física deve ter certa empatia para tentar entender as diferentes percepções desse público e buscar métodos de ensino que potencializem seu aprendizado. Foi o que se sucedeu ao assumirmos certa postura como agente mediador, no acompanhamento dos treinamentos da seleção brasileira de futebol para cegos, na preparação para os Jogos Paraolímpicos de Atenas 2004.

Esse tem sido o objetivo do GEPEAMA no desenvolvimento de suas pesquisas em, ginástica olímpica, goalball, judô, atletismo, nos esportes na natureza e, neste caso, o futebol. Esse último, considerado um fenômeno muito difundido por todo o Brasil, influenciador da dinâmica de vida de grande parte da população brasileira, inclusive de muitas pessoas com deficiência visual. É necessário dar mais atenção à dimensão cultural do futebol e seus significados para a caracterização da modalidade esportiva jogada pelas pessoas nessa condição.

⁸ Vide Morato (2004).

A.3) OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Com a delimitação do problema centrada nos objetivos expostos anteriormente, a busca por um método que pudesse suprir as necessidades do objetivo proposto ficou mais clara e facilitada.

As características dessa pesquisa pedem uma investigação qualitativa de caráter descritivo e analítico, que, longe de quantificar resultados, busca absorver ao máximo as informações a serem colhidas em relatos orais dos sujeitos, discutindo e analisando seus conteúdos evidentes e latentes.

Segundo Thomas e Nelson (2002) a pesquisa qualitativa objetiva primeiramente a descrição, a compreensão e o significado do fenômeno, lidando com a subjetividade das percepções de cada um e se interessando mais pelo processo que pelo produto.

Sujeitos

Na pesquisa qualitativa a seleção dos sujeitos não é feita por amostragem de probabilidade e, sim, de forma proposital, entre aqueles que podem ensinar o máximo sobre a temática tratada, por apresentarem grande nível de especialidade e experiência (THOMAS; NELSON, 2002).

Tal afirmação fez com que fossem escolhidos como sujeitos dessa pesquisa os jogadores de futebol para cegos que integraram a seleção brasileira nos Jogos Paraolímpicos de Atenas 2004, no Pan-americano 2005 e no Mundial de 2006 para deficientes visuais, por serem eles os melhores jogadores nacionais da atualidade (especialidade e experiência)⁹; e os técnicos que já passaram ou não pela seleção, mas que dirigem equipes representativas em nível nacional.

A determinação do número de sujeitos estava dependente da qualidade das informações obtidas. Foi estipulado um número base de seis jogadores e quatro técnicos. Número que supriu as necessidades do estudo.

⁹ Dois dos jogadores entrevistados já foram artilheiros em competições internacionais e também considerados os melhores jogadores do mundo no futebol para cegos.

Por questões éticas utilizadas em pesquisa, os nomes dos sujeitos serão mantidos em sigilo, e os mesmos estarão cientes disso e de que os dados por eles relatados terão uso exclusivo para a pesquisa¹⁰.

Abaixo é apresentada uma breve descrição dos sujeitos/colaboradores:

JOGADORES

- **JOG. 1:** Pratica o futebol desde os onze anos de idade. Nasceu cego em virtude de glaucoma em 21 de março de 1981.
- **JOG. 2:** Ficou cego aos oito anos de idade, também pelo glaucoma. Nasceu em 02 de fevereiro de 1980 e pratica o futebol para cegos desde 1996.
- **JOG. 3:** Perdeu a visão aos três anos de idade por intermédio de uma doença chamada fogo selvagem. Nasceu no dia 22 de julho de 1978 e pratica a modalidade desde os quinze anos.
- **JOG. 4:** Nasceu com glaucoma congênito em 1º de agosto de 1971. Começou a praticar o futebol aos oito anos de idade.
- **JOG. 5:** Nasceu no dia 28 de dezembro de 1974 e perdeu a visão em virtude de um acidente com arma de fogo em 1991. Começou a praticar o futebol para cegos três anos após o acidente, em 1994.
- **JOG. 6:** Pratica o futebol para cegos desde os dez anos de idade, após ter perdido a visão por descolamento de retina. Nasceu em 03 de novembro de 1977.

TÉCNICOS

- **TÉC. 1:** Profissional de Educação Física nascido em 29 de outubro de 1960. Atua no paradesporto e, mais especificamente no futebol para cegos desde 1986.
- **TÉC. 2:** Nasceu no dia 09 de julho de 1963. Formou-se em Educação Física na Universidade Federal de Minas Gerais e trabalha desde 1988 com o futebol para cegos, mas ficou nove anos afastado (de 1994 a 2003) por motivos pessoais.
- **TÉC. 3:** Teve o primeiro contato com o paradesporto em 1994, mas como treinador de futebol para cegos atua desde 1998. Nasceu em 17 de novembro de 1964 e também é profissional de Educação Física.
- **TÉC. 4:** Nascido em 28 de abril de 1972, trabalha com o futebol para cegos desde 2000. É formado em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná.

¹⁰ O projeto de pesquisa (com número de protocolo **371/2005**) foi aprovado sem restrições pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/FCM/UNICAMP) na VIII Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 23 de agosto de 2005. Vide Anexo: Parecer do Projeto e Apêndice B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Local de coleta de dados

Os locais de coleta de dados foram as Copas Brasil 2005 e 2006, organizadas pela Confederação Brasileira de Desportos para Cegos (CBDC), conforme autorização da direção técnica da referida entidade¹¹.

Nesses campeonatos são realizados vários jogos por dia e as equipes e seus técnicos e jogadores, ficam alojados num mesmo local durante, aproximadamente, sete dias.

A escolha desses locais se deve ao fato da certeza de presença dos sujeitos da pesquisa e de um acesso facilitado ao ambiente pelo estreito relacionamento criado entre o pesquisador, o orientador e a CBDC, pois o pesquisador deve ter acesso ao ambiente de campo para conduzir seu estudo e estar apto a observar e entrevistar os sujeitos no tempo e local apropriados (THOMAS; NELSON, 2002).

Forma de coleta de dados

Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista semi-estruturada, pois ela se apresentou como o principal meio para a conquista dos objetivos do estudo. Todas as entrevistas foram gravadas e depois transcritas literalmente para análise.

Para Triviños (1987), esse tipo de entrevista parte de certos questionamentos básicos que interessam à pesquisa e são apoiados num referencial teórico que as orienta. Hipóteses vão surgindo na medida em que as respostas do informante são recebidas e oferecem amplo campo de novas interrogativas a serem investigadas. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. Assim, a entrevista semi-estruturada permite ao entrevistado esclarecer os pontos colocados, segundo seus conhecimentos sobre o assunto tratado.

O roteiro básico utilizado apresenta-se na página seguinte:

¹¹ Vide Apêndice C: Permissão CBDC.

JOGADORES

- **HISTÓRIA:** Conte-me um pouco da sua história no futebol – como começou a jogar e o que o levou a praticar o esporte?
- **ÍDOLO:** Você teve ou tem algum ídolo no esporte? Ele te influenciou de alguma forma?
- **APRENDIZADO:** E durante seu aprendizado você teve algum tipo de influência?
- **BONS JOGADORES:** Quais as características apresentadas pelos bons jogadores de futebol para cegos? O que é necessário para adquiri-las?
- **BOLA:** Que estratégias você utiliza para:
 - A condução;
 - O passe;
 - A recepção;
 - A finalização;
 - E o drible.
- **ORIENTAÇÃO:** Como você se orienta em quadra?
- **PARCEIROS:** Como você percebe seus companheiros em quadra e que estratégias vocês utilizam para se comunicar em ações ofensivas e defensivas?
- **ADVERSÁRIOS:** Como você percebe seus adversários em quadra nas ações ofensivas e defensivas?
- **ALVOS:** Que estratégias você usa para defender sua meta e atacar a meta adversária?
- **REGRAS:** As regras influenciam seu jogo?

TÉCNICOS

- **HISTÓRIA:** Conte-me um pouco da sua história com o futebol e de como entrou para o movimento do paraportos? Você é formado em Educação Física?
- **BONS JOGADORES:** Quais as características apresentadas pelos bons jogadores de futebol para cegos? O que é necessário para adquiri-las?
- **BOA EQUIPE:** E uma boa equipe, apresenta que características? O que é necessário para adquirir essas características?
- **COMUNICAÇÃO:** Que estratégias você utiliza para se comunicar com seus jogadores no jogo?
- **REGRAS:** As regras influenciam o jogo da sua equipe?
- **PRINCÍPIOS OFENSIVOS:** Como a sua equipe se organiza para:
 - Conservar a posse de bola?
 - Progredir em direção à meta adversária?
 - Finalizar em busca do gol?
- **PRINCÍPIOS DEFENSIVOS:** Como a sua equipe se organiza para:
 - Recuperar a posse da bola?
 - Impedir a progressão do adversário?
 - Proteger o próprio campo/alvo?

Projeto piloto

O projeto piloto é essencial para a preparação adequada do pesquisador e para possível correção de falhas metodológicas do projeto (THOMAS; NELSON, 2002).

Nesse caminho, o estudo piloto foi realizado num evento da Federação Paulista de Desportos para Cegos (FPDC), por ser um evento com características semelhantes aos realizados pela CBDC, mas menores em relação à estrutura (dias de competição, número de jogos e participantes). Foram entrevistados um jogador e um técnico no Campeonato Paulista 2005 de Futebol para Cegos.

Apesar da entrevista semi-estruturada ter sido usada na pesquisa de iniciação científica (MORATO, 2005), o estudo piloto contribuiu para a reaproximação com a técnica e com a verificação da coerência entre o roteiro básico seguido e os objetivos do estudo.

Análise dos dados

Os dados obtidos pelas entrevistas foram analisados por uma das técnicas da análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Tal autora define a análise de conteúdo como

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens (p.42).

A análise de conteúdo segue três etapas para a concretização do processo:

1^a) pré-análise – estratégias para a coleta dos dados e a organização do material para posterior análise;

2^a) exploração do material e tratamento dos resultados – codificação, classificação e categorização dos dados, na busca por sínteses de dados coincidentes, divergentes e neutros, localizados nas mensagens;

3^a) inferência e interpretação – aprofundamento da análise da etapa anterior, desvendando o conteúdo latente dos dados manifestos.

Tendo como base a afirmação de Bardin (1977, p.31) de que não existe o “ponto-a-vestir” em análise de conteúdo, sendo necessária a reinvenção e adequação das técnicas

de análise ao domínio e aos objetivos pretendidos, optou-se neste estudo, pela Análise de Enunciação. Segundo a autora, essa técnica aplica-se particularmente bem aos discursos obtidos pela aplicação de entrevistas semi-estruturadas.

A Análise de Enunciação concebe o discurso como palavra em ato. Não considera o material de estudo como um simples dado, mas como algo que está além disso. O discurso não é um produto acabado, mas um momento num processo de elaboração, onde são produzidos sentidos e são operadas transformações.

As entrevistas entram em diálogo com o referencial teórico para auxiliar o processo cíclico de dedução e indução elaborado pelo pesquisador. A cada leitura, a cada análise surgem hipóteses que sugerem um repensar, um fluxo de constantes reflexões. Assim, os discursos/entrevistas deixam de ser produtos e tornam-se fatores fundamentais do processo.

Esse tipo de análise é complementar à análise temática, que “[...] recorta o conjunto das entrevistas através de uma grelha de categorias projetada sobre os conteúdos” (BARDIN, 1977, p.175). Após a verificação das temáticas recorrentes cada discurso é analisado em sua singularidade dentro dos diferentes indicadores (temas) e do sentido atribuído a eles por cada interlocutor.

Cada pergunta gerou um conjunto de temáticas próprias, fruto de aspectos latentes encontrados nos discursos dos interlocutores. Os temas encontrados em uma pergunta poderiam se repetir para outras perguntas. As perguntas que apresentaram temáticas similares foram agrupadas dentro de uma mesma categoria. Após uma primeira análise de cada discurso (entrevista) para a determinação das temáticas, realizou-se a inferência e interpretação das temáticas enunciadas.

Nesta fase os temas foram analisados pelo agrupamento de perguntas que geraram temáticas semelhantes, fazendo-se uma inferência individual e posteriormente a inferência coletiva. As análises foram suportadas pelo referencial teórico, estabelecendo-se um diálogo essencial para as proposições da dissertação e seu plano de redação.¹²

¹² As análises estão disponíveis no Apêndice A: Análises Inferenciais.

A.4) O PLANO DE REDAÇÃO

Em vista dos novos paradigmas da ciência e de uma nova ordem estabelecida nos programas de pós-graduação, Thomas e Nelson (2002) questionam o formato tradicional das teses e dissertações classificando-o como arcaico. Mais especificamente em relação à divulgação dos resultados, como parte integral do processo de pesquisa, para contribuir com a base de conhecimento.

Os autores questionam a viabilidade de escrever um trabalho num formato que exige uma nova redação antes da publicação. Muitas vezes o estudante fica desmotivado a realizar esse processo, deixando de publicar sua pesquisa. Para tais autores parece mais lógico preparar as teses e dissertações em formato e estilo apropriados para submissão a um periódico ou revista científica.

Seguindo a reflexão dos autores supracitados, o plano de redação foi composto por:

- Essa apresentação (“Preleção”) que se segue, para detalhar os caminhos percorridos no processo da dissertação;
- Três capítulos/artigos (chamados aqui de “Jogos”), cada um referente a um dos aspectos norteadores da pesquisa expostos na Fig. A.1;
- E um capítulo final (“Bate-bola”) de fechamento e encadeamento de idéias dos capítulos/artigos.

Com as proposições oriundas do processo de análise das entrevistas, os capítulos/artigos foram construídos com o auxílio de “vinhetas narrativas” que, podem ser citações diretas de entrevistas ou tomadas de nota de campo, com o objetivo de ilustrar aos leitores as asserções do pesquisador, pois a “[...] vinheta captura a atenção do leitor, ajudando o pesquisador a dizer o que queria” (THOMAS; NELSON, 2002, p. 328). Tal escolha por essa forma de redação se deve a tentativa de tornar o texto acadêmico acessível também fora da academia.

O Jogo 1 – *CONTEXTOS E PERSONAGENS NO DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL PARA CEGOS* – parte-se da construção cultural do fenômeno futebol e sua abrangência mundial nas mais diversificadas civilizações e populações para investigar sua

influência no Paradesporto, em vista da criação de uma vertente da modalidade para abarcar as características específicas das pessoas cegas. Objetiva descrever e analisar os contextos e personagens responsáveis pelo desenvolvimento da modalidade no país. Os dados utilizados para a confecção deste capítulo foram os obtidos com as análises das seguintes perguntas:

Jogadores	Técnicos
<i>História no futebol; Ídolos no esporte; Influência no aprendizado.</i>	<i>História no futebol.</i>

O Jogo 2 – *ESTRUTURAÇÃO COLETIVA NO FUTEBOL PARA CEGOS* – procura entender os fatores influenciadores das relações de contra-comunicação entre adversários, da sintonia entre os companheiros de equipe e as estratégias utilizadas para responder tais demandas do jogo, partindo-se de uma reflexão das similaridades encontradas nas modalidades esportivas coletivas. Foram utilizados os seguintes dados para sua construção:

Jogadores	Técnicos
<i>Regras;</i>	<i>Regras. Princípios ofensivos; Princípios defensivos; Comunicação com jogadores; Características das boas equipes.</i>

O Jogo 3 – *LEITURA DO JOGO E ESTRATÉGIAS TÁTICO-TÉCNICAS NO FUTEBOL PARA CEGOS* – objetiva compreender as estratégias dos jogadores de futebol para cegos na execução das ações tático-técnicas, diante das diferentes percepções utilizadas por eles para a leitura do jogo. Parte-se do entendimento das táticas e técnicas das modalidades coletivas, como um patrimônio histórico-cultural passível de transmissão de geração a geração. Patrimônio em constante fluxo de estruturação em virtude da busca de respostas às situações-problema encontradas nos jogos desde as origens da existência de cada modalidade esportiva coletiva. Os referenciais foram:

Jogadores	Técnicos
<i>Características dos bons jogadores; Parceiros, adversários, alvos; Orientação em quadra; Condução, passe, recepção, drible e finalização.</i>	<i>Características dos bons jogadores;</i>

O último capítulo procura ressaltar a conexão entre os três *capítulo/artigos*, que mesmo tratados separadamente, mantém grande correlação entre si; frutos da idéia central dessa dissertação.

Assim, tentamos ilustrar o processo do curso de pós-graduação pelo esquema abaixo, tomando o pesquisador como eixo central (Fig. A.2).

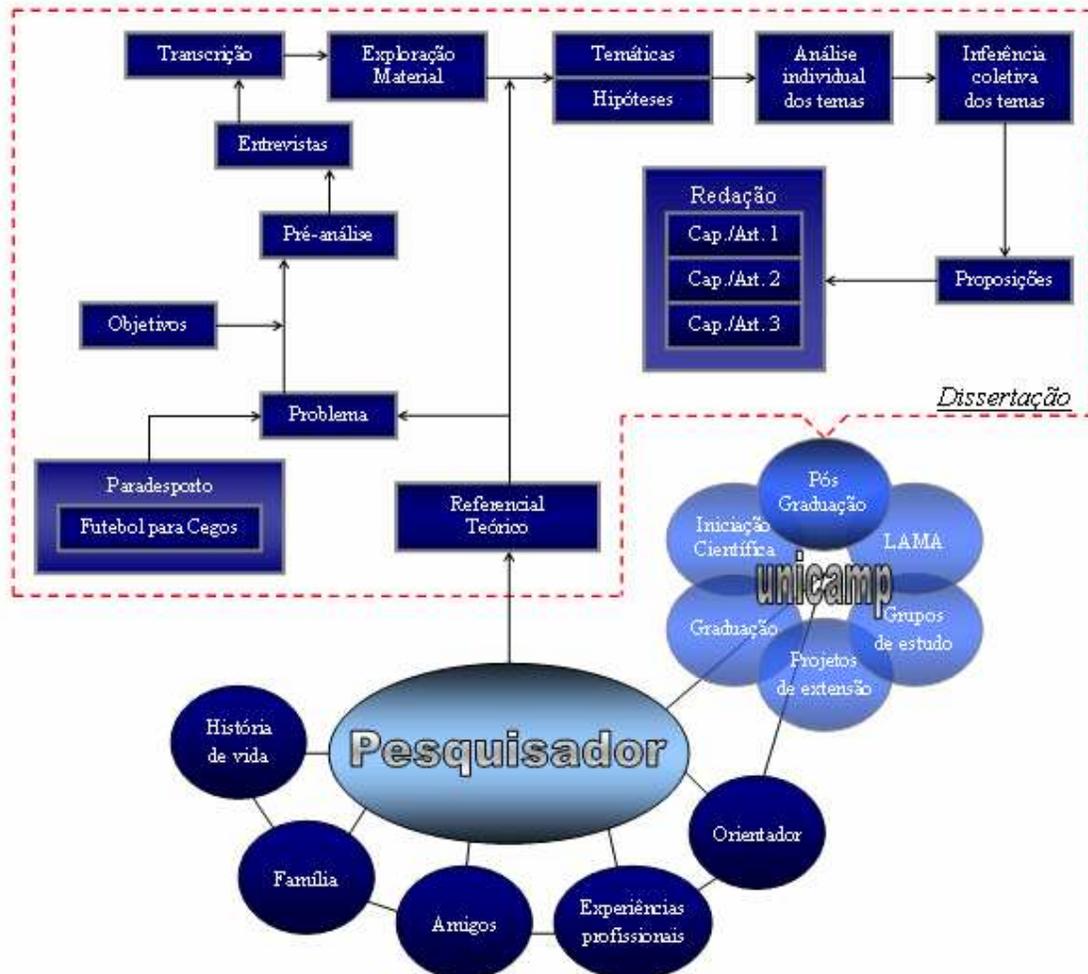


Fig. P.2 – O processo de mestrado.
Adaptado de Balbino (2005).

Jogo I
*CONTEXTOS E PERSONAGENS
NO DESENVOLVIMENTO DO
FUTEBOL PARA CEGOS*

*Deus é brasileiro!
 Afirma essa nação
 Nisso muitos acreditam
 Outros não acreditam não
 Mas pra acabar com esse embate
 Sem abalar nossa fé
 É só ver o que Ele faz
 Com uma bola no pé!*

O DILEMA
 MORATO, Márcio P.
 (arquivo pessoal)

1.1) INTRODUÇÃO

O esporte é um fenômeno sociocultural difundido por todo o mundo desde suas origens no âmbito da cultura européia por volta do século XVIII (BRACHT, 2003). Sua prática, realização e desenvolvimento vêm sendo reconstruídos e resignificados a cada contexto e época, num processo ditado por diferentes sentidos e finalidades.

Bento (2004) acredita que ninguém pratica esporte por razões que consegue afirmar ou por causas que estão bem à vista, pois “A dureza do esforço é suportável por razões que transcendem os pretextos dizíveis e visíveis” (p.62). Razões religiosas, poéticas, filosóficas, segundo o autor; todas elas, razões culturais. Prática exclusiva dos homens e não ditada por leis naturais ou instintos, mas pela vontade. Uma vontade de tornar-se humano.

Para Geertz (1989, p.64) “Tornar-se humano é tornar-se individual [...]” e isto ocorre sob direção da cultura, definida pelo autor como um sistema de significados criados ao longo da história da vida humana responsáveis por ordenar, dar forma, objetivar e dirigir suas relações.

A “humanização” do homem se dá por um processo simbólico mediado pela cultura. Diferentemente dos outros animais que agem por instinto, os homens tem seus instintos regulados por costumes e regras ditadas pela sociedade. Dão significados às suas ações por intermédio dessas regras. Simbolizam, raciocinam, questionam, modificam, desordenam e reordenam. “Cultivam” suas relações e criam através delas laços de intimidade que dão significado à sua vida.

Ao assumir a cultura como o processo pelo qual os seres humanos orientam e dão significados às suas ações, por meio de uma manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda prática humana (DURHAM, 1977), o esporte apresenta-se como um fenômeno sociocultural.

Na simplicidade, diversidade e mutabilidade das suas formas, conteúdos e cenários, os jogos e os desportos, tanto os do passado como os do presente, revelam parâmetros norteadores da vida humana; mostram em toda a sua nudez e transparência, os esforços compreendidos na conquista de um estilo de vida sempre mais humano (BENTO, 2004, p.86).

É inegável a influência que o esporte exerce e recebe em todo o mundo, nas mais diferentes culturas, conforme a “teia de significados” (GEERTZ, 1989) tecida pela história das práticas de cada uma. No Brasil, e em muitos outros países, o fenômeno esportivo que mais exerce fascínio na população é, sem dúvida, o futebol. Ele contém um conjunto de símbolos significantes de nossa cultura. É uma forma do homem nacional se expressar, revelando-se e descobrindo-se (BYINGTON, 1982; DAMATTA, 1982; DAOLIO, 2000).

O futebol, assim como grande parte das modalidades esportivas contemporâneas, também foi criado no século XVIII na Europa, mais precisamente na Inglaterra, derivado de vários jogos em diferentes culturas que tinham em comum a manipulação de um implemento com os pés (SCAGLIA, 1999). Não nasceu no Brasil e nem existia quando o Brasil nasceu. É uma modalidade que foi incorporada à cultura brasileira. É uma linha que foi adicionada à teia de significados tecida pela sociedade nacional.

Partindo-se desse entendimento da construção sociocultural do fenômeno futebol e sua abrangência mundial nas mais diversificadas civilizações e populações, além de sua relevância no Brasil, este texto objetiva investigar sua influência no paradesporto, em vista da criação de uma modalidade para abarcar as características específicas das pessoas cegas. Pretende-se descrever e analisar os contextos e personagens responsáveis pelo desenvolvimento do futebol para cegos no país.

1.2) A CULTURA FUTEBOLÍSTICA NO BRASIL

Mesmo não sendo os inventores do futebol, os brasileiros são reconhecidos em todo o mundo como os reis da modalidade. Para Daolio (1997) “Parece haver uma certa relação entre as exigências do esporte e as características sócio-culturais do povo brasileiro” (p.104). A identificação brasileira com o futebol vem sendo respeitada internacionalmente ao longo de muitos anos. Os jogadores talentosos, antigos e contemporâneos, são muito valorizados. Jogadas criadas e usadas pelos jogadores brasileiros, como a “bicicleta” de Leônidas da Silva, a “folha seca” de Didi, o “elástico” de Rivelino, os malabarismos de Ronaldinho Gaúcho, as “pedaladas” de Robinho¹³ e outras, são difundidas por todo o planeta e se tornam modelos a serem imitados por muitos aprendizes. As histórias de ídolos, dos times e seleções são patrimônios transmitidos de geração a geração.

Muitos grupos se formam ou se formaram pelo futebol, seja para torcer ou praticar. Clubes e associações esportivas se originaram pela busca da prática da modalidade. Loterias são baseadas em jogos de futebol e mais recentemente nos distintivos dos clubes. A mídia dá mais ênfase ao futebol em detrimento das outras modalidades. Os brasileiros “vivem futebol” numa intensidade similar à que os balineses, descritos por Geertz (1989), “vivem a briga de galos”.

DaMatta (1982) afirma que o futebol é um objeto social complexo, que pode ser socialmente apropriado de vários modos em diferentes sociedades e completa que “cada sociedade tem o futebol que merece” (p.16). Em relação ao Brasil, o autor acredita que o futebol praticado no país não é somente uma atividade com conotações específicas, mas também um jogo a serviço de todo um conjunto de valores e relações sociais, onde a população exercita e aprende costumes do que é ser brasileiro.

O aprender a jogar futebol no Brasil, sempre esteve respaldado no significado cultural de sua prática. Desde meninos os brasileiros são influenciados por esse significado. Recebem bolas e uniformes dos clubes preferidos dos pais ou parentes. Torcem por determinados clubes. Assistem aos jogos pela televisão ou nos estádios. São incentivados a praticá-lo. Jogam

¹³ Não há conhecimento de nenhum estudo que certifique a afirmação dessas criações, mas elas são difundidas de tal forma pela mídia que se apresentam como verdades absolutas no imaginário do futebol brasileiro.

em quadras, na praia, na rua ou “[...] por cada pedacinho de chão onde uma bola possa rolar” (FREIRE, 2003, p. 2). Inventaram brincadeiras com a bola nos pés. Fizeram do verbo “jogar bola” uma identificação quase exclusiva do jogar futebol, salvo raríssimas exceções.

Mas de forma contraditória, esse mesmo contexto que significa o desenvolvimento do fenômeno, leva muitas pessoas a negarem tal significação, pois dá uma idéia de que os brasileiros já nascem sabendo jogar futebol, como se tivessem sofrido uma mutação genética ou herdado um dom divino para tal. Até mesmo o Rei Pelé, ícone máximo no universo do futebol, afirma que o futebol não se aprende¹⁴, desconsiderando todo esse processo de construção cultural. Muitas pessoas com deficiência visual também acreditam nessa tese, como se “[...] a etnia fosse pré-requisito básico para tal habilidade” (CAMARGO, 1999, p.88).

Independentemente do método utilizado, o futebol tem sido ensinado e aprendido há muitos anos no Brasil, em espaços de educação formal (escolas), não formal (escolinhas de futebol, clubes e ONGs) e informal (rua, campos de várzea e terrenos baldios)¹⁵.

Paes (2002) apresenta o conceito de prática esportivizada, aquela “[...] que se vale dos fundamentos e dos gestos técnicos de diferentes modalidades, sem nenhum compromisso com os objetivos do cenário em questão” (p.91). Acredita que os diferentes cenários e personagens devem ser levados em consideração para delimitar o campo de atuação pretendido na pedagogia dos esportes, independentemente da modalidade a ser ensinada.

Scaglia (1999) classifica as propostas metodológicas para o ensino do esporte em duas escolas: a democrática e a técnica. Para ele, a primeira se caracteriza pela formação global, troca entre educador e educando, construção de valores e participação de todos, tendo como objetivo final o desenvolvimento da cidadania. Já a escola técnica tem o lucro ou a profissionalização como objetivo final e, para isso, propõe uma formação específica, a transmissão e não a troca de conteúdos e, a preparação e detecção de talentos.

Segundo Bayer (1994), a escola democrática utiliza métodos ativos, levando em conta os interesses dos alunos e solicitando a iniciativa, a imaginação e a reflexão (a partir de situações vividas) para a aquisição de um saber adaptado. E a escola tecnicista baseia-se num princípio de simplicidade de análise, decompondo a matéria a ensinar em elementos e utilizando

¹⁴ Entrevista ao Jornal Nacional, do dia 21 de janeiro de 1999 (SCAGLIA, 1999, p.35).

¹⁵ Os espaços informais, que por muito tempo foram hegemônicos para a aprendizagem do futebol em todo o país, vêm sendo substituídos pela proliferação das escolinhas de futebol, em decorrência da crescente urbanização e industrialização e também do aumento da violência em nossas cidades (SCAGLIA, 1999).

a memorização e a repetição como os dois processos fundamentais utilizados na aquisição do saber.

Scaglia (1999) apresenta um terceiro processo de aprendizagem denominado espontaneísmo, “processo que acredita que a criança aprende a jogar sozinha, resumindo o processo a jogos livres” (p.4). Garganta (1995) também cita este processo, mas o denomina de “Forma centrada no jogo formal (ensaio e erro)” (p.20). Neste processo a presença do professor é dispensável e o fenômeno leva à prática e ensina por si só. Segundo Freire (2003, p.3) “Na rua, todo mundo ensina todo mundo; é criança ensinando criança, é mais velho ensinando mais novo. A rua tem a pedagogia da liberdade, da criatividade, do desafio e até da crueldade”.

Apesar dos méritos da rua, Freire (2003) acredita que ela apresenta muitos vícios, delimitados por confusões, exclusões e discriminações. Assim a figura de um mediador (técnico/professor) contribui para um refinamento e estruturação do que e de como ensinar esporte. E a responsabilidade desse mediador é muito grande já que o processo de apropriação de aspectos culturais como a prática esportiva é muito relevante para a inserção no contexto social (BENTO et. al., 1999).

Nesse sentido, a ação do treinador/professor, independentemente de ocorrer em âmbito amador ou profissional, transcende os métodos de ensino/treinamento, por estimular o desempenho dos alunos/atletas em diversos domínios de competência, exercendo pronunciada influência sobre suas atitudes, comportamentos, princípios, valores, orientações e em seus sentidos de vida (BALBINO, 2005), ou seja, na construção de sua identidade pela mediação cultural.

1.3) O FUTEBOL E O MOVIMENTO PARADESPORTIVO

A grande tradição e o vasto patrimônio existente do futebol têm influenciado a adaptação de sua prática nos mais diversos contextos. Essas modificações da modalidade tradicional, originada na Inglaterra, acabaram criando novas modalidades esportivas (futsal, futebol de areia, futevôlei, dentre outras), que também são muito praticadas no Brasil.

As adaptações do fenômeno direcionaram-se também à diferentes populações, frente a seus interesses, acessibilidades e possibilidades. Pessoas com paralisia cerebral, com amputações, com deficiência visual dentre outras condições de deficiência praticam a modalidade com adaptações específicas às suas características.

Não só o futebol, mas outras modalidades esportivas tradicionais também foram adaptadas às características de diferentes condições de deficiência. Além das adaptações, algumas modalidades foram criadas para atender públicos específicos, caso do goalball para deficientes visuais, por exemplo. Tanto a criação de novas modalidades e a adaptação de modalidades tradicionais às pessoas com deficiência culminaram no que hoje se apresenta como paradesporto.

As origens do paradesporto remontam à inegável influência de práticas médicas após as duas grandes Guerras Mundiais no desenvolvimento de programas de reabilitação e, conseqüentemente, do esporte. Os países devastados pelas guerras, principalmente pela Segunda Guerra, buscaram o auxílio do esporte para o programa de reabilitação dos soldados acometidos por lesões medulares, amputações ou outros traumatismos decorrentes das batalhas (ADAMS, 1985; ARAÚJO, 1998). Esses soldados eram heróis que defenderam sua pátria e não poderiam ser abandonados após prestarem serviço e demonstrarem lealdade a seu país. Fato que modificou a aceitação das pessoas nessas condições que por muitos anos foram excluídas do convívio social.

É nesse contexto que aparecem dois grandes nomes, Sir Ludwig Guttmann e Mr. Benjamim H. Lipton (ARAÚJO, 1998). O primeiro era um neurologista e neurocirurgião alemão. Ele foi convidado pelo governo britânico para fundar um centro de reabilitação no hospital de Stoke Mandeville, para o tratamento de soldados com lesões medulares. Idealizou os jogos de Stoke Mandeville, que tiveram sua primeira versão em 1948, simultaneamente a Olimpíadas de Londres.

Lipton era diretor do Joseph Bulova School of Watchmaking na Califórnia e foi pioneiro na formação e treinamento de pessoas com deficiência para o mercado de trabalho. Deu início ao programa de esporte nos Estados Unidos e organizou uma excursão pelo país de uma equipe de ex-combatentes para a difusão do basquetebol sobre rodas.

Existe a referência a outros nomes na difusão e desenvolvimento do paradesporto no mundo, mas esses dois nomes são de fundamental importância, pois é pela união de seus esforços que nasceram as Paraolimpíadas.

Guttman e Lipton se conheceram em 1950 e a partir de 1952 os Jogos de Stoke Mandeville passaram a ter caráter internacional e a serem reconhecidos pelo Comitê Olímpico Internacional, em 1956. Mas foi em Roma em 1960 que os Jogos aconteceram imediatamente após as Olimpíadas e receberam a denominação de Paraolimpíadas (ARAÚJO, 1998). Desde então as Paraolimpíadas passaram a ser realizadas no mesmo ano das Olimpíadas, mas não no mesmo local, fato ocorrido de Seul (1988) em diante.

A partir de 1980, o movimento entrou num processo de cientificidade, diante da necessidade do estabelecimento de regras coerentes para cada grau de deficiência. A International Sports Organization Disable (ISOD), que respondia por todas as áreas de deficiência, foi desmembrada em organizações diferentes para cada deficiência (ARAÚJO, 1998).

O crescimento dos jogos e a necessidade de uma melhor organização foram responsáveis pela fundação do Comitê Internacional de Organizações Esportivas para Deficientes (ICC) em 1982, que mais tarde, em 1989 se tornaria o Comitê Paraolímpico Internacional (IPC) (ARAÚJO, 1998; STEFANE, 2005).

No Brasil atualmente, existe uma estrutura organizacional bem parecida com a de nível mundial. São diferentes organizações para cada deficiência, filiadas ao Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), órgão máximo que rege o paradesporto no país, fundado em 1995 em Niterói (ARAÚJO, 1998; STEFANE, 2005).

Em relação às origens do paradesporto no país, Stefane (2005) relata que algumas atividades físicas eram praticadas em institutos especializados no atendimento de pessoas com deficiência, desde o final do século XIX. Mas formalmente, foi por iniciativa de um paulista (Sérgio Serafim del Grande) e um carioca (Robson Sampaio de Almeida), já na década de 1950, que ele começou a ser difundido no país (ARAÚJO, 1998). Essas pessoas buscaram o serviço de reabilitação nos Estados Unidos, após ficarem com deficiência física em decorrência de acidentes. Ao retornarem ao país, fundaram clubes para a prática do basquetebol sobre rodas.

De acordo com Leal Filho (1996) a efetivação da prática do paradesporto pode ser baseada em três grandes suportes ou agentes sociais: a contínua mobilização das próprias pessoas com deficiência, a produção do conhecimento científico e as ações políticas que convergem para essa direção.

Araújo (1998) aponta as seguintes ações governamentais:

- Os congressos brasileiros de Esporte Para Todos (EPT) 1982/84/86 - primeiros trabalhos sobre pessoas com deficiência;
- Projeto integrado SEED/CENESP 1984/85 - estudo das condições em que as pessoas com deficiência eram atendidas no campo da Educação Física e Esporte;
- Plano Nacional de Ação Conjunta para a Integração da Pessoa Deficiente 1985-90 - plano de ações para a integração da pessoa com deficiência. Criação da Coordenadoria para Integração da Pessoa Deficiente - CORDE;
- Plano Plurianual 1991-1995 - Plano geral de esporte do governo.

Para o autor, tais ações não tinham o desenvolvimento do paradesporto como premissa, mas permitiram o início de discussões na área, contribuindo assim, para o processo de institucionalização desse desporto no cenário nacional. Discussões essas que aumentaram após o ano de 1981, declarado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o Ano Internacional da Pessoa Portadora de Deficiência. Tanto que as datas dessas ações e as datas de fundações de associações, esportivas ou não, de pessoas com deficiência são posteriores ao aludido ano.

Mais recentemente a lei Agnelo/Piva, como é conhecida a lei 10.264/2001, que define o repasse contínuo de recursos financeiros advindos das loterias exploradas pela Caixa Econômica Federal para o Comitê Paraolímpico Brasileiro (SENATORE, 2006), apresenta-se como grande diferencial da história do paradesporto brasileiro por permitir a formulação e o desenvolvimento de um planejamento estratégico para o movimento.

A experiência internacional indica que intervenções governamentais contribuem de maneira significativa para que as pessoas com deficiência sejam cada vez mais reconhecidas e valorizadas quanto às suas potencialidades, por meio da prática esportiva (STEFANE, 2005). Mas é indubitavelmente, pelos próprios esforços das pessoas com deficiência, pela conscientização da busca por seus direitos no exercício de sua cidadania, que as ações governamentais se efetivam. Isso é o que tem sido visto no cenário brasileiro.

1.4) AS ORIGENS DO FUTEBOL PARA CEGOS

A prática do futebol por pessoas com deficiência visual teve seu início em meados da década de 1920 na Espanha, nas escolas e institutos especializados ao atendimento desse público, como forma de recreação dos alunos (IBSA, 2006). No Brasil, existem relatos da prática do futebol desde a década de 1950, também em escolas e institutos especializados. Segundo Fontes (2006) os primeiros institutos a praticar o futebol para cegos foram o Instituto Santa Luzia, em Porto Alegre; o Instituto Padre Chico, em São Paulo; e o Instituto Benjamim Constant, no Rio de Janeiro. Em alguns casos as crianças com deficiência visual começaram a praticar a modalidade em ambientes informais, pela convivência com outras crianças que não possuem deficiência (ITANI, 2004).

O futebol para cegos atual tem as regras baseadas no futsal, com algumas alterações. A International Blind Sports Federation (IBSA), criada em 1981 na Espanha, gerencia a modalidade e todas as outras modalidades esportivas para cegos em nível mundial e a Confederação Brasileira de Desportos para Cegos (CBDC) em nível nacional.

O primeiro campeonato brasileiro de futebol para cegos foi disputado em 1986, mesmo ano do primeiro campeonato espanhol. Foi organizado pela Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC), atual CBDC¹⁶. Antes disso ocorreram alguns campeonatos organizados pela antiga Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE) e pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Nas Olimpíadas das APAEs o futebol para cegos era disputado por instituições convidadas (FONTES, 2006; ITANI, 2004).

Em 1994 a IBSA criou o subcomitê de futebol, fato fundamental para a regulamentação da modalidade, já que cada país propunha suas próprias regras. Isso permitiu a disputa de campeonatos internacionais, apesar de o país ter disputado um torneio internacional na Espanha antes dessa unificação, em 1988 (FONTES, 2006).

O primeiro campeonato mundial foi realizado aqui no Brasil, em Paulínia-SP em 1998. O Brasil é bicampeão mundial (1998 e 2000) nas quatro vezes em que o título foi

¹⁶A mudança de estatuto é recente (dezembro de 2005) e ocorrida em virtude da filiação de Federações Esportivas Estaduais, antes inexistentes (CBDC, 2006).

disputado¹⁷. É também campeão paraolímpico, título conquistado nas Paraolimpíadas de Atenas/2004, quando a modalidade foi disputada pela primeira vez.

No Brasil existem competições regionais e nacionais, organizadas pela CBDC. As equipes são formadas por associações ou entidades que atendem pessoas com deficiência visual. Os regionais respondem às divisões geográficas do país, com algumas alterações em virtude da variação do número de equipes participantes em cada região. Os campeonatos nacionais são divididos em duas séries: A (primeira divisão) e B (segunda divisão) (CBDC, 2006). Existem também outros eventos ou competições informais, realizados por federações estaduais, instituições especializadas, secretarias de esporte das prefeituras e outros órgãos.

Não há como negar a influência do fenômeno futebol para o desenvolvimento dessa prática esportiva também para as pessoas com deficiência visual. O peso dessa influência pode ser demonstrado pela busca das próprias pessoas com deficiência visual, por adaptações ao jogo de futebol, antes mesmo da regulamentação da modalidade. Eles colocavam tampa de garrafa na parte externa de uma bola ou a revestiam com saco plástico; jogavam com latas ou com suas tampas; colocavam pedras dentro de garrafas de plástico; inventavam “bolas” que produzissem som quando em deslocamento (FONTES, 2006; ITANI, 2004; MATARUNA et. al. 2005).

Itani (2004) relata que a vontade de jogar futebol serviu de motivação para a fundação de entidades e associações para o atendimento de pessoas com deficiência visual, não somente em relação ao esporte, mas também ao atendimento em outros âmbitos.

Souza, R. (2002) cita a criação do gol a gol pelos alunos do Instituto Benjamim Constant, no Rio de Janeiro. Um jogo armado com um número não determinado de jogadores e praticado nos intervalos das aulas, com a utilização de bolas envoltas com saco plástico no espaço demarcado pelas pilastras e teto do pátio da instituição. Cada equipe tenta marcar gol na meta adversária respeitando um aviso verbal do oponente para a autorização do chute.

Por mais que as pessoas cegas se incluam numa cultura que preconiza tanto o sentido visual¹⁸ (e que, por isso, pode ser considerado o maior difusor do patrimônio existente entre os sentidos utilizados normalmente), elas percebem e participam do mundo que as rodeia de

¹⁷ O Brasil venceu em 1998 (Brasil) e em 2000 (Espanha). A Argentina venceu os outros dois campeonatos: 2002 (Brasil) e 2006 (Argentina) (IBSA,2006).

¹⁸ Metade do córtex cerebral é dedicado a visão (SACKS, 1995) e 70% dos receptores dos sentidos do corpo humano estão localizados nos olhos (ACKERMAN, 1996).

maneira específica¹⁹, diferente da maneira vivenciada pelas pessoas que possuem o sentido visual integralmente e, portanto, não deixam de ser influenciadas pelos fenômenos existentes e relevantes para as culturas a que fazem parte.

São as particulares percepções sobre um mesmo fenômeno que criam as diferentes formas de lidar com ele. Nesse sentido, apesar da especificidade do futebol para cegos e de suas diferenças em relação ao futebol ou ao futsal, ele é expressão desse fenômeno nas possibilidades das pessoas com deficiência visual. É, ao mesmo tempo, uma nova modalidade, sem deixar de ser futebol.

1.5) A MEDIAÇÃO CULTURAL NO FUTEBOL PARA CEGOS²⁰

A análise dos dados demonstra a evidente influência do fenômeno futebol no desenvolvimento da modalidade. Os ídolos atuais e ex- ídolos do futebol mundial aparecem como inspiradores dos entrevistados. A predileção por um clube, o acompanhamento dos jogos de sua equipe e de seus ídolos do futebol expuseram os entrevistados aos símbolos valorizados pela cultura deste país, motivando a busca pela prática do esporte nacional.

[...] no esporte normal, mundial aí, eu gosto muito do futebol e até..., não tento fazer como ele, mas a técnica, apurar minha técnica, a gente vê alguns craques, algumas pessoas que são lendas como dizem que foi Pelé, como dizem que foi Maradona, que eu não vi jogar, mas tô assistindo o Zidane jogar, então... o Ronaldinho Gaúcho, o próprio Robinho, então quer dizer, são atletas que, que você tem como ídolo [...] a gente não tem o mesmo prestígio que eles, mas a gente tenta buscar nosso lugar ao sol né, então... na verdade a gente não quer ser ídolo de ninguém. A gente tem nossos ídolos, nós já temos nossos ídolos próprios, mas a gente quer nos manter, nos manter humildes como eles. Já é um bom passo para alcançar um pouco da glória que todo ser humano merece. [...] É, por exemplo, a gente não sonha ganhar um tanto que um Ronaldinho ganha, mas per aí, a gente pode ganhar pelo menos um pouquinho. Né, uma, um pouquinho do que, do que se paga para pessoa que enxerga, né, poderia se pagar um pouquinho para pessoa que não enxerga também, né. Não tem mal nisso, em se remunerar um deficiente, né. Ele também mostra futebol e... e é um bonito futebol (Jog. 2).

¹⁹ Alguns já nascem cegos ou perdem a visão antes do primeiro ano de vida (cegueira congênita), não se lembrando de qualquer informação visual. Outros perdem a visão posteriormente (cegueira adquirida) (MENESCAL, 2001) e dizem se lembrar de algumas imagens, que vão se perdendo no decorrer da vida com o desuso da memória visual (SACKS, 1995).

²⁰ De acordo com o plano de redação adotado, os dados são utilizados já neste tópico, para auxiliar o processo cíclico de dedução e indução elaborado pelo pesquisador, diferenciando esse formato de dissertação (formato de artigos científicos) do formato linear denominado de “tradicional”, pelos autores Thomas e Nelson (2002).

Agora no esporte comum, como um bom corintiano sempre gostei muito de ver o Sócrates jogar [risos]. Pela habilidade dele, pelo toque de bola. É uma coisa que eu gosto muito de fazer, toque de bola, me inspirei muito nele talvez (Jog. 4).

Na realidade eu comecei a jogar como a maioria das crianças brasileiras aí, quando muito pequeno e depois acabei ficando cego e só prossegui jogando a partir do momento que descobri que existia o futebol de cegos e sempre joguei porque eu gosto muito de futebol, na realidade é paixão da maior parte dos brasileiros né, e na verdade o amor ao futebol foi o que me levou sempre tanto a iniciar como a prosseguir a prática esportiva (Jog. 6).

Ser jogador de futebol já foi o sonho de muitas pessoas nesse país e não é diferente também para algumas pessoas com deficiência visual, como os sujeitos desse trabalho, pois elas também já foram crianças assim como qualquer outra. A deficiência não lhes priva de comportamentos ou sentimentos infantis. Viver num país que vive com a bola no pé e é sempre lembrado por isso é querer aprender a jogar e tê-la também nos seus próprios pés. Porém, o histórico do preconceito para com as pessoas com deficiência determinou grande parte do contexto social ao qual elas estão inseridas e da discriminação a elas direcionadas. Preconceito que por muito tempo cerceou e, em alguns contextos ainda cerceia, as possibilidades de convívio dessas pessoas.

São marcas que deixaram cicatrizes nos entrevistados, determinando certa repulsa à diferença de interesse, de investimento e de tratamento da mídia, dos órgãos gerenciadores e do público em geral para com a modalidade esportiva que praticam, como demonstra uma das vinhetas acima, já que eles representam a nação como qualquer outro atleta. Porém, muitos avanços têm acontecido nesse âmbito e o esporte tem sido peça fundamental nesse processo, haja visto o crescente aumento de espaço na mídia e de participação dessas pessoas em muitos contextos antes cerceados. Mudanças ainda pequenas, mas superiores ao de épocas passadas.

Pelo esporte a discriminação tem sido questionada, pois a deficiência dá lugar a eficiência; e a limitação à potencialidade. Os jogadores demonstram sua capacidade e isso influencia o fenômeno e o contexto social, formando um ciclo que volta a influenciar as pessoas com deficiência a questionarem a discriminação e a demonstrarem sua eficiência. São avanços buscados pelas próprias pessoas nessas condições, no exercício de sua cidadania e na constante busca de seus direitos.

O contexto de grande influência na formação das pessoas com deficiência visual para a conscientização de seus direitos é, indubitavelmente, o vivido em seus institutos, entidades

ou associações. Tema evidente nos relatos de todos os entrevistados. Órgãos especializados ao atendimento às peculiares características das pessoas com deficiência, nos mais diversos âmbitos de sua formação. Órgãos de construção de sonhos e idealizações por dedicarem a essas pessoas o que a sociedade há muito os priva.

A possibilidade de convivência com pessoas em condições semelhantes mostrou-se muito positiva para o crescimento dos jogadores entrevistados. Estar com seus iguais estimula a busca por interesses próprios às suas características. Segregação que contribuiu para a aceitação da deficiência e para a formulação da identidade dos entrevistados.

É também o contexto primordial para a prática esportiva e o desenvolvimento do futebol para cegos. Por ser um objeto social, construto humano e de relações humanas, o instituto/entidade não fica “imune ao vírus” do fenômeno futebol. Tanto os entrevistados que nasceram com a deficiência visual (deficiência congênita) quanto aqueles que a adquiriram (deficiência adquirida) encontraram no instituto/entidade um local propício para o desenvolvimento de suas potencialidades, sendo a prática esportiva considerada por eles, importante nesse aspecto.

[...] uma vez o professor NOME²¹ tava... é, reunindo um grupo para jogar bola e ele tinha visto o esporte em outro lugar, não me recordo onde e então ele reuniu um grupo para jogar bola, para começar a treinar e aí eu entrei nesse grupo e aí eu já vinha jogando bola com os meninos antes né, com bola com saco plástico envolvido, sacola plástica envolvido na bola para fazer som, mas é, assim, com mais, com mais perfeição, com mais técnica, eu comecei né, a partir desse momento. (Jog. 1).

Eu perdi minha visão com... em 91 né, aí passei dois anos em Belo Horizonte fazendo tratamento aí quando eu voltei pra Paraíba lá, no interior da Paraíba, aí eu não tendo mais chance de voltar a enxergar, aí tinha um instituto dos cegos em Campina Grande, aí eu fui pra morar lá no instituto, lá tinha a prática do esporte, futsal, natação, aí eu comecei [a jogar futebol para cegos] em Campina Grande ... em 94 (Jog. 5).

No instituto há uma relação muito próxima entre personagens influenciadores e mediadores do aprendizado do futebol de cegos: o professor/técnico e os amigos. Personagens que estimulam e concretizam a prática da modalidade.

O professor/técnico foi lembrado pelos jogadores entrevistados ao relatarem suas histórias no esporte e as influências em seu aprendizado. Contribuíram para a formação dos

²¹ Diante de questões éticas e usuais em trabalhos científicos, os nomes dos jogadores e técnicos atualmente envolvidos no contexto do futebol para cegos, serão preservados e substituídos pela palavra “NOME”.

jogadores e para a difusão da modalidade, orientando-os em relação ao patrimônio existente de técnicas e táticas específicas.

Existe grande consideração dos jogadores para com seus professores/técnicos, mas em um caso específico esse sentimento se eleva e o professor/técnico é considerado um pai pelo entrevistado.

E o treinador influenciava muito, porque na verdade, ele... tornou-se como um pai para gente. Não era somente um treinador, era também um pai, dava conselhos extra no caso futebol, extra quadra. Então ele também influenciou bastante (Jog. 3).

Esse fato demonstra a responsabilidade de ser um educador, diante da influência que tal papel social exerce na formação de valores e no desenvolvimento dos alunos.

Também ficou evidenciada a influência que os alunos exerceram no aprimoramento dos professores em relação ao patrimônio do futebol para cegos. Fato que demonstra a importância de uma via bidirecional na aprendizagem e que o ensino está além da transmissão; é uma troca.

Eu não tinha contato nenhum porque na época que eu fiz faculdade não tinha é... a educação física adaptada, essa disciplina. Eu nunca tinha tido contato nenhum. E aí eu entrei em contato com eles, eles me apresentaram, mostraram como que era as regras a bola e aí eu comecei o trabalho com eles. Meio assim... conhecendo, uma troca. Eles me passavam algumas coisas e eu ia aprendendo. Aí foi a primeira competição. Aí você tem troca com outros técnicos e aí você vai pegando. Fui pegando algumas coisas da faculdade, do futebol que eu conhecia e comecei querer, colo... querer não, colocar, coloquei na parte de desenvolvimento deles [...] (Téc. 1).

Os professores/técnicos entrevistados encontraram nos institutos um contexto de formação continuada. Local onde tiveram uma oportunidade de trabalho e onde conheceram o movimento paradesportivo, pois eles não tiveram esse conteúdo em suas faculdades. Mesmo assim utilizaram conteúdos do curso, a experiência no futsal e a troca com outros técnicos e com seus alunos para criarem métodos adaptados às características das pessoas cegas.

Ainda em relação à mediação dos professores/técnicos relatada pelos jogadores entrevistados, outro assunto corriqueiro no fenômeno futebol também foi encontrado no âmbito do paradesporto: o dom ou talento inato para a prática do futebol. Um entrevistado não acredita ser possível aprender a jogar futebol sem ter talento e outros acreditam que já possuíam certos pré-requisitos e que os professores/técnicos foram responsáveis por "lapidá-los". Termo que

reverbera a influência do fenômeno futebol, pelo uso da terminologia encontrada em depoimentos de atores envolvidos (jogadores, técnicos, jornalistas, dentre outros atores).

[...] eu acho que a influência maior mesmo foi a do professor NOME né que... que foi quem é... lapidou a técnica que eu já tinha e aí assim, na realidade eu tenho em mente mesmo os aprendizados do prof. NOME somente (Jog. 1).

[...] eu fui fazer um jogo de meninos lá no São Rafael, que é a escola que eu estudava e o treinador, que chegou a ser o treinador da seleção, campeão do mundo, o Sol, ele viu que eu tinha um pouquinho de... de técnica e que ele falou comigo que ele ia refinar essa técnica, técnica minha (Jog. 2).

Ah eu acho que, eu particularmente penso que é nato né, a pessoa acho que tem, nasce com o dom, e é obvio que ela desenvolve isso agora se a pessoa não tem o dom infelizmente não tem como aprender não (Jog. 6).

O embate entre dom e aprendizado é muito discutido no futebol e digno de uma tese. Longe de aprofundar nesse assunto, por falta de competência para tal, não há como deixar de citar um tema que evidencia tão bem os símbolos nacionais, como ilustra a epígrafe desse capítulo. Mas a relevância de sua latência concilia-se com a mediação de outro personagem encontrado principalmente no contexto instituto/entidade e já citado nas vinhetas anteriores: os amigos.

Tais personagens foram os parceiros do lazer dos jogadores entrevistados. Eles viviam o futebol juntos, jogando nos recreios, intervalos ou em qualquer tempo ocioso que tinham no instituto. União potencializadora da criatividade dos alunos. Da criação de jogos e brincadeiras e da adaptação de materiais e regras para tal. Parceiros também na dedicação aos treinos, na influência para a iniciação na equipe do instituto e no incentivo seletivo para a continuidade da prática aos que se apresentavam mais hábeis.

A gente terminava o almoço, a gente ia jogar bola, intervalo né, recreio a gente tava jogando bola é, às vezes entre o café da manhã, entre o café da manhã e a aula a gente jogava bola também, era o tempo inteiro, né (Jog. 1).

Ah, como eu disse foi no Instituto Padre Chico. Os colegas chamaram para ir jogar. A gente começa jogando lá atrás na defesa né, porque não sabe nada e então você sempre, eles... o pessoal põe você para jogar lá atrás. Por sorte eu... tinha um pouquinho de habilidade então, quem vai tendo habilidade acaba se destacando naturalmente, acaba melhorando a sua qualidade, acaba ganhando espaço. Isso em colégio é muito comum, muito normal né (Jog. 4).

[...] a gente sai jogando sem instrução, porque a gente jogava até fora de hora e tal, e às vezes as pessoas ... né, é então a influência foi realmente a vontade que a gente tinha de jogar (Jog. 6).

Para além da discussão de dom e talento inato é inegável a grande exercitação e a constante prática pelo contato com outros alunos. Mesmo dentro de um ambiente formal como os institutos havia espaço também para o espontaneísmo, estimulado pelo ambiente vivido lá dentro. Pode mesmo haver um processo de seleção “cultural” no futebol – parafraseando o famoso conceito de Darwin – como ocorre também em qualquer outra área. Mas, não fossem essas experiências, essa troca com semelhantes, esse “jogar fora de hora” e principalmente a vontade de jogar num ambiente que propiciava isso, muitos atletas em potencial não teriam descoberto sua predisposição. Relevância para inferir que mesmo no paradesporto o futebol tem sido ensinado e aprendido de diferentes formas pelo Brasil. E é exatamente essa cultura futebolística vivida pelos brasileiros que os fazem esquecer de toda a mediação existente em torno desse fenômeno para passar a acreditar num possível dom divino dessa nação. Como se a criação se voltasse contra seu criador.

No caso dos técnicos entrevistados foi constatado de forma unânime, que por convite ou influência de amizades, eles tomaram conhecimento do paradesporto e se iniciaram na área. Um dos técnicos já conhecia o movimento por influências familiares, mas a oportunidade de trabalho também surgiu pelo convite de um amigo.

A interação desses personagens (professores/técnicos com os alunos/amigos) num mesmo contexto (instituto/entidade) tem propiciado a formação de equipes representativas dos institutos. Com as equipes formadas existe a possibilidade de inserção no movimento paradesportivo, através de eventos (jogos, campeonatos, festivais). Nas evidências dos relatos, os eventos aparecem como contextos férteis na possibilidade de troca de experiências, aprendendo um pouco mais sobre o patrimônio da modalidade; de reencontro com amigos de outras entidades; de viajar e conhecer outros locais, de sair de seu nicho. Os eventos, juntamente com os institutos/entidades, aparecem nos relatos como os contextos de maior possibilidade de troca para a aprendizagem.

A participação em eventos gera histórias das equipes e dos jogadores que passaram por elas. Essas histórias difundem-se pelos institutos, transformando esses jogadores em modelos para os alunos mais novos e enchendo-os de motivação para iniciar a prática ou para continuarem praticando. Processo que contribui para manter acesa a chama do fenômeno futebol.

É, não sei se ídolo, mas a gente tem pessoas que a gente gosta do futebol. Eu gosto do futebol do NOME, né, do NOME, do NOME [...] (Jog. 2).

É, na verdade quando eu comecei a jogar assim, eu gostava do futebol do menino que já faleceu, [...], foi o Marco Antônio e ele era conhecido como Plê... e saiu até numa revista dizendo que ele o, revista francesa, dizendo que ele era o Pelé dos cegos, então eu gostava muito do futebol do Plê, que era um futebol meio arte, um futebol meio brincalhão (Jog. 3).

Olha! Ídolo, ídolo, ídolo no futebol de cinco não... eu não tenho ídolo assim que eu pude... eu gosto muito, sempre gostei muito do NOME da ADEVIBEL, um rapaz que jogava na ADEVIBEL, pela habilidade que ele tinha, pelo toque que ele tinha de bater na bola, os chutes cruzados muito bons. Foi o único cego que eu vi que fazia peteca [embaixadas] com a bola realmente, fazia bolinha (Jog. 4).

Tais modelos auxiliam a transmissão do patrimônio da modalidade e representam o ideário do fenômeno futebol nesse país: o futebol-arte. Ensinam aos mais novos e trocam com os contemporâneos. Porém, apesar do reconhecimento existente para com os jogadores contemporâneos, os entrevistados se negam a referenciá-los como ídolos, demonstrando uma inferioridade em relação ao tratamento dado aos ídolos do futebol mundial. Sentimento recriminado pelos próprios entrevistados, mas que eles mesmos acabam demonstrando em suas falas, contradizendo-se. Infere-se que a proximidade entre os jogadores, o contato freqüente, o pouco tempo de institucionalização da modalidade e a ainda pequena divulgação pelo restrito interesse midiático, podem justificar ou, pelo menos, amenizar esse comportamento.

O destaque em eventos pode render a convocação para integrar a seleção nacional. Para tal, a concorrência é grande, assim como em qualquer outra modalidade esportiva. Fazer parte da seleção representa a possibilidade de reconhecimento pelo que faz e de tornar-se modelo para futuras gerações. O reconhecimento dificilmente sai da área do paradesporto, mas se apresenta grandioso dentro dela.

E hoje eu fiquei muito alegre, antes de ontem eu fiquei muito alegre quando um menino de Campos, ele chegou para mim falando que é meu fã. Então isso gratifica, isso te dá uma, uma alegria no trabalho que você faz, te dá uma força para o trabalho que você faz, né. (Jog. 3).

Enfim... minha participação em seleção, ela é muito oscilante né. Assim, tem época que eu tô, tem época que eu não tô convocado, mas é em virtude do Brasil ter um número grande de atletas (Jog. 4).

As histórias e notícias da seleção e o reconhecimento mundial pelos bons resultados que ela tem obtido faz com que se aumente o interesse da mídia, das pessoas com

deficiência visual, de profissionais da área de educação física e de outros atores envolvidos no esporte. Esse aumento de interesse contribui para o crescimento da modalidade e afeta o fenômeno futebol.

Ademais todas essas influências exercidas nos jogadores entrevistados, um depoimento em especial pôde demonstrar o papel da família nesse processo.

E, na verdade, eu já brincava, vamos dizer assim, de bola desde os meus seis anos de idade, que eu via meus irmãos brincando e eles queriam que, assim como toda criança, também pudesse tar brincando com eles, daí a gente começou a criar... um chegou colocando a sacola na bola para ela fazer barulho para que eu pudesse estar jogando com eles e a gente via que tava dando certo e eu conseguia ouvir a bola e conseguia ficar me divertindo com eles (Jog. 3).

Muitas famílias por preconceitos ou por falta de conceitos não sabem como lidar com pessoas com deficiência, criando um ambiente de desvantagem para seus entes. Mas esse entrevistado encontrou na compaixão dos irmãos em procurar uma forma de vê-lo brincando, a possibilidade de iniciar a prática por meio de adaptações na bola e nas atividades. Casos como esse demonstram que apesar da deficiência gerar sim uma limitação, isso é inegável, uma possível desvantagem em relação a isso é algo que pode ser amenizado por pequenas ações que diminuam a exclusão e o preconceito, como a ação demonstrada pelos irmãos desse entrevistado.

Jogo 2
*ESTRUTURAÇÃO COLETIVA NO
FUTEBOL PARA CEGOS*

*Lá vem ela
 Redonda, macia... mágica
 Centro das ambições
 De embates e intenções.
 Quem não a tem, quer tê-la
 Quem tem, quer mantê-la.
 Poderosa,
 Ela submete todos
 Aos seus movimentos
 Aos seus caprichos
 Ao seu balançar!
 Felizes os que jogam
 E que ela podem acariciar!*

A BOLA
 MORATO, Márcio P.
 (arquivo pessoal)

2.1) INTRODUÇÃO

As modalidades esportivas coletivas como o basquetebol, o futebol, o futsal, o handebol, o voleibol, dentre outros, são patrimônios culturais da humanidade integrantes do complexo fenômeno esporte.

Eles são abordados por Bota e Colibaba-Evulet (2001) e Balbino (2001, 2005) como um sistema auto-organizável em constantes alterações de equilíbrio e desequilíbrio. Os jogadores procuram estabelecer e privilegiar o padrão ofensivo ou defensivo de sua equipe, na contrapartida das ações de seus adversários, que se movimentam em proporção similar, a fim de buscar o desequilíbrio das ações dos oponentes.

Dentre as modalidades esportivas coletivas o futebol é indubitavelmente o fenômeno esportivo de maior difusão mundial. Possui poder de alcance nas mais diversas culturas, influenciando comportamentos, costumes e tradições. Fascina diferentes populações que, na ânsia de praticá-lo, buscam novas maneiras de jogar capazes de atender suas peculiaridades. Fato que possibilita uma reconstrução do fenômeno, criando novos e diferenciados “futebóis”.

O futebol para cegos é uma modalidade coletiva adequada às potencialidades das pessoas cegas. Suas regras foram adaptadas do futsal para possibilitar a prática do fenômeno futebol por essas pessoas. É uma modalidade esportiva ímpar, com características específicas

responsáveis por sua diferenciação em relação aos outros esportes e, até mesmo, aos outros “futebóis”. Porém, apesar de cada modalidade esportiva manter certa especificidade, as modalidades esportivas coletivas apresentam certas similaridades entre si.

Bayer (1994) divide tais similaridades encontradas nas modalidades coletivas em dois grupos que se inter-relacionam: os princípios operacionais e as invariantes. O primeiro grupo refere-se aos objetivos ou essência do jogo e o segundo a estrutura geral necessária à sua prática.

Este texto parte-se de uma reflexão das similaridades encontradas nas modalidades coletivas para descrever e analisar o processo de organização no futebol para cegos. Entender os fatores influenciadores das relações de contra-comunicação entre adversários, da sintonia entre os companheiros de equipe e as estratégias utilizadas para responder tais demandas do jogo são o mote delineador do texto.

2.2) A BASE REGENCIAL COMUM

Bayer (1994) avança na análise e compreensão da dinâmica das modalidades esportivas coletivas ao propor princípios comuns em todas as modalidades esportivas coletivas. Sua obra²² influenciou muitos estudos e intervenções posteriores. Todavia, em vista de novos estudos, a linearidade e hierarquização dos princípios expostos pelo autor e a ausência do conceito de transição pedem um repensar e uma reformulação de suas proposições. Nesse sentido, o conceito de base regencial se apresenta com o intuito de tentar suprir tal necessidade de reformulação.

A base regencial apresenta princípios comuns que gerem a dinâmica das modalidades coletivas. Ela se orienta na contrapartida de complexas relações existentes entre os objetivos das equipes nas ações ofensivas e defensivas e na constante alternância ou transição entre esses pólos durante a partida.

As polaridades ofensivas e defensivas podem ser divididas em três princípios cada. Enquanto a equipe atacante se organiza para conservar a posse de bola, progredir em

²² A obra original “L’enseignement des jeux sportifs collectifs” foi lançada em Paris em 1979 pela editora Vigot.

direção ao alvo adversário e finalizar, buscando o ponto ou gol, a equipe defensora procura proteger seu alvo/campo, impedir a progressão adversária e recuperar a posse da bola. Tais princípios devem ser tratados de forma não hierárquica, nem linear ou escalonar, numa complexa relação de interação/oposição entre as equipes. Eles regem a atuação dos jogadores tanto nas relações entre os indivíduos de uma mesma equipe quanto nas existentes entre os adversários (Fig. 2.1).



Fig. 2.1 – A base regencial.
Adaptação dos princípios operacionais propostos por Bayer (1994).

Garganta (1995) reforça essa idéia ao expor que a essencialidade das modalidades coletivas repousa na cooperação, na oposição e na finalização.

No ataque as equipes utilizam-se da bola, individual e coletivamente, na tentativa de ultrapassar os obstáculos móveis não uniformes (adversários). Procuram produzir incertezas para os adversários e certezas para os parceiros de equipe. O aumento das incertezas para o adversário é dependente da movimentação dos companheiros do jogador que tem a posse de bola (GARGANTA, 1995).

Sem posse da bola, o jogador precisa se movimentar em busca de espaços para ele próprio e para seus companheiros, principalmente para o companheiro que mantém a bola, tornando-se opção de passe e procurando oportunidades de finalização. Por isso, os grandes jogadores dos jogos coletivos são aqueles que exibem a habilidade de jogar, também, sem a posse de bola (BALBINO, 2001).

Para a aplicação dos princípios ofensivos o jogador, tendo ou não o controle da bola, deve orientar suas ações em relação à posição da bola, aos espaços livres de ocupação adversária, à situação dos companheiros e ao objetivo (alvo) a atacar (BAYER, 1994).

Na defesa as equipes procuram produzir obstáculos para dificultar ou parar a movimentação dos adversários e conquistar a bola (GARGANTA, 1995). Os jogadores precisam estar atentos para fechar os espaços adversários e também para cobrir os espaços deixados pelos parceiros que falharam em sua função ou, ainda, ajudar seu companheiro dobrando a marcação no atacante que tem a posse de bola, pois segundo Balbino (2001) a defesa, assim como o ataque, é de missão coletiva.

O jogador pode se encontrar em duas situações defensivas: a situação de barreira quando ele está posicionado entre o adversário e sua meta ou a situação de perseguição, quando o adversário toma a sua frente e ele precisa voltar para combatê-lo (BAYER, 1994).

Os princípios defensivos repousam na constante busca de adaptação às características do ataque adversário, podendo centrar suas movimentações na circulação da bola, chamada defesa por zona, nas movimentações dos atacantes, chamada defesa individual ou numa combinação dos dois tipos (BAYER, 1994).

A transição entre os pólos essenciais (ofensivo/defensivo) não é tratada por Bayer (1994), mas apresenta-se como capital conceito nos modalidades coletivas. Segundo Santana (2004) é entendida como a passagem de um lugar para outro. É a interseção entre as polaridades defensivas e ofensivas. O momento em que as equipes estão se reorganizando após a troca de funções ditada pela alternância da posse da bola.

A transição ampara a complexidade das relações da base regencial das modalidades esportivas coletivas, sustentando a não linearidade e não hierarquização de seus princípios. É por intermédio do conceito de transição que as equipes estruturam e se organizam defensivamente enquanto ainda estão com a posse da bola, preocupando-se com o “último-homem” ou a “sobra” para proteger sua meta. Ou estruturam-se ofensivamente ainda em condições de defesa, avançando sua linha defensiva e induzindo os oponentes ao erro, para tentar recuperar a posse de bola mais próximo da meta adversária, diminuindo o caminho a percorrer.

Os contra-ataques são as ações corriqueiras na transição. A relevância dessas ações sustenta-se na possibilidade de atacar em vantagem numérica, pelo desequilíbrio defensivo apresentado após a perda da posse de bola. Para Santana (2004) o contra-ataque pode ser

originado pela interceptação de um passe, por um desarme ou pela reposição rápida de bola nas saídas de meta (ou defesas dos goleiros) e nas cobranças de laterais ou infrações.

2.3) AS INVARIANTES

À base regencial somam-se outros aspectos similares nas modalidades esportivas coletivas, referentes à estrutura geral para a sua prática: as constantes ou invariantes (BAYER, 1994). Segundo o autor, em reflexão sobre as origens dos jogos coletivos, estes aspectos podem ser encontrados em qualquer modalidade praticada com diferentes finalidades nas mais distintas épocas, civilizações ou contextos. São eles:

- Uma bola ou implemento similar a ser manipulado pelos jogadores;
- Um espaço de jogo delimitador das ações das equipes;
- Parceiros com os quais se joga;
- Adversários com os quais se mede força;
- Alvos – um a atacar e outro a defender; e
- Regras que se deve respeitar no desenrolar da partida.

Por mais paradoxal que possa parecer é uma das invariantes que diferencia cada uma das modalidades coletivas: as regras. Estas possuem o poder de delimitar as outras invariantes (circunferência da bola, tamanho da quadra, número de jogadores, forma de utilização do implemento) e assim, especificam cada modalidade.

A interpretação da dinâmica de cada modalidade deve levar suas regras específicas em consideração, para regular as ações dos jogadores no estabelecimento de estratégias para o exercício dos princípios da base regencial. Não se pode querer jogar a bola com as mãos para o gol no futebol, se as regras só permitem que isso seja feito com os pés, ou conduzir a bola com os pés e chutá-la ao cesto no basquetebol se só é permitido a condução (ou drible) e o lançamento com as mãos. Ou ainda, chutar a bola acima da baliza no futebol ou arremessar bolas rasteiras no basquetebol com o intuito de acertar o alvo para pontuar.

Os ajustes, regulagens e respostas utilizadas pelos jogadores para lidarem com as invariantes das modalidades coletivas em decorrência do exercício dos princípios da base

regencial foram denominados por Bayer (1994) de regras de ação. Elas são atos de gestão de escolhas, reguladas pela necessidade de interpretação do momento do jogo, num constante fluxo de decisões a serem tomadas entre o que fazer (tática) e o como fazer (técnica).

Sendo assim, as regras de ação são dependentes do meio físico – do ambiente em que se joga; de como sua equipe joga, vai jogar ou está jogando; de como a equipe adversária joga ou está jogando; do posicionamento, organização e movimentação dos outros jogadores; e logicamente, do que é permitido fazer – estar de acordo com as regras do jogo.

2.4) AS EQUIPES E SUAS INTERAÇÕES

Pela complexa rede de interligações entre os vários fatores aos quais os praticantes dos jogos coletivos se expõem, Garganta (1995) acredita na existência de dois traços fundamentais para a sua prática: a cooperação e a inteligência.

A cooperação entre os elementos da mesma equipe pode ser entendida como a comunicação dentro de sistemas de referências comuns em relação ao objetivo do jogo, por uma sintonia das ações do grupo. Os jogadores devem, de maneira simultânea, manifestar suas capacidades e subordinar seus interesses pessoais aos do grupo.

O outro traço fundamental é a inteligência, concebida como capacidade de adaptação às situações-problema aleatórias e diversificadas que ocorrem pela imprevisibilidade do jogo, elaborando e operando respostas a elas.

Graça (1995) apresenta duas ordens de problemas encontradas nas modalidades coletivas. Uma está relacionada à seleção da resposta adequada à situação (o quê, o quando e o porquê). A outra se pauta na resposta motora (o como). Neste contexto, a aprendizagem baseada nas habilidades fechadas, ou seja, na excessiva preocupação com a técnica em um ambiente estável e previsível, “[...] transforma-se num fim em si mesmo, perdendo sua conexão com a aprendizagem do jogo” (GRAÇA, 2003, p.17). É necessário que os jogadores estejam sempre em contato com a natureza aberta das habilidades em função da exigência do jogo, em que a capacidade perceptiva, a antecipação e a tomada de decisão desempenham papel crucial (GRAÇA, 1995; SOUZA, P., 1999).

Na mesma direção, Tavares (1995) defende que a atuação do treinador e a estruturação do treino devem proporcionar que os praticantes entendam a “intenção tática” (o que deve ser feito) antes da “modalidade técnica” (como deve ser feito), para que as ações escolhidas pelos jogadores estejam em sintonia com a dos companheiros e de acordo com a antecipação das ações que os adversários têm intenção de aplicar.

Assim, a tática é o problema fundamental a ser tratado nas modalidades esportivas coletivas e a técnica deve responder a isso. É o como fazer (técnicas) aliado às razões do fazer (táticas) (GARGANTA, 1995).

A expressão individual da tática é a maneira de compreender a dinâmica do jogo e resolver os problemas encontrados de acordo com a possibilidade de cada um (BAYER, 1994). A tática coletiva pressupõe a organização de toda a equipe para justificar e orientar a intenção tática individual de cada jogador desta equipe (BAYER, 1994). É por intermédio da tática coletiva que cada jogador é incumbido de realizar uma função específica.

Para se jogar um jogo coletivo é preciso assimilar o conceito de equipe. Teodorescu (1984) e Bota e Colibaba-Evulet (2001) acreditam ser a equipe um micro-sistema social, complexo e dinâmico, por sua composição e estrutura e pela dinâmica das relações interpessoais entre os jogadores. A relação dominante de conexão entre os jogadores é de ordem das habilidades motoras, com gestos e movimentações próprias de cada modalidade (BALBINO, 2005), fruto de sua evolução histórica e tradição (BAYER, 1994).

Como no organismo humano onde cada órgão tem uma característica própria, exercendo sua individualidade ao cumprir uma função específica, sem deixar de estabelecer trocas e interações com outros órgãos, também com características e funções próprias, em vista de um objetivo maior, que é a manutenção da vida, os elementos de uma equipe também mantêm essa relação de interdependência em vista de um objetivo comum. O mau funcionamento de um órgão acaba influenciando e sobrecarregando os demais órgãos no exercício de suas funções. Nos jogos coletivos e, mais precisamente, nas equipes, acontece algo semelhante. Quando um jogador falha em sua função, seja em ações ofensivas ou defensivas, ele desequilibra todo o sistema e sobrecarrega seus companheiros que precisam se reestruturar dentro da nova ordem estabelecida.

Nenhum órgão ou sistema tem a capacidade de funcionar sozinho. Eles necessitam do estabelecimento de relações para se manterem funcionais e para exercerem sua individualidade. Isso também ocorre nas modalidades coletivas. O projeto coletivo da equipe

precede o individual. Cada jogador deve integrar o projeto coletivo de sua equipe em suas ações pessoais. Assim, as interações entre os jogadores, os elementos do sistema, amplificam o todo, pois o valor global da equipe “[...] não pode ser traduzido pelo somatório dos valores individuais, mas por uma nova dimensão que emerge da interação que ocorre ao nível dos seus elementos constituintes” (GARGANTA, 1995, p.15).

Para Bayer (1994) o conceito de equipe pode ser entendido como um grupo de indivíduos reunidos para realizar um objetivo comum previamente definido. As ações dos jogadores são orientadas segundo um determinado modelo e de acordo com certos princípios e objetivos comuns.

Cada equipe possui uma dimensão histórica, que difunde no seio do grupo um dinamismo evolutivo. Esta história prende-se com todos os aspectos funcionais, quer dizer, a distribuição e repartição de tarefas e papéis, a determinação dum projeto coletivo, base unificadora e denominador comum da ação empreendida por todos (BAYER, 1994, p. 91).

Cada jogador deve ter pleno conhecimento de suas habilidades e da sua função a ser exercida, das características dos companheiros e das funções a serem exercidas por eles para interpretar a dinâmica do jogo em sintonia com seus parceiros, na busca por uma resposta alijada aos objetivos do grupo. O técnico também deve conhecer cada jogador de sua equipe para estimular ao máximo seu desempenho, distribuindo-os em funções condizentes com suas características próprias.

O posicionamento dos jogadores em quadra de acordo com a função exercida por cada um é denominado de sistema tático (BALBINO, 2001; BAYER, 1994; BOTA, COLIBABA-EVULET, 2001; SANTANA, 2004; SOUZA, P., 1999). Este posicionamento tático está intimamente relacionado às ações dos adversários. As equipes costumam modificar seu sistema tático durante as partidas, em virtude de possível ineficiência diante do sistema utilizado pelo adversário.

2.5) AS REGRAS ESPECÍFICAS DO FUTEBOL PARA CEGOS²³

É inegável a influência exercida pelas regras específicas de cada modalidade coletiva na organização das equipes para o exercício dos princípios comuns da base regencial. Nesse sentido, a apresentação das regras do futebol para cegos se faz necessária para clarificar o entendimento do leitor e concatenar as idéias para a posterior discussão.

A sua elaboração foi baseada nas regras do futsal adotadas pela FIFA²⁴. As alterações ou adaptações existentes visam contemplar as características específicas da pessoa cega. A Confederação Brasileira de Desportos para Cegos (CBDC) gere a modalidade no país e adota as regras oficiais da International Blind Sports Federation (IBSA) órgão máximo de gerência do esporte para deficientes visuais em nível mundial.

Como o futsal é uma modalidade tradicional de enorme difusão e muito praticada no Brasil, serão relatadas somente as adaptações ocorridas no futebol para cegos. A discussão de tais adaptações nas regras foi embasada nos relatos dos entrevistados.

A duração da partida

Os jogos são disputados em dois tempos de 25 minutos com um intervalo de 10 minutos entre eles. Cada equipe tem direito a solicitar um minuto de tempo técnico em cada um dos períodos.

A bola²⁵

A bola (Fig. 2.2) tem um sistema de som interno (guizos) para permitir que os jogadores a localizem e percebam seu deslocamento. Quando ela fica imobilizada e não pode ser localizada por nenhum jogador, cabe ao árbitro efetuar um ligeiro movimento para que se reinicie

²³ As regras oficiais podem ser obtidas no site da Confederação Brasileira de Desportos para Cegos (CBDC): <http://www.cbdc.org.br/modalidades/futebol/B1/regras.htm>.

²⁴ Federação Internacional de Futebol Associado

²⁵ As bolas usadas em jogos internacionais da IBSA são de fabricação brasileira, confeccionadas por presidiários no programa "Pintando a Liberdade" feito pelo Ministério do Esporte. Essas bolas são distribuídas gratuitamente pelo mundo todo (CBDC, 2006).

o sistema auditivo dos jogadores. Um dos entrevistados acredita ter sido o desenvolvimento da bola a principal e mais importante adaptação para a modalidade, pois se ela não emitisse som, as pessoas cegas não teriam a possibilidade de praticar o futebol.

a bola de guizo né, o guizo na bola. Que eu acho que é o mais importante, é o essencial nas regras, que te possibilita realmente jogar o futebol. Sem guizo na bola você não teria, com certeza, a prática do esporte é... hoje. (Jog. 1).

Não fosse a criatividade das crianças cegas em buscar uma forma de fazer adaptações na bola para que elas pudessem jogar futebol, a idéia da bola oficial poderia ser uma realidade distante ainda. A troca entre os semelhantes, principalmente nos institutos, somado ao desejo de jogar bola numa cultura que o potencializa fez da criação da bola oficial um acontecimento presumível, ainda mais depois do surgimento de organizações esportivas para as pessoas com deficiência visual.



Fig. 2.2 – A bola oficial.
FOTOS: Márcio P. Morato

A quadra

As dimensões são as mesmas do futsal: largura de 18m (dezoito metros) a 22m (vinte e dois metros) e comprimento de 38m (trinta e oito metros) a 42m (quarenta e dois metros) (Fig. 2.3). O piso pode ser de cimento, madeira, borracha sintética ou similar, grama natural ou ainda grama sintética e deve ser plano, liso e não abrasivo. O uso de concreto ou asfalto deve ser evitado.

Somente um dos entrevistados (Jog. 6) tocou no assunto do piso de quadra. Ele é contrário à utilização do piso de grama sintética, pois acredita que este piso dá mais vantagens às equipes de menor nível técnico.

[...] permitir que jogue numa grama dessa molhada eu realmente, o ganho é inadmissível pro futebol, porque isso faz com que as equipes [...] que tenham uma condição melhor de jogo, que tenham maior habilidade acabam totalmente prejudicada por conta das condições, a bola escapa, corre demais, ela prende, quer dizer o jogo acaba ficando um jogo que privilegia a força em detrimento da técnica [...] (Jog. 6).

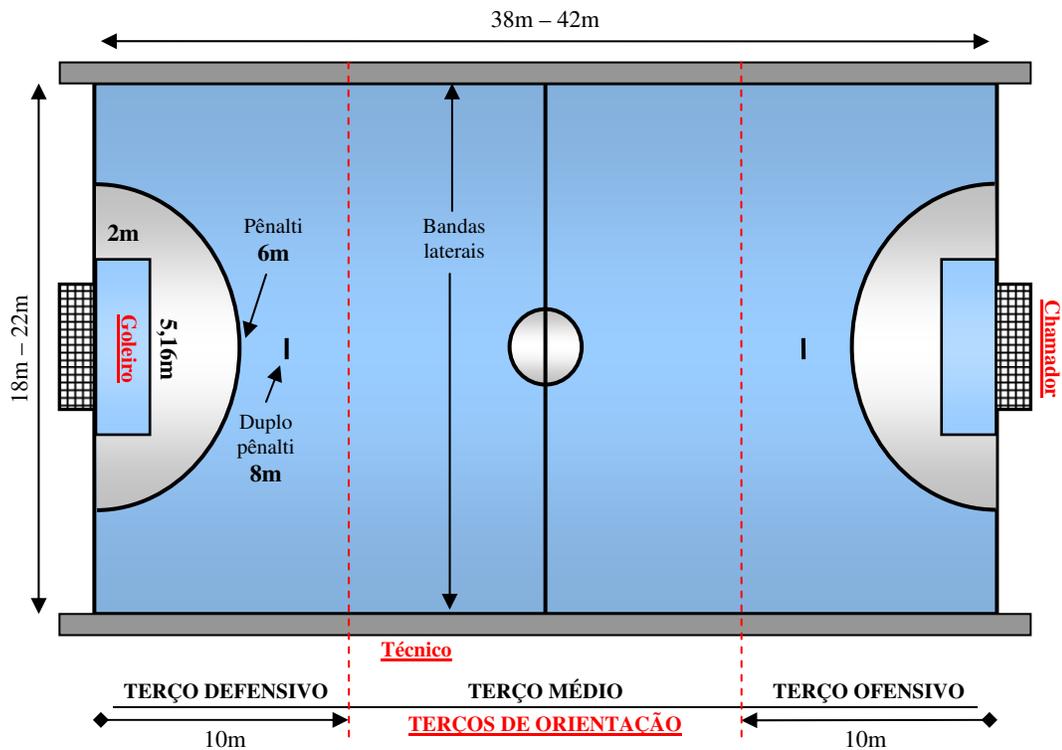


Fig. 2.3 – A quadra.

Ele acredita que o uso da grama sintética, com o intuito de adaptar os jogadores da seleção brasileira aos campeonatos internacionais, é incoerente e não justifica que todos os outros jogadores das equipes nacionais sejam sacrificados, já que mesmo internacionalmente alguns campeonatos são disputados em piso de cimento. Defende a utilização de pisos de cimento nos campeonatos nacionais, pela dificuldade e falta de estrutura das equipes para treinar em piso de grama sintética e por achar que cabe somente à seleção um período prévio de adaptação aos pisos de cada competição internacional.

As duas linhas laterais do jogo são chamadas de bandas laterais e marcadas com barreiras ao longo de toda sua extensão e 1m (um metro) além de ambas as linhas de meta (Fig. 2.4). As bandas medem de 1m (um metro) a 1,20m (um metro e vinte centímetros) de altura. Quando a bola passa sobre a banda é cobrado lateral com os pés do ponto que ela saiu.



Fig. 2.4 – As bandas laterais²⁶.
FOTOS: Márcio P. Morato

Elas diminuem a ocorrência de laterais, aumentando o tempo de bola em jogo e exigindo um melhor condicionamento físico dos jogadores. Essa regra divide a opinião dos entrevistados. Os contrários à sua utilização acreditam que ela beneficiou as equipes de baixo nível tático/técnico, que não se preocupam mais em desenvolver a criatividade, o passe, a recepção, o drible e a orientação espacial em quadra como acontecia anteriormente à criação dela. Os favoráveis à regra argumentam que o maior tempo de bola em jogo possibilita maior posse de bola às equipes de nível tático/técnico superior, fato que as beneficiaria.

[...] é obvio que da época quando não tinha banda, tinha várias equipes que, que conseguiam é... jogar sem a banda, mas mesmo assim, tinha muito lateral. Já no futebol de onde se diz, quem enxerga tem lateral para caramba então de quem não enxerga vai ter muito mais e o jogo parava muito. Então quando você fazia jogo contra equipe fraca a bola ficava mais fora do que dentro. Ficava mais na lateral do que em jogo. Então a banda veio igualar um pouquinho realmente por baixo, mas também veio mostrar que, veio mostrar mais futebol também. Tem mais bola em jogo vai ter mais futebol. Então a equipe que é superior também consegue ficar com a bola, mais com a bola nos pés. Pegar mais a bola né. (Jog. 3)

[...] era com lateral então a noção de espaço, tempo, lateralidade, você tinha que trabalhar muito no esporte e o próprio passe né. O passe, o drible, isso daí tinha que ser muito mais preciso. [...] Então a gente tinha que treinar muito na parte quando você não tinha a banda, uma precisão maior nos passes e a noção mesmo de se colocar em quadra para poder não se perder né. [...] Para mim, na minha opinião a vinda das bandas ela nivelou por baixo (Téc. 1).

²⁶ Tal como demonstrado na Fig. 2.4, as bandas laterais podem ser construídas em madeira e sem complexidade técnica. Faz-se saber ainda, que varias quadras já possuem de forma permanente, “paredes” em alvenaria ou tela (“alambrado”) delimitando suas laterais, e que apesar de estarem condicionadas a um espaço lateral um pouco mais amplo do que os limites oficiais de uma quadra, podem ser úteis como bandas provisórias. Outros modelos de bandas laterais, mais sofisticados e seguros, já vêm sendo explorados em campeonatos internacionais. É o caso de modelos infláveis e revestidos de borracha.

Um dos entrevistados (Jog. 6), apesar de preferir o jogo sem a banda, afirma que sua utilização é imprescindível para o desenvolvimento e disseminação da modalidade internacionalmente, já que ela foi um dos pontos chaves para a unificação das regras. O futebol para cegos sem a banda lateral tornou-se uma realidade distante em vista das exigências internacionais.

A área do goleiro não corresponde à área de pênalti (Fig. 2.5). Ela foi reduzida para uma área retangular de 5,16m (cinco metros e dezesseis centímetros) por 2m (dois metros). A atuação do goleiro fora de sua área ocasiona pênalti para a equipe adversária.



Fig. 2.5 – A área do goleiro.
FOTOS: Márcio P. Morato

A marca do duplo pênalti é de 8m (oito metros) de distância do ponto médio da linha entre as traves e não de 10m (dez metros) como no futsal. A partir da quarta falta acumulativa (coletiva) não é permitida a formação de barreira e o jogador pode escolher entre cobrar o tiro livre da marca do duplo pênalti ou de onde ocorreu a falta.

Algumas coisas eu acho que facilitaram, melhoraram a qualidade do jogo, por exemplo, tiro de 8m, com relação... em razão do goleiro hoje ser vidente, enxergar normal, eu acho que foi uma mudança válida, melhorou muito a qualidade de batidas de falta direta, tiros livres, mas eu acho que não deveriam ser três, deveriam ser cinco ainda (Jog. 4).

Para o entrevistado a diminuição da distância (de dez para oito metros) apresentou-se necessária pela qualidade dos goleiros, mas acha que o número das faltas acumulativas para o tiro livre direto deveria ser cinco como anteriormente e não três. Isso porque muitos jogos acabam se definindo pela cobrança de tais tiros.

Os jogadores

Assim como no futsal as equipes são formadas por cinco jogadores dentro de quadra, sendo quatro cegos, jogadores de linha e um goleiro, que pode ter baixa visão ou visão normal. Os jogadores de linha jogam vendados para que todos fiquem em igualdade de condições, pois a cegueira pode apresentar diferentes níveis de percepção de vulto, luz ou até mesmo de cores.

A permissão de goleiros com visão normal foi bem vista pelos entrevistados, por proporcionar melhor equilíbrio nas partidas e, principalmente, por ter acabado com os problemas de elegibilidades ilícitas vivenciadas anteriormente, quando era exigido que eles tivessem baixa visão. Existiam muitas casos de tentativas de se burlar a regra com a utilização de “gatos”²⁷.

[...] a colocação de goleiro vidente, isso ajudou muito o futebol, acho que foi muito benéfico, haja visto que antigamente a gente tinha a regra que era obrigatório o goleiro B2 [baixa visão] e muitas equipes colocavam o goleiro com visão normal, então o futebol, ele era desequilibrado né, e hoje se tendo o goleiro vidente se tem um equilíbrio maior na partida (Jog. 6).

Os goleiros no começo eram B3 [baixa visão], depois teve um tempo passou B2 [também baixa visão – resíduo visual inferior ao B3] e depois é que foi liberado, porque teve muito problema de gato né. Tinha muito gato (Téc. 1).

Com a liberação do goleiro de visão normal a redução de sua área de atuação é vista de forma positiva, para diminuir a vantagem que ele obtém com a utilização do sentido visual. Um dos técnicos entrevistados (Téc. 4) orienta sua equipe para se utilizar da visão do goleiro, abusando de seus lançamentos e passes. Ele afirma que estuda constantemente as regras para utilizá-las em benefício próprio.

A disputa de bola

Os jogadores devem disputar ou buscar a bola com a cabeça erguida e o defensor deve dizer de forma clara e audível a palavra “voy” ou “go”, ou outra palavra similar, para

²⁷ Jargão popular do futebol que identifica a utilização de jogadores fora dos termos previstos pelas regras. Neste caso, o termo se referia a goleiros que não possuíam baixa visão suficiente para elegibilidade adequada àquela permitida pela regra.

sinalizar ao atacante a sua presença. A não execução dessas ações pelos jogadores acarreta uma falta acumulativa e pessoal.

De acordo com os entrevistados, essa regra contribuiu para a diminuição de choques e lesões por permitir uma localização prévia do defensor adversário. Porém, ela não tem sido bem utilizada pelos jogadores e tem sido mal interpretada pela arbitragem. Alguns jogadores pronunciam baixo demais a palavra “voy”, ou perto demais do adversário ou então nem o pronunciam. Outros o pronunciam corretamente, mas fazem a falta e os árbitros não marcam como se a pronúncia permitisse a realização da falta pelo defensor. Os entrevistados também acreditam que os árbitros têm utilizado essa regra como alibi em decisões infundadas e discutíveis, como justificativa para os possíveis erros.

Mas a gente tá vendo aqui no campeonato que a maioria das equipes não fala voy. Então isso atrapalha muito. [...] Os caras falam v... por exemplo, é uma coisa engraçada, ele ah... o atleta fala voy, ele chega falando, fala voy e faz a falta, mas por ele já ter falado voy, o juiz deixa passar. Parece que o voy isenta ele da falta né. Essa é uma regra que tem que ser mais... sei lá, melhor ensinada para arbitragem (Jog. 3).

O árbitro quando ele não sabe porque ele dá falta ele fala que foi por causa do voy [risos]. Então ficou fácil. É uma solução que achou para árbitro, é uma saída, entre aspas (Jog. 4).

Por ser uma regra bastante polêmica eles julgam necessário que a arbitragem esteja melhor preparada para interpretá-la. Por contar como falta pessoal e acumulativa, a sua má interpretação pode prejudicar as equipes que serão punidas com tiro livre direto após a terceira falta coletiva. Ou mesmo o contrário. As equipes que não usam a regra corretamente, não falando o “voy” nos momentos de disputa de bola, podem ser beneficiadas se os árbitros não marcarem a falta.

Mesmo assim, um técnico entrevistado (Téc. 3) acredita que a adaptação e o entendimento dos jogadores à essa regra está melhorando cada vez mais e aqueles que estão iniciando a prática da modalidade atualmente tem tido mais facilidade em utilizá-la.

A função de orientação

A função de orientação deve ser exercida de forma discreta e responsável, sem chegar a prejudicar a atuação dos jogadores. Existem três pessoas responsáveis por essa função e

cada um tem seu espaço delimitado em quadra para realizá-la, são os chamados terços de orientação (Fig. 2.3).

O terço defensivo é de responsabilidade do goleiro. O terço ofensivo é do chamador que se posiciona atrás do gol da equipe rival com o objetivo de sinalizar o alvo (Fig. 2.6). E o terço médio é de responsabilidade do técnico, situado no banco de reservas de sua equipe.



Fig. 2.6 – A área de atuação do chamador.
FOTOS: Márcio P. Morato

Pela análise dos dados, percebe-se a necessidade da função de orientação como pontos de referência em quadra. Porém, o exercício dessas funções não pode atrapalhar os jogadores. Falar em demasia dificulta a percepção de outras referências sonoras e isto tem ocorrido muito segundo os entrevistados. O chamador é o mais questionado nessa questão.

Eu já vi chamadores gritando com atletas, que não era para chutar naquele momento! Que ele não mandou chutar! São coisas que quem tem que perceber quando tem que chutar, quando tem que finalizar uma jogada é o atleta! Por mais que o orienta, que o chamador está ali para orientar o ataque, para desenvolver, para tentar desenvolver melhor o ataque, ele tem que entender que o papel dele é pura e simplesmente orientar o ataque. Lógico que ele pode falar: chuta agora! Se o cara, se ele vê que o cara tem condições ele fala, chuta agora. Mas eu sou o atleta, de repente a hora que ele fala chuta agora não é o momento que eu tô com mais equilíbrio, com mais condição de chutar, com o meu corpo ou vice-versa, ele não fala, mas eu sei que nessa hora eu posso chutar, que eu devo chutar então ele tem, os chamadores tem que perceber que o papel deles é orientar e não robotizar o atleta, senão isso fica muito complicado (Jog. 4).

O chamador deve auxiliar na orientação ofensiva, referenciando a meta adversária para aumentar o índice de acerto nas finalizações a gol. Mas os entrevistados são enfáticos ao dizer que não cabe a ele a função de controlar o jogador, tentando decidir o que e quando eles devem fazer. A leitura do jogo e a decisão a ser tomada devem ser de

responsabilidade dos jogadores. Cabe ao chamador e aos outros orientadores (técnico e goleiro) um auxílio à leitura do jogo, passando informações do posicionamento dos adversários sem que isso atrapalhe a atenção dos jogadores de sua equipe em outras referências importantes à leitura do jogo.

2.6) O EXERCÍCIO DA BASE REGENCIAL

A análise dos dados demonstra a importância da comunicação para a estruturação coletiva no futebol para cegos. A temática comunicação foi a mais utilizada entre os entrevistados. Evidenciada na grande maioria das perguntas e por todos os entrevistados, a comunicação apresenta-se como o mais utilizado elo entre os elementos de uma equipe em vista da ausência do estímulo visual nos jogadores. Ouvir os parceiros, falar com eles, é imprescindível para alcançar o objetivo comum do grupo. Ouvir os orientadores (goleiro, técnico, chamador) auxilia na leitura do jogo, além de servir como ponto de referência para a orientação espacial em quadra.

[...] o atacante vem com a bola e o cara passou pelo, por você, você já grita logo que o cara passou para que outra pessoa se apresente para tomar a bola e... eu acho que é sempre assim, sempre conversando. Não sendo desse jeito não há, na minha opinião, coletividade no esporte. Porque você não vai ter como saber onde, onde seus parceiros estão e aí não tem como você jogar (Jog. 1).

Até a comunicação dos adversários, que não tem por finalidade orientar a equipe contrária, acaba servindo para este fim, pois pode se tornar ponto de referência, além de também proporcionar auxílio para a interpretação da situação de jogo. Porém o exagero da verbalização pode atrapalhar o andamento da partida por dificultar a audição dos jogadores.

Eu praticamente eu falo o jogo todo, eu narro o jogo todo, eu fico o tempo todo falando eu até, às vezes, esqueço dessas regras que tem 1/3 [...] As vezes até a arbitragem chega para mim e fala, olha, dá para diminuir aí? [...] Tanto que os cara da, os jogadores da re, quando tão na reserva eles gostam de ficar do meu lado, porque eles falam, que aqui a gente sabe o que está acontecendo, que você fica narrando o jogo (Téc. 1).

Mesmo tendo a consciência de atrapalhar o andamento da partida com sua “narração” ao citar a advertência da arbitragem, o técnico citado encontra nos jogadores reservas acostumados a essa situação, um motivo para realizá-la. Extrapolar na comunicação com os jogadores pela empolgação do jogo, esquecendo-se do espaço determinado em regra para esse fim não é uma estratégia interessante segundo os entrevistados, inclusive para o próprio Téc. 1. Ficou evidente que a quantidade de informações precisa ser filtrada e a forma como elas são passadas deve ser estruturada para que eles consigam informar sem confundir, sem atrapalhar a leitura do jogo pelos jogadores.

Nesse sentido as equipes utilizam estratégias para dar eficácia à sua comunicação. Os dados demonstraram três grupos de estratégias utilizadas, todas relacionadas umas às outras: descentralização, personalização e padronização de termos.

Descentralização

A restrição da regra imposta pelos terços de orientação faz com que os técnicos promovam uma descentralização da função de orientação, dividindo-a com o goleiro e o chamador. É desejável que haja sintonia entre os três para que as orientações dadas por eles aos jogadores não entrem em conflito e nem se distanciem da estratégia de jogo combinada previamente.

Olha, até por uma determinação da regra a gente não pode fazer extremo barulho [...] o que seria ideal que não tivesse barulho nenhum e que se a gente falasse, os atletas entendessem. O que eu procuro fazer é estar muito em sintonia com o goleiro e com o chamador, que são as pessoas que tem que saber tudo que eu quero e tem que repetir para os jogadores exatamente o que eu vou pedir para eles (Téc. 2).

Personalização

Falar o nome do jogador a quem se destina a orientação, melhora a atenção do jogador receptor e não confunde os outros jogadores que já se organizam para auxiliar o parceiro.

[...] a orientação da defesa a gente chama pelo nome da pessoa, então se você falar vai, vai que ninguém vai saber quem vai, então falo o nome da pessoa e essa pessoa vai pra bola, enquanto essa pessoa vai pra bola o outro defensor vai estar na cobertura [...] (Téc. 4).

Padronização de termos

Utilização de palavras-chaves curtas e objetivas e até mesmo de outros efeitos sonoros como o assobio. São termos exercitados continuamente em treinamentos, criados pelas próprias equipes ou corriqueiros no universo futebolístico nacional. Tal estratégia auxilia os jogadores na leitura do jogo, denominando posicionamentos táticos, jogadas pré-estabelecidas, ações a serem efetuadas, posicionamentos dos jogadores em quadra sem, contudo, atrapalhá-los na percepção de outros estímulos sonoros relevantes no momento da instrução.

Normalmente a gente trabalha falando. É... eu tô, eu vou, vai fulano, passou, vai você, tô na defesa, sobe. [...] Então a gente usa palavras chave né. Fiquei, vai, vai um, volta, marca ciclano, marca fulano, vai você, é... bola sua, bola minha, deixa. São termos que a gente usa muito (Jog. 4).

[...] e quando a gente pega a bola a gente o goleiro da gente assobia, ou o treinador, e a gente segue em frente (Jog. 5).

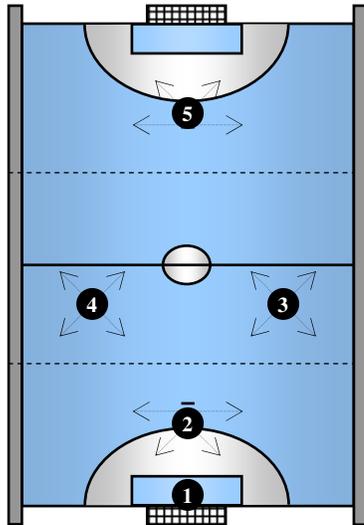
[...] no futebol para cego você não pode falar muito, o principal do jogo é ele ter que escutar a bola, então é as dicas que você tem que dar nós combinamos nos símbolos. Primeiro eu tenho que informar pra ele quantos tão na jogada [...], se é um atacante [...] eu tenho que falar quantos defensores tem, então se eu falar que tem dois, ele já sabe que se passar por um, ainda tem o outro, se ele tá indo por num lado e eu falar que tem dois ele já vai saber que no outro lado não tem nenhum, então ele já vai saber, tocar essa bola pro outro lado (Téc 4).

Para dar sentido às comunicações utilizadas em quadra, os elementos da equipe precisam estar cientes do sistema tático adotado por seu time. Ter uma determinada função em quadra, possibilita ao jogador a filtragem das informações recebidas. Saber a função de seus parceiros facilita a previsão da localização deles. Conhecendo também o sistema tático adversário, os jogadores podem esperar determinadas movimentações, posicionamentos e saber qual adversário irão marcar. Assim, o sistema tático dá razão e sentido à comunicação em quadra.

Os sistemas táticos

Podem ser citados quatro tipos de sistemas táticos utilizados pelas equipes no futebol para cegos: o sistema 3-1, o 2-2, o 2-1-1 e o 4-0. A escolha pela utilização de cada um deles varia de acordo com as características dos jogadores de cada equipe, com o sistema

utilizado pela equipe adversária e com o momento e situação do jogo (vantagem ou desvantagem no placar em conjunto com o tempo decorrido da partida – minutos iniciais ou finais).



3-1

No sistema 3-1 são três defensores (um fixo e dois alas) e um atacante (pivô).

O pivô raramente recua até a meia quadra defensiva e o fixo dificilmente avança até a ofensiva. Os alas transitam entre as duas metades de quadra auxiliando o fixo na defesa e o pivô no ataque.

É um sistema mais maleável que pode se tornar mais ofensivo, dando mais liberdade aos alas para atacar, modificando-se para 1-3 ou 1-2-1.

Ou também se tornar mais defensivo, tirando dos alas as funções ofensivas e deixando-os mais próximos do fixo na meia quadra defensiva.

Fig. 2.7 – O sistema tático 3-1.

2-2

No sistema 2-2, são dois jogadores responsáveis por funções defensivas e os outros dois por funções ofensivas.

Os atacantes jogam mais abertos pelas alas, diferindo-se das características do pivô no sistema 3-1, mais infiltrado pelo meio, próximo à área de pênalti adversária.

Um dos defensores tem mais liberdade, mas raramente eles vão à meia quadra ofensiva e os atacantes também raramente a deixam.

É um sistema considerado ofensivo por disponibilizar sempre duas opções na meia quadra ofensiva para as saídas de bola.

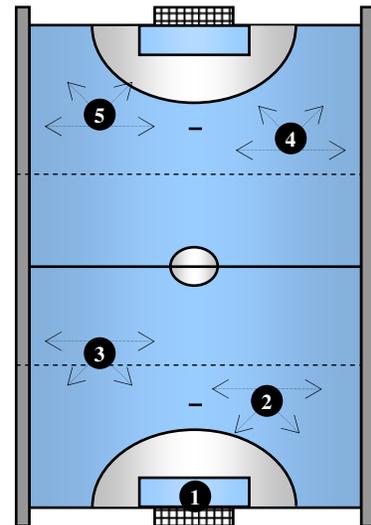
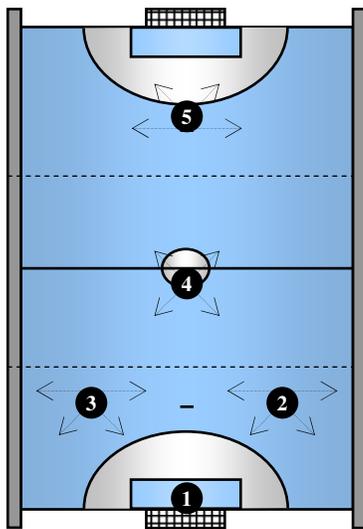


Fig. 2.8 – O sistema tático 2-2.



2-1-1

O sistema 2-1-1 é uma variação do 2-2.

A diferença entre os dois sistemas é que no 2-1-1 um dos atacantes faz a função de ala. Ele recua para auxiliar a defesa, seja tentando interceptar o lançamento do goleiro adversário sobre a linha central, ou voltando para dobrar a marcação quando a bola lançada pelo goleiro passa por ele.

Ele continua responsável por funções ofensivas Mas sem se esquecer de suas funções defensivas.

O atacante joga infiltrado pelo meio (como no sistema 3-1), mas abre também para as alas (como no sistema 2-2) para dar opção ao ala quando ele avança.

Fig. 2.9 – O sistema tático 2-1-1.

4-0

Existem algumas equipes que jogam no sistema 4-0, com todos os jogadores recuados – três defensores e um ala.

É um sistema tático que dificulta o ataque adversário. Porém apresenta-se passivo por jogar à espera de erros da equipe oposta.

Somente o ala exerce os princípios ofensivos. Raramente um parceiro se apresenta para ajudá-lo. Isso faz com que esse sistema seja coletivo na defesa e individual no ataque.

A ausência de um atacante avançado exclui a opção do contra-ataque rápido, dando tempo ao sistema defensivo adversário para se estruturar.

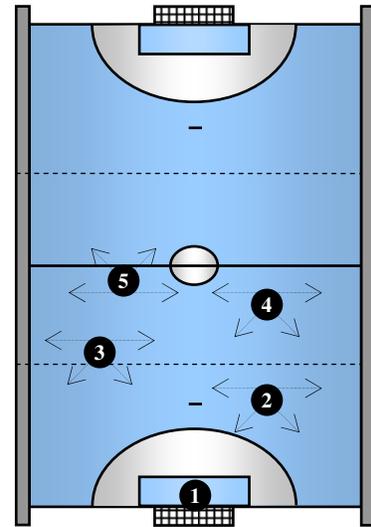


Fig. 2.10 – O sistema tático 4-0.

A análise demonstrou a preferência pela utilização de um dos três primeiros sistemas táticos citados, o 3-1, o 2-2 ou 2-1-1. O 4-0 é um sistema tático utilizado principalmente contra a seleção brasileira. Os técnicos entrevistados não são adeptos desse sistema. Eles reconhecem que tal sistema dificulta o ataque adversário, mas o acham passivo por esperar os erros ao invés de tentar induzi-los e por não buscar desestruturar o sistema defensivo adversário.

Normalmente você joga com pivô, dois alas e um fixo né. E... depende da equipe que se tá jogando, libera mais os alas para atacar com três (Téc. 1).

Em situações de [...] desvantagem e tal, coloca-se dois, fechando o meio só os dois que nós tamos precisando ir para o ataque. Os dois fecham um pouquinho mais a frente. Você expõe um pouco a sua defesa para recuperar a bola, mas entretanto você consegue ter a opção de ligar mais rapidamente o contra ataque. (Téc. 2).

Acho que não existe uma coisa tão específica, depende da equipe que você vai atuar [...] não sei como a equipe joga, vou botar aqui um 3-1 dela, então jogaria aqui com um 2-1-1, 2-2 [...] nunca deixaria sempre os 4 aqui [meia-quadra defensiva], vou sempre finalizar aqui [...]. Esse [atacante avançado] vai sempre fazer com que um defensor dele sempre esteja aqui, ou o outro, se ele tiver o medo do meu atacante, com certeza fazer esse aqui [o segundo defensor], se esse avança eu vou ter uma facilidade melhor pra um contra ataque (Téc. 3).

É... a característica mais normal do jogador pra cego, que é 3 marcando atrás e 1 indo e voltando, então um tipo de jogada é 2-2 que a bola é lançada pra esse jogador aqui [um dos atacantes] sempre vai vir dois na bola e vai sobrar um, então aquela orientação que nós falamos, nós orientamos pra ele quantos tão na jogada, então se nós orientamos que veio 2, ele vai tentar inverter essa bola porque aqui [ala oposta] ele, nós já sabemos que esse espaço está livre, tá? (Téc. 4).

As equipes se estruturam ofensiva e defensivamente de acordo com os sistemas táticos utilizados, delegando funções a serem exercidas por cada jogador. Porém, independentemente dessa escolha as equipes criam estratégias para a realização dos princípios da base regencial.

Para os princípios ofensivos as equipes e seus jogadores procuram utilizar de forma eficaz as ações tático-técnicas específicas do jogo. Os entrevistados acreditam que as mudanças nas regras, como a permissão do goleiro vidente, por exemplo, e a evolução dos sistemas táticos tem dificultado as ações ofensivas individuais, estratégia muito explorada em outras épocas, quando os jogadores recebiam a bola do goleiro e a conduziam até finalizar na meta adversária. Hoje, o passe aparece como o diferencial nas ações ofensivas. As equipes procuram circular a bola para fazer com que o adversário se desestruture defensivamente, até que a bola chegue a um jogador em melhores condições de finalização.

[...] o jogador adversário apesar de muitas vezes ser uma barreira, ele pode ou não pegar essa bola e seu companheiro, provavelmente vai receber essa bola numa condição melhor de jogo do que a sua. A jogada individual, ela cansa a equipe muito mais. Então se você [...] só conduz a bola, [...] não passa a bola em hipótese alguma [...] o adversário vai sentir que logo logo você tá morto, tá extenuado, não agüenta correr mais, vai facilitar a marcação e, em contrapartida, se você usa um jogo de passe, troco numa banda para outra, [...] fazendo essas projeções né, você, ao invés de se cansar, você cansa mais o adversário que tem que tar correndo o tempo todo atrás da bola (Téc. 2).

Outra estratégia utilizada pelas equipes são as jogadas pré-estabelecidas. São jogadas criadas em treinamento com nomenclatura padronizada (padronização de termos). Parte-se de um posicionamento prévio e, a partir do comando dado principalmente pelo goleiro, mas também pelo técnico ou chamador, inicia-se uma série de movimentações trabalhadas previamente. São utilizadas nas saídas de meta e em jogadas de bola parada (cobrança de falta e escanteio). Os jogadores devem saber a sua posição inicial e final para cada jogada. Para interpretar melhor a situação pós-movimentação, eles podem contar com auxílio dos orientadores. Porém, a escolha da melhor opção a ser executada posteriormente à movimentação, é função de cada jogador e é dependente da sua leitura do jogo. Independentemente das diferenças entre as jogadas de cada equipe, elas têm como objetivo tentar vencer o sistema defensivo adversário.

Primeiro, ah... nós temos alguma determinação tática de movimentação dos atletas para toda saída de bola dos nossos goleiros, tá certo? Então, na posse de bola do tiro de meta, os meus goleiros cantam uma determinada jogada, os atletas se posicionam em função do que ele cantou. [...] Eu dou as opções para o atleta e ele tem que definir na hora da partida. Lógico que tem a orientação minha de fora, do chamador, mas ele é que tem que definir. [...] Então é, o básico é isso, é você ter uma postura inicial e a partir dessa postura inicial, oferecer aos atletas quais as opções para ele definir no momento da partida. Porque tem que variar né, se ele não variar vai ficar muito previsível (Téc. 2).

[...] o goleiro sai com os que tão aberto e nós já padronizamos três jogadas, o que é o goleiro que vai falar pra quem ele joga. No que esse aqui [um dos defensores] recebeu a bola e tirou um jogador [adversário] de lá [da meia-quadra defensiva] ele pode falar a “1” é se a paralela tiver aberta, [...] ele vai fazer esse passe aqui mas o goleiro viu que tá fechada a paralela então o goleiro canta a jogada número “2”, que é diagonal, né, [...] e tem se tiver tanto a paralela quanto a diagonal fechada um deles [adversários] vai atacar ele fala jogada “3” que ele sabe que o outro jogador [segundo defensor] tá livre então ele vai fazer a jogada “3” e aqui nesse jogador [outro defensor que recebeu a bola] que o goleiro vai falar se ele faz o passe na “1” ou na “2” ou até mesmo se ele consegue conduzir essa bola (Téc. 4).

A determinação prévia da movimentação, de acordo com a jogada anunciada, possibilita um nível reduzido de comunicação para as ações ofensivas. Isso dificulta a ação dos defensores adversários, pois eles não terão a referência sonora pelas conversas da equipe oposta. Quando o atacante sai de um lugar e se posiciona em outro para receber a bola, aumenta a imprevisibilidade para o defensor, dificultando a antecipação da jogada e atrasando sua tomada de decisão. Ser previsível no ataque é facilitar o trabalho da defesa adversária. Portanto criar estratégias com o intuito de aumentar a imprevisibilidade do jogo, como as citadas pelos entrevistados, podem trazer maiores dificuldades para o adversário.

(...) quanto mais você varia a jogada no futebol de cego é melhor né, tem muitas equipes que nós já sabemos a característica que jogam por um determinado lado, então se o adversário fecha esse lado a equipe não faz mais nada, então quanto mais você diferenciar as jogadas o adversário é, vai dificultar um pouco mais pra ele (Téc. 4).

Em situação defensiva as equipes se organizam de acordo com a movimentação da bola, o que caracteriza uma defesa por zona. Com a ausência do estímulo visual a audição da bola, sentido ao qual os jogadores estão mais habituados, torna-se o referencial das ações defensivas. Pode haver a marcação individual caso haja necessidade, quando a equipe adversária tem um jogador de destaque, por exemplo, mas os outros defensores continuam marcando por zona, caracterizando assim uma defesa mista (zona + individual).

De acordo com os entrevistados, o objetivo do sistema defensivo é fazer com que o número de defensores seja sempre maior que o de atacantes, pois a marcação individual não é considerada eficiente, por facilitar o drible do atacante. Assim, a organização defensiva por zona possibilita, a utilização de uma estratégia muito citada pelos entrevistados: a cobertura. O número de coberturas é dependente do sistema tático utilizado pela equipe. No sistema 2-2 utiliza-se uma cobertura, nos sistemas 3-1 e 2-1-1 pode-se utilizar até duas e no 4-0 até três. O primeiro combate é sempre do defensor mais próximo da bola e os outros defensores se orientam pela movimentação dele e já se posicionam para fazer sua cobertura.

Sempre é com cobertura né. Se um sai o outro já tem que tar na cobertura para dar proteção. [...] aí fica mais difícil para o atacante, que aí ele tem que driblar mais um. Se você deixar no individual, mano a mano é muito fácil, ele dribla um e já tá de cara com o goleiro (Téc. 1).

Postura defensiva, o ala próximo se encarrega da primeira marcação, o beque, cobertura diagonal em direção ao gol e, o ala contrário, cobertura diagonal em direção a, atrás do beque. Então ele tem três barreiras para poder recuperar essa bola... Eu faço com duas coberturas (Téc. 2)

No futebol para cegos, assim como no futebol e no futsal, os sistemas defensivos se sobressaem nos ofensivos, por isso os placares não são elevados. A porcentagem de cada ataque resultar em gol é pequena se comparada a outras modalidades coletivas como o basquetebol, o handebol e o voleibol.

Essas características justificam as ações realizadas na transição, que potencializa a imprevisibilidade do jogo. Os contra-ataques podem surpreender os sistemas defensivos atacando-os quando eles ainda não estão bem postados, quando as coberturas estão ausentes.

Assim, a latência entre a perda da posse de bola e a reorganização defensiva é um momento bastante utilizado pelas equipes, principalmente pela rápida reposição de bola do goleiro.

O goleiro hoje... vidente [com visão normal] ele é praticamente 50% de um time. Porque a bola na mão dele, ele lançando bem, o cara dominando, ele tem muito mais chance de dominar e sair para o drible do que ele ter que ir buscar a bola. Então, uma coisa que eu exijo muito do goleiro é que ele lance precisamente em cima do atleta (Téc. 1).

[...] futebol para cegos, ele tem a questão da bola se perder com mais facilidade, o goleiro recupera essa bola e já tem o contra-ataque mais rápido tá? (Téc. 2).

[...] nós tamo sempre estudando as regras para tirar um benefício dela, né, por exemplo, é... o arremesso de goleiro, nós utilizamos bastante o arremesso do goleiro porque nós entendemos que você sair com a bola rapidamente lá pra frente é muito mais importante do que você sair curto (Téc. 4).

O arremesso do goleiro não é utilizado somente na transição. As equipes procuram usufruir da possibilidade que o goleiro tem de poder utilizar o sentido visual. Ele precisa utilizar essa vantagem em prol do grupo, melhorando seus lançamentos e tentando repor a bola o mais rápido possível.

2.7) AS CARACTERÍSTICAS DAS EQUIPES DE DESTAQUE

Para que as equipes consigam exercer os princípios da base regencial de maneira eficiente, os técnicos acreditam ser necessário criar um grupo coeso, em que a cooperação seja a palavra de ordem. Uma equipe de destaque é aquela em que os jogadores reconhecem suas características e as colocam em prol de um objetivo comum ao grupo, anterior aos objetivos individuais. Cooperar para que a interação de esforços se sobressaia ao talento individual.

Um grupo forte no sentido de que tenha a solidariedade de um com o outro né. O respeito de um com o outro. De que... e esses... além dessas características, que cada um tenha sua parte individual junto, colocar isso à disposição do grupo (Téc. 1).

eu tô vendo que evoluiu muito o futebol de cego que hoje ficou dinâmico é que uma equipe só, não depende só de um atleta. [...] posso dar um exemplo, nesse campeonato agora 2006, a gente sentiu que uma equipe, ela tem todas as qualidades, então ela tem que ter vários jogadores não só um que dec[ida].. né, que só faça gol, então tem que ter todos que saiba driblar né, fazer gol e desarmar a equipe (Téc. 3).

Também é desejado que as equipes tenham um bom domínio do patrimônio tático-técnico da modalidade. Elas devem se preparar para utilizarem esse patrimônio de diversas maneiras, variando de acordo com a imprevisibilidade do jogo, diante da situação da partida e das características da equipe adversária.

A análise demonstra que o treinamento é valorizado como meio para o desenvolvimento das equipes e seus jogadores. A aquisição das virtudes atribuídas às equipes de destaque é conseguida com muito empenho e dedicação nos treinos, corrigindo possíveis falhas e melhorando ainda mais as virtudes apresentadas.

A equipe tem que conhecer suas limitações e seus pontos fortes e a partir daí estar ciente de que, diminuir as limitações são fundamentais né, e incrementar os pontos fortes também é fundamental. Então você trabalha em função dessas coisas específicas porque, nenhuma equipe é perfeita. Então você vai atrás de corrigir os seus defeitos e aprimorar o que você tem de bom (Téc. 2).

O Téc. 2 também cita a utilização de dinâmicas de grupo para melhorar a comunicação com seus jogadores e conhecê-los melhor, para com isso melhorar as relações e o ambiente da equipe. Tais dinâmicas visam construir em conjunto uma avaliação do time, discutindo suas virtudes e defeitos e conscientizando os jogadores sobre isso.

Muita dinâmica de grupo com esses meninos! Né, tem que conversar muito com a equipe, trabalhar: Ó gente, o quê que tá hoje, sendo ruim na nossa equipe? [...] O grupo todo tar ciente de tar envolvido, envolvido na questão de, eu tenho que corrigir isso ou eu tenho que melhorar aquilo. [...] Converso pessoalmente, um por um para... Ó gente e aí, oh João, o quê que tá melhor hoje, o quê que a gente pode melhorar [...] eles têm que tomar conhecimento das suas limitações e isso só mesmo através de muito trabalho (Téc. 2).

Ao trabalhar a conscientização dos atletas em relação às características da própria equipe o técnico desenvolve a compreensão que eles têm do jogo. Estratégia descentralizadora que dá aos jogadores a possibilidade de serem ouvidos e de construírem em conjunto, potencializando a cooperação na equipe.

Jogo 3
*LEITURA DO JOGO E
ESTRATÉGIAS TÁTICO-TÉCNICAS
NO FUTEBOL PARA CEGOS*

*A bola é som
É barulho.
Os guizos me guiam!
Me hipnotizam!
Ouvidos atentos
Me concentro nela
Tento escutar tudo
Até mesmo os segredos
Que ela murmura tão baixinho
Que não posso decifrar!*

OS SEGREDOS
MORATO, Márcio P.
(arquivo pessoal)

3.1) INTRODUÇÃO

A maioria das culturas atuais desenvolveu muito o sentido visual. É um sentido tão utilizado e valorizado nas sociedades contemporâneas que se apresenta como fator primordial com o qual as pessoas se relacionam com o meio e com os outros, aprendendo, experimentando, medindo e julgando:

[...] na civilização ocidental o “conhecer” faz-se com o “ver” e o “ver” é condição para o “conhecer”. Esta constatação pôs em evidência a situação da pessoa deficiente visual de pertencer a uma cultura na qual o “conhecer” confunde-se com uma forma de percepção que ela não dispõe; condição intensificada na sociedade de massas do século XX, onde tudo se mostra ao olhar e é produzido para ser visto (MASINI; 1996; p.39, grifos do autor).

As diferentes percepções das pessoas com deficiência visual, num mundo onde o sentido que lhes falta é muito valorizado, não lhes restringem de participar da construção do patrimônio histórico-cultural. O esporte é um dos fenômenos socioculturais mais relevantes da atualidade e por mais que a prática das pessoas com deficiência tenha demorado a se efetivar, hoje o esporte apresenta-se como aspecto facilitador da aceitação e reconhecimento social dessas pessoas, em vista da crescente divulgação de seus feitos.

O envolvimento e a prática das pessoas com deficiência em modalidades esportivas adaptadas às suas características peculiares questionam o conceito de incapacidade e dão lugar ao de potencialidade. Os caminhos ou estratégias utilizadas por essas pessoas para

lidarem com as situações-problemas encontradas nas modalidades coletivas, e mais especificamente no futebol para cegos, demonstra que a visão pode nos privar de muitas outras informações ocorridas nas partidas e que se pode aprender muito com esses diferentes caminhos.

As táticas e técnicas utilizadas para responder as demandas do futebol para cegos, são reconstruções do patrimônio cultural do fenômeno futebol dentro das capacidades perceptivas dos jogadores.

Compreender as estratégias utilizadas pelos jogadores de futebol para cegos para a execução das ações tático-técnicas, diante de suas diferentes percepções para a leitura do jogo, apresenta-se como o objetivo central desse texto. Para isso, parte-se do entendimento das ações tático-técnicas das modalidades esportivas coletivas, como um patrimônio histórico-cultural passível de transmissão de geração a geração. Patrimônio em constante fluxo de estruturação em virtude da busca de respostas às situações-problema, encontradas nos jogos desde as origens da existência de cada modalidade.

3.2) AS AÇÕES TÁTICO-TÉCNICAS

O antropólogo Marcel Mauss (2003) afirma que todo gesto corporal é uma técnica, pois é dotado de tradição e eficácia simbólica. A história da existência humana cria costumes e tradições, que são passadas de geração a geração e possuem sua significação para cada contexto cultural. Assim, ele equipara as técnicas corporais à outras técnicas humanas, como as técnicas de plantio, de cozimento, de adorno, dentre outras, corroborando sua eficácia simbólica em resposta a certas demandas da sociedade. Para ele, as técnicas precisam ser tradicionais e apresentar eficácia simbólica, pois sem isso elas não existiriam e não haveria transmissão.

A significação dada pelas diferentes culturas às técnicas que elas utilizam, influencia o modo como são transmitidas. As técnicas são modificadas historicamente pela mudança de significados atribuídos a elas. Até mesmo atos considerados naturais como nadar, andar, correr, dormir, são diferentes para cada cultura e época. São adaptados às características peculiares de cada indivíduo, mas "[...] comandados pela educação, e no mínimo pelas

circunstâncias da vida em comum, do convívio" (MAUSS, 2003, p.421), pois para o autor talvez não exista maneira natural no adulto.

Bento (1999, 2004) acredita que a educação apenas pode adquirir eficácia tomando por base processos de apropriação de técnicas relevantes para a inserção no contexto social. Ler, escrever, se comunicar, contar, jogar, dentre outras, são técnicas imprescindíveis para a inserção social e para a estruturação da cognição e emoção em formas tipicamente culturais. "Na lista das técnicas merecedoras de aquisição é curial registrar também as desportivas, isto é, as técnicas de lidar desportivamente com a corporalidade" (BENTO, 2004, p.75). Para o autor, a educação física e o esporte assumem importantes papéis de socialização.

As técnicas esportivas vêm sendo herdadas há muitos anos. Para Daolio (2002), a área de educação física e esporte considera a dimensão técnica tradicionalmente de maneira instrumental, utilizando os eficientes gestos realizados pelos atletas de alto nível como padrões de correção. Qualquer outra forma de execução que se diferencie deste padrão é subvalorizada ou considerada errada.

As publicações da área durante a década de 1980 davam ênfase ao ensinamento do gesto técnico específico de cada modalidade. Modelo apoiado nas concepções tradicionais de ensino (SCAGLIA, 1999). Tal fato pode ser vislumbrado na definição dada por Teodorescu (1984) à dimensão técnica nas modalidades esportivas coletivas como “[...] o conjunto de hábitos motores e específicos utilizados com o objetivo da prática do jogo com máxima eficiência” (p.28). Apesar de o referido autor ter sido um grande marco para o ensinamento das modalidades coletivas, ao começar a identificar semelhanças entre elas, sua definição de técnica corrobora e predispõe a “instrumentalização”.

Nesse sentido, Bayer (1994) dá um salto qualitativo em relação à Teodorescu (1984) quando define a técnica

[...] em relação a cada uma das especialidades encaradas todo um repertório motor de gestos próprios a esta especialidade, fruto da história e da evolução de cada desporto coletivo, para constituir o patrimônio. Faz apelo, portanto, a experiência acumulada e enriquecida continuamente por gerações precedentes de desportistas (p. 164).

Ele reconhece a herança histórico-cultural da técnica e a importância do seu significado em cada contexto.

As técnicas esportivas, além de influenciadas pelas regras específicas de cada modalidade, também respondem a uma necessidade tática, própria do jogo. A questão do passe pode ser citada para exemplificar. O objetivo do passe é a entrega da posse de bola a um companheiro de equipe, mas nem por isso o passe é sempre feito da mesma forma. Se o companheiro está longe, o passe é mais forte, se está perto, mais fraco. Se o companheiro está livre é feito de forma diferente de quando ele está marcado. É o como fazer (técnicas) aliado às razões do fazer (táticas) (GARGANTA, 1995). Para esse autor, a tática é o problema fundamental a ser tratado nas modalidades esportivas coletivas e a técnica deve responder a isso, já que o domínio de diferentes técnicas não dá acesso ao bom jogo.

É essa necessidade de interpretação do momento do jogo que regula as ações dos jogadores. A expressão individual da tática é a maneira de compreender a dinâmica do jogo e resolver os problemas encontrados de acordo com a possibilidade de cada um (BAYER, 1994). Mesmo que as técnicas consideradas mais eficientes pela tradição de cada modalidade não sejam usadas, a solução encontrada para o problema posto, pode ser eficaz, pelo alcance do objetivo proposto.

Assim, a técnica surge pela necessidade tática dentro de padrões estabelecidos pelas regras. Se os jogadores não passarem por esta necessidade, ou não tiverem essa necessidade, a utilização da técnica fica sem sentido. São os questionamentos que os sujeitos fazem para si mesmos, que trazem a ação externa para seu mundo interior (FREIRE, 1996). Esse vem sendo o ponto chave para a crítica de alguns autores à escola tecnicista: a falta de significado da necessidade do uso do gesto técnico. Simplesmente fazer e repetir um gesto que historicamente e culturalmente é classificado como o mais eficiente, é muito diferente e aquém do significado atribuído à própria descoberta da necessidade de seu uso.

Daolio (2002), em crítica a instrumentalização da dimensão técnica, sugere o que ele denominou de modelo pendular para o ensino das modalidades coletivas, como uma possível alternativa à hegemonia do ensino tecnicista (Fig. 3.1).

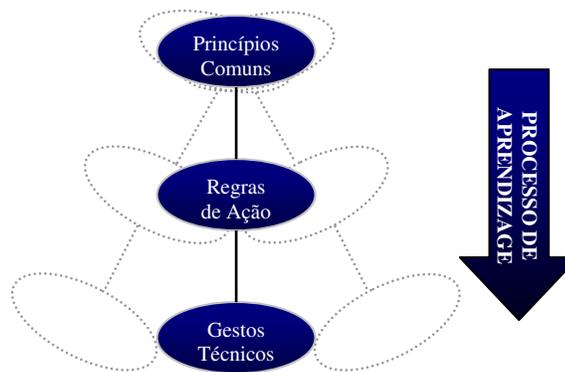


Fig. 3.1 – O modelo pendular (DAOLIO, 2002).
Baseado nas idéias de Bayer (1994).

Segundo o autor, o ensino deve se iniciar pelos princípios que gerem a dinâmica de movimentação das equipes e de seus jogadores, comuns a todas as modalidades. São seis princípios enunciados por Bayer (1994), três ofensivos e três defensivos. Princípios não hierárquicos, nem lineares, diante da complexa relação de interação/oposição entre as equipes. No ataque, conservar a posse de bola, progredir em direção ao alvo adversário e finalizar, buscando o ponto ou gol. Na defesa, proteger o alvo/campo, impedir a progressão adversária e recuperar a posse da bola. A compreensão desses princípios deve ser a base do pêndulo.

Na região intermediária do pêndulo têm-se as regras de ação, responsáveis pela interligação entre as razões do fazer e o como fazer. Elas são atos de gestão de escolhas, reguladas pela necessidade de interpretação do momento do jogo e dependentes do meio físico (onde se joga); de como jogam ou estão jogando as equipes; do posicionamento, organização e movimentação dos outros jogadores; e do que as regras do jogo permitem.

Por fim, na extremidade distal do pêndulo, os gestos técnicos tipificados por modalidade. Daolio (2002) destaca que a técnica estará sempre presente durante todo o processo de ensino-aprendizagem, mas deve ser enfatizada somente após os princípios comuns e as regras de ação.

Com o pêndulo em balanço, os gestos técnicos apresentam um movimento maior que as regras de ação que, por sua vez, se movimentam mais que os princípios operacionais, que, por serem comuns e básicos às modalidades esportivas coletivas, praticamente não se movem (DAOLIO, 2002, p. 102).

Assim, a leitura do jogo, passa a ser primordial em relação às execuções do jogo. Inverte-se o processo, iniciando-se pela compreensão do jogo e não pelo aprimoramento de suas

técnicas. Principalmente porque para a criação de todo um patrimônio já existente de técnicas e táticas das modalidades e, especificamente do futebol, como é o caso, existiu todo um processo de construção cultural de descoberta de respostas para o jogo. Processo que vem sendo construído e resignificado desde as origens da modalidade por vários atores e em diversificados contextos.

Talvez a maior diferença dos aprendizes de hoje em relação aos aprendizes de ontem, repouse na possibilidade dos aprendizes de hoje terem à sua disposição, um patrimônio deixado pelos de ontem. Gestos que se tornaram tradições tidas como modelos para as gerações mais recentes. Até mesmo o futebol para cegos, por mais recente que seja, já possui um patrimônio passível de transmissão e, indubitavelmente, influenciado pelo fenômeno futebol.

Nesse sentido, as técnicas utilizadas pelos jogadores de futebol para cegos não podem ser consideradas somente como gestos específicos de tal modalidade, vão além disso. Elas são dotadas de tradição e eficácia simbólica, já que são criadas dentro de um contexto onde são significadas. As regras específicas cerceiam sua criação e a tática de jogo é o fator potencial e delimitador da necessidade de construção e de uso de cada técnica.

3.3) A LEITURA DO JOGO

O jogador precisa interpretar o jogo diante da complexa rede de informações originadas na prática das modalidades coletivas. Precisa interpretá-lo para escolher uma resposta coerente a cada momento e situação vivenciada. A capacidade perceptiva e a tomada de decisão são cruciais nesse sentido (GRAÇA, 1995). Para isso o jogador deve identificar o problema, percebendo e analisando a situação; elaborar uma solução mental, julgada mais adequada dentro de suas possibilidades; e executar a ação motora em resposta ao problema. Deve estar atento e concentrado ao recolher as informações para saber distinguir o fundamental do acessório, facilitando a avaliação do problema (TAVARES, 1995).

Para Bayer (1994) existem algumas modalidades de percepção de capital importância para a interpretação das informações nas modalidades coletivas: a propriocepção para identificar o estado de tensão do sistema muscular e para a localização espacial dos segmentos corporais; o sentido tátil – ter uma mão e um pé inteligentes, segundo o autor – para o domínio de

bola e o contato com os outros jogadores; a audição, para recolher as informações verbais e facilitar a percepção temporal das ações; o equilíbrio, pelos canais semicirculares do aparelho vestibular, para facilitar os deslocamentos no espaço de jogo; e a visão, responsável por sustentar o pensamento tático (BAYER, 1994; TAVARES, 1995). O sentido visual permite apreciar a velocidade e o deslocamento da bola, as ações dos outros jogadores e a identificar os espaços livres no terreno de jogo para orientar as ações do praticante.

A visão é considerada o canal sensorial primário para a extensão do ser humano além de seu próprio corpo. É mediador de outras impressões sensoriais e age como estabilizador entre a pessoa e o mundo exterior, produzindo a maior quantidade de aprendizagem incidental (COBO et al., 2003; CRAFT, LIEBERMAN, 2004) pela observação de técnicas significantes para cada cultura (MAUSS, 2003).

No caso das pessoas cegas, não há aprendizagem incidental baseada no sentido visual e assim, a aprendizagem das técnicas e a construção do pensamento tático deve ser efetuado por outros caminhos, que não sejam por meio da visão. Mauss (2003) acredita que a destreza em realizar as técnicas de forma eficaz é dependente de um senso de adaptação de seus movimentos bem coordenados e objetivados à tarefa; uma facilidade de adaptação. Para ele a educação fundamental das técnicas consiste em fazer adaptar o corpo a seu uso.

É a educação da adaptabilidade do jogador às mudanças impostas pela situação, que deve ser exercitada nos jogos coletivos. E isso é fundamental no caso das pessoas cegas. Elas interpretam as informações no futebol de uma maneira adaptada às suas capacidades perceptivas.

A pessoa com deficiência representa um tipo de desenvolvimento qualitativamente diferente e único. “Se uma criança cega ou surda atinge o mesmo nível de desenvolvimento de uma criança normal, ela o faz de outra maneira, por outro percurso, por outros meios” (SACKS, 1995, p.17). O autor fica fascinado no papel paradoxal que distúrbios, doenças e deficiências têm para revelar poderes latentes, evoluções, formas de vida que talvez nunca fossem vistos ou imaginados se estes não existissem. Ele sublinha o “potencial criativo” que as pessoas têm para se adaptarem. São pessoas diferentes que constroem um mundo e uma identidade completamente diferente. Por serem diferentes, não há como compará-las a outras pessoas, muito menos inferiorizá-las, pois sua norma de referência é outra. Para o autor, a adaptação perpassa por uma reformulação da identidade de forma fluida e dinâmica.

Fato interessante e revelador neste aspecto é um caso relatado por ele, de um de seus pacientes. Virgil era cego desde a infância em virtude de densas cataratas em seus olhos²⁸ e após uma cirurgia bem sucedida, depois de adulto, pôde voltar a enxergar. Mas ver para ele não fazia sentido. Ele podia enxergar, mas não entendia o que estava vendo. Sentia falta do toque da bengala para se locomover. Estava tão adaptado à cegueira que para entender o que via precisava tocar; precisava usar um outro sentido que lhe dava maior segurança, ao qual ele estava mais adaptado. O que a princípio poderia parecer fácil, pois a maioria das pessoas pode enxergar e isto é uma norma, para ele não era. Sua norma de referência era a cegueira e o que poderia parecer uma dádiva para muitos, que tem a visão como referência, se transformou em maldição para Virgil.

Sacks (1995), baseado em Diderot (1979), defende que as pessoas cegas podem construir um mundo completo e suficiente a sua maneira, ter uma “[...] identidade cega completa e nenhum sentimento de incapacidade ou inadequação, e que o ‘problema’ de sua cegueira e o desejo de curá-la é nosso, não deles” (p.152).

Nós, com a totalidade dos sentidos, vivemos no espaço e no tempo; os cegos vivem num mundo só de tempo. Porque os cegos constroem seus mundos a partir de seqüências de impressões (táteis, auditivas, olfativas) e não sendo capazes, como as pessoas com visão, de uma percepção visual simultânea, de conhecer uma cena visual instantânea (SACKS, 1995, p. 138).

A percepção da pessoa cega em relação ao ambiente que a cerca não é conhecida pelos objetos que passaram por ela, mas pelo tempo que esteve em movimento e pelas informações/sensações obtidas nesse ínterim.

A orientação espacial é alcançada pela utilização da audição, do aparelho vestibular, do tato, da consciência cinestésica, do olfato e da visão residual nos casos em que ainda se encontram alguma percepção luminosa ou de vulto (FELIPE, FELIPPE, 1997).

O tato é o sentido que reside por todo o corpo, por toda a superfície da pele. Desempenha para a pessoa cega, assim como a audição, um meio de inestimável importância para o reconhecimento do ambiente. Seu âmbito de atuação é bem proximal e parcial, não vai

²⁸ Opacidade parcial ou total do cristalino, ou da sua membrana, que impede a chegada dos raios luminosos à retina.

além da pele, diferentemente da visão que pode perceber espaços muito distantes e facilita a globalização da informação (COBO et al., 2003).

A audição apresenta papel triplo na cegueira: proporciona informação do meio, auxilia na orientação espacial e fornece dados para uma orientação independente pelo ambiente (COBO et al., 2003). A percepção de outras pessoas só é possível quando elas tocam a pessoa cega, falam ou fazem barulho, ou emitem característico odor. Elas estão em movimento, vem e vão, aparecem do nada, desaparecem; são temporais.

A Orientação & Mobilidade, ciência no campo da motricidade humana que tem como foco a locomoção e a orientação espaço-temporal de pessoas com deficiência visual, apresenta alguns conceitos básicos a serem desenvolvidos pela pessoa cega (informação verbal)²⁹:

- Conhecer a si mesmo e o próprio corpo, para poder se relacionar com o ambiente;
- Determinar o sentido e a direção do deslocamento, saber de onde parte e para onde vai;
- Conseguir medir temporalmente a distância entre o ponto de partida e o de chegada;
- Estar atento a possíveis pistas ou pontos de referência (táteis, sonoros ou olfativos) no trajeto;
- Construir um mapa mental do(s) espaço(s) em que se desloca, para facilitar a interpretação das distâncias a percorrer, saber o que vai encontrar à frente e qual sua localização num dado momento.

As características peculiares das pessoas cegas demonstram os diferentes caminhos que elas utilizam para interpretar e lerem o jogo de futebol, re-significando o fenômeno de acordo com suas potencialidades.

²⁹ Antônio Menescal em palestra sobre Orientação & Mobilidade na Faculdade de Educação Física da Unicamp.

3.4) AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS JOGADORES

A não utilização da informação visual³⁰ dá ao futebol para cegos uma dinâmica única, baseada em uma leitura de jogo construída pela percepção auditiva e cinestésica. Fato que pressupõe um entendimento tático-técnico diferenciado e a necessidade da criação de estratégias que dêem suporte a isso.

Para se localizarem em quadra, os jogadores procuram imaginá-la mentalmente, construindo tal imagem a partir de pontos referenciais não mutáveis, ou seja, que permaneçam no mesmo local do início ao fim do jogo. Geralmente as referências utilizadas para a construção do mapa mental de quadra são previstas em regra. Assim, elas são semelhantes em qualquer que seja a quadra de jogo. As referências mais utilizadas são os orientadores (goleiro, chamador e técnico) que têm suas áreas de atuação (terços de orientação) e as bandas laterais, que percorrem todas as linhas laterais de quadra.

[...] o dv [pessoa com deficiência visual], ele sabe onde ele tá. Ele tando na quadra ele sabe onde ele tá. [...] Ele sabe que ele tá... se ele ouve a voz do goleiro adversário ele sabe se tá longe do gol, se tá perto. Se ele ouve a nossa voz, a voz de nosso goleiro ele sabe se tá longe ou se tá perto, ele... nem precisa falar, as vezes ele mesmo sabe aonde que ele tá dentro de quadra, né. Às vezes ele tem a noção completa. Ah! peraí, eu tô a uns 5 metros da banda, eu tô a 10 metros da banda, eu tô a 10 metros do gol. Ele sabe mais ou menos... ele sabe essa... essa distância. O ouvido já te da essa distância [...]. Ele já faz a... a medida da distância né. O próprio ouvido do deficiente, que é o que ele depende muito (Jog. 2).

Construir uma imagem da quadra, que seja acessível ao próprio jogador e não distorcida da sua realidade, pode propiciar um avançado domínio espaço-temporal, dando segurança e facilitando seu deslocamento.

A utilização de maquetes da quadra durante a aprendizagem pode auxiliar a construção do mapa mental pelo jogador. Elas possibilitam a globalização da informação. As referências não sonoras (traves e bandas laterais, por exemplo), que necessitam de certa proximidade para serem identificadas pelo tato, são inseridas dentro do contexto global pela utilização da maquete e se unem às referências sonoras para a orientação espacial quando em situação de jogo.

³⁰ Exceção feita aos goleiros.

Conhecer a quadra em tamanho reduzido pode facilitar a transferência para a situação real. Porém, tal transferência é dependente do treinamento no espaço específico de jogo.

[...] existe alguns exercícios, aqueles exercícios que você, que o..., que a pessoa que tá lhe orientando, o técnico, que tá falando assim: vai para esquerda de ataque, esquerda de defesa, meio do, da quadra, defesa central. E acho que através desses deslocamentos que você fica fazendo meio que robotizado, você consegue buscar com o tempo uma... uma localização né, dentro daquele espaço, que te possibilita saber onde você se encontra (Jog. 1).

Com a imagem da quadra em mente as referências sonoras (distais) e cinestésicas (proximais) se apresentam como foco de orientação e permitem ao jogador a realização dos princípios ofensivos e defensivos do jogo.

Em se tratando de referências sonoras, o som da bola é sem dúvida o maior motivo das ações dos jogadores. Com a equipe em condição defensiva, saber onde ela está é fator primordial para a defesa da meta. Ao ouvir a bola os defensores se posicionam para impedir a progressão adversária, tentando recuperá-la do adversário que a tem sob controle e organizando a cobertura, caso um defensor falhe no primeiro combate.

Nas ações ofensivas a bola é referência para as ações tático-técnicas, como a condução, o passe e a recepção, além da movimentação dos atacantes sem a posse de bola que se orientam por ela para buscarem melhores condições de finalização, se apresentando como opção de passe ao parceiro que a tem sob controle.

Não procuro chegar estourando com ele [adversário], eu procuro tá correndo do lado dele e na hora que eu sinto que ele adiantou a bola eu boto o pé e tiro de lado a bola e pego na banda primeiro do que ele (Jog. 3).

[...] a gente percebe também quando o atleta tá com a bola e tá indo de encontro ao gol pra fazer o gol né, e como a bola tá vindo de encontro a gente já sabe mesmo que é nosso adversário... ai a gente pega e chama nossos companheiros e fica se comunicando um com o outro dentro da quadra (Jog. 5).

Além do som da bola, a regra do *voy* (ou regra de disputa de bola) origina outra referência sonora utilizada pelos jogadores para a leitura do jogo. Tal regra obriga que o defensor se identifique quando vai combater o atacante com posse de bola. O defensor se identifica pronunciando a palavra *voy* ou outra palavra similar (*go*, *vou*). Ouvir o *voy* se torna um estímulo

para a escolha de resposta à situação-problema encontrada, tanto em ações defensivas como também em ofensivas.

Quando o adversário fala o voy, você sabe onde ele tá. Ele tá na minha frente, peraí! Se ele falou voy para minha esquerda então eu vou dar um giro para direita e vou embora. Se ele falou um voy na minha direita, opa! Vou dar um giro para esquerda e vou embora. E se ele tá na frente, peraí, dá para mim passar por ele e... ou então eu toco a bola, se tiver mais de um adversário, se tem dois ou três adversários falando voy, eu toco a bola no meu ala contrário. Ele vai tá sozinho logicamente, se tem três comigo, um, eu calculo que esteja lá na frente, os outros... o meu ala contrário tá sozinho (Jog. 2).

[...] pelo fato de falar o voy quando vai dar o combate, por exemplo, os outros colegas da equipe já sabem que tem alguém na bola da equipe e se eu perder essa bola eu já falo, passou, muito rapidamente para que o colega tenha percepção e vá marcar logo em seguida e cê já ganha tempo na cobertura (Jog. 4).

Outra referência utilizada é o barulho emitido pelos jogadores ao se deslocarem. Ouvir os passos da corrida dos adversários permite localizá-los em quadra. Essas referências sonoras podem estar em estreita relação com as referências cinestésicas, pois são mais proximais que as outras referências sonoras já citadas.

Além do contato corporal, a percepção cinestésica mais evidenciada foi a sensação proporcionada pelo deslocamento de ar produzido quando os jogadores se movimentam. Tal sensação permite a identificação do oponente mesmo que ele não faça barulho.

Também o bater de pés a gente percebe, a corrida, o deslocamento do ar quando a pessoa passa na sua frente e você percebe também, pelo deslocamento do ar por causa da pessoa tar passando, mas virtualmente pelas orientações que uns trocam com os outros dentro da quadra mesmo (Jog. 4).

É pela mesma forma como o deslocamento, as referências sonoras, que eles fazem quando se dirigem a bola eles produzem som, tanto na corrida como falando, como falando voy, por exemplo, esse é um ponto, e tem a noção... você percebe pelo deslocamento do ar. É a mesma coisa se você fecha o olho e vai na direção de uma parede, você percebe que muda o som muda por conta do deslocamento do vento então, é sei lá, você pode chamar isso de noção de espaço mas são as duas maneiras da gente perceber o adversário (Jog. 6).

Sendo a audição o sentido mais utilizado pelos jogadores de futebol para cegos na leitura do jogo, a comunicação entre as equipes auxilia neste fim. Ela é embasada na estruturação coletiva adotada por cada equipe, o que facilita a identificação dos companheiros em quadra pelo conhecimento das funções que eles exercem no sistema tático do time. Ouvir os parceiros e falar com eles, contribui para o exercício dos princípios da base regencial. Os

orientadores (goleiro, técnico, chamador) dão informações acerca do posicionamento adversário, além de servirem como pontos de referência para a orientação espacial em quadra. Mesmo a comunicação dos adversários, que não tem por finalidade orientar a equipe contrária, acaba servindo para este fim, pois também podem se tornar pontos de referência e auxiliar na interpretação da situação de jogo.

Conhecer bem as características e preferências dos parceiros e a função de cada um no sistema tático da equipe, facilita o entrosamento e, conseqüentemente, requer um nível reduzido de comunicação nas ações ofensivas. Conhecer também o adversário e saber quem é ele apresenta-se como um trunfo para a antecipação da jogada na escolha de estratégias mais adequadas para marcá-lo, em virtude das diferentes características de cada um. O reconhecimento da voz dos jogadores também é um fator importante para a orientação.

[...] eu peço muito para o goleiro falar quem tá na bola, para poder saber o jeito que eu vou marcar, o espaço que eu vou dar para ele ou não, entendeu? Então é isso que eu faço. É... porque cada um jogador tem uma característica. Tem uns que se você encostar você vai tomar o drible mais fácil, tem outros que não! Essa também... esse também é um diferencial que a gente procura tar sempre vendo. [...] Porque cada um tem que ficar num... determinado espaço da quadra para receber a bola. Um, um pouco a frente, outro um pouco atrás para pegar a bola e dar aquela arrancada, outro já à frente para pegar e dominar e bater logo, rápido pro gol. Então a gente conhece essas características com o decorrer do tempo. Então o tempo que nos ensinou isso (Jog. 3).

Uma é a questão de conhecer o jogador e saber a posição que ele joga, isso já é meio caminho andado, como, por exemplo, se eu dominar na direita, invariavelmente eu sei que vai ter alguém descendo pela esquerda eu vou tocar (Jog. 6).

De acordo com o processamento das informações obtidas pelos canais auditivos e cinestésicos, os jogadores percebem e analisam a situação-problema à sua maneira, desenvolvendo suas próprias estratégias para a execução das ações motoras em resposta a cada situação. Nessa fase, a capacidade perceptiva do jogador auxilia na distinção entre os estímulos fundamentais e acessórios, orientando-os na avaliação do problema e na tomada de decisão para a escolha da ação a ser executada.

Os dados evidenciaram a necessidade da ligação entre o como fazer (técnicas) e as razões do fazer (táticas). A interpretação do jogo leva à criação e ao desenvolvimento da técnica, significando-a. Tal fato corrobora com as críticas aos métodos tecnicistas de ensino e sua falta de significado da utilização dos gestos técnicos específicos das modalidades coletivas.

A condução de bola

Uma estratégia muito evidenciada nos discursos dos entrevistados para a condução é a necessidade de manter a bola em constante contato com os pés. Diferentemente do futebol convencional, no qual a bola é conduzida com toques à frente perdendo-se o contato com os pés, no futebol para cegos isso não é possível. Cada toque à frente seria uma nova situação-problema para reencontrar e dominar a bola. Já em constante contato com ela, os jogadores podem desenvolver as jogadas com mais facilidade e rapidez, pois isso permite que eles prestem atenção a outros estímulos sonoros, também importantes para a leitura do jogo e para a tomada de decisão.

É porque você tendo a bola entre os pés, você vai ter domínio dela com certeza e você com o domínio, você não precisa se preocupar mais com o som da bola, porque a bola já tá em seus domínios. Você tem que se preocupar com o som da bola antes da bola chegar em você. Até ela chegar em você, você se preocupa com o som dela, depois quando você dominou e você conduz ela entre os pés, você pode se despreocupar daquilo e começar a se preocupar com outras coisas, outros a gentes dentro da quadra (Jog. 1).

A bola é conduzida pela face medial dos pés com toques de um lado para o outro durante a corrida. Os jogadores costumam deixar a bola ligeiramente à frente de seus pés e durante a corrida, a perna que está na fase aérea é levada à frente e conduz a bola em direção à outra perna. Quando a perna de condução toca o solo, entrando na fase de sustentação, a perna que estava atrás entra na fase aérea, passa à frente e entra em contato com a bola para direcioná-la novamente à outra perna, reiniciando o ciclo (Fig. 3.2). Se por ventura os jogadores começarem a perder o contato com a bola, eles pisam nela, param e reiniciam a condução.

Conduzir em uma única direção pode facilitar a identificação da trajetória da bola e, com isso, a intervenção adversária. Para dificultar a ação dos defensores, os atacantes utilizam a estratégia de conduzir em ziguezague ao avançar em direção à meta oposta.

Um dos entrevistados acredita que conduzir em velocidade dificulta a ação dos defensores, pois ao passar por eles com a bola, os defensores terão que girar para persegui-lo, fato que lhe daria uma breve vantagem. A alteração de velocidade e direção na condução se apresenta também como uma opção para o drible.



Fig. 3.2 – A condução de frente.
FOTOS: Reginaldo Castro. Arquivo de divulgação – CBDC.

Para a condução de costas, os jogadores pisam sobre a bola e vão puxando-a com a sola dos pés (Fig. 3.3). Ela é mais lenta que a condução de frente, porém proporciona maior proteção de bola já que os jogadores ficam entre a bola e o adversário.



Fig. 3.3 – A condução de costas.
FOTOS: Reginaldo Castro. Arquivo de divulgação – CBDC.

O passe

Foram citados três tipos de passe³¹:

- Passe de chapa (executado com a face medial do pé) – é tido como o passe de maior precisão pela maior superfície de contato do pé com a bola;
- Passe de bico (realizado com a região anterior do pé) – diminui a precisão pela menor superfície de contato e dificulta a calibragem da força;
- Passe alto (tocando na parte inferior da bola para que ela suba) – dificulta a audição da bola, pois ela não faz barulho na fase aérea. Porém, ao quicar no solo, o som da bola é potencializado pelo chacoalhar dos guizos, facilitando sua identificação pelos jogadores. É utilizado contra equipes que jogam recuadas, para que a bola passe por cima da primeira linha defensiva (Fig. 3.4).

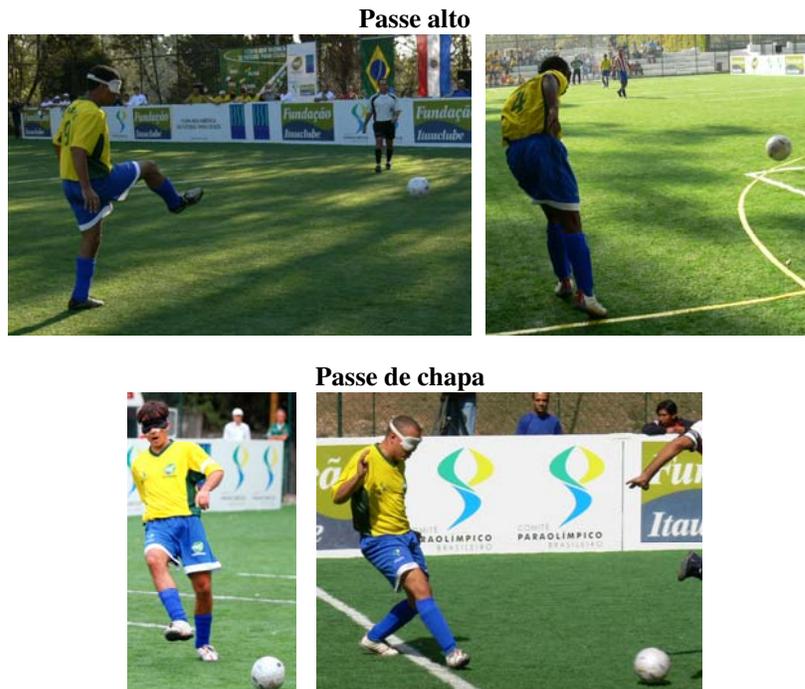


Fig. 3.4 – O passe.

FOTOS: Reginaldo Castro. Arquivo de divulgação – CBDC.

³¹ A denominação utilizada pelos entrevistados para descrever os tipos de passe é corriqueira na cultura futebolística nacional. Fato ocorrido também na denominação utilizada no drible e na finalização.

A realização do passe no futebol para cegos encontra dois tipos de situação-problema. O primeiro está relacionado aos parceiros que irão receber a bola e o outro, aos adversários que tentarão interceptá-la.

Em relação ao parceiro, o problema encontrado é tentar fazer o cálculo da velocidade de seu deslocamento, quando ele não está parado para receber o passe.

O passe é algo extremamente complicado dentro do futebol. Mas, com um pouquinho de treino e... muita atenção, você consegue acertar, porque! Porque o que acontece no passe: você tá em deslocamento e a pessoa para quem você vai passar a bola, provavelmente também está em deslocamento. Então você pode ouvir a pessoa pedir a bola é... num ponto x e quando você tocar a bola a pessoa tá num ponto $x+2$. Então é importantíssimo você além de saber é... além de você treinar o passe, você tem de saber é... qual a velocidade do deslocamento da pessoa para quem você tá tocando (Jog. 1).

Os adversários protagonizam o outro tipo de situação-problema encontrada. O adversário que está distante do executor do passe e não fala ou não faz barulho, não pode ser identificado, não está lá e se torna uma “barreira surpresa” que pode cortar o passe.

[...] quando você tem que dar o passe, você tem que saber aonde o jogador da sua equipe tá. Só que você, teria que necessariamente para acertar o passe, que saber aonde o jogador da equipe adversária também está né, para evitar. [...] o jogador adversário apesar de muitas vezes ser uma barreira, ele pode ou não pegar essa bola e seu companheiro, provavelmente vai receber essa bola numa condição melhor de jogo do que a sua (Téc. 2).

Apesar dessas dificuldades, os entrevistados acreditam nessa ação tático-técnica como o diferencial da modalidade. Fazer a bola circular pode cansar o oponente e desestruturar seu posicionamento tático, já que as equipes utilizam um sistema defensivo baseado em coberturas³² e isso pode deixar um parceiro em melhores condições de finalização. Além disso, o adversário que poderia ser uma barreira a princípio, pode não conseguir interceptar a bola e assim ela chegaria até os parceiros. E segundo os entrevistados, tais dificuldades podem ser amenizadas pelo treinamento.

Alguns jogadores preferem chamar seus parceiros para realizar o passe (caso eles não peçam a bola antes) para poderem se orientar pela voz dos companheiros. Outros já preferem não se comunicar muito. Como sua comunicação também serve de referência para os oponentes,

³² Sempre vão pelo menos dois defensores combater o atacante com posse de bola. O defensor mais próximo dá o primeiro combate e o outro faz sua cobertura.

falar pouco quando em posse de bola, pode dificultar a identificação de seus posicionamentos pelos defensores, o que lhes daria uma pequena vantagem em relação ao tempo de reação dos jogadores adversários.

Um reduzido nível de verbalização nas ações ofensivas é conseguido com uma boa orientação espaço-temporal somada ao conhecimento das características de seus parceiros: suas funções, onde eles jogam, como se deslocam, onde gostam de receber o passe e como gostam de recebê-lo. Além disso, a utilização de jogadas pré-estabelecidas pelas equipes também visa diminuir a verbalização.

Mas então, eu procuro bastante tar... é a noção do espaço da quadra é, isso que é o lance do meu passe. Porque normalmente eu sei aonde que o NOME tá ou que o NOME tá, normalmente eles ficam em local diferente. Então quando tá um na quadra você tem que dar o passe mais na frente e quando está o outro na quadra você tem que dar o passe mais atrás (Jog. 3).

A recepção

A atenção e a concentração para focalizar a percepção auditiva no som produzido pela bola é a grande estratégia utilizada pelos jogadores para recepcioná-la.

Como a bola faz pouco barulho ou nem mesmo faz barulho quando em fase aérea, as estratégias para a recepção se resumem ao solo. A identificação da trajetória da bola conduz o posicionamento dos membros inferiores na preparação para o contato com ela (Fig. 3.5).

Então, a recepção é importante você prestar atenção onde a bola tá vindo e, eu uso como técnica para buscar uma boa recepção, fazer estilo aquele pé de pato, que aí você ocupa mais espaço no chão e... aí, onde a bola tocar no seu pé, você vai atrás dela para fazer o domínio e poder trabalhar é... dar segmento à jogada (Jog. 1).

O barulho em quadra às vezes atrapalha a audição da trajetória da bola, o que dificulta identificar um ponto preciso para recepcioná-la. Com isso os jogadores utilizam uma técnica que visa aumentar a área de contato para recebê-la. Eles denominam tal técnica de pé-de-pato. Ela consiste na rotação lateral dos joelhos, com aproximação dos calcanhares. Para impedir que a bola passe entre as pernas, a distância entre elas deve ser menor que o diâmetro da bola.



Fig. 3.5 – A recepção.

FOTOS: Reginaldo Castro. Arquivo de divulgação – CBDC.

Alguns entrevistados esperam um primeiro contato da bola com seus membros inferiores para depois irem à busca dela. Outros preferem ir de encontro à bola para dominá-la, fato que aumenta a distância entre eles e seus adversários, aumentando também o tempo de tomada de decisão antes do combate adversário.

Um dos entrevistados prefere receber a bola somente com um pé e outro cita a banda lateral como facilitadora da recepção.

O drible

Como os defensores orientam-se principalmente pelo som da bola para a realização dos princípios defensivos, o driblar no futebol para cegos, é confundir o adversário com tal som, utilizando paradas bruscas, mudanças de direção e variação da velocidade de condução da bola. Quanto mais o atacante alterar a trajetória da bola, maior a dificuldade da identificação de sua posição e da antecipação da jogada pelo defensor (Fig. 3.6).

Os entrevistados citaram três tipos de drible corriqueiramente utilizados:

- O drible em “L” – ir em direção ao adversário e fazer uma curva para direita ou esquerda;
- A ginga ou balanço – levar a bola para um lado, parar repentinamente pisando nela e mudar de direção, levando a bola para o outro lado. Esse balançar pode se repetir por quantas vezes o jogador julgar necessário.
- O giro – os jogadores fazem a proteção de bola dando as costas para o adversário, posicionando-se como uma barreira entre o oponente e a bola. O defensor não consegue alcançar a bola e o atacante gira ao redor do oponente, puxando a bola com a sola do pé (condução de costas). Ainda em relação ao giro pôde-se evidenciar uma variação desta estratégia: o atacante, também de costas para o adversário, joga a bola por entre as pernas do oponente, gira sem bola e a pega atrás do defensor.

O drible... é muito individual né. Tem gente que dá drible... em "L", por exemplo, pega a bola, sai reto e depois faz uma vira... uma curva de cent... de 90° para direita ou para esquerda. Eu particularmente gosto de trabalhar aquela finta mesmo, joga para esquerda, joga para direita, e sai para esquerda. [...] Tem gente que já joga a bola... mais de costas, mas eu acho que o drible mais bonito mesmo é esse que você balança o adversário para um lado e para o outro e sai pelo lado que você tem mais habilidade, no meu caso é o lado esquerdo (Jog. 4).





Fig. 3.6 – O drible e a proteção de bola.
FOTOS: Reginaldo Castro. Arquivo de divulgação – CBDC.

Alguns entrevistados atribuíram um conceito de plasticidade e beleza ao drible, refletindo aspectos corriqueiros e valorizados pela cultura futebolística nacional.

A finalização

Técnicas de finalização a gol com a bola em fase aérea como o cabeceio, por exemplo, não são corriqueiras no futebol para cegos. Como as características do jogo fazem com que os jogadores trabalhem a bola frequentemente no solo, o chute a gol é a técnica mais utilizada para tal fim (Fig. 3.7).

Foram evidenciadas três formas de chutar, denominadas da seguinte maneira pelos entrevistados:

- Chute de bico (realizado com a face anterior do pé; região dos dedos);
- Chute de chapa (executado com a face medial do pé);
- Chute de peito de pé (com a região antero-medial do pé).

Chute de bico



Chute de chapa



Chute de peito de pé



Fig. 3.7 – O chute a gol.
FOTOS: Reginaldo Castro. Arquivo de divulgação – CBDC.

Cada jogador tem preferência por um determinado tipo de chute. Mas a escolha por cada um deles também é dependente do momento do jogo e das características do goleiro adversário, passadas previamente pelo técnico.

De posse das informações sobre o goleiro rival, os jogadores podem se adequar para finalizar com bolas rasteiras ou altas, de acordo com a dificuldade ou falha que o goleiro apresenta. Para finalizar rasteiro, os jogadores procuram acertar a parte superior da bola. E para as finalizações altas, eles procuram acertar a parte central ou inferior da bola.

O goleiro que cai mais o objetivo é jogar pra cima. O goleiro que às vezes é muito grande não cabe, o objetivo é jogar a bola rasteira e aí se eu vou chutar alto, vou chutar de peito; vou chutar rasteiro, chapa (Jog. 6).

A preparação para o chute começa a ser feita na condução. Na fase de passar a bola de um pé ao outro durante a condução, os jogadores já ajustam a bola para o chute. Isso faz com que seu pé de apoio fique próximo à bola, direcionando o pé de chute e proporcionando o equilíbrio para tal.

A função de orientação ofensiva realizada pelo chamador é referência para o direcionamento dos chutes. A voz do goleiro adversário e principalmente a própria orientação espacial do jogador também auxiliam no direcionamento da finalização.

No futebol para cegos, a finalização de longa distância não é corriqueira. A qualidade dos goleiros e a restrição de sua área de atuação fazem com que os jogadores prefiram chegar mais próximo da meta adversária para finalizar. Pela distância entre o finalizador e o goleiro ser quase sempre reduzida, um dos entrevistados acredita que o chute potente dificulta a ação do goleiro, por diminuir seu tempo de reação. O mesmo entrevistado também acredita que o fato do jogador cego não ter a possibilidade de olhar onde vai chutar, dificulta que o goleiro antecipe a jogada.

A pessoa que enxerga, olha a diferença, a pessoa que enxerga, ela telegrafia antes de bater para o lado, por quê? Ela tem que tá vendo o lado que o goleiro não tá. O deficiente não, ele não teria. Ele manda o petardo para gol e a maioria das vezes o chamador orienta né, mas quando não orienta, ele manda o petardo para gol, se a bola entrar!... Como é muito forte o chute do deficiente, pela bola ser um pouco mais pesada, é 520g, se não me engano, é um chute que sai muito... com muita potência né. Então o cara..., o chute a queima roupa com muita potência, não tem goleiro que pegue né. Ainda mais que ele não tá vendo o lado que vai bater (Jog. 2).

As estratégias tático-técnicas descritas nesse estudo se apresentaram como reconstituições do patrimônio cultural do fenômeno futebol. Reconstruções que se tornaram modelos do patrimônio já existente no futebol para cegos, criadas e desenvolvidas pelos próprios personagens da modalidade.

Utilizá-las como padrão de correção pode cercear a criação de novas estratégias. Assim, elas devem significar e potencializar a aprendizagem das características específicas do jogo e não serem utilizadas como únicas formas de execução. Devem ser parte de um processo de ensino-aprendizagem e não um fim a ser alcançado. Mesmo porque tais estratégias citadas aqui

são oriundas dos dados coletados junto aos entrevistados e provavelmente outras estratégias são utilizadas por outros jogadores de futebol para cegos.

3.5) AS CARACTERÍSTICAS DOS JOGADORES DE DESTAQUE

Os dados evidenciaram algumas características que visam abarcar a especificidade do futebol para cegos e, portanto, são imprescindíveis para o jogador que pretende se destacar na modalidade: orientação e mobilidade, táticas e técnicas, condicionamento físico e liderança.

Uma orientação espacial bem desenvolvida permite ao jogador se situar por todo o espaço de jogo e se deslocar com segurança por ele. O jogador precisa desenvolver sua percepção auditiva e cinestésica para saber selecionar os estímulos mais significativos para sua ação, tais como o som da bola, as instruções recebidas e a identificação do posicionamento e movimentação dos jogadores parceiros e adversários.

Eu acho que primeiramente ele tem que ter a concentração suficiente para prestar atenção em várias coisas ao mesmo tempo é... a bola, é... quem tá orientando fora de quadra, o adversário, a sua localização dentro de quadra (Jog. 1).

O bom jogador de futebol de cinco, primeiro, ele tem que ter uma percepção auditiva muito boa, porque é fundamental para ele conseguir se deslocar corretamente em direção à bola (Téc. 2).

O desenvolvimento da capacidade perceptiva é necessário para a leitura do jogo. Ao aprender utilizar essa capacidade e conhecendo as características de sua equipe, o jogador coloca suas características à disposição do grupo, jogando em prol do objetivo coletivo e realizando manobras em conjunto com os parceiros, para dificultar as ações dos adversários.

É habilidade, é saber jogar em conjunto, com a equipe, escutar bem o orientador e o chamador e ajudar os companheiros na hora aí que o adversário tiver com a bola, e é isso aí (Jog. 5).

Deve também apresentar um nível satisfatório de domínio dos gestos táticos-técnicos específicos da modalidade para utilizá-los com consciência, respondendo de maneira criativa às situações-problema encontradas no decorrer do jogo.

Ah eu considero a agilidade uma característica importante, domínio, recepção, condução de bola, e obviamente a finalização (Jog. 6).

A dinâmica imposta ao jogo pela quase inexistente saída de bola pelas linhas laterais (em virtude da regra da banda lateral) pede jogadores bem condicionados fisicamente para suportar as demandas energéticas da partida. Alguns entrevistados consideram tal característica como a de maior importância para ser um jogador de destaque no futebol para cegos, julgando-a prioritária em relação a outras.

Acho que pontos fundamentais: visão de jogo, condicionamento físico e logicamente que, a parte técnica bem desenvolvida (Jog. 4).

Eu acho que ele tem que ter todos os fundamentos necessários. Ele tem que ter um bom passe, ele tem que ter uma boa recepção, uma boa condução e um bom chute e antes de ele ter tudo isso ele tem que ter uma boa condição física (Téc. 4).

Um dos entrevistados acredita que a principal característica de um jogador de destaque é apresentar controle emocional para liderar a equipe em momentos decisivos, passando tranquilidade aos outros jogadores.

É, um bom jogador de futebol de cinco, ele tem primeiro é, a principal é... No futebol normal né, a principal característica é tá bem psicologicamente. Isso é uma... uma qualidade que ele tem que ter, ele tem que passar, se ele for o destaque do time, se ele for a principal peça do time, ele tem que passar para time tranquilidade, por exemplo, igual meu time hoje, a gente tá na final, e, graças a Deus eu posso ser essa peça que dizem a peça chave do time, então eu tenho que passar para o time a minha tranquilidade, esse é o primeiro ponto (Jog. 2).

Independentemente dos métodos utilizados pelos diferentes treinadores, a aquisição das virtudes atribuídas a um jogador de destaque é conseguida pela vontade em aprender e aperfeiçoar. Pelo empenho e dedicação aos treinamentos, corrigindo possíveis falhas e melhorando ainda mais suas virtudes, além da abdicção de alguns comportamentos considerados prejudiciais à melhoria do desempenho, como a bebida alcoólica, por exemplo.

É, eu acho que principalmente muito treino, muito treino dentro de quadra, é... uma boa pessoa para instruir esse atleta e eu acho que muita vontade também né, de aprender né, de desenvolver o esporte (Jog. 1).

Então, é muito trabalho com recepção de bola, muito trabalho com condução de bola, muito trabalho com chute a gol, muito trabalho com posicionamento dentro de quadra né, noção de tempo e espaço, tá certo? (Téc. 2).

Ficou evidenciado a importância da instrução para a aquisição das características citadas. Nesse ponto o técnico/professor aparece como diferencial pela fala dos entrevistados.

Apesar disso alguns entrevistados acreditam que algumas pessoas possuem um dom ou certos pré-requisitos inatos para o bom desempenho no jogo de futebol. Tal dom facilita o aprendizado e pode ser aperfeiçoado com o treinamento. Porém, um dos entrevistados não acredita no aprendizado dos não dotados.

Ah, eu acho que eu particularmente penso que é nato né, a pessoa acho que tem, nasce com o dom, e é obvio que ela desenvolve isso agora se a pessoa não tem o dom infelizmente não tem como aprender não (Jog. 6).

O embate entre talento e aprendizagem evidencia-se pela fala desse entrevistado. Toda a sua aprendizagem citada em outras perguntas parece ser esquecida em detrimento do dom que acredita ter. Aprender pode estar ao alcance de todos, mas aprender bem determinado assunto ou habilidade, pode ser para poucos. A diferença deve recair nesse ponto, entre aprender a fazer e ter facilidade para aprender algo, se destacando ao fazê-lo. E não na incapacidade de aprender, pois a aprendizagem é uma característica inerente a todo ser humano.

Já a fala de outro entrevistado pôde demonstrar que a ausência do estímulo visual não impediu o desenvolvimento da aprendizagem incidental. O patrimônio tático-técnico da modalidade foi absorvido por outros meios, por referenciais não visuais, que influenciaram seu aprendizado. O contato com outros jogadores e a possibilidade de participar de eventos esportivos permitiu que ele construísse suas próprias estratégias a partir da captação das estratégias dos outros.

Na verdade você vai..., você vai captando várias formas de jogar, várias técnicas, para você formar a sua. É igual opinião. Você vai coletando várias opiniões para você formar a sua. Você nunca... isso a gente nunca forma uma opinião sem conhecer as outras, né. E assim é o estilo de jogar também. Então eu vejo aquele jogador, como que ele conduz a bola? Rápido! Então peraí, eu também tenho que conduzir rápido, porque o dele, o jeito dele é eficiente... Como que ele faz para conduzir a bola? Entre os pés. A bola, ele tem

a... ele conduz com muita técnica, ele gira, ele faz isso, faz aquilo. Então você vai pegando um pouquinho de cada um e montando, e montando o seu futebol. Foi assim que eu iniciei. Pegando um pouquinho de cada um, a experiência de cada um e montando meu próprio futebol que hoje as pessoas, alguns atletas pegam como exemplo, como eu peguei dos outros (Jog. 2).

Em relação aos jogadores que adquirem a cegueira no decorrer de sua vida, a fala de outro entrevistado é esclarecedora em relação à mudança de padrões de referenciais.

Meu ídolo no esporte é Romário, a categoria que ele tem ... é isso aí. [...] Oh... eu enxergava, eu via ele jogando eu sempre gostei muito do futebol dele eu ... a habilidade que ele tem mas entender o que ele fazia eu nem consigo mais, as vezes eu... é isso (Jog 5).

As imagens visuais vão sendo perdidas com o tempo, dependendo da experiência de cada um, e a aprendizagem é adaptada a outros referenciais que, por sua vez, são esquecidos ou deixados de lado quando a visão ainda é funcional e que passam a ser desenvolvidos com a ausência dela. Isso demonstra a capacidade adaptativa do ser humano, o potencial criativo descrito por Sacks (1995).

Bate-bola

*No princípio um sonho
 No sonho a escolha
 Na escolha a dúvida
 Na dúvida a decisão
 Na decisão um caminho
 No caminho a dedicação
 Na dedicação o aprendizado
 No aprendizado o crescimento
 No crescimento a luz
 Na luz...
 Um novo começo!*

A LUZ
 MORATO, Márcio P.
 (arquivo pessoal)

Neste capítulo, tomamos a liberdade de escrever na primeira pessoa do plural para realizarmos um “bate-bola” que visa sintetizar as idéias apresentadas pelo texto.

Até o presente momento, o estudo foi narrado de dentro para fora, em terceira pessoa, como se as próprias páginas e palavras falassem conosco³³. Agora, no que tradicionalmente chamamos de considerações finais, o *nós*, em voz uníssona de pesquisador, orientador e colaboradores se apresenta para deixar o *ele* à parte. Um *nós* que olha de fora para dentro e, assim, proporciona o exercício de reflexão sobre *nosso* estudo. Um falar *dele* e não por *ele*. Um olhar para *nós* mesmos, enquanto mediadores do processo de construção deste estudo. Uma reflexão do processo que gerou *nosso* produto e da importância que *ele* teve para cada um de *nós*, além do desejo que temos de que *ele* também seja importante para outras pessoas. De que possa ser motivo para outros processos.

Assim, a Fig. B.1 ilustra nosso ponto de partida. O referencial que nos orientou, a base de nosso estudo.

Partimos da idéia de que a convivência dos humanos em sociedades cria hábitos e costumes que orientam e significam suas relações. Uma teia de significados tecida pela história de suas próprias práticas sociais. Práticas diversas que dão origem a fenômenos culturais distintos para cada cultura. Dentre os distintos fenômenos culturais está o esporte, considerado por muitos autores como um dos maiores fenômenos da atualidade.

As diferentes culturas possibilitam a prática do esporte em inúmeros contextos e para diversos personagens. A vasta amplitude de possibilidades de prática esportiva vem

³³ Exceção feita ao subitem da PRELEÇÃO – O enlace entre o pesquisador e o tema – também narrado em primeira pessoa.

proporcionando ao longo da existência da humanidade o desenvolvimento de muitas modalidades.



Fig. B.1 – O referencial teórico do estudo.

A disseminação das modalidades esportivas por todo o mundo proporcionou a institucionalização e unificação de suas regras e uma conseqüente universalização de suas práticas. Assim, muitas delas se tornaram tradicionais e atualmente são praticadas por diferentes culturas, mas recebem significados distintos por cada uma delas.

Dentre as diversas modalidades esportivas hoje tradicionais, se encontram as modalidades coletivas. Elas pressupõem um esforço conjunto de toda a equipe para darem conta da dinâmica específica de cada jogo. Por mais que as diferentes modalidades coletivas apresentem certos princípios comuns entre elas (base regencial e invariantes), a especificidade de cada modalidade é delimitada pelas regras que elas adotam.

As regras das modalidades coletivas orientam a estruturação das equipes e a dinâmica de relação entre adversários. Respaldados pela estratégia coletiva da sua equipe, cada jogador interpreta as situações-problema encontradas no jogo de acordo com sua capacidade perceptiva. Cada um lê o jogo a sua maneira.

A leitura das situações-problema encontradas no jogo faz com que os jogadores criem estratégias de resolução baseadas no como fazer e nas razões desse fazer. Assim surgem as

táticas e as técnicas das modalidades esportivas coletivas, que realimentam o patrimônio dos fenômenos esportivos e influenciam a dinâmica cultural das sociedades.

De posse desse referencial construído durante todo nosso processo de formação, começaram a surgir dúvidas diante da experiência profissional com pessoas com deficiência visual. Dúvidas estas, associadas ao modo como essas pessoas lidam com toda a dinâmica das modalidades coletivas, mais especificamente em relação ao futebol para cegos:

- Quais os contextos e os personagens mediadores do desenvolvimento e prática dessa modalidade?
- Como se dá a estruturação coletiva das equipes?
- Quais as estratégias tático-técnicas utilizadas pelos jogadores diante de suas diferentes percepções?

Tais dúvidas nortearam todo o desenrolar da pesquisa e inclusive nosso plano de redação. Como cada aspecto norteador estava relacionado a cada um dos lados de nosso triângulo referencial (Fig. B.1), nos propomos a escrever a dissertação em formato de artigos, sendo cada capítulo um artigo, referente a um dos nortes da pesquisa. Para a introdução do leitor à essa forma de redação, fizemos um capítulo explicativo inicial.

Cada capítulo apresentou certa autonomia, mas a origem única assegurou a interdependência e a inter-relação entre eles, como partes de um mesmo sistema complexo.

Assim, no *Jogo 1 – CONTEXTOS E PERSONAGENS NO DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL PARA CEGOS* – pudemos refletir sobre o ciclo de mediação cultural no futebol para cegos (Fig. B.2).

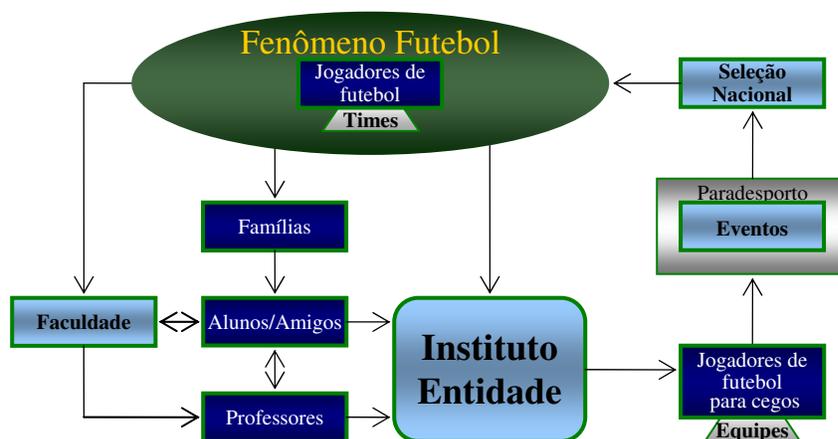


Fig. B.2 – O ciclo de mediação cultural no futebol para cegos.

O fenômeno futebol vivenciado e dramatizado no Brasil, produz uma intrigante relação de religiosidade entre os times e seus torcedores. Essa relação possibilita a transformação dos jogadores prediletos em ídolos do esporte, realimentando o fenômeno.

O fenômeno chega até a academia, aos cursos de educação física do país e também às famílias dos torcedores, influenciando suas dinâmicas de vida.

Os profissionais vindos das faculdades são levados por amigos aos institutos especializados no atendimento de pessoas com deficiência. As crianças e adolescentes com deficiência chegam aos institutos/entidades munidos da bagagem futebolística adquirida no convívio social. No instituto, professores e alunos também se deparam com a influência do fenômeno futebol e interagem entre si por intermédio do fenômeno.

A simbiose alunos/professores/fenômeno, forma jogadores de futebol para cegos e cria equipes que participam de eventos no movimento paradesportivo, onde existe grande troca de experiências que contribuem para a aprendizagem e aperfeiçoamento dos alunos/jogadores.

Aqueles que se destacam nos eventos são convocados para a seleção nacional e representam a nação em eventos internacionais, voltando a interferir no fenômeno futebol e dando início a um novo ciclo de interminável fluxo de retro alimentação.

O Jogo 2 – *ESTRUTURAÇÃO COLETIVA NO FUTEBOL PARA CEGOS* – centrou foco nas equipes e em suas estratégias para o exercício da base regencial das modalidades coletivas (Fig. B.3).



Fig. B.3 – O exercício da base regencial pelas equipes.

A ausência do estímulo visual impõe o desenvolvimento de estratégias de comunicação para a estruturação coletiva das equipes, pois a exacerbação da verbalização pode aumentar o barulho em quadra e dificultar a audição dos jogadores. Em vista dessa necessidade, as equipes desenvolvem estratégias de comunicação baseadas na padronização de termos, na descentralização e na personalização, para auxiliar a leitura do jogo pelo jogador sem atrapalhar a audição de outros referenciais sonoros no momento da instrução.

Os sistemas táticos utilizados pelas equipes (3-1, 2-2, 2-1-1, 4-0) dão sentido à sua comunicação e a sustentam, pois a filtragem da informação verbal recebida é dependente da função exercida por cada jogador dentro do sistema adotado.

Para a realização dos princípios ofensivos, as equipes desenvolvem jogadas pré-estabelecidas e aperfeiçoam o patrimônio tático-técnico da modalidade para terem condições de variar seu jogo, conforme as características da equipe adversária e também da situação da partida.

Defensivamente, as equipes centram sua organização na movimentação da bola, caracterizando a defesa por zona. Tal organização possibilita a realização de coberturas, pois a marcação individual é considerada ineficiente.

Na transição entre os pólos defensivo e ofensivo, as equipes procuram se utilizar do sentido visual do goleiro, que com lançamentos rápidos, tenta surpreender o sistema defensivo adversário, o qual pode estar desestruturado pela ausência de alguns defensores que ainda não retornaram da meia quadra ofensiva.

No Jogo 3 – *LEITURA DO JOGO E ESTRATÉGIAS TÁTICO-TÉCNICAS NO FUTEBOL PARA CEGOS* – constatamos que as ações tático-técnicas utilizadas pelos jogadores são reconstruções do patrimônio existente do fenômeno futebol, pois, tal patrimônio é base para as adaptações que visam abarcar as características específicas da modalidade.

Para a leitura do jogo, os jogadores constroem um mapa mental da quadra a partir de referenciais sonoros e cinestésicos (Fig. B.4). Tal imagem mental permite que eles se localizem pelo espaço de jogo, tomando como base os pontos referenciais fixos previstos em regra: bandas laterais e terços de orientação (goleiros, chamadores e técnicos).

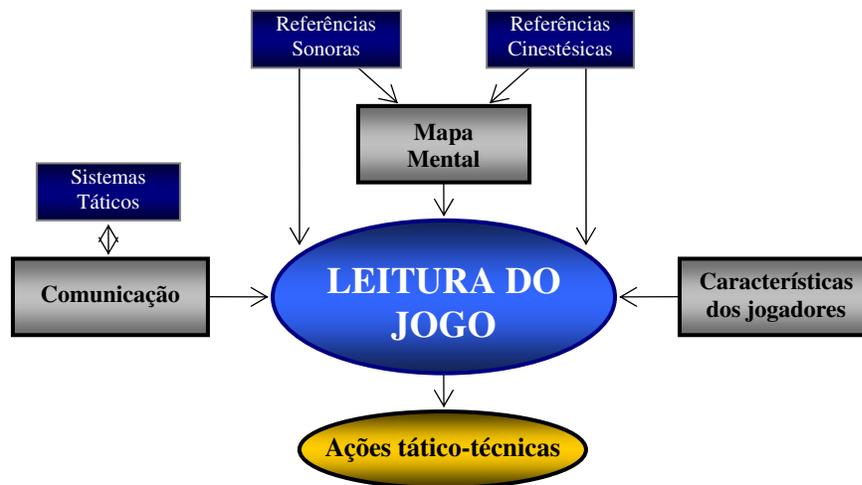


Fig. B.4 – As estratégias usadas pelos jogadores.

Juntamente com as referências sonoras e cinestésicas, a comunicação entre os elementos da equipe, auxilia a leitura do jogo ao permitir a localização dos referenciais móveis (jogadores). Toda comunicação é orientada pelo sistema tático adotado pelas equipes. Fato que possibilita uma maior previsão do posicionamento dos parceiros. A comunicação adversária também é utilizada para tal fim. Estar atento aos adversários, permite identificá-los em quadra e isso pode facilitar a antecipação das jogadas.

Outra estratégia que os jogadores entrevistados utilizam, é tentar conhecer as características dos outros jogadores, tanto parceiros quanto adversários. Isso permite, por exemplo, saber como e onde o companheiro prefere receber a bola, ou então como marcar os oponentes: fechando o lado em que eles são mais hábeis, chegando mais próximos ou dando mais espaço ao adversário.

De posse das informações obtidas pela leitura do jogo, o jogador as processa de acordo com sua capacidade perceptiva e seleciona as estratégias tático-técnicas que julga necessárias para resolver a situação problema em que se encontra.

Esse exercício de reflexão nos ajuda a valorizar o processo em detrimento do produto. Não que o produto seja dispensável, não é isso! Aliás, longe de nós pensarmos algo

nesta direção. Pois, fosse assim, a ciência não faria sentido e, além disso, os produtos são e provavelmente sempre serão, a origem de muitos processos.

Esse estudo (o produto do processo de mestrado) é um marco. É datado e possui início meio e fim. É temporal. Mas as transformações que *ele* proporciona em *nós*, são atemporais. Elas nunca se findarão, pois suscitam outras dúvidas que tendem a nos levar a outros processos e, conseqüentemente, a futuras transformações.

O exercício de reflexão nos demonstra que o aprendizado obtido com o mestrado, vai muito além das palavras descritas nessas páginas. Um aprendizado incorporado, absorvido por nossa pele. Voltar ao princípio, nos permitiu significar todo o processo e a luz que dele emergiu. Luz capaz de nos apresentar um novo começo. De nos mostrar que a chegada nada mais é que um novo ponto de partida.

E assim sonhamos...

Sonhamos que o futebol para cegos possa ser difundido para além do paradesporto, das pessoas com deficiência visual e daquelas que compartilham sua cultura. Sonhamos que esse estudo possa auxiliar essa difusão e que possa ser o início de outros processos.

Sonhamos que todos nós possamos aprender um pouco mais com a “escuridão”!

Sonhamos que todos nós possamos aprender um pouco mais com as diferenças!

E ao sonhar percebemos que um novo princípio se aproxima! Pois os sonhos são o princípio da busca... São o princípio da luz!

Referências

*Cum elas nói aprendi
Cum elas nói pódi contá
O que num dá pá nói fazê
É isquece di citá*

AS REFERENSA
MORATO, Márcio P.
(arquivo pessoal)

ACKERMAN, Diane. *Uma história natural dos sentidos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

ADAMS, Ronald C. *Jogos e exercícios para o deficiente físico*. São Paulo: Manole, 1985.

ALMEIDA, José J. G.; CONDE, Antônio J. M. Metodologia aplicada ao deficiente visual. In: BRASIL, Ministério da Educação. *Caderno texto de curso de capacitação de professores multiplicadores em educação física adaptada*. Brasília: MEC; SEESP, 2002.

ARAÚJO, Paulo F. *Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade*. Brasília: Ministério da educação e do Desporto/INDESP, 1998.

BALBINO, Hermes F. *Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas*. 2001, 142f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

_____. *Pedagogia do treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos*. 2005, 287f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAYER, Claude. *O ensino dos desportos coletivos*. Lisboa: Dinalivro, 1994.

BENTO, Jorge O. *Desporto: discurso e substância*. Campo das Letras: Porto, 2004.

BENTO, Jorge O; GARCIA, Rui; GRAÇA, Amândio. *Contextos da pedagogia do desporto: perspectivas e problemáticas*. Livros Horizonte: Lisboa, 1999.

BOTA, Ioan; COLIBABA-EVULET, Dumitru. *Jogos desportivos coletivos: teoria e metodologia*. Lisboa, Instituto Piaget, 2001.

- BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 2. ed. rev. Ijuí: Unijuí, 2003.
- BYINGTON, Carlos. A riqueza simbólica do futebol. In: *Psicologia Atual*, São Paulo, v.5, n.25, p. 20-32, 1982.
- CAMARGO, Wagner X. *O universo desportivo de cegos e deficientes visuais: uma interpretação*. 1999, 147f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- CONFEDERAÇÃO brasileira de desportos para cegos (CBDC). Disponível em: <<http://www.cbdc.org.br>>. Acesso em: 16 out. 2006.
- COBO Ana D.; RODRÍGUEZ, Manuel G.; BUENO, Salvador T. Desenvolvimento cognitivo e deficiência visual. In: MARTÍN, Manuel B.; BUENO, Salvador T. (Coords.). *Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos*. São Paulo: Santos, 2003.
- CRAFT, Diane H.; LIEBERMAN, Lauren. Deficiência visual e surdez. In: WINNICK, Joseph P. (Ed.). *Educação física e esportes adaptados*. Barueri: Manole, 2004.
- DAMATTA, Roberto. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
- DAOLIO, Jocimar. *Cultura Educação Física e Futebol*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- _____. As Contradições do Futebol Brasileiro. In: CARRANO, Paulo.C.R. (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- _____. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. In: *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v.10, n. 4, p. 99-104, out 2002.
- DIDEROT, Denis. *Lettre sur les aveugles*. Paris: Durand, 1749 apud SACKS, Oliver W. *Um antropólogo em marte: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- DURHAM, Eunice. R. A dinâmica cultural na sociedade moderna. *Ensaio de Opinião*, v.4, p 32-35, 1977.
- FELIPE, João A. de M.; FELIPPE, Vera L. R. *Orientação e Mobilidade*. São Paulo: Laramara, 1997.

FONTES, Mário S. Futebol de cinco para cegos. In: CASTELLI, Dolvair P.; FONTES, Mário S. *Futebol paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física*. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

FREIRE, João B. Esporte Educacional. In: BARBIERI César. A.; BITTAR, Ari F. et. al. (Orgs.) *Esporte educacional: uma proposta renovada*. Recife: Universidade de Pernambuco, ESEF, MEE-INDESP, 1996.

_____. *Pedagogia do futebol*. Campinas: Autores Associados, 2003.

GARGANTA, Júlio. Para uma Teoria dos Jogos Desportivos Coletivos. In: GRAÇA, Amândio; OLIVEIRA, José (Eds.). *O ensino dos jogos desportivos*. 2. ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GRAÇA, Amândio. Os comos e os quandos no ensino dos jogos. In: GRAÇA, Amândio; OLIVEIRA, José (Eds.). *O ensino dos jogos desportivos*. 2. ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.

_____. O modelo de competência nos jogos de invasão. In: *Seminário de educação física escolar: educação física e o ensino fundamental*, VII, 2003, São Paulo, Anais... São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte – Universidade de São Paulo, 2003, p. 17-24.

INTERNATIONAL blind sports federation (IBSA). Disponível em: <<http://ibsa.es>>. Acesso em: 20 out. 2006.

ITANI, Daniela E. *Futebol de cinco: um esporte possível para cegos*. 2004, 90f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LEAL FILHO, Benedito F. *História do desporto para cegos no Brasil*. 1996, 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MASINI, Elcie F.S. A experiência perceptiva, o corpo e a pessoa deficiente visual. In: *Cadernos de Psicologia*, São Paulo, n.1, p. 39-44, 1996.

MATARUNA, Leonardo; OLIVEIRA FILHO, Ciro W.; FONTES, Mário S.; ALMEIDA, José J. G. Inclusão social: esporte para deficientes visuais. In: DaCOSTA, Lamartine (Org.) *Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MENESCAL, Antônio. A criança portadora de deficiência visual usando o seu corpo e descobrindo o mundo: atividades físicas e esportivas. In: MINISTÉRIO DO ESPORTE E TURISMO/ SECRETARIA NACIONAL DE ESPORTE. *Lazer, atividade física e esporte para portadores de deficiência*. Brasília: Sese-DN, 2001.

MORATO, Márcio P. Imergindo em um novo mundo: dezessete horas de cegueira adquirida. In: *Lecturas em Educacion Física e Deportes*. Buenos Aires, ano 10, n. 70, mar. de 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 14 abr. 2005.

_____. P. A dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos. In: DAOLIO, Jocimar (Org.) *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005.

PAES, Roberto R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE Jr., Dante de. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

SACKS, Oliver W. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTANA, Wilton C. de. *Futsal: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização*. Campinas: Autores Associados, 2004.

SCAGLIA, Alcides J. *O futebol que se aprende e o futebol que se ensina*. 1999, 242f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SENATORE, Vanilton. Paraolímpicos do futuro. In: CONDE, Antonio, J. M.; SOBRINHO, Pedro A. de S.; SENATORE, Vanilton. *Introdução ao movimento paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física*. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

SOUZA, Pablo R. C. Proposta de avaliação e metodologia para desenvolvimento do conhecimento tático em esportes coletivos: a exemplo do futsal. In: *I Prêmio INDESP de literatura esportiva*. Vol. 1, Brasília, 1999.

SOUZA, Ramon P. de. Futsal para cegos: uma proposta para a iniciação. In: *Revista Benjamin Constant*, Rio de Janeiro, ano 8, n. 22, p.3-6, ago de 2002.

STEFANE, Claudia A. Esporte adaptado, paraolimpíadas e olimpíadas especiais. In: DaCOSTA, Lamartine (Org.) *Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

TAVARES, Fernando. O processamento da informação nos jogos desportivos. In: GRAÇA, Amândio; OLIVEIRA, José (Eds.). *O ensino dos jogos desportivos*. 2. ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.

TEODORESCU, Leon. *Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos*. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K. *Métodos de pesquisa em atividade física*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

Anexo



**FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

☒ Caixa Postal 6111, 13083-970 Campinas, SP

☎ (0_19) 3788-8936

FAX (0_19) 3788-8925

🌐 www.fcm.unicamp.br/pesquisa/etica/index.html

✉ cep@fcm.unicamp.br

CEP, 23/08/05.
(Grupo III)

**PARECER PROJETO: Nº 371/2005
CAAE: 0174.0.146.000-05**

I-IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: "TÉCNICAS E TÁTICAS DO FUTEBOL DE CEGOS"

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Márcio Pereira Morato

INSTITUIÇÃO: Faculdade de Educação Física - FEF UNICAMP

APRESENTAÇÃO AO CEP: 08/07/2005

APRESENTAR RELATÓRIO EM: 23/08/06

II - OBJETIVOS

Descrever e analisar as características específicas do futebol de cegos, mais especificamente em relação a técnicas e táticas apresentadas pelos jogadores de equipes nacionais.

III - SUMÁRIO

Trata-se de estudo qualitativo de caráter descritivo, baseado em entrevistas semi-estruturadas, a serem aplicadas a jogadores de futebol de cegos que integraram a seleção brasileira nos jogos Paraolímpicos de Atenas de 2004 e os integrantes da seleção que disputará o Pan Americano 2005, e os técnicos que já passaram ou não pela Seleção, mas que ainda dirigem equipes representativas a nível nacional. Esta definição de sujeitos de pesquisa tem como propósito selecionar, entre os praticantes de futebol de cegos, aqueles com maiores níveis de especialidade de experiência, para obtenção do objetivo inicial, de determinação das técnicas e táticas mais utilizadas nesta modalidade esportiva. As entrevistas serão aplicadas durante os eventos nacionais e regionais organizados pela ABCD (Associação Brasileira de Desporto para Cegos). As entrevistas, semiestruturadas, serão gravadas e transcritas literalmente para análise. Será realizado um projeto piloto, junto aos eventos da Federação Paulista de Desportos para cegos, que apresenta as mesmas características das competições da ABCD.

IV - COMENTÁRIOS DOS RELATORES

O projeto apresentado é claro, e não apresenta riscos aos sujeitos de pesquisa. O questionário a ser aplicado é de fácil compreensão, assim como o TCLE apresenta linguagem de fácil compreensão. Não há orçamento nem gastos previstos, e o material necessário será

disponibilizado pelo Laboratório de Atividade Motora (LAMA), vinculado ao Departamento de Atividade Motora Adaptada (DEAFA) da FEF/Unicamp.

V - PARECER DO CEP

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, após acatar os pareceres dos membros-relatores previamente designados para o presente caso e atendendo todos os dispositivos das Resoluções 196/96 e complementares, bem como ter aprovado o Termo do Consentimento Livre e Esclarecido, assim como todos os anexos incluídos na Pesquisa, resolve aprovar sem restrições o Protocolo de Pesquisa supracitado.

O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.

VI - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

~~O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).~~

Pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.1.z), exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade do regime oferecido a um dos grupos de pesquisa (Item V.3.).

O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4.). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, Item III.2.e)

Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos na Resolução CNS-MS 196/96.

VII - DATA DA REUNIÃO

Homologado na VIII Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 23 de agosto de 2005.


Prof. Dra. Carmen Silvia Bertuzzo
 PRESIDENTE DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
 FCM / UNICAMP

Apêndices

Apêndice A: Análises Inferenciais.

Jogo 1 – CONTEXTOS E PERSONAGENS NO DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL PARA CEGOS

Jogadores	Técnicos
<i>História no futebol; Ídolos no esporte; Influência no aprendizado;</i>	<i>História no futebol.</i>

Temáticas Enunciadas
INSTITUTO/ENTIDADE, PROFESSOR/TÉCNICO, AMIGOS, EVENTOS, FAMÍLIA, JOGADORES DE FUTEBOL, JOGADORES DE FUTEBOL PARA CEGOS, SELEÇÃO BRASILEIRA, FACULDADE.

HISTÓRIA: Conte-me um pouco da sua história no futebol – como começou a jogar e o que o levou a praticar o esporte?

JOG. 1**HISTÓRIA**

Eu comecei no instituto IBC, um colégio especial, né, um colégio que trabalha com pessoas com deficiência visual e... então uma vez o professor NOME tava... é, reunindo um grupo para jogar bola e ele tinha visto o esporte em outro lugar, não me recordo onde e então ele reuniu um grupo para jogar bola, para começar a treinar e aí eu entrei nesse grupo e aí eu já vinha jogando bola com os meninos antes né, com bola com saco plástico envolvido, sacola plástica envolvido na bola para fazer som, mas é, assim, com mais, com mais perfeição, com mais técnica, eu comecei né, a partir desse momento.

Essas brincadeiras que vocês faziam, era por conta própria ou tinha alguém que orientava?

Não, por conta própria sempre. A gente terminava o almoço, a gente ia jogar bola, intervalo né, recreio a gente tava jogando bola é, às vezes entre o café da manhã, entre o café da manhã e a aula a gente jogava bola também, era o tempo inteiro, né.

Análise dos Temas Enunciados

INSTITUTO/ENTIDADE: especialidade no atendimento aos DVs; pessoas (colegas) em condições semelhantes; possibilidades educacionais e de prática esportiva específica e adaptadas a sua realidade; segregação que neste aspecto apresenta-se de forma positiva;

PROFESSOR/TÉCNICO: importância na orientação e na mediação da aprendizagem da modalidade. Sua figura é atribuída ao treino, lugar da “técnica”, da “perfeição”, o que leva a inferir que havia uma seleção. Que era preciso certos pré-requisitos para fazer parte do grupo, do time. Fato que interfere na dinâmica de vida do entrevistado que é um dos selecionados e integra um grupo representativo de sua instituição.

AMIGOS: relacionados ao lazer, as horas de ócio (intervalo, recreio, depois do almoço ou café), sem deixar de lado as horas de companheirismo na dedicação aos treinos. Criação de jogos, de regras. Adaptação de materiais (bolas com saco plástico), fertilização da imaginação, da criação. Identificação e sentimento de pertença a um grupo.

JOG. 2**HISTÓRIA**

Bom, na verdade eu nem comecei no futebol, minha vida de atleta... eu comecei no atletismo em 2003, não, em 93 e... lá eu fiquei dois anos e daí, em 95, final de 95, eu fui fazer um jogo de meninos lá no São

Rafael, que é a escola que eu estudava e o treinador, que chegou a ser o treinador da seleção, campeão do mundo, o NOME, ele viu que eu tinha um pouquinho de... de técnica e que ele falou comigo que ele ia refinar essa técnica, técnica minha. Então em 96 ele já me deu a chance de disputar o primeiro, brasileiro, né da ADEVIBEL, então reserva, 16 anos e lá a gente, nós já nos sagramos campeões.

Só uma coisa essa escola era em Belo Horizonte?

Era, em Belo Horizonte. E lá nós nos sagramos campeões em Campina Verde. Então, em 97 eu já fui convocado para a seleção brasileira, para Copa América no Paraguai e daí, já veio essa... eu já tentei..., já nadei, eu fui nadador também, né. Fiz algum, fiz um ano e pouquinho de uma luta lá chamada Aikido, mas não é minha praia também. E então... ah, jogos de mesa eu já fiz, mas também não é minha praia. Então na natação lá eu alcancei até um índice para Pan-americano em 2001 e agora em 2005, mas sinceramente o futebol ele, até hoje né, ele é uma história, já tem uma história construída, então quer dizer, para mim hoje é, valeu muito essa iniciativa que ele deu para mim, essa força que ele deu para mim em 96. E hoje eu fiquei muito alegre, antes de ontem eu fiquei muito alegre quando um menino de Campos, ele chegou para mim falando que é meu fã. Então isso gratifica, isso te dá uma, uma alegria no trabalho que você faz, te dá uma força para trabalho que você faz, né. É sinal que ele não tá sendo tão mal feito. Então a gente fica gratificado, eu não penso em largar o futebol tão cedo.

Análise dos Temas Enunciados

INSTITUTO/ENTIDADE: início, possibilidade de prática, troca com semelhantes.

EVENTOS: Experiências afetivas, sócio-culturais e motoras diversificadas, principalmente pela passagem, vivência e também por certo nível de treinamento em outras modalidades (natação, atletismo, Aikido, jogos de mesa). Possibilidade de escolha pela modalidade preferida, o futebol, no caso.

SELEÇÃO BRASILEIRA: reconhecimento pelo que faz; ser visto e se tornar ídolo dos iniciantes; gratificação pela dedicação ao esporte.

PROFESSOR/TÉCNICO: acreditou no potencial do entrevistado, na sua predisposição inata para a prática do futebol, justificando sua predileção pela modalidade e valorização do trabalho do técnico na sua descoberta e orientação em relação às técnicas específicas da modalidade. Fato que possibilitou o desenvolvimento do entrevistado e que culminaram em convocações para a seleção nacional. Oportunidades que se transformaram em grande consideração do entrevistado pelo professor.

JOG. 3

HISTÓRIA

Eu comecei a jogar futebol há 12 anos atrás, né. Isso, o futebol jogado com essa bola, a bola com guizo né. E, na verdade, eu já brincava, vamos dizer assim, de bola desde os meus seis anos de idade, que eu via meus irmãos brincando e eles queriam que, assim como toda criança, também pudesse tar brincando com eles, daí a gente começou a criar... um chegou colocando a sacola na bola para ela fazer barulho para que eu pudesse estar jogando com eles e a gente via que tava dando certo e eu conseguia ouvir a bola e conseguia ficar me divertindo com eles. É... aí depois, quando eu tinha 11 anos, em 90, eu fui para Benjamim e aí eu comecei a brincar de bola com os meninos, com as crianças da minha idade e em 93, já com o prof. NOME lá, eu via os meninos lá treinando com essa bola que faz barulho e achava que ia ser muito mais fácil jogando com essa bola, porque ela fazia muito mais barulho do que a bola com sacola, né. E daí eu... fui lá uma vez e gostei e comecei ir várias vezes, mesmo os meninos que jogavam com o professor NOME, a maioria era muito mais velha do que eu. Eu tinha no caso, na época, 13 anos e a maioria tinha acima de 20 e eu apanhava bastante, mas era uma coisa que eu gostava de tar fazendo e eu ficava assim... viajando quando eu ouvia falar da história de que acontecia, que tinham realmente os campeonatos entre cegos né, que viajava para outros estados do Brasil, e eu ficava viajando, pensando que um dia eu pudesse estar dentro do, no caso, fazendo parte realmente da equipe do Benjamim e também estar podendo conhecendo o Brasil.

Análise dos Temas Enunciados

INSTITUTO/ENTIDADE: tratamento especializado; materiais e espaços próprios para a atividade; possibilidade de prática formalizada.

EVENTOS: possibilidade de viajar, de conhecer outros estados do Brasil. De fazer parte de um grupo, um time; um sentimento de pertença ao representar a sua instituição. Encontrar pessoas em condições semelhantes; troca de experiências; contatos diversificados.

PROFESSOR/TÉCNICO: especialização na modalidade; materiais específicos; treinamento. Possibilidade de aprendizagem com os mais experientes, mais velhos.

FAMÍLIA: início da prática (diversão, lazer), possibilitada pela criação de estratégias e materiais (bola envolta com sacola plástica) adaptados à realidade do entrevistado. Criação motivada pela compaixão dos irmãos em integrar o entrevistado em suas brincadeiras.

AMIGOS: semelhantes; possuíam interesses semelhantes (“minha idade”); parceiros do lazer.

JOG. 4

HISTÓRIA

Bom, eu comecei jogar no Instituto de Cegos Padre Chico, quando eu tinha oito anos de idade, que eu entrei lá. Desde a época que eu entrei eu já comecei a jogar com o pessoal mais velho. Disputei o 1º campeonato em 1984, pelo Padre Chico, era uma Copa São Paulo. A partir daí eu entrei no CESEC em 1987. A partir daí venho disputando campeonatos periodicamente, regionais, nacionais e internacionais. Sou campeão brasileiro, é ... campeão mundial, bicampeão Copa América, quatro vezes vice-campeão brasileiro [risos]. Alguns títulos de é... campeonato paradesportivo brasileiro, a gente tem dois, Copa dos Campeões, quando ela existia a gente foi bicampeão também, que era realizado pela... UNICEP. Enfim... minha participação em seleção, ela é muito oscilante né. Assim, tem época que eu tô, tem época que eu não tô convocado, mas é em virtude do Brasil ter um número grande de atletas. Acho que tá bom e com 34 anos, continuar aí jogando com a rapaziada na medida do possível.

E como você começou a praticar o futebol?

Ah, como eu disse foi no Instituto Padre Chico. Os colegas chamaram para ir jogar. A gente começa jogando lá atrás na defesa né, porque não sabe nada e então você sempre, eles... o pessoal põe você para jogar lá atrás. Por sorte eu... tinha um pouquinho de habilidade então, quem vai tendo habilidade acaba se destacando naturalmente, acaba melhorando a sua qualidade, acaba ganhando espaço. Isso em colégio é muito comum, muito normal né. E a partir daí entrei no CESEC quando ... o CESEC foi montado em 86, 87 eu vim pro CESEC e assumi minha posição de ala esquerda aonde eu gosto de jogar até hoje, mas a medida que o tempo vai passando você vai aprendendo a jogar em qualquer lugar. O técnico manda você tem que estar lá [risos]. Aí foi no Padre Chico, foi no Padre Chico que eu comecei realmente e lá atrás na defesa. Depois que eu fui ganhando espaço para melhorar e mudar de posição.

Análise dos Temas Enunciados

INSTITUTO/ENTIDADE: iniciação, desenvolvimento e especialização da prática na modalidade.

EVENTOS: lembrança de títulos. Experiências marcantes que são peças construtivas de sua história no esporte.

SELEÇÃO BRASILEIRA: dificuldade em integrá-la pela grande quantidade de atletas com qualidade no Brasil; a idade também aparece como justificativa diante desta dificuldade.

PROFESSOR/TÉCNICO: especialização e diversificação nas posições específicas da modalidade. Autoridade para exigir e cobrar o cumprimento de funções.

AMIGOS: influência para iniciar a prática. Reconhecimento e destaque por certa “habilidade” diferenciada do entrevistado em relação aos outros. Mudança de comportamento dos amigos para com ele, facilitando seu desenvolvimento pelas maiores e mais freqüentes oportunidades e experiências originadas por tal destaque.

JOG. 5

HISTÓRIA

Eu perdi minha visão com... em 91 né, aí passei dois anos em Belo Horizonte fazendo tratamento aí quando eu voltei pra Paraíba lá, no interior da Paraíba, aí eu não tendo mais chance de voltar a enxergar, aí tinha um instituto dos cegos em Campina grande, aí eu fui pra morar lá no instituto, lá tinha a prática do esporte, futsal, natação, aí eu comecei em Campina Grande ... em 94.

E começou só com o futebol ou com outra modalidades?

Com futsal e em 96 goalball , natação e futsal.

Análise dos Temas Enunciados

INSTITUTO/ENTIDADE: auxílio na reabilitação e para a adaptação à nova realidade. O esporte é peça importante nesse contexto de reabilitação aceitação da deficiência.

JOG. 6

HISTÓRIA

Na realidade eu comecei a jogar como a maioria das crianças brasileiras aí, quando muito pequeno e depois acabei ficando cego e só prossegui jogando a partir do momento que descobri que existia o futebol de cegos e sempre joguei porque eu gosto muito de futebol, na realidade é paixão da maior parte dos brasileiros né, e na verdade o amor ao futebol foi o que me levou sempre tanto a iniciar como a prosseguir a prática esportiva.

E como e onde você prosseguiu jogando?

No instituto Padre Chico, foi a escola que eu estudava que era uma escola especializada, uma escola específica de pessoas cegas.

Análise dos Temas Enunciados

INSTITUTO/ENTIDADE: possibilidade de descoberta da modalidade. A paixão pelo futebol e, mais precisamente sua prática, só pode ser continuada pela oportunidade encontrada no instituto.

TÉC. 1

HISTÓRIA

Eu comecei em 1986, por acaso né. Eu conheci uma pessoa que trabalhava comigo numa escola e ela me convidou para ir trabalhar e eu comecei e no início foi como guia de atletismo né. Aí eu fiquei durante um tempo como guia de atletismo e aí eles me falaram do futebol. Eu não tinha contato nenhum porque na época que eu fiz faculdade não tinha é... a educação física adaptada, essa disciplina. Eu nunca tinha tido contato nenhum. E aí eu entrei em contato com eles, eles me apresentaram, mostraram como que era as regras a bola e aí eu comecei o trabalho com eles. Meio assim... conhecendo, uma troca. Eles me passavam algumas coisas e eu ia aprendendo. Aí foi a 1ª competição. Aí você tem troca com outros técnicos e aí você vai pegando. Fui pegando algumas coisas da faculdade, do futebol que eu conhecia e comecei querer, colo... querer não, colocar, coloquei na parte de desenvolvimento deles [...] Então era, o trabalho durante os treinamentos e até porque era o início, era bem início memo do futsal, quem criava um pouco as formas de trabalhar eram nós. Tinha que usar da criatividade na hora, com o material que tivesse, porque a gente não tinha o número de bolas que tem hoje né, que são muito maiores. Eram poucas bolas e tendo que fazer... eu usava muito bola de borracha com saco, dentro de saco plástico para poder fazer

fundamento. Trabalhava muito com bola de borracha antes... colocava eles para atravessar a quadra com bola de borracha e aí era um problema, eles falavam: mas a gente vai perder a bola, com isso você tem que ter domínio. Então forçava muito isso... algumas coisas para provocar e era uma aprendizagem porque, é lógico que você comete muitos erros que aí depois você vai vendo que num dá mais, mas era um outro esporte, para mim eu falo que era um outro esporte do que a gente tem hoje, futebol de cinco aí.

Análise dos Temas Enunciados

INSTITUTO/ENTIDADE: local do primeiro contato, da descoberta da nova área e da possibilidade de crescimento na profissão.

EVENTOS: local de observação e troca de informações com técnicos de outras equipes e outros personagens do universo desportivo de pessoas cegas. Desenvolvimento e crescimento de competências para lidar com a modalidade.

FACULDADE: possibilidade de adaptação dos conteúdos aprendidos no curso para o futebol para cegos. Em sua época, o curso não oferecia a disciplina específica de educação física adaptada, fato que justifica o seu desconhecimento da área. Porém, auxiliado pelas informações dos jogadores e embasado em conteúdos diversos obtidos no curso, abusou da criatividade para montar os treinamentos.

JOGADORES DE FUTEBOL PARA CEGOS: apresentação da modalidade. Trocavam informações com o entrevistado para que ele pudesse entender o jogo que antes era desconhecido por ele. Iniciação às regras, reconhecimento de materiais e aprendizagem com os alunos.

AMIGO: convite e influência para entrar no movimento paradesportivo.

TÉC. 2

HISTÓRIA

Ok. É... em 88, no final de 88, um amigo meu, professor NOME, que foi técnico da seleção brasileira de futebol de cegos por muito tempo, ele tava começando um trabalho na ADEVIBEL, dois anos aproximadamente e me pediu para acompanhar os treinamentos e eu tinha acabado de formar né, eu formei no final de 86 é... e fui acompanhá-lo. Né, nesse período eu acompanhei o B2, acompanhei o B1, fui auxiliar técnico no B1, no B2. É... fizemos um trabalho legal com a ADEVIBEL nessa época. A ADEVIBEL foi tricampeão nesse período até 94 né e... a partir de 94 eu casei, tive... alguns problemas, afastei do trabalho, tava trabalhando demais né. Em 2003 fui convidado porque a ADEVIBEL estava sem técnico e tava com dificuldade para reiniciar o trabalho, fui convidado a retornar para trabalhar com o futsal e desde 2003 nós tamos vindo com esse trabalho aqui, lá em Minas Gerais.

E você é formado pela UFMG?

Sou formado pela Universidade Federal de Minas Gerais é... formado no final de 86.

Análise dos Temas Enunciados

INSTITUTO/ENTIDADE: local de trabalho do amigo e de possibilidade de iniciar a prática da carreira e conhecer o paradesporto.

AMIGO: responsável por iniciá-lo na prática. Influenciou e apresentou a área da Educação Física Adaptada. Orientou seu início de carreira dando possibilidades de acompanhar os treinamentos de suas equipes.

TÉC. 3

HISTÓRIA

A princípio eu iniciei com o futebol de cegos é, no movimento de cegos praticamente, foi desde 94, o professor Dailton, ele me convidou pra eu arbitrar um jogo né de futebol para cegos numa apresentação

interior. E de lá pra cá eu já tive muitas experiências como guia né, como auxiliar técnico de goalball e finalmente como técnico da equipe de futebol em 98, que foi a equipe da APACE que é de futebol, que iniciou em 98, eu como técnico e a partir daí, né, caminhamos... e seguimos esse caminho e eu tô até hoje nesse movimento.

A equipe já existia antes de 98?

Ela já existia e teve uma fase com o professor que era o... professor NOME que ele teve já é conhecido no futebol... então ele que iniciou praticamente, reuniu o grupo da APACE que é uma associação né, existe o instituto dos cegos e a associação, então ele que trabalhava com esse grupo de cegos e a partir desse momento que ele não pode mais trabalhar com essa equipe me foi feito o convite pelo presidente da Entidade que é o NOME e a partir daí de 98 eu comecei atuar como treinador e trabalhar com essa equipe de cegos para o futebol.

Análise dos Temas Enunciados
AMIGO: convite e possibilidade de conhecimento do paradesporto e da instituição. Oportunidade inicial que influenciou as escolhas e a história de vida do entrevistado.
INSTITUTO/ENTIDADE: conhecimento do movimento paradesportivo e oportunidade de trabalho.

TÉC. 4

HISTÓRIA

Eu já conhecia o movimento pelos meus familiares, eu tenho uma família inteira desportiva, e o cunhado meu professor de educação física ele lá em Curitiba foi, trabalhava como chefe de delegação, trabalhava na secretaria de esportes então desde pequeno eu não entrei no movimento mas eu já sabia que existia o futebol para cegos. É quando eu entrei na faculdade eu tive a oportunidade de conhecer o professor NOME, que é um professor de educação física lá de Curitiba que é cego também e comecei a trabalhar como voluntário para ele, ajudo nos treinamentos, eu levava em jogos enfim, fazia todo trabalho voluntário. E em 2000 eles me convidaram pra ser o técnico da ADEVIPAR, lá de Curitiba é porque eles tinham ido muito mal na competição e... de 2000, e me ofereceram, me perguntaram se eu queria e então em 2001 eu assumi na competição, que na verdade eu só iria pra essa competição mas de penúltimo colocado em 2000 essa mesma equipe através dos treinamentos sagrou-se campeão em 2001 então aí eu não saí mais.

Você é formado em Educação Física né?

Sou formado em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná.

Que ano?

Eu entrei em 93 e me formei em 98.

Análise dos Temas Enunciados
FAMÍLIA: com os familiares da área pôde tomar conhecimento do futebol para cegos.
FACULDADE: mediação entre a área e o paradesporto e contato com um profissional militante no movimento.
AMIGO: convite e indicação para o trabalho na instituição.
INSTITUTO/ENTIDADE: oportunidade de trabalho. No início voluntário e depois assumindo a equipe de futebol.

ÍDOLO: Você teve ou tem algum ídolo no esporte?**JOG. 1****ÍDOLO**

Não, nunca tive em quem me espelhar, é... assim no futebol porque... é eu na realidade eu não tinha, não tinha um parâmetro a seguir, tanto que, a nossa equipe lá no Rio, principalmente, a gente não demorou muito para conseguir alcançar o status que a gente tem hoje de equipe boa. Antigamente a gente era uma equipe que era promessa sempre, mas nunca despontava, então a gente nunca teve, eu nunca tive em quem me espelhar no futebol para cegos.

Análise dos Temas Enunciados

AMIGOS: Acredita nunca ter tido um modelo em quem se espelhar no futebol para cegos. A falta de modelos não foi impedimento para o seu aprimoramento e o desenvolvimento de sua equipe. A troca de experiências com os companheiros e a dedicação coletiva supriu a inexistência de tal modelo.

JOG. 2**ÍDOLO**

É, não sei se ídolo, mas a gente tem pessoas que a gente gosta do futebol. Eu gosto do futebol do NOME, né, do NOME, do NOME e... no esporte naci... no esporte normal, mundial aí, eu gosto muito do futebol e até..., não tento fazer como ele, mas a técnica, apurar minha técnica, a gente vê alguns craques, algumas pessoas que são lendas como dizem que foi Pelé, como dizem que foi Maradona, que eu não vi jogar, mas tô assistindo o Zidane jogar, então... o Ronaldinho Gaúcho, o próprio Robinho, então quer dizer, são atletas que, que você tem como ídolo e atletas que tem uma, uma humildade, uma, um coração grande, bom... a gente não tem o mesmo prestígio que eles, mas a gente tenta buscar nosso lugar ao sol né, então... na verdade a gente não quer ser ídolo de ninguém. A gente tem nossos ídolos, nós já temos nossos ídolos próprios, mas a gente quer nos manter, nos manter humildes como eles. Já é um bom passo para alcançar um pouco da glória que todo ser humano merece.

Eles te influenciam de alguma forma?

Ah, sim, sim, sim... a gente vê umas, umas, ouve umas jogadas, ouve-se falar bem e influenciam na parte aí, vamos olhar na parte financeira né. É, por exemplo, a gente não sonha ganhar um tanto que um Ronaldinho ganha, mas peraí, a gente pode ganhar pelo menos um pouquinho. Né, uma, um pouquinho do que, do que se paga para pessoa que enxerga, né, poderia se pagar um pouquinho para pessoa que não enxerga também, né. Não tem mal nisso, em se remunerar um deficiente, né. Ele também mostra futebol e... e é um bonito futebol. Você conhece bem e sabe que é um bonito futebol, né.

Análise dos Temas Enunciados

JOGADORES DE FUTEBOL: modelos inspiradores e influenciadores de jogadas, técnicas e comportamentos. Tanto ex-jogadores, pelas histórias que se contam deles, quanto jogadores contemporâneos, expostos frequentemente na mídia; o que possibilita o acompanhamento de suas carreiras e jogadas. Tal idolatria não deixa de revelar um sentimento de inferioridade pelo preconceito perante a diferenciação de prestígio, de reconhecimento por meio de salários e importância dada pela sociedade e mídia. Por ser atleta e representar o país, sem negar sua condição de deficiência, o entrevistado gostaria de possuir direitos semelhantes aos desses jogadores.

JOGADORES DE FUTEBOL PARA CEGOS: modelos próximos, do seu universo, companheiros de modalidade que são admirados, mas recebem uma valorização inferior à demonstrada aos craques do futebol mundial, pela proximidade, pelo contato freqüente. Demonstra o preconceito e diferença de prestígio que ele mesmo critica.

JOG. 3

ÍDOLO

É, na verdade quando eu comecei a jogar assim, eu gostava do futebol do menino que já faleceu, porque assim, eu só conhecia ele em treinamento, então via o que ele... em campeonato ele não jogava muito, mas como eu só o conhecia realmente nos treinamentos eu não tive a oportunidade de participar de campeonatos com ele que meu primeiro campeonato foi em 95 e infelizmente ele... ele já tinha morrido, foi o Marco Antônio e ele era conhecido como Plê... e saiu até numa revista dizendo que ele o, revista francesa, dizendo que ele era o Pelé dos cegos, então eu gostava muito do futebol do Plê, que era um futebol meio arte, um futebol meio brincalhão.

Ele te influenciou de alguma forma?

Ele teve uma influência sim porque ele, apesar que na época ele tinha muito mais idade do que eu, só que ele chegava lá no Benjamim e ficava cha... convidando a gente para tar jogando com ele, no caso, eu e o NOME e o NOME né, que nós só ficávamos juntos né. Então independente de ter treino, ou dias que realmente não eram dias de treinar e ele chamava a gente e a gente botava aquela sacola na bola, como não tinha bola com guizo sobrando e ia para quadra brincar. E aí ele ficava falando para gente como é que eram os campeonatos, ficava falando para gente como é que era as jogadas, ficava ensinando algumas coisas para gente sim.

Análise dos Temas Enunciados

JOGADORES DE FUTEBOL PARA CEGOS: modelo transmissor de experiências. Um modelo próximo, mais experiente que representava o ideal do futebol nacional, das qualidades valorizadas no futebol brasileiro, o chamado futebol arte. Dava dicas, chamava pra jogar, influenciando a amizade e facilitando a união do grupo, o interesse e a aprendizagem deles pelo futebol. Possibilitava experiências fora dos treinos, ensinando jogadas novas, disseminando a história do futebol para cegos que cativava o entrevistado. Apresenta um sentimento de frustração por não ter tido a experiência de jogar ao lado do ídolo em um campeonato. De ser orientado por ele em jogos como era no instituto.

JOG. 4

ÍDOLO

Olha! Ídolo, ídolo, ídolo no futebol de cinco não... eu não tenho ídolo assim que eu pude... eu gosto muito, sempre gostei muito do NOME da ADEVIBEL, um rapaz que jogava na ADEVIBEL, pela habilidade que ele tinha, pelo toque que ele tinha de bater na bola, os chutes cruzados muito bons. Foi o único cego que eu vi que fazia peteca [embaixadas] com a bola realmente, fazia bolinha. Então eu sempre gostei muito de ver o NOME jogar, que por sinal é meu xará né. Admiro algumas pessoas até hoje pela força de vontade, pela capacidade que nem o Edmundo que apesar de ter trinta e poucos anos também é um rapaz que tem uma vitalidade muito boa. Gosto de ver o NOME hoje jogando então, são pessoas que eu admiro muito. Agora no esporte comum, como um bom corintiano sempre gostei muito de ver o Sócrates jogar [risos]. Pela habilidade dele, pelo toque de bola. É uma coisa que eu gosto muito de fazer, toque de bola, me inspirei muito nele talvez.

Análise dos Temas Enunciados

JOGADORES DE FUTEBOL: inspiração pelo estilo de jogo, o toque de bola e a habilidade apresentada por um ex-jogador do clube preferido. Preferência clubística influenciando o gosto pelo futebol e a escolha de modelos.

JOGADORES DE FUTEBOL PARA CEGOS: admiração pela habilidade e técnica de ex-jogador do futebol para cegos, pela forma como executava eficientemente algumas técnicas valorizadas pelo entrevistado. Também admira alguns jogadores contemporâneos, pelo estilo de jogo ou por qualidades comportamentais como a força de vontade e a vitalidade. Recusa referenciá-los como ídolos,

demonstrando diferença de tratamento em relação aos jogadores do futebol mundial.

JOG. 5

ÍDOLO

Meu ídolo no esporte é Romário, a categoria que ele tem ... é isso aí.

Ele te influenciou de alguma forma?

Oh... eu enxergava, eu via ele jogando eu sempre gostei muito do futebol dele eu ... a habilidade que ele tem mas entender o que ele fazia eu nem consigo mais, as vezes eu... é isso.

Análise dos Temas Enunciados

JOGADORES DE FUTEBOL: lembranças de jogadas e da habilidade do ídolo da época em que ainda enxergava, apesar de não conseguir mais entender o que ele fazia.

JOG. 6

ÍDOLO

Tenho, por exemplo, o Raí é um grande ídolo dentro do futebol especificamente.

Ele te influenciou de alguma forma?

Não, não, não, a gente sempre gostou muito de acompanhar né, normal, e sempre teve ele, como ídolo, mas mesmo antes dele eu sempre gostei de jogar e na realidade... é sempre positivo né, mas ele é um grande jogador de toda forma.

Análise dos Temas Enunciados

JOGADORES DE FUTEBOL: acredita ser normal e positivo ter um ídolo no futebol, pois sempre acompanhou e gostou de jogar bola, mesmo antes de ter um ídolo.

APRENDIZADO: E durante seu aprendizado, você teve algum tipo de influência?

JOG. 1

APRENDIZADO

Não, eu acho que a influência maior mesmo foi a do professor NOME né que... que foi quem é... lapidou a técnica que eu já tinha e aí assim, na realidade eu tenho em mente mesmo os aprendizados do prof. NOME somente.

Análise dos Temas Enunciados

PROFESSOR/TÉCNICO: responsável pela lapidação da técnica inata do entrevistado. Influência maior e única nas palavras do entrevistado. (*parece se esquecer dos amigos e das brincadeiras citadas nas questões anteriores, desprezando possíveis aprendizagens obtidas nesses momentos.*)

JOG. 2

APRENDIZADO

Na verdade você vai..., você vai captando várias formas de jogar, várias técnicas, para você formar a sua. É igual opinião. Você vai coletando várias opiniões para você formar a sua. Você nunca... isso a gente nunca forma uma opinião sem conhecer as outras, né. E assim é o estilo de jogar também. Então eu vejo aquele jogador, como que ele conduz a bola? Rápido! Então per aí, eu também tenho que conduzir rápido, porque o dele, o jeito dele é eficiente... Como que ele faz para conduzir a bola? Entre os pés. A bola, ele

tem a... ele conduz com muita técnica, ele gira, ele faz isso, faz aquilo. Então você vai pegando um pouquinho de cada um e montando, e montando o seu futebol. Foi assim que eu iniciei. Pegando um pouquinho de cada um, a experiência de cada um e montando meu próprio futebol que hoje as pessoas, alguns atletas pegam como exemplo, como eu peguei dos outros.

Análise dos Temas Enunciados

JOGADORES DE FUTEBOL PARA CEGOS: valorização da atenção e captação de diferentes formas de jogar, de diferentes estilos e técnicas, para a construção do seu estilo, baseado em um repertório de grande variedade.

JOG. 3

APRENDIZADO

Outro tipo de influência?... Não, realmente só mesmo a influência de ouvir é, que existia os campeonatos e também ver a evolução, que no caso, eu estava tendo dentro do futebol né. Que a gente começa a jogar sem coordenação, sem noção do espaço da quadra e daí, passado um tempo pequeno, a gente já vê que as coisas foram evoluindo numa rapidez enorme e você vê que você tinha jeito de realmente tar jogando o futebol de cinco. E o treinador influenciava muito, porque na verdade, ele... tornou-se como um pai para gente. Não era somente um treinador, era também um pai, dava conselhos extra no caso futebol, extra quadra. Então ele também influenciou bastante.

Análise dos Temas Enunciados

EVENTOS: motivação extrínseca para o início da prática.

PROFESSOR/TÉCNICO: possibilitou um rápido desenvolvimento do entrevistado na modalidade, alicerçado à predisposição inata para a prática do futebol que o entrevistado crê que possuía. O técnico é considerado um pai pelo entrevistado, extrapolando sua ligação com o entrevistado para fora da quadra, orientando e dando conselhos.

JOG. 4

APRENDIZADO

Ah sim, sem dúvida! O nosso técnico, que é técnico do CESEC há quase 20 anos, o NOME, ele é a pessoa fundamental nesse processo, nessa evolução que eu tive enquanto atleta. Tudo que eu sei jogar, que eu aprendi é... de técnica, de tática, de visão de jogo foi muito ele quem passou né. O estímulo veio dele realmente, a orientação do técnico que sempre trabalhou muito com a gente a questão de fundamentos e... partes específicas do jogo, técnicas, tática, sempre foi ele quem, cobrou muito da gente e trabalhou muito isso.

Análise dos Temas Enunciados

PROFESSOR/TÉCNICO: fundamental no processo de orientação específica (técnicas e táticas) e de desenvolvimento da modalidade. Responsável também pelo estímulo e cobrança do comprometimento e dedicação pela prática; pela transformação do entrevistado, a mudança de papel social: de indivíduo (ou deficiente) para atleta.

JOG. 5

APRENDIZADO

Eu tive a influência em Campina, né, dos professores lá de onde... NOME e em 95 fui pra João Pessoa. A minha influência foi bem maior com o professor NOME, eu comecei a natação o goalball e o futsal com o professor NOME .

Análise dos Temas Enunciados

PROFESSOR/TÉCNICO: muitos professores foram fundamentais para a iniciação no futebol e em outras modalidades esportivas.

JOG. 6

APRENDIZADO

Não, não, não, muito pelo contrário, a gente sai jogando sem instrução, porque a gente jogava até fora de hora e tal, e às vezes as pessoas ... né, é então a influência foi realmente a vontade que a gente tinha de jogar.

Análise dos Temas Enunciados

AMIGOS: a vontade de jogar foi determinante para aprender a jogar. Qualquer hora era propícia para jogar.
--

Inferência Coletiva

INSTITUTO/ENTIDADE: é o contexto primordial para a prática e o desenvolvimento do futebol para cegos. É o local onde existe um atendimento especializado às peculiares características das pessoas com deficiência visual. Tanto os entrevistados que nasceram com a deficiência visual (deficiência congênita) quanto aqueles que a adquiriram (deficiência adquirida) encontraram no INSTITUTO/ENTIDADE um local propício para o desenvolvimento de suas potencialidades, sendo a prática esportiva importantíssima nesse aspecto. A possibilidade de convivência com pessoas em condições semelhantes mostrou-se muito positiva para o exercício da cidadania e, conseqüentemente, para o convívio social. Segregação que se apresenta importante para aceitação da deficiência e formulação da identidade dos entrevistados. É também um contexto de formação continuada para os profissionais da área de educação física. Local onde os entrevistados tiveram uma oportunidade de trabalho e conheceram o movimento paradesportivo. Todos os entrevistados se referiram a essa temática.

PROFESSOR/TÉCNICO: importante personagem lembrado pelos jogadores entrevistados em suas histórias no esporte ou na influência no aprendizado. Orientação para a prática da modalidade, com suas técnicas e táticas específicas, contribuindo para a formação dos entrevistados e difusão da modalidade. A questão do talento inato para o futebol foi levantada na fala de alguns entrevistados. Eles acreditam que já possuíam certos pré-requisitos e que os PROFESSORES/TÉCNICOS foram responsáveis por "lapidá-los". Termo utilizado pelos entrevistados e que demonstra a influência do fenômeno Futebol, pela repetição da terminologia utilizada na mídia.

Existe uma grande consideração dos jogadores para com seus PROFESSORES/TÉCNICOS, mas em um caso específico esse sentimento se eleva e o PROFESSOR/TÉCNICO é considerado um pai pelo entrevistado (Jog.3). Esse fato demonstra a responsabilidade de ser um educador, diante da grande influência que tal papel social exerce na formação dos valores e no desenvolvimento dos alunos.

Não há como deixar de citar também a influência que os alunos exerceram no aprimoramento dos professores em relação ao patrimônio do futebol de cegos. Fato que demonstra a importância de uma via bidirecional na aprendizagem. O ensino está além da transmissão. É uma troca.

AMIGOS: parceiros do lazer dos jogadores entrevistados. União potencializadora da criatividade deles. Da criação de jogos e brincadeiras que também influenciaram o aprendizado dos entrevistados, apesar de alguns não se atentarem para essa influência na pergunta sobre o aprendizado, depois de falar sobre eles

na descrição de sua história na modalidade. Parceiros também na dedicação aos treinos e em alguns casos influenciadores da iniciação na modalidade.

No caso dos técnicos foi constatado, de forma unânime, que por convite ou influência de amizades, eles tomaram conhecimento do paradesporto e se iniciaram na área.

FAMÍLIA: aparece em alguns casos, mas é digna de citação pela maneira como influenciou a escolha de um jogador e um técnico, entrevistados. O Jog. 3 encontrou na paixão dos irmãos em procurar uma forma de vê-lo brincando com eles, a possibilidade de iniciar a prática por meio de adaptações na bola. Já o Téc. 4 conhecia a modalidade antes de entrar para o movimento paradesportivo por intermédio de parentes que militavam na área.

JOGADORES DE FUTEBOL PARA CEGOS: modelos transmissores do patrimônio da modalidade e que representam o ideário do fenômeno Futebol desse país; o futebol arte. Ensinam aos mais novos ou trocam com os contemporâneos. Porém, em alguns casos o reconhecimento, principalmente com os contemporâneos, reflete certo preconceito. Certa inferioridade em relação aos craques do futebol mundial. Sentimento recriminado pelos próprios entrevistados, mas que eles mesmos acabam demonstrando em suas falas, contradizendo-se. A proximidade e o contato freqüente podem justificar esse comportamento.

Infere-se também que o pouco tempo de institucionalização da modalidade e a ainda pequena divulgação e interesse da mídia, dificultam a transmissão de seu patrimônio que apresenta seu maior foco nos INSTITUTOS/ENTIDADES e EVENTOS, pois são os contextos que possibilitam a prática da modalidade.

JOGADORES DE FUTEBOL: A influência do fenômeno futebol fica evidente nessa temática. Os craques atuais e ex-craques do futebol mundial aparecem como inspiradores dos entrevistados.

A predileção por um clube, o acompanhamento dos jogos e de ídolos do futebol expõe os entrevistados aos símbolos valorizados pela cultura deste país. Porém isso também determina certa repulsa à diferença de interesse, de investimento e de tratamento da mídia e do público em geral para com a modalidade esportiva que pratica.

EVENTOS: contextos onde os entrevistados podem trocar experiências com semelhantes, aprendendo um pouco mais sobre o patrimônio da modalidade; reencontrar amigos; viajar e conhecer outros locais, sair de seu nicho.

Encontram também motivação para iniciar a prática e para continuar praticando. Divide com o INSTITUTO/ENTIDADE o contexto de maior possibilidade de troca para o aprendizado.

SELEÇÃO BRASILEIRA: O fenômeno Futebol demonstra que, também para as pessoas com deficiência, a concorrência é grande para integrar a seleção, porém, com um número menor de equipes e jogadores. Estar nela, representa a possibilidade de reconhecimento pelo que faz e de tornar-se modelo para futuras gerações. O reconhecimento dificilmente sai da área do paradesporto, mas se apresenta grandioso dentro dela.

FACULDADE: todos os técnicos entrevistados são formados em educação física. Porém, três deles só tiveram contato com o paradesporto após o curso. Mesmo assim, utilizaram conteúdos do curso, a experiência no futsal e a troca com outros técnicos e com os jogadores para criarem métodos adaptados às características das pessoas cegas.

Jogo 2 – ESTRUTURAÇÃO COLETIVA NO FUTEBOL PARA CEGOS

Jogadores	Técnicos
<i>Regras;</i>	<i>Regras. Princípios ofensivos; Princípios defensivos; Comunicação com jogadores; Características das boas equipes.</i>

Regras

Temáticas Enunciadas
BANDA LATERAL, BOLA, CHAMADOR, GOLEIROS, TIRO LIVRE, VOY, PISO DA QUADRA.

REGRAS: As regras influenciam seu jogo?

JOG. 1

REGRAS

Acho que elas influenciam muito né, você tem atualmente a banda lateral, que aumenta é... a quantidade de bola em jogo, uma quantidade de tempo de bola em jogo, em virtude de que a bola não sai mais pela linha lateral. Você tem o chamador que fica atrás do gol, que te possibilita é... maior índice de acerto é... no gol né. Você tem essa, esse uso da palavra voy, quando você vai se deslocar em relação, em direção à bola que, tanto facilita para que você é... fuja do seu, do seu marcador, quanto dificulta para que você marque também porque, assim como te facilitou na hora que você tava atacando, vai dificultar quando você tiver defendendo também, porque quando o cara ouve a palavra voy né, quando você tá se deslocando, ele tem é... ele tem a certeza de onde você tá indo e você pode se deslocar, você pode dar o corte, você pode né, fugir do defensor. E eu acho que basicamente daí... e a bola de guizo né, o guizo na bola. Que eu acho que é o mais importante, é o essencial nas regras, que te possibilita realmente jogar o futebol. Sem guizo na bola você não teria, com certeza, a prática do esporte é... hoje.

Análise dos Temas Enunciados

BANDA LATERAL: aumento do tempo de bola em jogo.

CHAMADOR: possibilidade de maior índice de acerto nas finalizações a gol.

VOY: facilita as respostas às situações-problemas nas ações ofensivas, por permitir uma localização prévia do defensor adversário e dificulta as ações defensivas, por auxiliar os atacantes adversários a localizar os defensores de sua equipe.

BOLA: acredita ter sido a principal e mais importante adaptação para a modalidade, pois se a bola não emitisse som, as pessoas cegas não teriam a possibilidade de praticar o futebol.

JOG. 2

REGRAS

É, no meu jogo eu acho que elas... devem diminuir um pouquinho, por quê? É... as regras, criaram uma tal de regra com a banda, por exemplo. Então a bola não sai na lateral. Isso para mim favoreceu muito o jogador de pouca técnica, porque? Porque o jogador de pouca técnica, ele vai com você para banda e se ele tem menos corpo, por exemplo., eu peso 73kg, então se eu pego um cara de 90kg na banda eu não vou ganhar nunca! Nem se eu quiser! Por mais que eu tenha técnica, eu não vou ganhar, porque? Porque ele me imprensa na banda lá, cabou! Quanto na lateral não, se eu tivesse na lateral, por exemplo, eu dava um cortinho para direita ou para esquerda, sairia da melhor forma e as regras é... os europeus é que fazem, infelizmente eu não posso, a gente é contra algumas regras, mas num... não tem como fugir né. Os

européus fazem e infelizmente eles coordenam o futebol né, eles criaram esse voy que favorece eles também, mas a gente já adaptou com as regras, já nos adaptamos. A gente tem, no meu caso né, já são quatro mundiais que partici... que já participei, cinco copas Américas, então quer dizer, uma Paraolimpíada, então quer dizer, a gente já tem uma bagagem bem grande...já da para ter acostumado com isso já.

Análise dos Temas Enunciados

BANDA LATERAL: acredita ter favorecido os jogadores mais corpulentos e pouca técnica que dificilmente perdem uma disputa de bola na banda.

VOY: acredita na criação dessa regra para o favorecimento de equipes européias, pois são eles que coordenam a modalidade.

JOG. 3

REGRAS

A cara, eu... tem muito tempo com essa regra já e continua dando muito problema é o voy né. O voy, você procura falar o voy para poder... utilizar o voy porque. O voy tem que ser falado para evitar ah... que os jogadores ... se machuquem né. Então uma equipe fala voy, tem que falar voy sempre que tiver indo para bola. Mas a gente tá vendo aqui no campeonato que a maioria das equipes não fala voy. Então isso atrapalha muito. Tem... se machuca e dentro da regra se não falar voy é falta. Por exemplo ontem, a gente teve a noção de que, se o juiz fosse marcar todos os voys que a equipe da UNICEP não falou, nós tínhamos batido muitas e muitas faltas de 8m. Só que o juiz não marca e acha e tá certo. Os caras falam v... por exemplo, é uma coisa engraçada, ele ah... o atleta fala voy, ele chega falando, fala voy e faz a falta, mas por ele já ter falado voy, o juiz deixa passar. Parece que o voy isenta ele da falta né. Essa é uma regra que tem que ser mais... sei lá, melhor ensinada para arbitragem. A arbitragem ainda não sabe apitar futebol, infelizmente. Não sabe ainda apitar futebol de cegos. Tudo para cima da cabeça, acha que bateu porque não viu. Então ah... eles tem muito que aprender ainda.

E com relação a banda, o goleiro, o chamador, o técnico dando instruções...

Não assim, muitos assim, por exemplo se você conversar com o NOME ele acha que a banda fez o futebol de cegos ficar feio. Eu já não vejo desse jeito, eu vejo que, ele assim, é obvio que da época quando não tinha banda, tinha várias equipes que, que conseguiam é... jogar sem a banda, mas mesmo assim, tinha muito lateral. Já no futebol de onde se diz, quem enxerga tem lateral para caramba então de quem não enxerga vai ter muito mais e o jogo parava muito. Então quando você fazia jogo contra equipe fraca a bola ficava mais fora do que dentro. Ficava mais na lateral do que em jogo. Então a banda veio igualar um pouquinho realmente por baixo, mas também veio mostrar que, veio mostrar mais futebol também. Tem mais bola em jogo vai ter mais futebol. Então a equipe que é superior também consegue ficar com a bola, mais com a bola nos pés. Pegar mais a bola né. Então não sei. Tem sim o lado ruim da. Sei lá, de repente você... dividindo a bola na banda, porque tem uns caras trombando na madeira, fazendo aquele barulho né, aquelas trombadas todas, mas, na verdade acho que veio mais somar do que diminuir.

Análise dos Temas Enunciados

VOY: acredita ser uma regra problemática. Criada para diminuir colisões e possíveis lesões, ela não tem sido bem utilizada. Muitos jogadores não a pronunciam e os árbitros não estão sabendo interpretá-la, deixando de marcar a falta por alguns “voys” não pronunciados ou quando o defensor fala o “voy”, mas mesmo assim comete a falta no atacante.

BANDA LATERAL: é contrário às opiniões de que a banda beneficia equipes de baixo nível técnico por acreditar que um maior tempo de bola em jogo possibilita maior posse de bola às equipes de nível técnico superior. Apesar da ocorrência de algumas trombadas, acha-a imprescindível para a modalidade pelo aumento do tempo de bola em jogo, muito reduzido antes da existência dessa regra.

JOG. 4

REGRAS

Eu tenho uma opinião muito particular. Eu acho que, essas alterações das regras, antigamente jogava-se o futsal convencional, com o tiro lateral, normalmente é... as faltas eram de 10m, normalmente também. Algumas coisas eu acho que facilitaram, melhoraram a qualidade do jogo, por exemplo, tiro de 8m, com relação... em razão do goleiro hoje ser vidente, enxergar normal, eu acho que foi uma mudança válida, melhorou muito a qualidade de batidas de falta direta, tiros livres, mas eu acho que não deveriam ser três, deveriam ser cinco ainda, porque, inclusive, se tratando de uma outra regra que veio que é o voy, ao mesmo tempo que o voy ajuda, evita alguns... choques, ele é muito rela... muito subjetivo. No ímpeto do jogo, às vezes o árbitro não ouve você falar um voy ou a interpretação dele é que você falou muito próximo, e acaba prejudicando algumas equipes. Então eu acho que o voy hoje, ele é muito discutível, muito complicado uma definição sobre o voy, se ele é bom ou se ele é ruim. Em partes ele é bom e em partes ele é ruim e a gente tem visto muito isso, equipes reclamando o tempo inteiro que toma-se muita falta de voy. O árbitro quando ele não sabe porque ele dá falta ele fala que foi por causa do voy [risos]. Então ficou fácil. É uma solução que achou para árbitro, é uma saída, entre aspas. Com relação a banda lateral eu acho que aí nivelou por baixo porque... equipes que não tem condicionamento legal é... elas... levaram vantagem entre aspas, condicionamento, eu digo tá, técnico, no sentido de receber um passe, de fazer um passe com precisão. Elas acabaram levando vantagem, porque a bola bate na banda e ela espirra, o cara sai chutando na banda, sai levando, então eu particularmente não gostei da banda. Eu acho que, é... nivelou por baixo nesse sentido. Em contrapartida exige de um condicionamento muito mais amplo. Não tenha dúvida disso. E essa divisão da quadra em terços... é legal? É legal, é importante, facilita na orientação, mas eu acho que o chamador, ele assumiu um papel de... comandante no sentido de comandar a equipe para o chute. As equipes tão ficando muito robotizadas. Eu já vi chamadores gritando com atletas, que não era para chutar naquele momento! Que ele não mandou chutar! São coisas que quem tem que perceber quando tem que chutar, quando tem que finalizar uma jogada é o atleta! Por mais que o orienta, que o chamador está ali para orientar o ataque, para desenvolver, para tentar desenvolver melhor o ataque, ele tem que entender que o papel dele é pura e simplesmente orientar o ataque. Lógico que ele pode falar: chuta agora! Se o cara, se ele vê que o cara tem condições ele fala, chuta agora. Mas eu sou o atleta, de repente a hora que ele fala chuta agora não é o momento que eu tô com mais equilíbrio, com mais condição de chutar, com o meu corpo ou vice-versa, ele não fala, mas eu sei que nessa hora eu posso chutar, que eu devo chutar então ele tem, os chamadores tem que perceber que o papel deles é orientar e não robotizar o atleta, senão isso fica muito complicado. Acho que basicamente são essas as alterações, a área do goleiro reduzida foi muito importante, eu achei legal. Porque pelo fato deles enxergarem eles tinham uma área muito grande e isso é... inibiu um pouco a saída deles e toda a falta deles fora da área é pênalti, então isso faz com que o goleiro jogue mais embaixo das traves mesmo e tem que ser bom né. Para catar ele tem que ser bom realmente. Essas são as alterações que eu acho, básicas, é a minha opinião sobre elas individualmente.

Análise dos Temas Enunciados

TIRO LIVRE: a diminuição da distância (de dez para oito metros) apresentou-se necessária pela qualidade dos goleiros, mas acha que o número das faltas acumulativas para o tiro livre direto deveria ser cinco como anteriormente e não três.

VOY: regra muito discutível pela dificuldade de interpretação. Auxilia a evitar choques entre jogadores, mas prejudica as equipes quando é mal interpretado. Tem sido usado pela arbitragem como alibi em decisões infundadas e como justificativas de erros.

BANDA LATERAL: exige um maior condicionamento físico dos jogadores, porém beneficia equipes de baixo nível técnico.

CHAMADOR: deve orientar e não comandar ou “robotizar” o atleta. Deve ser referência ofensiva

acrescentando informações sobre a situação sem querer exigir ações consideradas corretas por ele naquele momento. A decisão da ação a ser tomada deve ser do jogador e não dele.

GOLEIRO: a reduzida área do goleiro inibe sua saída e, conseqüentemente, a vantagem que ele obtinha com essa ação, já que possuem visão normal.

JOG. 5

REGRAS

Não..., até hoje, graças a Deus isso aí, não...

E com relação ao chamador, banda, bola você acha que elas estão bem estruturadas para o cego?

É eu acho que sim, é muito importante ali o chamador, depois que a regra mudou pra colocar o chamador ficou um jogo com mais gols, mais bonito, a banda também ajuda muito ali porque não sai tanto a bola...

Análise dos Temas Enunciados

BANDA LATERAL: diminui as saídas de bola.

CHAMADOR: melhorou a qualidade do jogo possibilitando um maior número de gols.

JOG. 6

REGRAS

Não tenho dúvida que influenciam né. As regras são o que determina aí o futebol, acho que nos últimos anos a gente teve aí alguns avanços que foi o próprio, a colocação de goleiro vidente, isso ajudou muito o futebol, acho que foi muito benéfico, haja visto que antigamente a gente tinha a regra que era obrigatório o goleiro B2 e muitas equipes colocavam o goleiro com visão normal, então o futebol, ele era desequilibrado né, e hoje se tendo o goleiro vidente se tem um equilíbrio maior na partida. Enquanto que outras regras acabam por prejudicar bastante o futebol, como é o caso da grama aí, permitir que jogue numa grama dessa molhada eu realmente, o ganho é inadmissível pro futebol, porque isso faz com que as equipes de repente tenham, de repente não, que tenham uma condição melhor de jogo, que tenham maior habilidade acabam totalmente prejudicada por conta das condições, a bola escapa, corre demais, ela prende, quer dizer o jogo acaba ficando um jogo que privilegia a força em detrimento da técnica, e as regras, por exemplo, como a banda lateral que pra muitos isso ajudou e pra outros atrapalhou. Eu acho que pra desenvolver a criatividade, a noção de espaço, o lateral acabava, acabava desenvolvendo mais essas questões, é obvio com a banda o jogo tem uma maior duração, eu particularmente prefiro o jogo sem banda, embora entenda que hoje isso é irreversível e que pro futebol continuar paraolímpico, continuar reconhecido pela federação internacional é necessário que tenha essa banda já que a maior parte dos países do mundo são adeptos a ela. Então embora entenda que pro futebol de cego seria melhor sem a banda, eu entendo que isso é um processo irreversível e o que a gente tem que fazer é treinar com ela. Em relação a essa grama eu espero que isso mude, eu espero... não se permita mais. Acho que a gente tem até que trabalhar isso até os próprios atletas, porque obviamente que o sereno atrapalha muito, isso é claro, ficou claro aqui essa semana, todos os dias de manhã e no final de tarde era muito difícil de se jogar, além do que a maioria das equipes brasileiras hoje não tem estrutura pra treinar em grama sintética por conta do custo, que é dessa grama, por conta até da falta desse tipo de campo em muitas das cidades brasileiras, então eu acredito que pro fomento e o desenvolvimento do futebol é melhor que a gente tenha aqui no Brasil, um campeonato mesmo nas canchas de cimento e se não conseguirmos reverter internacionalmente a gente tem aí um período antes dos campeonatos internacionais pra que a seleção se adapte a isso e jogue dessa forma, acho que não justifica a gente sacrificar todas as entidades brasileiras e todos os jogadores do Brasil por conta dos campeonatos internacionais que muitas vezes também são no cimento, como é o caso do mundial desse ano. Então a gente tem que trabalhar internamente isso e abolir definitivamente isso aí dos nossos campeonato interno.

Análise dos Temas Enunciados

GOLEIRO: a permissão de goleiros com visão normal proporciona melhor equilíbrio nas partidas além de ter acabado com as tentativas de burlar a regra.

PISO DA QUADRA: acredita que o piso de grama sintética dá mais vantagens às equipes de menor nível técnico. Além disso, a possível intenção de adaptar os jogadores da seleção brasileira aos campeonatos internacionais é incoerente e não justifica que todos os outros jogadores das equipes nacionais sejam sacrificados, já que mesmo internacionalmente alguns campeonatos são disputados em piso de cimento. Defende a utilização de pisos de cimento nos campeonatos nacionais, pela dificuldade das equipes em treinar em piso de grama sintética e por achar que cabe somente à seleção um período prévio de adaptação aos pisos de cada competição internacional.

BANDA LATERAL: preferia quando a banda não era prevista pelas regras por acreditar que isso proporcionava maior criatividade e noção de espaço aos jogadores. Porém, entende que sua utilização é imprescindível para o desenvolvimento e disseminação da modalidade internacionalmente.

TÉC. 1

REGRAS

[...] E até porque naquela época [quando ele começou a trabalhar com a modalidade] as regras eram diferentes né... nessa época que eu comecei não tinha banda, não tinha chamador, não tinha o vou, era com lateral então a noção de espaço, tempo, lateralidade, você tinha que trabalhar muito no esporte e o próprio passe né. O passe, o drible, isso daí tinha que ser muito mais preciso. Então foi assim que eu comecei... Como eu disse, não tinha a banda, era as regras praticamente do futsal normal né. Os goleiros no começo eram B3, depois teve um tempo passou B2 e depois é que foi liberado, porque teve muito problema de gato né. Tinha muito gato. Então a gente tinha que treinar muito na parte quando você não tinha a banda, uma precisão maior nos passes e a noção mesmo de se colocar em quadra para poder não se perder né. [...]Para mim, na minha opinião a vinda das bandas ela nivelou por baixo. A gente já tava num nível técnico, num trabalho que quando surgir as bandas por volta de 96 né que já era muito, a gente tava evoluindo muito... o CESEC já tava começando a ter esse trabalho, começar... chegar em campeonato, ser campeão, porque a qualidade dos meninos eram muito boas né. Essa questão da técnica te dá, o que até hoje pouco eu faço que eles usem a banda. Nos treinos mesmo eu fico forçando eles a não usar a banda, para manter a questão do passe, domínio de bola, de tá cruzando. Então para mim, na minha opinião a vinda da banda ela foi uma perda nesse sentido. Porque você criou a criatividade. Com a banda você nivela. Todo mundo chuta na banda, não sai, você não precisa ter direção nada, você não precisa trabalhar muita noção né. Então na minha opinião, apesar das pessoas falarem, ah mais aqui o jogo fica mais dinâmico... pode ser! Ah mais o tempo que eu tava lá eu também via um dinamismo tão bom quanto tem hoje né, e até melhor. E a própria questão de uma discussão que tá começando a ter que eu acho que é legal, é a preocupação que algumas pessoas tão colocando em relação ao chamador. Que essa questão do chamador ele acaba inibindo a criatividade do jogador, o que ele tem de melhor, que é ele criar, fazer a jogada, ele bater a gol é para isso que você trabalha nos treinos, para ele ter noção do gol né. O chamador, o jogador fica esperando que o chamador fique controlando, quer dizer, ele fica meio que robozinho. O chamador fala, vem para direita, ele vai para direita. Chuta com a direita, ele chuta com a direita, chuta com a esquerda, ele chuta com a esquerda, então isso perde! Eu uso nos campeonatos por obrigação, porque não dá para você ficar sem quando todo o mundo tá usando, mas pelo menos você vai ter uma referência. Mas para mim o chamador não é o cara mais principal. Ele é só uma referência para ajudar, por causa da gritaria, por causa do barulho, que isso possa ajudar. Mas o problema é quando o pessoal usa o chamador para virar o... o controlador memo do atleta e isso eu num... tanto que eu não uso em treinamento, o chamador é só em competição e olhe lá.

Análise dos Temas Enunciados

BANDA LATERAL: diminuiu o nível técnico das equipes. Acredita que sem a banda as equipes se

preocupavam mais em desenvolver o passe, o drible, o domínio e a orientação espaço-temporal em quadra.

GOLEIRO: a permissão de goleiros com visão normal acabou com os problemas de elegibilidades ilícitas vivenciadas anteriormente, quando eles tinham que ser pessoas com baixa visão.

CHAMADOR: referência ofensiva em virtude do barulho em quadra. Porém, pode inibir a criatividade dos jogadores ao tentar controlar suas ações. Não o utiliza em treinamentos, somente em jogos, para não ficar em desvantagem em relação às outras equipes.

TÉC. 3

REGRAS

Ela influe um pouco né, porque na minha visão como... eu tenho uma visão eu vejo dum jeito... pra o cego é complicado, ele tá sendo cobrado constantemente e ele vê a regra né, e pra como eu tenho a experiência como atleta e hoje como treinador, pra mim ficou até mais fácil, mas pra o cego que está iniciando ele entender rapidamente que aquela regra tem que ser obedecida saber que o futebol é um jogo de contato né e você tem que cumprir certa regra como voy, que hoje se utiliza e é muito questionado né, há uma interpretação do árbitro então o árbitro tem que interpretar e o atleta ele tem que falar esse voy quando se vai pra bola, então acho que isso aí influencia um pouco né, mas também ajuda e ajuda muito, e eu acho que foi uma coisa que evoluiu pra essa diferença, que antigamente existia muito choque, hoje não vou dizer que não existe que o jogo é de contato, mas era muito corte de supercílio, então era muita coisa que acontecia, isso é não vou dizer assim, é até meio maluco, mas é uma coisa muito sem direcionamento né e hoje tá mais centralizado à uma equipe que é treinada né, profissional de educação física eu acho que houve uma evolução muito grande.

Análise dos Temas Enunciados

VOY: contribuiu para a diminuição de choques e lesões, principalmente de cortes de supercílio. Apesar de muitos questionamentos criados acerca dessa regra pelas atuações da arbitragem, acredita que a adaptação e o entendimento dos jogadores à ela está cada vez mais fácil.

TÉC. 4

REGRAS

Não, você tem que se aproveitar das regras, nós tamo sempre estudando as regras para tirar um benefício dela, né, por exemplo, é... o arremesso de goleiro, nós utilizamos bastante o arremesso do goleiro porque nós entendemos que você sair com a bola rapidamente lá pra frente é muito mais importante do que você sair curto. Como o goleiro tem essa característica de, essa possibilidade de repor mais rápido a bola, às vezes o jogador de defesa, por exemplo, está se batendo ali atrás, então você orienta que ele atrase a bola para o goleiro, pro goleiro fazer esse lançamento lá pra frente, porque é muito difícil prum defensor, na hora do tumulto do jogo, ele tirar a bola da defesa como dá né, e muitas vezes pode se um deles chutar a bola e a bola, sem ele saber, mas cai no pé do adversário e arma o contra ataque, então... você pode utilizar isso. Pega, já que o goleiro pode receber essa bola atrasada com os pés, então já tamos se beneficiando dela, mesmo que o cara, o atleta de linha tentar chutar a bola ele vem atrasa o goleiro e o goleiro faz essa reposição. É um exemplo que tô dando assim, mas tem outros aí pra tar...

Análise dos Temas Enunciados

GOLEIRO: estuda constantemente as regras para utilizá-las em benefício de sua equipe. Orienta sua equipe para se utilizarem da visão do goleiro, abusando de seus lançamentos e passes.

Inferência Coletiva

Regras

BANDA LATERAL: diminuiu a ocorrência de laterais, aumentando o tempo de bola em jogo e exigindo um melhor condicionamento físico dos jogadores. Essa regra também divide a opinião dos entrevistados. Os contrários a essa regra acreditam que ela beneficiou as equipes de baixo nível tático/técnico, que não se preocupam mais em desenvolver a criatividade, o passe, a recepção, o drible e a orientação espacial em quadra como acontecia anteriormente à criação dela. Os favoráveis à regra argumentam que o maior tempo de bola em jogo possibilita maior posse de bola às equipes de nível tático/técnico superior, fato que as beneficiaria. Um dos entrevistados (Jog. 6), apesar de preferir o jogo sem a banda, afirma que sua utilização é imprescindível para o desenvolvimento e disseminação da modalidade internacionalmente, já que ela foi um dos pontos-chaves para a unificação das regras.

CHAMADOR: necessário para ajudar na orientação ofensiva, aumentando o índice de acerto das finalizações a gol. Porém, o exercício dessa função não pode atrapalhar o jogador. Falar em demasia dificulta a percepção do jogador. Não cabe ao chamador querer controlar o jogador, tentando decidir por ele. Deve referenciar o gol e passar informações do posicionamento defensivo adversário aos jogadores, para que isso possa auxiliar a leitura do jogo e facilitar a decisão a ser tomada por eles.

VOY: contribuiu para a diminuição de choques e lesões por permitir uma localização prévia do defensor adversário. Porém, ela não tem sido bem utilizada pelos jogadores e tem sido mal interpretada pela arbitragem. Alguns jogadores o pronunciam baixo demais, ou perto demais ou então nem o pronunciam. Outros o pronunciam corretamente, mas fazem a falta e os árbitros não a marcam como se a pronúncia permitisse a realização da falta pelo defensor. Os árbitros têm utilizado essa regra como álibi em decisões infundadas e discutíveis, como justificativa para os possíveis erros. Mesmo assim, um técnico entrevistado (Téc. 3) acredita que a adaptação e o entendimento dos jogadores à essa regra está melhorando cada vez mais e aqueles que estão iniciando a prática da modalidade tem tido mais facilidade em utilizá-la.

BOLA: acredita ter sido a principal e mais importante adaptação para a modalidade, pois se a bola não emitisse som, as pessoas cegas não teriam a possibilidade de praticar o futebol. (Jog. 1)

TIRO LIVRE: a diminuição da distância (de dez para oito metros) apresentou-se necessária pela qualidade dos goleiros, mas acha que o número das faltas acumulativas para o tiro livre direto deveria ser cinco como anteriormente e não três. (Jog. 4)

GOLEIROS: a permissão de goleiros com visão normal foi bem vista pelos entrevistados, por proporcionar melhor equilíbrio nas partidas e, principalmente, por ter acabado com os problemas de elegibilidades ilícitas vivenciadas anteriormente, quando eles tinham que ser pessoas com baixa visão. Existiam muitos casos de tentativas de se burlar a regra com a utilização de “gatos”. Com essa mudança a redução da sua área de atuação também é vista de forma positiva, para diminuir a vantagem da utilização do sentido visual. Um dos técnicos entrevistados (Téc. 4) orienta sua equipe para se utilizar da visão do goleiro, abusando de seus lançamentos e passes. Ele afirma que estuda constantemente as regras para utilizá-las em benefício próprio.

PISO DA QUADRA: acredita que o piso de grama sintética dá mais vantagens às equipes de menor nível técnico. Além disso, a possível intenção de adaptar os jogadores da seleção brasileira aos campeonatos internacionais é incoerente e não justifica que todos os outros jogadores das equipes nacionais sejam sacrificados, já que mesmo internacionalmente alguns campeonatos são disputados em piso de cimento. Defende a utilização de pisos de cimento nos campeonatos nacionais, pela dificuldade das equipes em

treinar em piso de grama sintética e por achar que cabe somente à seleção um período prévio de adaptação aos pisos de cada competição internacional.

Exercício da base regencial

Temáticas Enunciadas			
SISTEMAS TÁTICOS, TÁTICAS/TÉCNICAS, JOGADAS PRÉ-ESTABELECIDAS, COBERTURA.			
Comunicação:			
DESCENTRALIZAÇÃO, PADRONIZAÇÃO DE TERMOS, PERSONALIZAÇÃO, EXACERBAÇÃO.			

PRINCÍPIOS OFENSIVOS: Como a sua equipe se organiza para:

Conservar a posse de bola?

Progredir em direção à meta adversária?

Finalizar em busca do gol?

TÉC. 1

PRINCÍPIOS OFENSIVOS

Normalmente eu tenho dois na frente né. Jogo com dois. Normalmente você joga com pivô, dois alas e um fixo né. E... depende da equipe que se tá jogando, libera mais os alas para atacar com três, mas o pivô e o ala esquerdo, no meu caso, são os que tem mais ah... é a obrigação de tar no ataque segurando a bola e segurando individualmente e quando você pega uma equipe que deixa aberto, você fazendo essa bola rolar de um lado para outro, para fazer a equipe correr mais. Então é... principalmente é nesse sentido não é? que tão o ala esquerdo e o pivô. E não parado! Eles o tempo todo trocando de posição, mudando ali. E... quando eu tô, ataco com os três alas, os dois alas abrindo e o pivô ficando, chamando mais a atenção lá [próximo ao gol adversário] que aí a gente vai.

Progredir em direção à meta adversária?

É, pegar a bola e ir fazendo o passe para po, até chegar lá, em alguns momentos. Em outros é atacar. Sair com bola de traz já dominada mesmo. Uma coisa que eu treino muito com eles, que é... que eu te falei, para mim todo mundo tem que ter domínio de bola e saber chutar a gol, porque? Porque para mim os quatro tem que atacar. Num gosto que fique um, só ficar dependendo de um pivô ou de um ala. As... muitas jogadas, quando dá, você pode ver o pessoal sai de traz. Eu tenho dois, tanto o Jorge quanto o NOME..., quanto o Luiz que tem jogado de fixo, também tem horas que ele tem que sair com a bola. Você vê que ah... a defesa deles tá marcando muito em cima [na meia-quadra defensiva], as vezes fechando com três, quatro lá. Então eu falo, sai com bola daqui de trás. Porque você começa a fazer com que o time adversário saia para marcar e aí começa a abrir espaço. E aí a gente tem que treinar duas alternativas. A 1ª, se deixar espaço ele vai para o gol, ele vai tentar o gol. Ou se começa a fechar, na orientação eu tô falando, tá fechando, tá fechando! Ele sabe que ele já tem que abrir que os outros já tão se posicionando para receber essa bola.

Finalizar em busca do gol?

É o tempo todo. Eu falo para eles que se você chutar 100 vezes, errar 50, 25 for para fora. Começo a dar os exemplos, mas três foi no gol e entrou, pronto! Agora se você não chuta nenhuma você fica sem nenhuma... você não tem alternativa. E é muito assim, dominar, com times que fecham muito forte... é dominar, buscar o giro e bater pro gol rápido né. Mas é essa a questão, muitos deles preferem, pelas característica dos meus jogadores, pegar a bola e vir driblando e vir para cima e chutar em direção ao gol.

Nesse caso você acha que o domínio e o chute é mais difícil que a condução e o chute?

São os três né. Você tem que juntar os três porque se... para mim a peça fundamental numa equipe também é a questão do goleiro. O goleiro hoje... vidente ele é praticamente 50% de um time. Porque a bola na mão dele, ele lançando bem, o cara dominando, ele tem muito mais chance de dominar e sair para

o drible do que ele tem que ir buscar a bola. Então, uma coisa que eu exijo muito do goleiro é que ele lance precisamente em cima do atleta. Porque ele dominando, se ele tá... de costas, ele tem como virar mais rápido e fazer o drible. Se ele tiver que ir atrás da bola para dominar, já ajudou a defesa e como o defensor vem de frente, ele tem mais chance de tomar essa bola.

Análise dos Temas Enunciados

SISTEMAS TÁTICOS: usualmente joga com dois jogadores mais avançados, com maior obrigação de atacar e que procuram trocar de posição constantemente (2-2), mas gosta que os outros também ataquem. Quando um terceiro jogador avança para o ataque o pivô infiltra-se pelo meio, próximo à área do goleiro e o ala abre na outra lateral (3-1). Contra equipes com marcação muito recuada (fechadas) utiliza a saída de bola com seus jogadores mais recuados para forçar que a defesa adversária avance a marcação para abrir espaço. Orienta a troca de passes para fazer os adversários correrem de um lado ao outro. O atacante que receber a bola deve dominar, girar e finalizar a gol rapidamente. Acredita na eficiência de jogadas individuais pelas características de seus jogadores.

JOGADAS PRÉ-ESTABELECIDAS: dependente da orientação do técnico o jogador tem duas opções, conduzir e finalizar se a defesa estiver aberta ou se estiver fechada, tocar para os alas que se apresentam nas laterais. Um bom lançamento do goleiro também é fundamental e muito exigido.

COMUNICAÇÃO: as jogadas pré-estabelecidas e a escolha da ação a ser efetuada podem ser desencadeadas pela orientação do técnico.

TÉC. 2

PRINCÍPIOS OFENSIVOS

Primeiro, ah... nós temos alguma determinação tática de movimentação dos atletas para toda saída de bola dos nossos goleiros. tá certo? Então, na posse de bola do tiro de meta, os meus goleiros cantam uma determinada jogada, os atletas se posicionam em função do que ele cantou. tá certo? Depois a gente vai ter a oportunidade de mostrar ali [prancheta] né, é... e a partir disso o quê que tem que ser feito gente? Eu dou as opções para o atleta e ele tem que definir na hora da partida. Lógico que tem a orientação minha de fora, do chamador, mas ele é que tem que definir. Então, por exemplo, numa postura em que o pivô cai para banda da direita, na banda direita e o ala contrário a direita entra na posição de pivô, quem recebe a bola? Pode ser o pivô, pode ser o ala contrário que entrou na posição de pivô, pode ser um ala que recuou para receber e sair jogando de trás ou o beque que abriu para receber essa bola numa postura mais atrás. Cada um tem que saber no seu momento para onde que vai poder lançar essa bola. tá certo? Com algumas dicas de o que não se deve fazer também. Então se o beque recebe essa bola na esquerda e o meu time tá posicionado todo pela direita, se ele cruzar essa bola o adversário também vai tar todo lá então a possibilidade deles pegarem essa bola e partirem no contra-ataque para cima da gente é muito grande. Então o que eu oriento é o seguinte: foi o beque que pegou a bola, ele tem que orientar para o pivô cair pro canto, jogar, vem pivô e ele já sabe quando ele chama o pivô cai na ala e ele enfia a bola. tá certo? Então é, o básico é isso, é você ter uma postura inicial e a partir dessa postura inicial, oferecer aos atletas quais as opções para ele definir no momento da partida. Porque tem que variar né, se ele não variar vai ficar muito previsível.

E como você trabalha essas questões?

Sempre treinamentos com joguinhos. tá certo? Então vamos fazer um joguinho 3 contra 3. Eu ponho 3 beques contra 3 atacantes, por exemplo, 3 pessoas que jogam mais atrás com 3 atacantes e propor, falar ó, a postura é tal. Então o quê que cada um tem que fazer? Ah é isso, isso e isso, então vamos fazer. Jogada, goleiro canta a jogada x. Aí o goleiro canta essa jogada e todos se posicionam e vou alterando, alternando os jogadores de posição né, na quadra para todos passarem por todas as circunstâncias do jogo.

Só uma coisa que foi falada pelos jogadores e que eu gostaria que você falasse um pouco sobre isso, da dificuldade do passe.

Principalmente porque, quando você tem que dar o passe, você tem que saber aonde o jogador da sua equipe tá. Só que você, teria que necessariamente para acertar o passe, que saber aonde o jogador da equipe adversária também está né, para evitar. De todas as formas, eu trabalho isso muito com os meninos né, tem que tocar a bola! Porque? Porque o jogador adversário apesar de muitas vezes ser uma barreira, ele pode ou não pegar essa bola e seu companheiro, provavelmente vai receber essa bola numa condição melhor de jogo do que a sua. A jogada individual, ela cansa a equipe muito mais. Então se você é... só conduz a bola, só conduz a bola, só conduz a bola, não passe, não passa a bola em hipótese alguma né, é... o adversário vai sentir que logo logo você tá morto, tá extenuado, não agüenta correr mais, vai facilitar a marcação e, em contrapartida, se você usa um jogo de passe, troco numa banda para outra, eu faço uma postura ala pivô, ala pivô, ala pivô, tá certo. Nunca beque pivô, mas ala pivô, ala pivô, sem postura, porque eu tenho a cobertura do ala contrário automaticamente né. Então tocando essa bola, fazendo essas projeções né, você, ao invés de se cansar, você cansa mais o adversário que tem que tar correndo o tempo todo atrás da bola, o que é melhor certo?

Análise dos Temas Enunciados

JOGADAS PRÉ-ESTABELECIDAS: determina movimentações para cada jogador de acordo com a orientação do goleiro na saída de bola do tiro de meta. Jogadas exercitadas em treinamento com terminologia padronizada. Parte-se de uma postura inicial com diferentes opções de execução. A escolha da melhor opção a ser executada posteriormente à movimentação é função de cada jogador (com auxílio dos orientadores) e depende do posicionamento adversário.

SISTEMAS TÁTICOS: Cobra a variação de jogadas para diminuir a previsibilidade. Instrui sobre as jogadas a serem realizadas (passe na paralela) e aquelas que devem ser evitadas (cruzar a bola pelo meio). Acredita que realizar somente a jogada individual desgasta muito o jogador e o passe deve ser alternativa para cansar a equipe adversária, fazendo-a deslocar-se de uma ala a outra; e também para colocar o companheiro em melhor situação, pois mesmo sem saber o posicionamento do adversário, possível barreira ao passe, ele pode falhar na interceptação, deixando que a bola chegue ao parceiro.

COMUNICAÇÃO: as jogadas pré-estabelecidas e possíveis variações de movimentação em quadra são orientadas pelo técnico, o chamador e o goleiro.

TÉC. 3

PRINCÍPIOS OFENSIVOS

Acho que não existe uma coisa tão específica, depende da equipe que você vai atuar, se ele existe 3-1, não sei como a equipe joga, vou botar aqui um 3-1 dela, então jogaria aqui com um 2-1-1, 2-2, você joga com dois atacantes, só que um atacante mais recuado e outro mais a frente, entendeu? Teria o goleiro aqui pra remessar né... sempre eu gosto de trabalhar com um jogador base [defensor na frente da área], que ele também não seja um base fixo mas se movimente ou possa até progredir pra frente. E esse [o outro defensor] seria vamo dar um exemplo que seria aquele jogador volante do futebol que a turma chama. Esse volante ele é um cara que sempre distribui e o zagueiro meu que é o mais fixo ele vai sempre desarmar e esse ["volante"] sempre fazer a cobertura, entendeu? Vamo supor se a bola vem do atacante o combate seria do outro ["volante"] e o outro cobertura [fixo]. No caso se esse não tem condição esse... [inverteu o 1º combate e a cobertura], sempre há uma troca, então por isso que eu digo que o futebol de salão evoluiu muito, não há posição fixa então eu jogaria com a equipe 3-1 nesse sentido, pq? Vou fazer com a equipe dele né, se abre pra marcação e esse sempre a comunicação com o outro [os dois atacantes] e esse seria uma opção [volante], que se ele recuar e jogar com quatro atrás fica difícil pra uma equipe disso aí, conseguir fazer um gol, né então se tem que fazer com que a equipe saia em busca da bola, pra poder você articular a medida que você passe do atacante, fazer com que você fique pelo menos 3 contra 2, isso é objetivo né. Conservar a posse de bola eu acho que conservar a posse de bola é quando você tá num placar de vantagem então, não é que você não vai recuar completo, você não vai chegar os quatro e ficar aqui [meia-quadra defensiva] eu também não gosto de jogar isso, por mais que eu esteja ganhando no

placar sempre eu vou ter aqui [atacante avançado] porque não vai existir o contra ataque, se eu não deixar um atacante nunca vai existir um contra ataque pra ele. Vou ter que sempre voltar os quatro? Não existe! Pra mim, na minha concepção como treinador, eu não jogaria assim. Sempre por, dependendo da equipe que eu vou enfrentar né, eu vou ter sempre um jogador pra fazer um contra ataque... o arremesso do goleiro, sempre contra ataque. Ou dois mesmo dependendo da equipe que você enfrenta... sem medo de jogar! Eu acho que futebol de cego que a gente vê muito hoje é uma equipe do Paraguai eles jogam aqui [os quatro recuados]. Se é um escanteio, jogam os quatro aqui, eu não sei pra que isso! Como se eu perder a bola aqui, qual é o contra ataque que ele vai ter aqui com minha equipe? Se eu tenho aqui mais um aqui, o cara ainda vai sair... já vai voltar com certeza, vamo voltar tudo igual, você não vai ter o contra ataque! Então nunca vou tá recuado assim né, você tendo que conservar a posse de bola numa questão de você tiver pra ganhar o jogo em poucos minutos de jogo, é claro que vou fazer o que, quanto mais ela ficar dentro de quadra né na minha posse, melhor ainda. Trazendo a bola pra um lado, tentando trabalhar pro outro, comunicando com eles pra poder ganhar o tempo e vencer o jogo. Conservar a posse de bola seria isso.

Análise dos Temas Enunciados

SISTEMAS TÁTICOS: coloca sua equipe de acordo com o adversário, podendo variar entre o 3-1, o 2-2 ou o 2-1-1. Gosta de ter sempre um defensor mais fixo, na frente da sua área e um atacante mais avançado para propiciar os contra-ataques, muito valorizados pelo entrevistado. O lançamento do goleiro é citado para essas ações. O segundo defensor auxilia o fixo na cobertura e sai para armar o time, como o volante no futebol, principalmente contra equipes mais recuadas, quando existe a necessidade de atraí-las, fazendo com que elas avancem sua linha defensiva, saindo de trás e abrindo a defesa. O entrevistado não jogaria com os 4 jogadores recuados. O segundo atacante pode ser mais recuado ou mais avançado também de acordo com o posicionamento da equipe adversária.

COMUNICAÇÃO: importância da comunicação entre os atacantes para possíveis inversões de bolas e do técnico com os jogadores para passar instruções.

TÉC. 4

PRINCÍPIOS OFENSIVOS

É... a característica mais normal do jogador pra cego, que é 3 marcando atrás e 1 indo e voltando, então um tipo de jogada é 2-2 que a bola é lançada pra esse jogador aqui [um dos atacantes] sempre vai vir dois na bola e vai sobrar um, então aquela orientação que nós falamos, nós orientamos pra ele quantos tão na jogada, então se nós orientamos que veio 2, ele vai tentar inverter essa bola porque aqui [lado oposto] ele, nós já sabemos que esse espaço está livre, tá? Esse é o nossa característica 2-2. Como contra o Brasil, os times normalmente jogam muito fechado, nós temos algumas jogadas ensaiadas de sair curto atrás aqui [do goleiro pros defensores] pra fazer com que pelo menos um desses saia de trás, então o goleiro sai com os que tão aberto e nós já padronizamos 3 jogadas, o que é o goleiro que vai falar pra quem ele joga. No que esse aqui [um dos defensores] recebeu a bola e tirou um jogador de lá ele pode falar a “1” é se a paralela tiver aberta, então ele já sabe que a paralela tá aberta ele vai fazer esse passe aqui mas o goleiro viu que tá fechada a paralela então o goleiro canta a jogada número “2”, que é diagonal, né, o goleiro já canta a jogada diagonal que ele sabe que o jog... que a diagonal tá aberta e tem se tiver tanto a paralela quanto a diagonal fechada um deles [adversários] vai atacar ele fala jogada “3” que ele sabe que o outro jogador tá livre então ele vai fazer a jogada “3” e aqui nesse jogador 3 [o que recebeu a bola] que o goleiro vai falar se ele faz o passe na “1” ou na “2” ou até mesmo se ele consegue conduzir essa bola. Essa é uma jogada que nós utilizamos bastante e que tá dando muito certo e ali na frente é aquela assim, sempre quando tiver 2 nós falamos pro jogador que dá pra encarar a partir do momento que tem 3 então ele vai pegar, vai tentar sair, trazer a bola pra trás pra fazer 1 [adversário] vir com ele também vai ficar só 2 lá e ele vai fazer esse passe [pro lado oposto] e aí quando tem 2 ele vai pra cima, nós estamos fazendo bastante e isso tem dado certo.

Tem mais alguma coisa que queria falar?

Oh Márcio é muito legal que dá pra eles verem né... isso aqui nós não treinamos ainda! Como eles jogam muito... muito recuados contra o Brasil [os 4 na meia quadra defensiva], nós vamos tentar fazer uma jogada com 3 atacantes, por exemplo, se esse aqui não consegue fazer a jogada vai ter um atrás [próximo a linha central] que vai pedir essa bola e vai receber essa bola, nós chamamos de “L” porque ele vai receber essa bola e ele vai trazer pra esse lado aqui [pra banda oposta] então tudo isso pra fazer com que a defesa se movimente lá de trás. Trouxe a bola aqui, esse vai tentar, conseguiu não, não conseguiu, então volta faz o “L” de novo, sabe, então a função desse cara de trás é só carregar a bola e tocar pro outro, carrega a bola e toca pro outro [pros dois atacantes abertos nas bandas] só pra fazer essa defesa aqui se movimentar pro... normalmente contra o Brasil ficam fechados lá trás. Então temos que bolar qualquer estratégia de tirar um de lá e esse jogador aqui [o da linha central, que carrega a bola pros dois atacantes] também tem a característica, de com a orientação do técnico que vai tar daqui [seu terço de orientação] poder partir na diagonal se ele recebe essa bola ele tem até condição de partir pro gol na diagonal, isso nós treina... nós não treinamos, nós vamos treinar agora nesse mundial de novembro de 2006, basicamente 50% é esse tipo de jogada e as jogadas de linha de fundo também que tá, tem dado certo, é do jogador conduzir a bola nunca ninguém espera, normalmente o defensor fecha o gol, então nós vamos fazer uma jogada de linha de fundo, ele vai carregar a bola pra linha de fundo, vai carregar até a linha de fundo esse aqui vai fechar e vai passar da linha de fundo e vai voltar então, vai tirar esse aqui do gol e vai fechar o goleiro e esse atleta vai voltar pra dentro então nós chamamos de “8”, ele vai pro fundo volta pro meio e chuta pro gol. É mais uma tática que... nós vimos que é uma chance, mais uma chance de fazer gol justamente pra fechar essa defesa que contra o Brasil sempre é fechada.

Análise dos Temas Enunciados

JOGADAS PRÉ-ESTABELECIDAS: utilizadas principalmente para atrair os jogadores de equipes que jogam muito recuadas, seja nas saídas de meta do goleiro ou pelo jogador que se posiciona na linha central de quadra. O goleiro faz uma saída curta com a bola nos jogadores recuados (defensores), abertos nas bandas e diz a jogada a ser efetuada de acordo com o posicionamento da equipe adversária. São 3 diferentes jogadas identificadas pelos números 1, 2 ou 3 (paralela à frente, diagonal à frente ou inversão de ala). Já o jogador de meio carrega a bola de uma ala à outra para atrair um adversário antes de passar a bola para um dos dois atacantes de seu time, abertos um em cada ala.

SISTEMAS TÁTICOS: joga-se no 2-2 ou no 3-1. Orienta os atacantes para que avancem em direção ao gol quando se defrontam com 2 defensores. Quando forem 3 defensores, orienta um recuo com a bola, para que um dos adversários deixe sua posição e assim o atacante faça o passe para seu parceiro na ala oposta, que estará diante de 2 marcadores. Contra equipes que jogam com os 4 jogadores recuados, treina jogadas para retirá-los do seu terço defensivo (com 3 atacantes), ou utilizar espaços não fechados pela zaga adversária, como a linha de fundo (as equipes fecham o meio de quadra).

COMUNICAÇÃO: o goleiro orienta a chamada das jogadas pré-estabelecidas de acordo com o posicionamento adversário e o chamador informa aos atacantes quantos defensores adversários eles têm pela frente.

PRINCÍPIOS DEFENSIVOS: Como a sua equipe se organiza para:

Recuperar a posse da bola?

Impedir a progressão do adversário?

Proteger o próprio alvo?

TÉC. 1

PRINCÍPIOS DEFENSIVOS

Como eu disse, eu sempre jogo c/ três marcando né. Você tem o fixo e os dois alas sempre voltando. Dependendo da equipe eu sempre deixo dois lá marcando. Tem equipes que você vê que joga com dois que são mais ofensivas, então eu deixo o ala direita que vai e volta, mas tem horas que eu falo para ele ficar mais. Então eu fecho com dois ali e tendo o ala esquerda que volta para ajudar a marcar e as vezes o pivô fazendo o meio para dificultar essa bola ser passada pelo meio. Então ele fica ali na bola... tá na posse do goleiro adversário, ele fecha o meio para dificultar esse lançamento.

Impedir a progressão do adversário, já falou e aí a questão de:

Proteger o próprio alvo?

É porque... o que eu falo sempre com eles, que eu não gosto, é quando embola, ou seja, três jogadores tão na mesma bola. Porque aí você começa a se complicar. Então, normalmente, quando eu tô jogando com dois lá atrás e o fixo saiu para...para pegar o... a ala direita do outro, ou seja, a nossa esquerda, o outro ala ele já vem aqui fazer a cobertura dele e o outro que tá voltando ele faz o outro lado. Sempre é com cobertura né. Se um sai o outro já tem que tar na cobertura para dar proteção. Perdeu a bola o outro já sabe que tem, porque esse que perdeu ele já vai fazer o giro e voltar para marcar, para tar sempre fechando bem ali e não dando espaço. E evitar que fiquem trombando que ficam dois na mesma bola, não deixar essa coisa de onde tá a bola tá todo mundo.

E essa cobertura é para cobrir o meio ou as costas dos jogadores?

As costas do jogador, porque pelo meio já tá voltando o outro ala e esse que perdeu ele já vai cobrir as costas de novo, que ele vai ficar na sobra que se o cara passar já tem outro na sobra, aí fica mais difícil para o atacante, que aí ele tem que driblar mais um. Se você deixar no individual, mano a mano é muito fácil, ele dribla um e já tá de cara com o goleiro. Então já sai na cobertura.

E como evitar essas “trombadas” entre os jogadores do próprio time?

Falando! Eu conversando com eles nos treinamentos, falando... Tem que falar, não pode ficar mudo, tem que tar orientando. E o goleiro tem um papel fundamental, porque o goleiro ele também, eu falo para ele, o goleiro tem que narrar ali atrás. O que eu faço durante o coisa... ele tem que narrar! Narrar em que sentido? tá na sua direita. O fulano saiu. NOME saiu faz cobertura NOME. Vem NOME! Fulano foi para esquerda. Então ele falando, os atletas estando... conscientes, é... prestando atenção, evita e é, dificilmente vai ter essa trombada. É lógico que um lance ou outro, às vezes, por algum motivo, isso acontece, mas não é uma constante.

Análise dos Temas Enunciados

SISTEMAS TÁTICOS: geralmente marcam com três jogadores (3-1), os dois alas e o fixo, mas podem alterar em virtude do sistema ofensivo adversário, liberando mais o ala esquerdo (2-2). O pivô, tem como função defensiva ocasional, o fechamento do meio de quadra para dificultar o lançamento do goleiro.

COBERTURA: tem que haver uma cobertura ao marcador do adversário com posse de bola. A marcação individual, chamada, mano a mano, não é considerada eficiente, por facilitar o drible do atacante.

COMUNICAÇÃO: a orientação do goleiro é muito necessária para o posicionamento defensivo, além da comunicação entre os defensores, para evitar as colisões e a chegada (combate) de dois companheiros na bola ao mesmo tempo.

TÉC. 2

PRINCÍPIOS DEFENSIVOS

Ok. A postura defensiva ela é muito marcada em função da tática adversária de ataque. tá certo? Então o que a gente trabalha são algumas posturas defensivas. Então eu trabalho com um pivô fechando mais o

meio, dois alas à frente, depois a gente vai demonstrar isso, dois alas à frente do meu beque... fechando o meio junto com o beque na direção do goleiro. Fecha-se bem o meio porque a gente sabe que, por exemplo, o pivô é um cara que recebe bem a bola, contra o CESEC você tem que fazer isso, se o NOME pegar... faz um losango porque se o jogador, o pivô receber essa bola no meio, atrás dos meus zagueiros... ele vai virar e vai fazer o gol, não tem jeito! Então nós temos que fechar bastante, abre-se o precedente pro ala, que é o que as equipes tem que fazer né. Então quando se abre o precedente pro ala, o quê que é o treinamento nosso? Postura defensiva, o ala próximo se encarrega da 1ª marcação, o beque, cobertura diagonal em direção ao gol e, o ala contrário, cobertura diagonal em direção a, atrás do beque. Então ele tem três barreiras para poder recuperar essa bola... Eu faço com duas coberturas, 1º zagueiro pa pa pa pa pa pá. Em situações de, por exemplo, o time em desvantagem e tal, coloca-se dois, fechando o meio só os dois que nós temos precisando ir para o ataque. Os dois fecham um pouquinho mais a frente. Você expõe um pouco a sua defesa para recuperar a bola, mas entretanto você consegue ter a opção de ligar mais rapidamente o contra ataque. Então você fecha com uma menor quantidade de pessoas atrás e empurra algum atleta seu mais para frente para gente, para que? Quando da recuperação dessa bola com dois zagueiros ou né o... futebol para cegos, ele tem a questão da bola se perder com mais facilidade, o goleiro recupera essa bola e já tem o contra-ataque mais rápido tá? E lógico, como eu falei, tudo depende da postura da equipe adversária, mas a gente trabalha todas.

Análise dos Temas Enunciados

SISTEMAS TÁTICOS: dependente do sistema ofensivo adversário e/ou da situação do jogo. Geralmente utiliza o pivô à frente, fechando o meio, seguido pelos dois alas, também mais ao meio de quadra e o fixo mais próximo do goleiro (losango ou 3-1). Em situações de desvantagem, expõe um pouco a defesa, adiantando um ala e o pivô (2-2) para possibilitar rápido contra-ataque com lançamentos do goleiro, após bolas perdidas pelo ataque adversário. Fato bastante ocorrido no futebol para cegos.

COBERTURA: é feita duas coberturas ao marcador da bola. O primeiro combate é do ala. A primeira cobertura é do fixo e a segunda cobertura do ala oposto.

TÉC. 3

PRINCÍPIOS DEFENSIVOS

No caso de recuperar a posse de bola, dependendo da marcação ou do posicionamento que a equipe adversária que é essa branca colocar, não sei... né? Você tem, você não pode tá sempre emparelhado 2 contra 2, eu acho que teria que ter sempre que jogar nessa formação [três defensores], porque que eu queria sempre ter um aqui, se um tá infiltrando no meio né o próprio goleiro que tem sua área de atuação, vai dar essa informação. Porque se a bola for lançada nesse jogador [avançado a esquerda, próximo à banda], sempre quem dá o primeiro combate é esse [defensor mais próximo] esse jogador tá colado nesse [no atacante infiltrado] e esse outro também é o sobra, como diz, seria a cobertura né, e o jogador sempre tá um pouco afastado. Ele sabe que esse atleta tá ali [na banda], pela informação minha ou do próprio goleiro na sua... no seu limite, então o quê que aconteceria, bola jogada aqui [jogador próximo a banda] esse sempre sai no combate, se ele perde esse outro vai e esse já tá na cobertura desse outro, entendeu? Eu acho que o que tem que ter uma sintonia pra roubada de bola nesse sentido, todos os atletas tem tar sintonizados, mas nunca deixaria sempre os 4 aqui [meia-quadra defensiva], vou sempre finalizar aqui [atacante], esse pode ser o pivô [mais no meio] ou pode jogar na outra ala aqui assim [próximo a banda], dependendo da característica do jogador que eu tiver. Esse vai sempre fazer com que um defensor dele sempre esteja aqui, ou o outro, se ele tiver o medo do meu atacante com certeza fazer esse aqui, se esse avança [o segundo defensor] eu vou ter uma facilidade melhor pra um contra ataque. Impedir a progressão do adversário eu acho que o atleta ele tem que tá sempre sincronizado com o treinador que é sua área de atuação aqui. Com o chamador pra poder esse adversário não deixar a bola sempre sair em linha curta, como diz, em saída curta e o pivô, ele tem sempre que tá atento ao chamador, que tá aqui no limite de orientação do chamador né... e fazer com que o atleta escute a orientação tanto minha como dos goleiros, e o mais importante é o goleiro né, porque o goleiro ele também, se torna um treinador dentro da equipe,

como o chamador, teria que ser... um professor formado que, orientasse melhor, não aquele chamador que grita, que orienta bem o ataque, então esses são os olhos do futebol de cego, né dos atletas do futebol de cego. Eu sempre analiso a sincronia dos três, goleiro, treinador, chamador, se não tiver essa sincronia acho que o futebol de cego, ele sempre vai ficar naquele arremesso pra lá, arremesso pra cá, e sem objetivo nenhum, se não tiver essa sincronia o atleta não vai pra lugar nenhum. Há uma falação, mas é uma falação como, que não atrapalha o andamento do jogo, por ele precisar da audição, de escutar a bola né, então acho que tem que ter essa sincronia.

Proteger o próprio alvo, vamo dar um exemplo que seria um escanteio não sei como é que ele [adversário] vai armar aqui, o quê que eu faria? O goleiro aqui, ele é a peça mais importante porque? Porque quem vai levar o chute na cara como diz assim... o, propriamente é ele, então, se eu notar que o goleiro, colocou um pouco a barreira, ou ele não tem uma noção diferente que eu acredito que isso não aconteça porque a gente treina pra isso, esse jogador sempre vai fazer esse outro ficar aqui e um vai passar a bola pro outro e esse vai fazer o trabalho que ele sabe fazer na equipe dele, então a minha formação seria sempre essa aqui [dois na barreira e um na sobra], eu acho que acredito ser a do goleiro também. Sempre definindo quem faz o combate se é esse jogador mais aberto ou esse, dependendo da jogada que for criada aqui. Então essa aqui seria a minha, proteger o meu próprio alvo, entendeu? Se ele joga a bola por cima [da barreira], o que vai acontecer? Vai co... inverter essa posição, esse já da cobertura e esse que tava mais perto do alvo [o que estava na sobra], do jogador de ataque vai fazer isso... criar a comunicação entre os cegos, há troca de passe e tudo, se protegeria assim.

Análise dos Temas Enunciados

COBERTURA: necessidade de existir a cobertura. Sempre deixar um jogador na sobra do marcador da bola. O primeiro combate é sempre do jogador mais próximo do adversário que tem a posse de bola.

COMUNICAÇÃO: importância da sintonia entre os orientadores (técnico, chamador e goleiro) e os jogadores da equipe para a identificação do posicionamento dos adversários e de suas jogadas. Porém, apesar do entrevistado dar demasiada importância e responsabilidade à função de orientação, chamando-a de "os olhos dos atletas do futebol de cego", afirma que se tal função for mal executada, por falta de sintonia entre os orientadores, pode atrapalhar a audição da bola pelos jogadores, deixando-os perdidos e sem objetividade.

SISTEMAS TÁTICOS: fazer com que o número de defensores seja sempre maior que o de atacantes. Gosta de jogar com 3 defensores e deixar um atacante avançado (3-1) pelo meio ou pelas alas para segurar 1 ou 2 defensores adversários e propiciar os contra-ataques. Não jogaria com os 4 jogadores recuados pela impossibilidade de puxar um contra-ataque.

TÉC. 4

PRINCÍPIOS DEFENSIVOS

Sistema defensivo nosso, nós jogamos com 1 que é o pivô na frente, 1 no meio e 2 defensores [2-1-1]. Se esse aqui [o do meio, posicionado na linha de meio de quadra], esse aqui fica na frente pra tentar cortar a bola dos dois lados, ele vai ficar com os ouvidos no goleiro. Se o goleiro jogar pra direita, esse aqui vai orientar, ele tem que tentar conseguir interceptar a bola antes que chegue aqui, se a bola conseguir passar, o defensor direito vai na bola e o que estava do outro [lado] já vem pra cobertura. Não vão os dois na bola! Esse aqui [o do meio] então faz tipo como um sanduíche, daí, eles conseguiram inverter essa bola então vai o que tava na sobra [o defensor esquerdo], vai na bola e o outro que tava na bola [defensor direito] vem pra cobertura. Sempre nesse sistema, um vem, vai, vai, vai e tendo esse aqui [o do meio] a opção depende da equipe, lógico, de chegar, normalmente nós fazemos isso quando tem um jogador que desequilibra, aí nós colocamos 2 nesse jogador que desequilibra, senão fica só esse aqui mesmo, um na cobertura e um na bola, um na cobertura e um na bola.

Análise dos Temas Enunciados

COBERTURA: o primeiro combate é feito pelo defensor mais próximo da bola e outro chega na cobertura. Pode aparecer um terceiro marcador diante de um bom atacante adversário, que recebe marcação dupla, deixando um defensor na sobra.

COMUNICAÇÃO: os jogadores se comunicam para indicar a direção da bola, principalmente nos lançamentos do goleiro adversário e também para não irem 2 na bola.

SISTEMAS TÁTICOS: utiliza uma variação do 2-2: o 2-1-1. Ao pivô não é dado funções defensivas. O jogador de meio tenta interceptar o lançamento do goleiro para impedir que a bola chegue no terço defensivo de sua equipe, local de ação dos dois defensores que atuam por zona, um à direita e o outro à esquerda. Contra equipes que possuem um ótimo atacante, o jogador de meio volta para ajudar os dois defensores, chegando como o segundo marcador no homem da bola (sanduíche), para deixar um dos defensores na sobra.

COMUNICAÇÃO: Que estratégias você utiliza para se comunicar com seus jogadores no jogo?

TÉC. 1

COMUNICAÇÃO

Ah eu, sou um cara que eu falo demais. Eu praticamente eu falo o jogo todo, eu narro o jogo todo, eu fico o tempo todo falando eu até, as vezes, esqueço dessas regras que tem 1/3 do ataque, 1/3... eu fico, porque é... é o tempo todo. Desde quando eu comecei, sempre foi assim, era eu falando o tempo todo. O máximo é a questão do goleiro que eu falo pro goleiro orientar ali atrás. Mas eu fico falando o tempo todo pros jogadores. A sua direita tá peg... a sua, fecha mais. Pega na sua esquerda. Ah... sai um pouco do meio. Então eu fico falando com eles o tempo todo! Lógico que a gente tem algumas palavras chaves: fecha, abre, que eles já sabem para onde vai. Na sua, faz a sua, que ele já sabe que é para fazer o ataque pela ponta dele. Faz trocando, que aí vai trocando né. Algumas é... conversas que a gente tem durante o treino, que durante o treino a gente conversa muito isso né, é que é utilizado. E aí então eu sou um cara que falo demais. As vezes até a arbitragem chega para mim e fala, olha, dá para diminuir aí? Porque é o jeito! É o jeito. É... eu por exemplo, já fui técnico de goalball para nunca mais! Você não pode falar nada! [risos]... Eu fui uma vez e falei, Não gente, isso daqui não dá para mim não! Não dá. Você ver que a bola tá ali passando e aquilo... é sua pega aí, passou, não sei o que. É, você fala demais. Então é uma característica assim que não dá para eu... não consigo mais sair dessa relação que eu ... eu preciso falar o tempo todo tá. Tanto que os cara da, os jogadores da re, quando tã na reserva eles gostam de ficar do meu lado, porque eles falam, que aqui a gente sabe o que está acontecendo, que você fica narrando o jogo.

Análise dos Temas Enunciados

EXACERBAÇÃO: extrapola na comunicação com seus jogadores na empolgação do jogo, esquecendo-se do espaço determinado em regra para esse fim. Atitude que já lhe ocasionou advertência da arbitragem por atrapalhar o andamento da partida, mas que é valorizada pelos seus jogadores reservas, acostumados a essa “narração”.

DESCENTRALIZAÇÃO: determina ao goleiro a função de orientação da defesa.

PADRONIZAÇÃO DE TERMOS: utilização de palavras-chave criadas e exercitadas em treinamentos.

TÉC. 2**COMUNICAÇÃO**

Olha, até por uma determinação da regra a gente não pode fazer extremo barulho e até é legal a gente não ter que fazer muito barulho, o que seria ideal que não tivesse barulho nenhum e que se a gente falasse, os atletas entendessem. O que eu procuro fazer é estar muito em sintonia com o goleiro e com o chamador, que são as pessoas que tem que saber tudo que eu quero e tem que repetir para os jogadores exatamente o que eu vou pedir para eles. Então quando a gente combina uma estratégia de jogo quanto a determinada equipe, como por exemplo contra a UNICEP, final de campeonato regional né. Eu combinei uma estratégia numa preleção anterior ao jogo, tá certo? Goleiros, na defesa a postura é essa, essa e essa. Meu chamador, no ataque a postura é essa e essa e essa. Deixa que aqui no meio eu vou controlar quem tiver aqui. A postura é tal tá gente? Eu vou só orientar. Passa para lá, passa para cá, mas a postura eles já tem de antemão, treinada e você tem que saber o que tem que fazer.

Análise dos Temas Enunciados

DESCENTRALIZAÇÃO: procura estar em sintonia com o chamador e o goleiro para que eles transmitam as orientações aos jogadores, em relação à estratégia de jogo combinada anteriormente.

PADRONIZAÇÃO DE TERMOS: atribui certa terminologia aos posicionamentos táticos treinados para facilitar sua utilização em jogos.

TÉC. 3**COMUNICAÇÃO**

Primeiro a gente tem que ter o silêncio pra trabalhar o... né, essa comunicação é o dia a dia, não é só dentro de quadra é do café da manhã ao dormir, então ah, tem que existir essa comunicação dia a dia, tentando corrigir algumas falhas que existe tentando melhorar o que o atleta tem de melhor, se você treina o atleta constantemente ele vai aperfeiçoando e vai adquirindo um conhecimento melhor pra poder trabalhar esse atleta cego, é com experiência com tempo vivido é que você vai fazendo com que esse atleta evolua né, e assim essa comunicação que a gente faz é do dia a dia, vou dar um exemplo pra uma partida de futebol, há uma limitações dele né, existe a regra que existe é vários do ... da quadra, então o jogador fica limitado na forma de trabalhar mas no seu treinamento do dia a dia você corrige né, você tem que fazer com o que o atleta desempenhe melhor, é como se você fosse a visão do atleta. Então eu acho que a comunicação é como um todo tanto você como técnico, e tanto atleta que tem que tar atento pra essas informações, tá goleiro, técnico, os chamadores que existe na regra. Agora isso tem que ser corrigido no trabalho de base, que é o seu trabalho o seu dia a dia no treinamento. Pra que se funcione o jogo, algumas comunicações, vamo dar um exemplo é o deslocamento, frente, lateral, esquerda, direita é você não pode assim monopolizar o atleta, quer dizer assim, ele virar robô, ele com treinamento que você faz no dia com ele essa questão a parte física técnica e tática, você melhora muita essa comunicação, você vai começar a vivenciar e aprender e saber como o seu atleta joga. Seria como você tivesse treinando a... um garotinho pequenininho e desenvolvendo e eu acho que seria a mesma coisa que se trabalhasse com cego então é super importante que esse dia a dia seja comum, né e pra que ele desenvolva eu acho que é com uma equipe profissional a gente sente que hoje ainda não há um profissionalismo né nessa questão é do futebol de cego ainda né. tá caminhando pra isso né, o Brasil atual campeão paraolímpico então acho que tá caminhando pra isso tá vendo, tá tendo uma visibilidade maior, o futebol já ficou mais dinâmico com as mudanças... seria... o futebol mas com a mudança nas regras, então essas comunicações são isso acho que o dia a dia, vivenciando, melhorando cada vez mais o atleta.

Análise dos Temas Enunciados

DESCENTRALIZAÇÃO: divide a função de orientação com o chamador e o goleiro pela restrição da regra e pede aos jogadores que estejam atentos às orientações deles.

PADRONIZAÇÃO DE TERMOS: utilização de uma terminologia própria desde a iniciação, no dia a dia dos treinamentos, para que se repita e funcione durante os jogos. Atribui importância também à comunicação extra-quadra, para conhecer melhor seus jogadores e possibilitando que desenvolvam seu jogo.

TÉC. 4

COMUNICAÇÃO

Nós conversamos muito, muita conversa assim, principalmente nos treinamentos e antes das partidas. É... no futebol para cego você não pode falar muito, o principal do jogo ele ter que escutar a bola, então é as dicas que você tem que dar nós combinamos nos símbolos. Primeiro eu tenho que informar pra ele quantos tão na jogada, isso, por exemplo, se é um atacante ele vai partir para o ataque eu tenho falar quantos defensores tem, então se eu falar que tem dois, ele já sabe que se passar por um, ainda tem o outro, se ele tá por num lado e eu falar que tem dois ele já vai saber que no outro lado não tem nenhum, então ele já vai saber, tocar essa bola pro outro lado. Na defesa é a mesma coisa, a orientação da defesa a gente chama pelo nome da pessoa, então se você falar vai, vai que ninguém vai saber quem vai, então falo o nome da pessoa e essa pessoa vai pra bola, enquanto essa pessoa vai pra bola o outro defensor vai estar na cobertura, se o adversário inverter a bola chamo o nome da outra pessoa que está na cobertura e outro já sabe que tem que cobrir então o nosso treinamento é muito repetitivo nessas formas, essas mesmas formas assim, falou o nome da pessoa ele tem que ir e o outro não pode ir na bola, a não ser que ou o goleiro ou no caso o técnico oriente ele pra sair. Então é repetição nesse caso.

Análise dos Temas Enunciados

DESCENTRALIZAÇÃO: cita a atuação do goleiro na orientação defensiva.

PADRONIZAÇÃO DE TERMOS: utiliza termos curtos e objetivos exercitados nos treinos e relembrados antes das partidas, para que seus jogadores possam ser orientados sobre o posicionamento adversário, tendo uma melhor possibilidade de interpretação da situação e sem serem atrapalhados pelo barulho.

PERSONALIZAÇÃO: fala o nome do jogador a quem se destina a orientação para não confundir os outros jogadores que já ficam atentos e se organizam para auxiliar o parceiro.

Inferência Coletiva

Exercício da base regencial

COMUNICAÇÃO: a verbalização apresenta-se como fator primordial pela falta do estímulo visual. A comunicação entre os elementos da equipe, ouvir os parceiros, falar com eles, é imprescindível para existir a coletividade nas equipes. Ouvir seus orientadores (goleiro, técnico, chamador) auxilia na leitura do jogo, além de servir como ponto de referência para a orientação espacial em quadra. Mesmo a comunicação dos adversários, que não tem por finalidade orientar a equipe contrária, acaba servindo para este fim, pois podem se tornar pontos de referência, além de também proporcionar auxílio para a interpretação da situação de jogo.

DESCENTRALIZAÇÃO: pela restrição da regra imposta pelos terços de orientação, é necessária uma descentralização da função de orientação, dividindo-a com o goleiro e o chamador. É imprescindível que haja sintonia entre os três, para que as orientações dadas por eles aos jogadores não entrem em conflito e nem se distanciem da estratégia combinada previamente.

PADRONIZAÇÃO DE TERMOS: utilização de palavras-chaves curtas e objetivas e até mesmo de outros efeitos sonoros como o assobio, criados e exercitados em treinamento, para orientar os jogadores sem atrapalhá-los na percepção de outros estímulos sonoros importantes. Esses termos auxiliam os jogadores na leitura do jogo, denominando posicionamentos táticos, jogadas pré-estabelecidas, ações a serem efetuadas, posicionamentos dos jogadores em quadra.

PERSONALIZAÇÃO: fala o nome do jogador a quem se destina a orientação, para não confundir os outros jogadores que já ficam atentos e se organizam para auxiliar o parceiro.

EXACERBAÇÃO (NARRAÇÃO): extrapola na comunicação com seus jogadores na empolgação do jogo, esquecendo-se do espaço determinado em regra para esse fim. Atitude que já lhe ocasionou advertência da arbitragem por atrapalhar o andamento da partida, mas que é valorizada pelos seus jogadores reservas, acostumados a essa “narração”.

SISTEMAS TÁTICOS: os sistemas utilizados pelas equipes no futebol para cegos se baseiam entre o 3-1, o 2-2, o 2-1-1 e o 4-0. A utilização de cada um deles varia de acordo com as características dos jogadores da própria equipe, da equipe adversária e do momento e situação do jogo. No sistema 3-1 são três defensores e um atacante. É um sistema mais maleável que pode se tornar mais ofensivo, dando mais liberdade aos alas para atacar, como se o sistema variasse para 1-2-1 ou 1-3; liberdade que não tira os deveres defensivos. Mas pode também se tornar mais defensivo, segurando os três defensores na meia quadra defensiva. No sistema 2-2, são dois jogadores responsáveis por funções defensivas e os outros dois por funções ofensivas, mais abertos pelas alas. Os defensores raramente vão a meia quadra ofensiva e os atacantes, também raramente a deixam. O sistema 2-1-1 é uma variação do 2-2. A diferença é que um dos atacantes recua para auxiliar a defesa, seja tentando interceptar o lançamento do goleiro sobre a linha central ou voltando para dobrar a marcação quando a bola passa por ele. Mas sem se esquecer de suas funções ofensivas. Existem algumas equipes que jogam no sistema 4-0, com todos os jogadores recuados, principalmente contra a seleção brasileira. Os técnicos entrevistados não são adeptos desse sistema. Por mais que ele dificulte o ataque adversário, é um sistema muito passivo, que não oferece tanto perigo. A ausência de um atacante avançado, ocasiona a demora em organizar as ações ofensivas por tirar a opção do contra-ataque rápido a partir do lançamento do goleiro.

TÁTICAS/TÉCNICAS: as mudanças nas regras, como a permissão do goleiro vidente, por exemplo, e a evolução do jogo tem dificultado as ações ofensivas individuais, estratégia muito explorada em outras épocas, quando os jogadores recebiam a bola do goleiro e a conduziam até finalizar na meta adversária. Hoje, o passe aparece como o diferencial nas ações ofensivas. Circular a bola para fazer com que o adversário se desestruture defensivamente até que a bola chegue a um jogador em melhores condições de finalizar a gol.

JOGADAS PRÉ-ESTABELECIDAS: são jogadas com nomenclatura padronizada. Parte-se de um posicionamento prévio e a partir do comando dado principalmente pelo goleiro nas saídas de meta (pode ser dado também pelo técnico ou chamador), inicia-se uma série de movimentações trabalhadas previamente em treinamento. Os jogadores devem saber a sua posição inicial e final para cada jogada. A escolha da melhor opção a ser executada posteriormente à movimentação, é dependente do posicionamento adversário e é função de cada jogador, que podem contar com auxílio dos orientadores para decidirem. Independentemente das diferenças entre as jogadas de cada equipe, elas têm como objetivo tentar vencer o sistema defensivo adversário.

COBERTURA: indispensável de acordo com os entrevistados, pois a marcação individual não é considerada tão eficiente, por facilitar o drible do atacante. O intuito é fazer com que o número de defensores seja sempre maior que o de atacantes. O número de coberturas é dependente do sistema tático utilizado pela equipe. No sistema 2-2, utiliza-se uma cobertura, nos sistemas 3-1 e 2-1-1, pode-se utilizar

até duas e no 4-0, até três. O primeiro combate é sempre do defensor mais próximo da bola e os outros defensores se orientam pela movimentação deste. Um bom atacante adversário pode receber marcação dupla, prendendo pelo menos mais um defensor para fazer a cobertura.

Boa equipe

Temáticas Enunciadas
Características: COESÃO GRUPAL, TÁTICAS/TÉCNICAS.
Aquisição: TREINAMENTO, DINÂMICAS.

BOA EQUIPE: E uma boa equipe, apresenta que características?

TÉC. 1

BOA EQUIPE

Ah, que seja um grupo forte né. Um grupo forte no sentido de que tenha a solidariedade de um com o outro né. O respeito de um com o outro. De que... e esses... além dessas características, que cada um tenha sua parte individual junto, colocar isso à disposição do grupo. Da forma que o grupo, o CESEC, seja mais importante do que eu ser artilheiro, o outro não tomar gol, o outro não ser melhor do... Se tiver todo mundo querendo que o CESEC seja campeão, seja o melhor, aí já tá a característica de um grupo forte que aí não tem como. Não tem como. O grupo que se fechar forte já tendo todo o trabalho é muito difícil de conseguir superar.

Análise dos Temas Enunciados

COESÃO GRUPAL: solidariedade e respeito mútuo para alcançar o objetivo comum à equipe. Utilização das características individuais em prol da equipe.

TÉC. 2

BOA EQUIPE

Principal, fundamentalmente a gente tem que ter numa boa equipe, um espírito de grupo muito grande. A equipe tem que conhecer suas limitações e seus pontos fortes e a partir daí estar ciente de que, diminuir as limitações são fundamentais né, e incrementar os pontos fortes também é fundamental. Então você trabalha em função dessas coisas específicas porque, nenhuma equipe é perfeita. Então você vai atrás de corrigir os seus defeitos e aprimorar o que você tem de bom.

O que é necessário para adquirir essas características?

Como a gente adquire essas características? Muita dinâmica de grupo com esses meninos! Né, tem que conversar muito com a equipe, trabalhar, O gente, o quê que tá hoje, sendo ruim na nossa equipe? Ah, não, nossa defesa não tá legal não! Então gente, nós vamos trabalhar a defesa tá certo? O grupo todo tá ciente de tá envolvido, envolvido na questão de, eu tenho que corrigir isso ou eu tenho que melhorar aquilo. Então é... nós utilizamos dinâmicas entre eles, dinâmicas individuais, tá certo, eu faço brincadeiras individualmente. Converso pessoalmente, um por um para, Ó gente e aí, O NOME, o quê que tá melhor hoje, o quê que a gente pode melhorar para próxima. O quê que você acha que nossa equipe, eles têm que tomar conhecimento das suas limitações e isso só mesmo através de muito trabalho.

Análise dos Temas Enunciados

COESÃO GRUPAL: descentralização de poder. Envolvimento de todos os jogadores para melhorar o rendimento da equipe.

TÁTICAS/TÉCNICAS: capacidade de reconhecimento de suas potencialidades e limitações para buscar constantemente o aprimoramento com muita dedicação.

DINÂMICAS: Muita comunicação com os jogadores, coletiva e individualmente.

TREINAMENTO: Dedicação e muito trabalho para corrigir as falhas e melhorar as virtudes.

TÉC. 3

BOA EQUIPE

É no meu decorrer dos anos né, e pelo que comecei a participar do primeiro campeonato brasileiro eu não conhecia nenhuma equipe, eu comecei a perceber que uma equipe que tinha um jogador finalizador, bom driblador, vamo dá um exemplo que ele seria um pivô ou próprio ala mais habilidoso aqui, então era importante porque ele definia, né, era importante que ele definia e matava como dizer assim, matava rapidamente e a equipe confiava muito, sempre confiou nele e nessa atualidade e nessa experiência que eu já tenho e pelos... todos os campeonatos que eu já participei, a nível internacional, brasileiro, né, eu tô vendo que evoluiu muito o futebol de cego que hoje ficou dinâmico é que uma equipe só, não depende só de um atleta. Então acho que todas essas características eu vou dizer que alguns vá ser só atacantes com certeza vai ter sempre um jogador como existe no convencional um jogador vai lá e fica, não faz a marcação e define tudo, mas hoje vê que, posso dar um exemplo, nesse campeonato agora 2006, a gente sentiu que uma equipe, ela tem todas as qualidades, então ela tem que ter vários jogadores não só um que dec.. né, que só faça gol, então tem que ter todos que saiba driblar né, fazer gol e desarmar a equipe.

Análise dos Temas Enunciados

COESÃO GRUPAL: os jogadores tem que se dedicar à equipe, cada um em sua função específica. A união de esforços se sobressai ao talento.

TÁTICAS/TÉCNICAS: os jogadores precisam estar bem preparados para utilizarem o patrimônio da modalidade

TÉC. 4

BOA EQUIPE

Bom a equipe é... ela tem que ser completa, mais ou menos de acordo com o adversário e com o placar também, mas ela tem que ser consistente, principalmente futebol de cego, tem que ser muito consistente na defesa, ela tem que ter um afim, um em maior número de pessoas em muitas variedades assim, quanto mais você varia a jogada no futebol de cego é melhor né, tem muitas equipes que nós já sabemos a característica que jogam por um determinado lado, então se o adversário fecha esse lado a equipe não faz mais nada, então quanto mais você diferenciar as jogadas o adversário é, vai dificultar um pouco mais pra ele. Nunca sabe onde você vai.

O que é necessário para adquirir essas características?

Também com treinamento assim é, o que consiste o nossos treinamentos, às vezes nós fazemos muito ataque contra a defesa então... você estipula duas horas de treinamento então na primeira essa primeira metade do treino você corrigi bastante a defesa o posicionamento que você quer, eu prefiro, que posicione um na bola, e outro na sobra, então a gente ... assim, inverte a jogada, você inverte o lado, o... nunca pode ir dois na bola sempre um vai, o outro na sobra, então na primeira hora a gente ir só, fica orientando a defesa, e outras variações de ataque né, ataque em um em dois ataque em três, então varia bem de acordo com o que você quer na hora do jogo ou não. Como eu falei no placar e com o nível de adversário.

Análise dos Temas Enunciados

TÁTICAS/TÉCNICAS: variações de jogadas de acordo com o placar e o adversário para dificultar suas ações e manter certa coletividade para defender com consistência.

TREINAMENTO: a equipe se modela de acordo com os treinos realizados e as orientações passadas.

Inferência Coletiva

Boa equipe

TÁTICAS/TÉCNICAS: para que as equipes se destaquem é preciso que elas tenham um bom domínio do patrimônio tático da modalidade. Devem se preparar para utilizarem esse patrimônio de diversas maneiras, variando de acordo com a imprevisibilidade do jogo, diante da característica da equipe adversária e da situação da partida.

COESÃO GRUPAL: o objetivo coletivo deve vir antes do individual. Uma equipe de destaque é aquela em que os jogadores reconhecem suas características e as colocam em prol de um objetivo comum ao grupo, onde a interação de esforços se sobressai ao talento individual.

TREINAMENTO: a aquisição das virtudes atribuídas à uma boa equipe é conseguida com muito empenho e dedicação nos treinamentos, corrigindo possíveis falhas e melhorando ainda mais o que a equipe apresenta de bom.

DINÂMICAS: Muita comunicação com os jogadores, coletiva e individualmente.

Jogo 3 – LEITURA DO JOGO E ESTRATÉGIAS TÁTICO-TÉCNICAS NO FUTEBOL PARA CEGOS

Jogadores	Técnicos
<i>Características dos bons jogadores; Parceiros, adversários, alvos; Orientação em quadra; Condução, passe, recepção, drible e finalização.</i>	<i>Características dos bons jogadores;</i>

Leitura do jogo

Temáticas Enunciadas
COMUNICAÇÃO, RECONHECIMENTO DAS CARACTERÍSTICAS, VOY, REFERÊNCIAS SONORAS, CINESTESIA, MAPA MENTAL.

PARCEIROS: Como você percebe seus companheiros em quadra e que estratégias vocês utilizam para se comunicar em ações ofensivas e defensivas?

JOG. 1

PARCEIROS

Então tanto numa, tanto em uma, quanto na outra é importante é... tar sempre conversando, né. Tanto para você fazer um passe, para você é... fazer o deslocamento, você tem que saber aonde tá o seu parceiro para você não ir pro mesmo lado que ele. E para isso você tem que estar sempre chamando, um chamando o outro. Na defesa a mesma coisa, ao mesmo tempo a..., o atacante vem com a bola e o cara passou pelo, por você, você já grita logo que o cara passou para que outra pessoa se apresente para tomar a bola e... eu acho que é sempre assim, sempre conversando. Não sendo desse jeito não há, na minha opinião, coletividade no esporte. Porque você não vai ter como saber onde, onde seus parceiros estão e aí não tem como você jogar.

Análise dos Temas Enunciados

COMUNICAÇÃO: acredita não haver coletividade sem a comunicação. É a única forma de saber onde os companheiros estão; indispensável para qualquer ação na modalidade.

JOG. 2

PARCEIROS

É, a comunicação são jogadas né. A gente tem o treinador, treina várias jogadas, por exemplo se ele treina menino, por exemplo Então menino, o ala direita vai voltar, o ala esquerda, vamos supor, é uma jogada. O ala direita volta, o ala esquerda cai no pivô né. O pivô cai na ala direita e o zagueiro cai na ala esquerda, por exemplo. Então quer dizer, é uma forma de rodar o time. Então o goleiro dá essa orientação e para pro ataque nós combinamos com os colegas. Eu vou! Você fica! Itamar fica! João fica! João vai! Vanderlúcio fica. José vai. Chico fica. Então quer dizer, você tem essa, essa qualidade, o deficiente ele já tem essa qualidade de poder se comunicar dentro da quadra um com outro, sem ter aquela confusão toda de, de um confundir a orientação, entendeu? O ouvido do deficiente é tudo para ele, dentro da quadra.

Análise dos Temas Enunciados

COMUNICAÇÃO: orientação dos companheiros e para os companheiros.

JOG. 3**PARCEIROS**

Nas ofensivas a gente não procura tar falando muito, igual, como eu comentei lá atrás né. A gente tenta falar o mínimo possível, só em alguns momentos, geralmente quando o NOME está com a bola que eu chamo muito, mas eu procuro comunicar, falar o menos possível, que a gente já tem, a gente já treina junto já há uns 10 anos então não precisa tar falando muito. Já na defesa é o contrário. Na defesa a gente fala muito é... o primeiro zagueiro próximo ao goleiro, ele vai tar avisando ao segundo zagueiro, sai na direita que tá não sei quem, sai na esquerda que tá não sei quem, porque... se tá o NOME, porque, por exemplo, eu marco o NOME diferente do que eu marco o NOME, que o NOME tem o drible diferente do NOME. Eu marco o NOME diferente do que eu marco os dois outros que eu falei anteriormente. Então, por isso, que eu peço muito para o goleiro falar quem tá na bola, para poder saber o jeito que eu vou marcar, o espaço que eu vou dar para ele ou não, entendeu? Então é isso que eu faço. É... porque cada um jogador tem uma característica. Tem uns que se você encostar você vai tomar o drible mais fácil, tem outros que não! Essa também... esse também é um diferencial que a gente procura tar sempre vendo.

É e voltando um pouco com relação aos seus parceiros, vocês utilizam alguma forma de comunicação diferente?

Não, não. A gente não utiliza nenhuma forma de comunicação diferente não.

É mais na conversa mesmo?

É, a gente só tem aquele lance. A gente antes de começar os jogos a gente conversa. A gente vem vindo pros campeonatos principalmente, a gente conversa: Ó gente, de repente se tiver alguma alteração em quadra, falar um pouco mais alto é normal de jogo e a gente nunca teve problema com isso. A gente vê muitas equipes tendo problema com isso, você vê um tá reclamando que gritou muito durante o jogo, mas a gente sabe que é do jogo, a cabeça tá quente durante o jogo, então a gente já assimilou isso muito bem.

Você falou que sabe onde seus companheiros estão em quadra. Isso é uma forma de comunicação.

Como vocês sabem isso?

Ah então, ah isso é, igual eu falei anteriormente, é muito treinamento, Vêi. A gente ah... Porque cada um tem que ficar num... determinado espaço da quadra para receber a bola. Um, um pouco a frente, outro um pouco atrás para pegar a bola e dar aquela arrancada, outro já a frente para pegar e dominar e bater logo, rápido pro gol. Então a gente conhece essas características com o decorrer do tempo. Então o tempo que nos ensinou isso.

Análise dos Temas Enunciados

COMUNICAÇÃO: muita conversa nas ações defensivas para a orientação em relação ao posicionamento dos oponentes e também quem é o adversário que ele está marcando. Pouca conversa no ataque para dificultar a percepção da defesa adversária. Mediação de uma conversa anterior aos jogos.

RECONHECIMENTO DAS CARACTERÍSTICAS: as diferentes características de seus parceiros, conhecidas pelo longo período de convivência e a função exercida por cada um no sistema tático da equipe, permite saber as preferências de cada jogador de sua equipe e, conseqüentemente, um nível reduzido de comunicação nas ações ofensivas. Saber também, o adversário que ele irá marcar pela orientação do goleiro, facilita a escolha de estratégias cabíveis para as diferentes características de cada jogador.

JOG. 4**PARCEIROS**

Normalmente a gente trabalha falando. É... eu tô, eu vou, vai fulano, passou, vai você, tô na defesa, sobe. Defensor pega a bola, vai você eu fiquei. Então a gente usa palavras chave né. Fiquei, vai, vai um, volta, marca ciclano, marca fulano, vai você, é... bola sua, bola minha, deixa. São termos que a gente usa muito. Deixa que eu vou é... inclusive o jogo propicia muito isso. Você tem que falar a palavra voy sempre né, então pelo fato de falar o voy quando vai dar o combate, por exemplo, os outros colegas da equipe já

sabem que tem alguém na bola da equipe e se eu perder essa bola eu já falo, passou, muito rapidamente para que o colega tenha percepção e vá marcar logo em seguida e ce já ganha tempo na cobertura. E no ataque a mesma coisa, a gente pedindo, vem, toca, vira, vira o jogo, passa. Então são palavras chave básicas que a gente utiliza. Pequenas e objetivas.

Análise dos Temas Enunciados

COMUNICAÇÃO: utilização de palavras-chave (curtas e objetivas – “vai”, “marca”, “fiquei”, “toca”, “vem”) para facilitar a orientação. A regra do VOY também permite que eles percebam que um companheiro já se apresentou para combater o adversário e posicionem-se para fazer a cobertura.

JOG. 5

PARCEIROS

É quando o nosso time está com a bola dominada, a gente sempre pergunta quem tá com a bola, e se for um companheiro nosso responde aí a gente já se afasta né, e a gente percebe também quando o atleta tá com a bola e tá indo de encontro ao gol pra fazer o gol né, e como a bola tá vindo de encontro a gente já sabe mesmo que é nossa adversário... aí a gente pega e chama nossos companheiros e fica se comunicando um com o outro dentro da quadra.

Análise dos Temas Enunciados

COMUNICAÇÃO: pergunta quem está com a bola e se afasta se for um parceiro de sua equipe. Quando a bola vem em sua direção, percebe que é um adversário e não um parceiro, e chama seus companheiros para lhe ajudarem na marcação.

JOG. 6

PARCEIROS

Na verdade, a questão do entrosamento. Uma é a questão de conhecer o jogador e saber a posição que joga, isso já é meio caminho andado, como por exemplo, se eu dominar na direita, invariavelmente eu sei que vai ter alguém descendo pela esquerda eu vou tocar. E a comunicação é como qualquer outra pessoa: vai, eu tô, vai você, bola. Quer dizer não é uma estratégia específica não, é comunicação rotineira do futebol, né é deixa, enfim é comunicação comum, não existe nada específico, de especial, de diferente pra essa comunicação.

Análise dos Temas Enunciados

COMUNICAÇÃO: não utiliza uma estratégia específica para a comunicação. São palavras corriqueiras do patrimônio futebolístico nacional.

RECONHECIMENTO DAS CARACTERÍSTICAS: conhecer as características dos parceiros e saber suas funções no sistema tático da equipe facilita o entrosamento.

ADVERSÁRIOS: Como você percebe seus adversários em quadra nas ações ofensivas e defensivas?

JOG. 1

ADVERSÁRIOS

Então hoje, hoje fica mais é, ficou mais fácil até para fazer essas percepções devido ao fato de que você tem que falar a palavra voy quando você vai em direção à bola. Então você, quando você fala o, quando você tá com a bola e seu adversário fala o voy você já vai saber onde ele tá, você já pode cortar prum lado

ou pro outro, fazer o que você acha que é melhor naquele momento. Então é, antes disso era mais difícil você perceber o adversário. E aí trazia uma dificuldade a mais para, para você cortar uma bola, para você fazer é... para você fazer é a defesa principalmente né.

Análise dos Temas Enunciados

VOY: a regra facilitou a percepção do adversário que antes era mais difícil.

JOG. 2

ADVERSÁRIOS

Quando você vai em direção à bola, você tem que falar o... um tal de voy né. Você tem que falar o voy no seu adversário e você vai justamente na orientação da bola. Quando o adversário fala o voy, você sabe onde ele tá. Ele tá na minha frente, perai! Se ele falou voy para minha esquerda então eu vou dar um giro para direita e vou embora. Se ele falou um voy na minha direita, opa! Vou dar um giro para esquerda e vou embora. E se ele tá na frente, perai, dá para mim passar por ele e... ou então eu toco a bola, se tiver mais de um adversário, se tem dois ou três adversários falando voy, eu toco a bola no meu ala contrário. Ele vai tá sozinho logicamente, se tem três comigo, um, eu calculo que esteja lá na frente, os outros... o meu ala contrário tá sozinho. Então essa é a tática que a gente usa e também o ouvido né.

Análise dos Temas Enunciados

VOY: estímulo para a escolha da resposta da situação-problema (ao ouvir na direita sai para esquerda e vice-versa ou se ouve mais de um adversário faz o passe).

REFERÊNCIAS SONORAS: a bola é referência para a percepção do adversário que a tem sob controle.
--

JOG. 3

ADVERSÁRIOS

Isso então, aí daí eu tenho que tar sabendo... justamente se eu conhecer o jogador eu peço para o goleiro tá me avisando quem tá na bola que eu sei como é que eu vou marcar. Agora se eu não souber eu vou conhecendo durante o jogo. Vou fazendo o feijão com arroz, que é o chegar e tá estourando e eu assim... se eu tiver no meio da quadra eu procuro fazer diferente. Não procuro chegar estourando com ele, eu procuro tá correndo do lado dele e na hora que eu sinto que ele adiantou a bola eu boto o pé e tiro de lado a bola e peço na banda primeiro do que ele.

Análise dos Temas Enunciados

COMUNICAÇÃO: auxílio do goleiro para saber qual adversário tem a posse de bola.
--

RECONHECIMENTO DAS CARACTERÍSTICAS: reconhecer o adversário facilita sua percepção e a escolha da estratégia mais adequada para marcá-lo, em virtude da diferença de características de cada jogador.
--

REFERÊNCIAS SONORAS: a bola é um forte referencial para a marcação. Procura fazer o corte nos momentos em que percebe um leve escape no domínio de bola do adversário.

JOG. 4

ADVERSÁRIOS

Pela fala, porque o jogo é muito falado é... exige uma comunicação verbal já que somos cegos, tem que haver a comunicação verbal. Então... pela comunicação dos adversários a gente percebe aonde eles estão. Pela orientação dos chamador, técnico e goleiro deles também a gente tem que estar muito atento a isso.

Além dos nossos... dos nossos orientadores, tem os deles que a gente precisa estar atento também. Porque se você só ouve o seu orientador, muitas vezes você acaba perdendo o foco com relação ao adversário. Então eu aprendi com o tempo que eu tenho que ouvir os meus orientadores e ouvir os orientadores da equipe adversária para facilitar na localização dos atletas. Também o bater de pés a gente percebe, a corrida, o deslocamento do ar quando a pessoa passa na sua frente e você percebe também, pelo deslocamento do ar por causa da pessoa tar passando, mas virtualmente pelas orientações que uns trocam com os outros dentro da quadra mesmo.

Com relação à defesa, quais estratégias você usa para “roubar” a bola do adversário?

Eu procuro levar o adversário para lateral da quadra, é a primeira coisa, para facilitar, para dificultar que ele chute no gol. E... dar o bote na hora certa, nunca ir seco na bola ou no atacante, principalmente quando você sabe que ele é um cara habilidoso. Então a gente não pode ir seco nessas jogadas, nas jogadas. Tem que dar o bote na hora certa e procurar conhecer o adversário para ver como ele joga. Se ele bate mais com o pé direito, se ele bate mais com o pé esquerdo, para sempre marcar o pé forte dele, que isso é fundamental.

Análise dos Temas Enunciados

COMUNICAÇÃO: a verbalização apresenta-se como fator primordial pela falta do estímulo visual. Ouvir seus companheiros e os adversários, seus orientadores (goleiro, técnico, chamador) e os orientadores da outra equipe facilita a localização dos jogadores adversários.

REFERÊNCIAS SONORAS: a corrida do adversário; seu bater de pés nos deslocamentos.

CINESTESIA: percepção do deslocamento de ar quando os jogadores passam na sua frente.

RECONHECIMENTO DAS CARACTERÍSTICAS: apresenta-se como um “atalho” para a marcação do adversário com posse de bola. Peça chave para a antecipação de jogadas.

JOG. 5

ADVERSÁRIOS

Então, é como o jogo é bem falado a gente lá, principalmente nas áreas a gente... o atacante quando pede a bola, a gente sabe que é da equipe a gente vai é marcar.

Análise dos Temas Enunciados

COMUNICAÇÃO: por escutar o atacante adversário pedindo a bola consegue percebê-lo.

RECONHECIMENTO DAS CARACTERÍSTICAS: diferenciação de vozes entre seus companheiros e adversários.

JOG. 6

ADVERSÁRIOS

É pela mesma forma como o deslocamento, as referências sonoras, que eles fazem quando se dirigem a bola eles produzem som, tanto na corrida como falando, como falando voy, por exemplo, esse é um ponto, e tem a noção... você percebe pelo deslocamento do ar. É a mesma coisa se você fecha o olho e vai na direção de uma parede, você percebe que muda o som muda por conta do deslocamento do vento então, é sei lá, você pode chamar isso de noção de espaço mas são as duas maneiras da gente perceber o adversário.

Análise dos Temas Enunciados

VOY: utilização da regra.

COMUNICAÇÃO: por escutar quando os adversários falam.

REFERÊNCIAS SONORAS: o barulho produzido pela corrida dos jogadores.

CINESTESIA: percepção do deslocamento de ar que os jogadores produzem ao se deslocarem.

ALVOS: Que estratégias você usa para defender sua meta e atacar a meta adversária?

JOG. 1

ALVOS

Então, é... é importante a orientação do... do chamador né, é extremamente importante para que você consiga acertar o gol, mas é também importante o seu treinamento em chute. Não adianta o chamador te chamar e você mandar a bola lá na banda lateral. Então é importante que você treine muito o chute a gol, o chute cruzado o chute no alto, o chute rasteiro o... o chute... né, que você... todo o tipo de chute que você tiver, cruzando forte ou colocado. É, se você não treinar, não vai ter chamador que dê jeito cara! Não adianta o chamador te chamar que você vai mandar a bola na mão do goleiro fraquinha e tudo mais.

E a sua meta?

Então, a gente tem que seguir a orientação do goleiro né. O goleiro vai me orientar em relação aonde vão os atacantes e, quando a bola chegar aos atacantes a gente tem que ir em busca de cortar essa bola deles. Sempre vai ter o goleiro ali nos orientando de, que ele tá puxando para direita, puxando para esquerda ou que ele, vai chutar, não sei, que ele vai tocar, que tem outro entrando pelo meio e aí você tem que ter a... a consciência, a capacidade de fazer a... o bloqueio ali daquela bola.

Que estratégias você usa para fazer esse bloqueio?

Então é a orientação é a... ouvir bastante a bola e... quando você né... tiver consciência de que a bola tá próximo né, tá em condições de você meter o pé nela você dá o toque nela e vai com e... faz o domínio, entendeu? Cê dá o toque para tirar a bola dele, de forma que você também consiga com esse toque buscar a bola para o seu domínio. E aí você vai e... ou conduz ou faz o passe depois de, depois de dominada a bola.

Análise dos Temas Enunciados

COMUNICAÇÃO: o chamador é referência para a orientação em relação à meta adversária e o goleiro a referência nas ações defensivas.

FINALIZAÇÃO: a orientação do chamador não é suficiente para uma finalização eficaz. O treinamento de chute a gol deve ser realizado, pois o jogador deve saber o como chutar, além de onde chutar.

REFERÊNCIAS SONORAS: a audição da bola conduzida pelo adversário é fator primordial para a defesa da meta. Estar atento e esperar um bom momento para colocar o pé e fazer o corte.

JOG. 2

ALVOS

É, aí é a questão do goleiro adversário, do..., por exemplo., o meu goleiro, não, o goleiro adversário, por exemplo, atacar, o goleiro adversário tá falando, orientando a defesa dele. José esquerda, João direita. Francisco a esquerda. Luciano a direita. Então, ele tá orientando e eu tô ouvindo onde ele tá. Porque ele tá orientando o adv... o zagueiro dele para me marcar e o meu zag... meu goleiro lógico vai falar comigo, NOME vai para esquerda, João... Então o meu goleiro tá me orientando dentro de quadra, né. E a bola também, onde que ela tá eu tô indo atrás.

Análise dos Temas Enunciados

COMUNICAÇÃO: utiliza a voz do goleiro adversário na orientação à sua equipe como ponto de referência para a meta ofensiva. E a orientação de seu goleiro para a sua meta.
--

REFERÊNCIAS SONORAS: a audição da bola orienta seu deslocamento.

JOG. 3

ALVOS

É para defender eu, é assim... depende né. Eu faço duas formas. Uma, se tiver muito perigo de gol eu... vamos dizer que eu vou espanar de qualquer jeito e a outra é sempre procurar tirar a bola de frente do gol, dando um toquinho pro lado igual eu falei, um pouco atrás aí. Dá um toquinho para lado, lá já não vai ter mais perigo nenhum de gol, aí daí eu vou fazer o passe ou vou conduzir a bola. Essa é uma, agora para atingir a meta adversária, é... nós temos o chamador que vai tar orientando é... o chamador que vai tar orientando. No passe, eu vejo o passe, ele desarma muito a defesa né. A defesa sai para te marcar, o cego costuma muito fazer isso, sai lá os dois, falta de comunicação, sai os dois então o outro atacante, o seu companheiro de ataque vai ficar sozinho né, daí o passe, você, tem a parte... ou vai entrar ou vai ter o tempo para dominar, ajeitar e chutar para o gol. Eu vejo muito assim.

Análise dos Temas Enunciados

REFERÊNCIAS SONORAS: escutar a bola para tentar tirá-la do adversário. Em situações de maior perigo de gol, tenta tirá-la de qualquer forma ou dar um toque para o lado e depois passar ou conduzi-la.

COMUNICAÇÃO: orienta-se pelo chamador nas ações ofensivas.

PASSE: acredita no passe como o diferencial nas ações ofensivas. A saída de dois zagueiros para marcar a bola (por falha de comunicação) pode deixar um parceiro em melhores condições de finalização a gol.

JOG. 4

ALVOS

É, para atacar a meta adversária a gente procura sair pelo lado mais fraco da equipe adversária, a gente tenta descobrir qual é o lado mais fraco na medida em que o jogo vai ocorrendo, através da orientação do técnico também quando é possível isso ocorrer e trabalhar muito a bola. Hoje quem não trabalha a bola fica preso na marcação. As equipes tão fazendo marcações muito fortes. Então a gente tem que fazer essa bola girar. Fazer essa bola rodar. Se a gente não roda essa bola, dificilmente a gente consegue fazer um gol de jogada individual, pura e simplesmente de jogada individual. Porque a marcação tá muito boa e os goleiros hoje tão num nível muito bom. Então quanto mais você gira a bola, você faz os caras correrem, é para abrir espaço, a gente tem que fazer isso, a gente... consegue bons resultados quando essa bola começa girar. No ataque mesmo, trocando passes entre dois atacantes, três atacantes até. Além de cansar a equipe adversária você tira eles do posicionamento original.

Análise dos Temas Enunciados

PASSE: as marcações e o bom nível dos goleiros têm dificultado as ações ofensivas individuais. Fazer a bola circular pode cansar o adversário e desestruturar seu posicionamento tático defensivo, abrindo espaço para atacar, além de atacar pelo lado frágil do adversário.
--

COMUNICAÇÃO: utilizar as orientações técnicas para descobrir se a equipe adversária apresenta um lado defensivo mais falho.
--

JOG. 5**ALVOS**

É para defender a minha meta eu uso é, sempre procurar tirar a bola do adversário com a orientação do goleiro né, que ele é importante também o goleiro, ele sempre de lá e quando a gente pega a bola a gente o goleiro da gente assobia ou o treinador e a gente segue em frente até o ultimo lá.

Análise dos Temas Enunciados

COMUNICAÇÃO: utiliza a orientação do goleiro como auxílio na defesa de sua meta e o assobio do técnico e também do goleiro para seguir em frente rumo à meta adversária.

REFERÊNCIAS SONORAS: combate o adversário que tem a posse de bola.

JOG. 6**ALVOS**

É pra defender é o som da bola, é o som da bola, e aí você tem um posicionamento de marcação, que cada time tem o seu, como eu disse, às vezes posiciona três jogadores na frente do gol e às vezes você tem a marcação individual num jogador, mas basicamente o que aí motiva a estratégia deles é o som da bola e o som do jogador adversário então por exemplo, você tá na bola aí um adversário passa do outro lado você tem que ter, colocar um marcando a bola e outro na cobertura com atenção que a bola pode ser tocada pro outro lado e aí o goleiro tem também muito importante que ele passa essa marcação defensiva. E ofensivamente você tem obviamente que a noção de onde tá o gol e, além disso, existe aí um auxílio do chamador que tá lá pra orientar o ataque da equipe.

Análise dos Temas Enunciados

COMUNICAÇÃO: o goleiro orienta o posicionamento dos defensores de acordo com os jogadores adversários na proteção de sua meta e o chamador auxilia no ataque da equipe.

REFERÊNCIAS SONORAS: o som da bola que motiva a movimentação defensiva, mas também a audição do barulho emitido pelos adversários ao se deslocarem.

ORIENTAÇÃO: Como você se orienta em quadra?

JOG. 1**ORIENTAÇÃO**

Então, existe alguns exercícios, aqueles exercícios que você, que o..., que a pessoa que tá lhe orientando, o técnico, que tá falando assim: vai para esquerda de ataque, esquerda de defesa, meio do da quadra, defesa central. E acho que através desses deslocamentos que você fica fazendo meio que robotizado, você consegue buscar com o tempo uma... uma localização né, dentro daquele espaço, que te possibilita saber onde você se encontra. E, também, só para completar, e a orientação dos que tão fora, tanto do goleiro, quanto do técnico que fica no meio da quadra e do chamador que fica atrás do gol, também importante nesse momento.

Análise dos Temas Enunciados

MAPA MENTAL: mentalização do espaço da quadra. A repetição de exercícios de deslocamento na quadra de jogo, realizadas em treinamentos, vão possibilitando a construção do mapa mental da quadra com o tempo.

COMUNICAÇÃO: orientação do goleiro, do técnico e do chamador nos seus respectivos espaços de atuação (terços de orientação).

JOG. 2

ORIENTAÇÃO

Nós temos três pontos de orientação em quadra. Uma, o nosso goleiro que nos orienta. Outra, que nos orienta até os oito metros da, da linha... do seu gol né, oito metros do seu gol ele pode orientar. Aí, daí... dos oito até os oito do outro goleiro, o técnico pega, essa parte é do técnico, que orienta, que tá no banco né. E dos oito metros à frente para gol adversário, é o chamador de gol que orienta. E nós vamos muito pela voz dos nossos colegas né. Cada um guarda na mente a voz de cada um... é aí que tá a nossa orientação.

E somente por eles que vocês se orientam?

Não, aí tá... tem a qualidade individual do dv. Essa... a gente tem que frisar bastante, porque? Porque essa qualidade, o dv, ele sabe onde ele tá. Ele tando na quadra ele sabe onde ele tá. Porque ele sabe que ali é uma quadra, ali é a quadra que ele entrou. Ele sabe que ele tá... se ele ouve a voz do goleiro adversário ele sabe se tá longe do gol, se tá perto. Se ele ouve a nossa voz, a voz de nosso goleiro ele sabe se tá longe ou se tá perto, ele... nem precisa falar, as vezes ele mesmo sabe aonde que ele tá dentro de quadra. Né, as vezes ele tem a noção completa. Ah! peraí, eu tô a uns 5 metros da banda, eu tô a 10 metros da banda, eu tô a 10 metros do gol. Ele sabe mais ou menos... ele sabe essa... essa distância. O ouvido já te da essa distância... já, já... o ouvido ele já faz essa distância né, em metros. Ele já grava para você a distância em metros, por exemplo. Ele já faz a... a medida da distância né. O próprio ouvido do deficiente, que é o que ele depende muito.

Análise dos Temas Enunciados

COMUNICAÇÃO: orientação dos três pontos de referência previstos em regra (goleiro, chamador e técnico) além dos parceiros em quadra. Mesmo as falas dos adversários, que não tem por finalidade a sua orientação, acabam servindo para este fim, por se tornarem pontos de referência em quadra.

RECONHECIMENTO DAS CARACTERÍSTICAS: pontua o reconhecimento da voz de seus companheiros como importante fator de orientação.

MAPA MENTAL: ter a completa noção da quadra a partir de um ponto referencial é uma grande qualidade das pessoas com deficiência visual.

JOG. 3

ORIENTAÇÃO

É... ouvindo o goleiro adversário é uma estratégia que eu utilizo quando eu estou indo para o ataque e o meu chamador né, que tá ali falando e o tempo inteiro me chamando e quando eu estou na zaga, ouvindo o meu goleiro e até mesmo meus companheiros que vai tar falando também comigo, conversando o tempo inteiro.

Análise dos Temas Enunciados

COMUNICAÇÃO: orientação do chamador, goleiro e parceiros. Também se orienta pela orientação do goleiro adversário aos jogadores de sua equipe.

JOG. 4

ORIENTAÇÃO

Na quadra, existe, o chamador, que é uma pessoa que fica atrás do gol da equipe adversária, que orienta o ataque da equipe. Existe o técnico que orienta a região central da equipe o tempo inteiro e o goleiro que

orienta a nossa defesa, ele tá sempre orientando a defesa. Mas eu acho que a orientação principal é da gente com relação à bola, a equipe adversária, com relação a... situação de jogo mesmo. A gente tem que estar muito atento, por isso que eu disse, ter visão de jogo. Saber onde tá o adversário, qual a possibilidade que ele tem de receber essa bola ou de vir para cima e ouvir sempre, é claro, o chamador, o técnico, o goleiro, já que existem essas possibilidades, mas não existe orientação maior e melhor do que a própria orientação... noção espaço-temporal para poder ter uma atitude correta no momento exato né.

Análise dos Temas Enunciados

COMUNICAÇÃO: utiliza a referência e orientação do goleiro, do chamador e do técnico.

MAPA MENTAL: noção espaço-temporal da quadra de jogo.
--

REFERÊNCIAS SONORAS: estar atento para ouvir a bola e perceber os adversários.

JOG. 5

ORIENTAÇÃO

Eu me oriento com o goleiro que sempre está falando comigo ali, o NOME [técnico] também é muito importante ali na frente quando a gente tá com a bola dando a bola por ali pela frente... pra área que... ele pode orientar a gente, e com os companheiros também a gente se orienta.

Análise dos Temas Enunciados

COMUNICAÇÃO: utiliza a orientação do goleiro, do técnico e dos parceiros.
--

JOG. 6

ORIENTAÇÃO

Ah , normalmente o cego, não só em quadra mas principalmente nela, a gente utiliza muitas referências sonoras, então você, o técnico falando no meio, o próprio chamador, o goleiro adversário, o seu goleiro, então todas as referências possíveis sonoras a gente acaba utilizando dentro de quadra né, isso é fundamental. E é verdade que a noção de espaço também é importante até pra você ter noção é real do jogo né, você pode ver que os jogadores aí, muitos deles se locomovem aí com muita facilidade dentro de quadra com domínio do espaço então isso que é... então por exemplo, o time muitas vezes coloca três jogadores na frente da área então não tem tanta necessidade de, de um deslocamento mais amplo, agora tem jogadores por exemplo que correm a quadra inteira, então é... mas basicamente por essas duas questões orientação espacial e referência sonora.

Análise dos Temas Enunciados

COMUNICAÇÃO: utiliza as referências sonoras, frutos da comunicação das funções de orientação das equipes (goleiro, chamador e técnico), tanto da sua equipe quanto da adversária.
--

MAPA MENTAL: uma boa construção mental do espaço de quadra propicia um avançado domínio espaço-temporal, dando segurança e facilitando o deslocamento em quadra.

Inferência Coletiva

Leitura do jogo

RECONHECIMENTO DAS CARACTERÍSTICAS: conhecer as características e preferências dos parceiros e a função de cada um no sistema tático da equipe, facilita o entrosamento e, conseqüentemente, requer um nível reduzido de comunicação nas ações ofensivas. Conhecer também o adversário e saber quem é ele apresenta-se como um trunfo para a antecipação da jogada na escolha de estratégias mais adequadas para marcá-lo, em virtude das diferentes características de cada um. O reconhecimento da voz dos jogadores é um fator importante também para a orientação.

VOY: utilização da regra como estímulo para a escolha da resposta às situações-problema encontradas nas ações ofensivas. Nas ações defensivas, permite que eles percebam que um companheiro já se apresentou para combater o adversário e posicionem-se para fazer a cobertura.

REFERÊNCIAS SONORAS: o som da bola é sem dúvida o maior motivo das ações dos jogadores. Em situações defensivas é fator primordial para a defesa da meta. Os defensores procuram escutar o som da bola para tirá-la ou “roubá-la” do adversário que a tem sob controle. Nas ações ofensivas ela é referência para a condução, para a recepção de um passe, para as movimentações em busca de melhores condições de finalização ou de espaço, para dar opção ao parceiro que tem a posse de bola. Mas o barulho emitido pelos adversários ao se deslocarem também é uma referência utilizada nas ações defensivas.

CINESTESIA: percepção dos outros jogadores pela sensação proporcionada diante do deslocamento de ar produzido quando eles se deslocam.

MAPA MENTAL: imaginar o espaço de quadra, construindo-o mentalmente a partir de pontos referenciais pode propiciar um avançado domínio espaço-temporal, dando segurança e facilitando o deslocamento em quadra.

COMUNICAÇÃO: a audição é o sentido mais utilizado pelos jogadores de futebol para cegos na leitura do jogo. Toda a comunicação está embasada na estratégia coletiva adotada pela equipe o que facilita a identificação dos companheiros em quadra pelo conhecimento das funções que eles exercem no sistema tático do time. Ouvir os parceiros e falar com eles contribui para o exercício dos princípios da base regencial. Os orientadores (goleiro, técnico, chamador) dão informações acerca do posicionamento adversário, além de servir como ponto de referência para a orientação espacial em quadra. Mesmo a comunicação dos adversários, que não tem por finalidade orientar a equipe contrária, acaba servindo para este fim, pois podem se tornar pontos de referência, além de também proporcionar auxílio para a interpretação da situação de jogo.

Ações tático-técnicas

Temáticas Enunciadas
COMO, POR QUÊ.

**BOLA: Que estratégias você utiliza para:
A condução;**

JOG. 1

CONDUÇÃO

Então, foi como eu disse antes, é sempre o mais próximo do pé possível, de preferência entre os pés, é... tocando de um pé para o outro em velocidade.

Por que próximo aos pés?

É porque você tendo a bola entre os pés, você vai ter domínio dela com certeza e você com o domínio, você não precisa se preocupar mais com o som da bola, porque a bola já tá em seus domínios. Você tem que se preocupar com o som da bola antes da bola chegar em você. Até ela chegar em você, você se preocupa com o som dela, depois quando você dominou e você conduz ela entre os pés, você pode se despreocupar daquilo e começar a se preocupar com outras coisas, outros a gentes dentro da quadra.

Análise dos Temas Enunciados
COMO: mantém a bola o mais próximo do pé possível – entre eles – e tocando de um pé para o outro na corrida.
POR QUE: manter o contato freqüente com a bola quando a tem sob domínio, possibilita que ele fique atento a outros referenciais do jogo.

JOG. 2

CONDUÇÃO

Velocidade. É, eu tenho comigo, arrancada. A minha arrancada, ela tem que ser, ela tem que ser uma arrancada... explosão! Ela tem que ser explosão para que, para que o jogador adversário, por exemplo, eu tô de frente para ele né e ele logicamente de frente para mim, quê que acontece? Se eu passo por ele, ele vai ter que virá,... de frente para minhas costas e correr atrás de mim. Então quer dizer, se eu for uma pessoa lenta, se eu não pegar essa bola e partir de uma vez, o quê que vai acontecer? Eu passo por ele, mas ele já virou e já me pegou! Então quer dizer, eu tenho que, a arrancada é o principal, a principal arma que eu tenho... A bola, ela vai entre os meus pés né. Eu vou conduzindo ela de um pé para outro e... tendo total controle dela né, como ela tem um som, então eu não vou perder ela de jeito nenhum, se perder um pouquinho eu já ponho o pé por cima dela para, piso nela para que ela pare a velocidade que ela tá, que às vezes a velocidade que eu coloquei na bola é um pouquinho maior do que as minhas pernas podem né,... como diria o artigo, as minhas fibras rápidas, às vezes elas não essa... a velocidade que a bola tá e as minhas, vermelhas por exemplo, não tem a resistência que eu preciso para manter aquela velocidade né, então eu tenho que diminuir um pouco. Então peraí! Vamos diminuir um pouco, mas desde que não seja pouco demais para o adversário me pegar.

Análise dos Temas Enunciados
COMO: conduz a bola de um pé para o outro em velocidade, mantendo-a entre as pernas, sempre em contato com seu corpo, para tê-la sob controle.
POR QUE: acredita que a velocidade dificulta a ação dos defensores pois, quando o atacante passa por eles com a bola eles tem que virar e partir em perseguição do atacante. Quando começa a perder o contato com a bola, pisa nela, pára e reinicia a condução, pois o contato com a bola deve ser freqüente.

JOG. 3**CONDUÇÃO**

Ah, eu conduzo a bola entre os pés né. Eu nunca posso tar perdendo esse contato com a bola. A gente conduz a bola diferente de quem enxerga né. Porque quem enxerga conduz a bola sempre à frente num toquinhos. A gente não. A gente conduz a bola junto aos pés, e daí você tem que ter uma coordenação muito boa para conduzir a bola rápida. A caminhada ela é meio diferente, é meio de pato o pé. Então, eu conduzo a bola desse jeito.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: entre os pés, tocando de um para o outro, sem perder o contato com a bola. Denomina-o de pé-de-pato.

POR QUE: acredita que não pode perder o contato com a bola, pois isso dificultaria sua condução. Cita a diferença entre a condução de bola da pessoa cega e dos jogadores de futebol convencional que conduzem a bola com toques à frente. Para os cegos isso não é possível, pois cada toque à frente seria uma nova situação-problema para reencontrar a bola.

JOG. 4**CONDUÇÃO**

A bola, a melhor forma de conduzir essa bola, se você tá de frente você coloca ela entre os pés. É o que a gente chama de pé de pato né. Fecha mais os tornozelos e, aproxima mais os tornozelos e a bola vai na frente, na frente entre os pés a parte anterior, que é uma forma de você conduzir essa bola sem perder o contato dela. Agora se você tiver de costas é realmente comum você colocar o pé em cima da bola e trazê-la né, a forma que eu considero como ideal para mim.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: cita o “pé-de-pato” para a condução de frente, aproximando os tornozelos e mantendo a bola sempre em contato com os pés. De costas costuma pisar sobre a bola para ir puxando-a com a sola.

POR QUE: tanto de frente quanto de costas utiliza estratégias para não perder o contato com a bola, o que facilita ficar atento a outros estímulos.

JOG. 5**CONDUÇÃO**

Pra mim conduzir eu procuro é estar sempre entre os pés, a condução sai melhor do que com ela na frente.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: entre os pés.

POR QUE: acredita que é melhor que deixar a bola à frente.

JOG. 6**CONDUÇÃO**

Ah aí é de cada um, é como a gente... você pode observar na hora do jogo você vê que tem pessoas que conduz a bola um pouco mais na frente, um pouco mais entre as pernas, um pouco mais solto, é muito pessoal, é muito característica, não tem uma correta a forma mais correta de condução de bola, é aquela que o atleta se sente bem em fazer.

Certo, e quais são as estratégias que você utiliza na sua condução?

A minha condução é trazer a bola o mais próxima possível do meu pé... eu tô sempre em com ela pra poder desenvolver as jogadas né, com mais rapidez, na medida que ela está mais longe do meu controle eu vou ter mais dificuldade e vou demorar mais pra controlar e desenvolver as minhas jogadas.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: estar sempre com a bola o mais próximo possível do pé.

POR QUE: em constante contato com a bola em seu domínio, pode desenvolver as jogadas com mais rapidez, fato que se torna dificultoso se não houver esse contato. Acredita que não existe uma forma mais correta de fazer a condução de bola e sim que cada jogador deve utilizar aquela que o deixa mais a vontade.
--

O passe;

JOG. 1

PASSE

O passe é algo extremamente complicado dentro do futebol. Mas, com um pouquinho de treino e... muita atenção, você consegue acertar, por quê? Por que o que acontece no passe: você tá em deslocamento e a pessoa para quem você vai passar a bola, provavelmente também está em deslocamento. Então você pode ouvir a pessoa pedir a bola é... num ponto x e quando você tocar a bola a pessoa tá num ponto x+2. Então é importantíssimo você além de saber é... além de você treinar o passe, você tem de saber é... qual a velocidade do deslocamento da pessoa para quem você tá tocando. Se você tiver mais ou menos essa noção, de saber... não aquela pessoa se desloca numa certa velocidade, se desloca mais rápido, se desloca mais lento, você pode fazer uma... uma... um cálculo rápido e tacar a bola mais ou menos onde você acredita que a pessoa vai tar naquele momento, porque ela nunca vai estar, a não ser que ela esteja realmente parada, mas ela nunca vai estar no mesmo lugar onde ela pediu.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: ouvir o parceiro e ter a noção espaço-temporal de seu deslocamento.
--

POR QUE: dificilmente alguém irá receber a bola no mesmo lugar que a pediu. Conhecer o parceiro e saber a velocidade que ele se desloca é a estratégia que o entrevistado utiliza para fazer o passe. Acredita que o passe é difícil pela ausência do estímulo visual, mas o treinamento pode amenizar essa dificuldade.

JOG. 2

PASSE

O passe, a chapa, a parte de dentro do pé. A chapa do pé né. Ou seja, a região medial do pé. A parte aqui da... da tíbia aqui, final da tíbia. Então eu vou bater com essa parte do pé aqui, a da junção da tíbia com o osso calcâneo. Então, quer dizer, eu vou bater com essa parte aqui porque? Eu tenho toda a... essa extensão para eu acertar a bola né. Desde o final do osso calcâneo até o... do dedão do pé. Então quer dizer a gente tem uma..., se você bater de bico, por exemplo, a probabilidade de você errar é muito grande, além de pegar uma força demasiada na bola.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: utiliza a parte medial do pé para fazer o passe; o chamado "passe de chapa".

POR QUE: acredita que o passe de chapa aumenta a porcentagem de acerto pela maior superfície de contato com a bola, diferentemente do passe feito com a parte anterior do pé (o chamado passe de bico)

que diminui a precisão e dificulta a calibragem da força.

JOG. 3

PASSE

Assim eu, eu gosto muito de dar o passe e chamar né. Tem vezes que você vai...?... de repente na quadra o Vêi, eu chamando o Michael, que é um cara ruim de tocar a bola. Aí eu chamo muito, não para ele saber onde eu tô, porque normalmente ele já sabe onde eu tô, mas eu chamo para ele tocar a bola mesmo. Mas então, eu procuro bastante tar... é a noção do espaço da quadra é, isso que é o lance do meu passe. Porque normalmente eu sei aonde que o Michael tá ou que o Marcos tá, normalmente eles ficam em local diferente. Então quando tá um na quadra você tem que dar o passe mais na frente e quando está o outro na quadra você tem que dar o passe mais atrás. Então é a noção de espaço na quadra.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: procura chamar o parceiro para quem fará o passe.

POR QUE: ao chamar o parceiro, além de saber onde ele está, também sabe como ele prefere receber a bola, por conhecer suas características. Cita a noção de espaço em quadra como facilitador do passe.

JOG. 4

PASSE

Ao passe, eu costumo trabalhar o passe, batendo com a parte interna do pé na bola. Porque você dá mais precisão. Porque se bater de bico a bola acaba, tomando as vezes uma direção diferenciada porque a possibilidade dela... de você tocar na bola em regiões que não são aquelas que você gostaria, aquela que você, que não é aquela que você gostaria, que a gente gostaria, é muito maior, então, se você pega com a parte maior do pé na bola, a possibilidade do passe ser bom, é... ser perfeito é muito grande ou... se você ver que o time tá fechado, jogar essa bola por cima. Bater com a ponta do pé por baixo da bola e jogar ela por cima realmente para tirar, para deixar a marcação meio perdida. São as duas formas que eu acho mais convenientes.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: utiliza o passe com a parte medial do pé (passe de chapa) e também o passe alto, batendo por baixo da bola para ela subir.

POR QUE: ao passe de chapa é atribuído maior precisão e o passe por cima dificulta a audição da bola pelos adversários e é utilizado quando a defesa adversária está fechada, compactada.

JOG. 5

PASSE

O passe, eu sempre quando estou com a bola eu chamo o meu companheiro e ... ele como onde... eu sei mais ou menos o local que ele está, eu lanço a bola pra ele.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: chama o parceiro para realizar o passe.

POR QUE: a resposta do parceiro orienta o direcionamento de seu passe.

JOG. 6

PASSE

O passe é fundamental a questão da... do entrosamento da equipe né, pra ter a noção de que forma o jogador gosta de receber essa bola, se mais a frente ou mais atrás e também um pouco de habilidade pra forma de bater na bola. Jamais vai dar um passe bom de bico, então normalmente você precisa um pouco de habilidade pra poder tocar a parte certa do pé na bola e saber a forma que o seu companheiro melhor recebe a bola pra poder tocar na direção que ele mais... que convém a ele, ou seja mais na frente, mais em cima, então basicamente é isso.

Análise dos Temas Enunciados

<p>COMO: não usa dar o passe com a parte anterior do pé (passe de bico). Fala em usar a parte certa do pé, mas não cita qual parte.</p>
--

<p>POR QUE: acredita que não há possibilidade de dar um bom passe de bico e que o jogador deve saber a forma de bater na bola. Ressalta também a importância do entrosamento da equipe. Conhecer seus parceiros e saber como cada um deles gosta de receber a bola.</p>
--

A recepção;

JOG. 1

RECEPÇÃO

Então, a recepção é importante você prestar atenção onde a bola tá vindo e, eu uso como técnica para buscar uma boa recepção, fazer estilo aquele pé de pato, que aí você ocupa mais espaço no chão e... aí, onde a bola tocar no seu pé, você vai atrás dela para fazer o domínio e poder trabalhar é... dar segmento à jogada.

Análise dos Temas Enunciados

<p>COMO: fica atento para ouvir a bola e faz o estilo pé-de-pato para recepcioná-la.</p>

<p>POR QUE: ouvir a bola com atenção facilita se posicionar para recebê-la e a utilização da técnica pé-de-pato tem o intuito de aumentar a superfície de contato. Após o primeiro contato da bola com seus pés parte em busca dela.</p>

JOG. 2

RECEPÇÃO

A recepção eu costumo, ela quica um pouquinho antes de mim e eu vou de encontro com a bola. Eu costumo ir de encontro a bola, quando eu tô, quando eu dou um pulo para ir de encontro a bola, logicamente ela vai bater nos meus pés e ela vai ficar parada, isso, a bola memo... eu sei lá quê que ela arruma, mas ela mesmo já pára nos meus pés, quando eu vou de encontro à ela, que é o ponto, se eu deixar ela passar e for correr atrás, o prejuízo é maior. Porque? Se essa bola veio com muita força, pode ser que eu não pegue, né, e o adversário já tá atrás de mim. Quer dizer, eu vou ter que pegar essa bola, dar um giro nele e partir. Então quer dizer, e... ao ponto que essa... agora é, a banda né, que é uma... uma boa arma para gente pegar a bola, a bola bate na banda e fica imprensada entre nós e a banda, então fica mais fácil de pegar essa bola né. De pegar e fazer dela o que a gente... tá fazendo, que é condução rápida e finalização.

Análise dos Temas Enunciados

<p>COMO: vai de encontro à bola quando ela quica em sua frente.</p>
--

<p>POR QUE: acredita que ir de encontro à bola facilita recepcioná-la, pois se a deixar passar fica mais difícil recuperá-la já que os adversários podem estar próximos dele. Cita também a banda como</p>

estratégia para receber a bola, pois ela diminui a chance da bola escapar.

JOG. 3

RECEPÇÃO

É, a recepção, é, então, muitas vezes eu procuro tirar a bola um pouco do chão, que ela facilita duas coisas: uma que os caras que vão estar antes é... no caso do meu atacante, do NOME, do NOME no meio ali, eles tão, não vão ouvir a bola porque a bola está no alto, isso aí, eu já matei um ou dois zagueiros. E a outra que a bola vai quicar próximo a, no caso, a eles, vai fazer um barulho maior, quando ela quica, ela vai fazer um barulho maior e vai ser muito mais fácil dele dominar.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: procura tirar a bola do chão na hora do passe, fazendo com que ela suba (passe alto).

POR QUE: o passe alto dificulta a ação dos zagueiros que somente ouvirão a bola quando ela tocar o chão. Isso facilita a recepção de seus parceiros também porque quando a bola toca o chão vinda do alto ela faz mais barulho e eles a identificam mais facilmente.

JOG. 4

RECEPÇÃO

Eu utilizo, eu sou canhoto, e por incrível que pareça, quando a bola vem da direita... como num jogo comum você recebe a bola com o pé esquerdo é... não tem jeito, eu não consigo receber, se a bola vem da direita eu tenho que receber a bola com meu pé esquerdo, parar, dar uma puxada para poder bater. E se ela vem da esquerda receber com o pé direito, com a parte interna do pé ou se você tem, se a gente tem a percepção de que pode bater de primeira, chutar de primeira mesmo e eu normalmente chuto de primeira de bico, mas tem gente que chuta de peito de pé também então é muito relativo, depende muito de jogador para jogador. Mas se a bola vem do lado esquerdo recepção com o pé direito. Se a bola vem do lado direito, recepção com o pé esquerdo.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: recepciona a bola com o pé esquerdo, quando ela vem do lado direito, e com o pé direito, quando ela vem do lado esquerdo.

POR QUE: ao fazer isso, seu corpo fica entre o adversário e a bola, aumentando a proteção de bola e dificultando a ação do defensor.

JOG. 5

RECEPÇÃO

A recepção, é pra mim receber?

É.

Recepção é a mesma coisa, quando meu companheiro está com a bola eu sempre peço e aí ele sabe mais ou menos onde eu já ... e me lança.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: pede a bola para receber o passe.

POR QUE: ao pedir a bola, indica ao parceiro que a tem em sua posse onde está localizado.

JOG. 6**RECEPÇÃO**

Ahh claro, a recepção é audição, audição pura né. Audição e reflexo, então se percebe a bola vindo normalmente você já posiciona o pé da forma como você imagina que pode parar aquela bola ou se já recepciona a bola tocando pro lado pra sair do marcador. Então é reflexo e audição.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: acredita que a audição da bola é fundamental para recepção.

POR QUE: ouvir a bola facilita sua identificação e, conseqüentemente, o posicionamento do pé da forma que acredita que irá parar a bola.

A finalização;**JOG. 1****FINALIZAÇÃO**

Então, a questão do chute é aquilo. A primeira coisa que você tem que fazer é saber qual e como que seu chute fica melhor. Se é com a bola próxima ao seu pé, se é com a bola um pouco mais distante. Depois de decidido isso, você tem que ter essa... essa... essa consciência na hora que você vai arrematar. Então, de saber dar, ou o toque mais forte para bola ficar mais distante, ou o toque mais próximo para bola se manter mais junto do seu pé e..., o principal, que é saber a localização do gol. Aí bom, existe hoje o chamador, que fica atrás do gol, que você tem que prestar atenção nele para direcionar esse chute ou então você tem que se orientar né, devido a..., dado a sua, o seu deslocamento dentro de quadra, saber mais ou menos aonde você se encontra.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: orientar-se pelo chamador e saber a forma que prefere chutar a gol, com a bola mais próxima do pé ou mais distante.

POR QUE: Saber como prefere finalizar facilita a preparação para tal já na condução de bola, ajustando-a mais distante ou mais próxima do pé de finalização. Usa a orientação do chamador para saber a posição da meta adversária e calibrar a direção de sua finalização.

JOG. 2**FINALIZAÇÃO**

É, tem o chamador, que é o chamador de gol nosso e, a maioria das vezes a gente sabe também onde é o gol. Porque o chute do cego, infelizmente poucos cegos conseguem deslocar goleiro. O chute do cego, ele é sem direção, por isso que é difícil ser goleiro de cegos, de deficiente visual. É muito difícil ser goleiro de DV por quê? Porque o dv ele chuta para onde o nariz aponta, a maioria dos dvs. Poucos olham para lado para bater, pelo menos assim... não tem nem como assim você olhar para lado para bater. A pessoa que enxerga, olha a diferença, a pessoa que enxerga, ela telegrafa antes de bater para o lado, por quê? Ela tem que tá vendo o lado que o goleiro não tá. O deficiente não, ele não teria. Ele manda o petardo para gol e a maioria das vezes o chamador orienta né, mas quando não orienta, ele manda o petardo para gol, se a bola entrar!... Como é muito forte o chute do deficiente, pela bola ser um pouco mais pesada, é 520g senão me engano é um chute que sai muito... com muita potência né. Então o cara..., o chute a queima roupa com muita potência, não tem goleiro que pegue né. Ainda mais que ele não tá vendo o lado que vai bater.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: finaliza com potência.

POR QUE: acredita que o chute forte dificulta a ação do goleiro, por diminuir seu tempo de reação, já que a distância entre o finalizador e o goleiro é quase sempre reduzida, pela restrição da área de atuação do goleiro. Acredita também que o fato do jogador cego não ter a possibilidade de olhar onde vai bater dificulta a antecipação da ação pelo goleiro.

JOG. 3

FINALIZAÇÃO

O chute a gol. A regra do salão, mande que você chute de bico né. Chegar na frente do gol e chutar de bico. A gente aprendeu uma coisa com o passar do tempo, que o goleiro, a maioria dos goleiros ela procura ficar abaixada, o goleiro procura ficar bem abaixado. Porque, vamos dizer assim, 90% dos cegos chuta a bola rasteira, eles chegam na frente do gol e chutam rasteira. Então facilita muito para o goleiro e ele fica abaixado e você vai chutar a bola em cima dele. Então a gente aprendeu que quando chega na cara do gol tem que chutar para cima. Dar de bico para cima.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: finaliza com a parte anterior do pé (chute de bico) para cima.

POR QUE: acredita que os goleiros já esperam o chute rasteiro, ficando mais abaixados e o chute alto é um diferencial contra essa estratégia dos goleiros.

JOG. 4

FINALIZAÇÃO

O chute. O chute tem que... é... depende muito do time adversário. Então tem goleiro que o técnico já fala, Olha! Aquele goleiro, ele tá sempre caindo, ele cai muito rápido, você ameaçou chutar ele já cai. Então a gente procura jogar a bola mais por cima. Agora... se a orientação técnica é que o goleiro fica sempre em pé, então você procura jogar ela mais baixa, bater na, mais no meio da bola para ela ir mais baixa, mas eu particularmente chuto muito de bico. Gostaria de aprender a chutar de peito de pé, mas são raras as vezes que eu chuto de peito de pé. E no salão é bicão memo não tem jeito né. [risos] Mas, tem pessoas que batem de peito de pé, batem de chaleira. Então é muito... é muito relativo. Depende muito de jogador para jogador.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: prefere finalizar com a parte anterior do pé (chute de bico) e fica atento à orientação prévia do técnico em relação ao goleiro adversário. Para o chute rasteiro, acerta o meio da bola e para o chute alto, procura pegar mais por baixo dela.

POR QUE: utiliza o chute de bico por não saber chutar com a parte antero-medial do pé (chute de peito de pé). Saber as características do goleiro auxilia na escolha da estratégia a utilizar: chutar rasteiro se o goleiro defende mais em pé, ou chutar mais alto se o goleiro se abaixa precocemente.

JOG. 5

FINALIZAÇÃO

O chute é você tem que tar com a bola bem no seu pé, e escutar bem o chamador, que também por trás da trave que ... sempre ... ele mais ou menos... da a altura onde a pessoa chuta mais ou menos a gente... isso aí.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: deixa a bola bem próxima a seu pé e fica atento ao chamador.

POR QUE: orienta a direção de sua finalização pelas informações do chamador.

JOG. 6

FINALIZAÇÃO

O chute que infelizmente não deu pra chutar pra ataque nesse campeonato por conta dessa grama, principalmente por que tá molhado e escorregar a bola... mas o chute é muito característica pessoal dos jogadores, muitos jogadores chutam muito de bico, muito forte é o caso do NOME aí por exemplo. Já o NOME chuta muito mais de chapa e de peito que, por exemplo, é o meu caso, e aí é realmente você e de acordo com o goleiro que tá jogando contra. O goleiro que cai mais o objetivo é jogar pra cima. O goleiro que às vezes é muito grande não cabe, o objetivo é jogar a bola rasteira e aí se eu vou chutar alto, vou chutar de peito, vou chutar rasteiro, chapa. Depende muito da forma e as das condições, aqui você chuta do jeito que Deus quiser porque não tem jeito de saber pra cima ou pra baixo, não tem como, porque a grama fofa, molhada não tem como precisar nada.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: finaliza mais com a parte antero-medial do pé (chamado chute de peito de pé) ou com a parte medial (chute de chapa) e direciona a bola de acordo com as características do goleiro adversário.

POR QUE: acredita que a finalização é diferente para cada jogador, de acordo com suas características e é dependente também da característica do goleiro oposito. Se o goleiro costuma abaixar antes, chuta alto, de peito de pé. Se o goleiro é muito grande finaliza com bolas rasteiras, de chapa.

O drible.

JOG. 2

DRIBLE

Ah, é muito rápido. O pensamento... depende muito da posição que ele tá em relação à mim. Se ele tá grudano... a mim por exemplo, se eu tiver de costas para ele, eu vou ter que... jogar a bola embaixo das pernas dele e ver se passa para eu pegar do outro lado. Ou eu dou uns passos para frente e giro para ir, para tentar driblá-lo entendeu? Isso, isso é na hora. Isso é bem na hora que se pensa as jogadas, infelizmente não dá para você falar assim: Ah, eu driblo o zagueiro dessa forma. Não tem como você falar né. Na hora é que você vê qual é o melhor drible que você vai fazer.

E alguma estratégia para drible?

Velocidade. É o que eu falei antes. Velocidade eu acho que ainda é a principal arma, a principal... a velocidade e a noção, a noção de onde ele falou voy, de onde você tá na quadra. Porque não adianta você dar um drible e você tá perto da banda e vai trombar com a banda né. Então tudo isso ajuda.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: velocidade e orientação espacial.

POR QUE: Acredita que se localizar em quadra é fundamental para o drible, para não “topar” com a banda. Já a velocidade, está aliada à reação ao estímulo da situação-problema encontrada (velocidade de reação) e à realização da ação (conduzir a bola rapidamente, girar rapidamente).

JOG. 3**DRIBLE**

É... o drible é... eu vejo como uma coisa bonita, uma coisa bem plástica de tar se fazendo e a gente procura sempre tar fazendo, o drible, finta... o giro mesmo em cima do adversário. Mais a finta e o giro.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: utiliza mais a finta e o giro em cima do adversário.

POR QUE: atribui um conceito de plasticidade ao drible, refletindo aspectos corriqueiros e valorizados pela cultura futebolística nacional.

JOG. 4**DRIBLE**

O drible... é muito individual né. Tem gente que dá drible... em “L”, por exemplo, pega a bola, sai reto e depois faz uma vira... uma curva de cent... de 90° para direita ou para esquerda. Eu particularmente gosto de trabalhar aquela finta mesmo, joga para esquerda, joga para direita, e sai para esquerda. Eu gosto muito de fazer esse tipo de drible. Tem gente que já joga a bola... mais de costas, mas eu acho que o drible mais bonito [eu não perguntei de beleza! Há uma estreita relação] mesmo é esse que você balança o adversário para um lado e para o outro e sai pelo lado que você tem mais habilidade, no meu caso é o lado esquerdo.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: leva a bola para a esquerda, para a direita e por fim para a esquerda novamente.

POR QUE: julga esse drible o mais bonito, justificando seu uso. Balar a bola de um lado para o outro, aumenta a imprevisibilidade para o defensor, por confundir a identificação do posicionamento da bola, o que dificulta sua ação. Cita também o drible em “L” (ir em direção ao adversário e fazer uma curva de 90° para direita ou esquerda) e o de costas (dar as costas ao adversário, pisar na bola, rolá-la para trás e dar a volta no defensor para pegá-la na frente).

JOG. 5**DRIBLE**

O drible é o segui... é, com uma bola bem dominada o adversário em cima da gente ele fala o voy né, e fala o voy e a gente tem a opção de sair pra esquerda ou pra direita ou ir pra... dizer que vai prum lado e pisar na bola e ele passar e a gente seguir em frente.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: infere-se que realiza o drible em L (vai em direção ao adversário e faz uma curva para direita ou esquerda). Utiliza também a parada brusca e a mudança de direção para confundir o adversário.

POR QUE: utiliza a regra do voy para identificar o defensor adversário e escolher o momento adequado de sair para um dos lados).

JOG. 6**DRIBLE**

Aí eu te falo que é habilidade pura, é estilo pessoal. O drible, ninguém aprende a driblar. Às vezes o pessoal dá esse treino de você seguir ziguezague, ziguezague obviamente ele pode até conseguir com isso se livrar da marcação, mas drible mesmo, você parar a bola, puxar a bola, chamar o zagueiro e fazer a jogada isso é muito de cada um, é característica pessoal, se às vezes você vê aí o Ricardinho fazendo o

drible que ele dá um giro em cima do zagueiro, ou outro drible que o cara puxa pro lado leva ele pro outro, solta e passa, então é muito característica pessoal. É obvio que o treinamento de zigzague ele aperfeiçoa, ele ajuda a pessoa a deslocar mais rápido, a deslocar mais em quadra, driblar é muito da, é muito da... da criatividade do atleta.

Análise dos Temas Enunciados

COMO: cita o giro e o balanço (levar a bola de um lado a outro).

POR QUE: acredita que o drible é dependente da criatividade do jogador e que o treinamento pode aperfeiçoar, mas afirma que ninguém aprende a driblar.

Bons jogadores

Temáticas Enunciadas

Características:

ORIENTAÇÃO & MOBILIDADE, TÁTICAS/TÉCNICAS, CONDICIONAMENTO FÍSICO, LIDERANÇA.

Aquisição:

TALENTO, TREINAMENTO/DEDICAÇÃO.

BONS JOGADORES: Quais as características apresentadas pelos bons jogadores de futebol de cinco?

JOG. 1

BONS JOGADORES

Eu acho que primeiramente ele tem que ter a concentração suficiente para prestar atenção em várias coisas ao mesmo tempo é... a bola, é... quem tá orientando fora de quadra, o adversário, a sua localização dentro de quadra. Ah... o segundo item importante né, é ele ter é... a categoria para conduzir a bola em velocidade entre os pés, o mais junto do corpo possível, quanto mais junto ele conduzir essa bola, mais difícil vai ser para alguém tomar essa bola dele. E a terceira que eu acho que é, quer dizer, a terceira e a quarta, né, seria a capacidade dele mudar a direção, em que ele tá correndo com essa bola no pé e, a principal de todas que é a quarta que é o... a orientação na hora do chute, a orientação que ele tem que ter em relação ao gol na hora do chute. Eu acho que se o cara tiver tudo isso, eu acho que ele tá muito bem como jogador.

O que é necessário para adquiri-las?

É, eu acho que principalmente muito treino, muito treino dentro de quadra, é... uma boa pessoa para instruir esse atleta e eu acho que muita vontade também né, de aprender né, de desenvolver o esporte.

Análise dos Temas Enunciados

ORIENTAÇÃO & MOBILIDADE: conseguir se localizar em quadra, saber onde se encontra a meta adversária. Manter a atenção e a concentração para perceber e reagir a complexidade de estímulos, principalmente sonoros, encontrados no jogo, tais como a bola, os adversários e as orientações de sua equipe.

TÁTICAS/TÉCNICAS: ter a habilidade de conduzir a bola em velocidade, protegendo-a e a mantendo sob controle nas mudanças de direção.

TREINAMENTO: o desenvolvimento das características consideradas imprescindíveis num bom jogador de futebol para cegos são dependentes da dedicação aos treinamentos e da vontade de aprender.

Reconhecimento da importância do professor/técnico para o aprendiz.

JOG. 2

BONS JOGADORES

É, um bom jogador de futebol de cinco, ele tem primeiro é, a principal é... No futebol normal né, a principal característica é tá bem psicologicamente. Isso é uma... uma qualidade que ele tem que ter, ele tem que passar, se ele for o destaque do time, se ele for a principal peça do time, ele tem que passar para time tranqüilidade, por exemplo, igual meu time hoje, a gente tá na final, e, graças a Deus eu posso ser essa peça que dizem a peça chave do time, então eu tenho que passar para time a minha tranqüilidade, esse é o primeiro ponto. Segundo ponto, o jogador tem que saber é... o que fazer com a bola, quando tiver com a bola nos pés. O quê que eu vou fazer com essa bola? Para que ela não vire uma batatinha quente, queime nos meus pés, eu vou saber primeiro o quê que eu tenho que fazer com ela, né. Então eu vou fazer o quê? Vou conduzir? Eu vou tocar? Eu vou... e na hora...ele tem que ser um jogador completo né. Ele tem que atacar bem, ele tem que ter uma boa noção para atingir o gol, e ele tem que ter uma boa noção para ele...saber defender também né. Quando o time adversário vem, ele tem que ter a qualidade de marcador também que... ajuda a ele ser um bom jogador de futebol. E, dedicado aos treinamentos. Isso é uma coisa que eu não abro mão, treinamento eu não abro mão, de jeito nenhum. Faço dois esportes simultâneos, natação e futebol. Então quer dizer, eu não abro mão da minha condição física. O atleta tem que ser... para ele ser um bom atleta, ele tem que tar bem tecnicamente e fisicamente.

O que é necessário para adquiri-las?

É eu te disse que o atleta ele tem que preocupar com ele né. Como você vai ser um bom atleta? Peraí! Nós somos bons atletas, vamo ali tomar uma no bar da esquina e depois a gente vai treinar! Isso não faz um grande atleta né! Então quer dizer, ele tem que tar bem tecnicamente e, ele tando bem tecnicamente, ele vai ficar bem fisicamente, porque eu não conheço jogador, que consegue fazer alguma coisa tando bem só tecnicamente, sem tá preparado fisicamente. Não existe esse jogador! Não existe! Técnica, não ganha jogo! Agora condição física, aí já é provado que ganha!

Análise dos Temas Enunciados

ORIENTAÇÃO & MOBILIDADE: saber se localizar no espaço de jogo tendo as metas como referência.

TÁTICAS/TÉCNICAS: ter a capacidade de utilizar as técnicas específicas da modalidade quando estiver com a posse de bola, escolhendo uma resposta adequada a situação apresentada. Sem a posse de bola deve preocupar-se com a marcação e a defesa de sua meta.

LIDERANÇA: apresentar controle emocional para liderar a equipe em momentos decisivos, passando tranqüilidade aos outros jogadores. Porém, centraliza essa responsabilidade no jogador de destaque da equipe.

CONDICIONAMENTO FÍSICO: apresentar bom condicionamento físico. Julga-o mais importante que a técnica para a busca da vitória.

TREINAMENTO: as capacidades tático-técnicas e as físicas são alcançadas por intermédio do treinamento; em conjunto com a abdição de alguns comportamentos considerados prejudiciais à melhoria do desempenho, como a bebida alcoólica, por exemplo.

JOG. 3

BONS JOGADORES

Ah, eu vejo assim... Acho que as características de um bom jogador de futebol de cinco é ter uma boa forma física, que isso conta muito, porque o futebol de cinco ele é muito corrido também e você tem que ter uma boa forma física né, tem que correr bastante. Ah... e eu vejo assim o passe, hoje eu vejo muito o

passa como o diferencial, porque a maioria já tem... aquilo na cabeça de tar carregando a bola, pelo fato de não enxergar, não sabe dar um passe, tem que carregar a bola sozinho, pegar a bola lá trás e levar até o gol ou aos jogadores de frente. Eu vejo que o passe é o diferencial, você pega a bola de um lado, por exemplo, chacoalha, vem logo dois ou três te marcar e você rola do outro lado no pé do teu companheiro, sem chamar que é o principal, sem esse companheiro chamar que é o principal e a bola vai no pé e ele pega sozinho. Isso é muito... se você não souber onde esse cara vai tá. Então eu vejo o passe também e a pegada... chegar, atrapalhar, não precisa nem chegar muito forte, só chegar e tar juntinho atrapalhando, tentando tomar a bola ali. Essas são as características que eu vejo. O passe como o principal e depois a pegada.

Análise dos Temas Enunciados

TÁTICAS/TÉCNICAS: apresentar orientação e precisão no passe, estando em sintonia com seus parceiros, em uma modalidade em que a condução é tradicionalmente utilizada como recurso principal de progressão ofensiva. Dificultar a progressão do atacante adversário em posse da bola.

CONDICIONAMENTO FÍSICO: estar bem condicionado fisicamente para suportar as demandas energéticas da modalidade.

JOG. 4

BONS JOGADORES

Ele precisa ter, antes de mais nada, visão de jogo. Visão de jogo porque não adianta pegar a bola e sair que nem louco correndo para lá e para cá ou correr o tempo inteiro tipo, se posicionar mal. Ele tem que ter visão de jogo para ele saber onde se posicionar, para ele saber é... como dar um combate, ter percepção em relação ao time adversário, o que quer dizer, você... o time adversário fez uma, duas jogadas, você tem que... perceber que o jogador que fez aquela jogada e se deu bem, para que lado ele foi, para que lado ele não foi. Então tem que tar, ter muita atenção, não tenha dúvida disso. A atenção, a visão de jogo e, principalmente, condicionamento físico. Hoje o futebol de cinco exige muito condicionamento físico em virtude de não ter lateral praticamente né. São raras as vezes que ocorre um tiro de lateral então, os jogadores, principalmente alas, tem que ter um condicionamento físico para poder agüentar uma partida de 50 minutos aí, praticamente corrida o tempo inteiro. Porque senão, o time adversário acaba levando vantagem. Acho que pontos fundamentais: visão de jogo, condicionamento físico e logicamente que, a parte técnica bem desenvolvida.

O que é necessário para adquiri-las?

Treinando! Somente treinando e treinando muito! Treinando, não somente o coletivo que, a impressão que as pessoas tem é que só o coletivo vai dar condições de jogo para você. É engano! Eu, enquanto atleta, no início principalmente, treinava, 80% do treino era parte de fundamento. Fundamento, trabalho de condução de bola, passe, drible, chute é... combate. A gente trabalhava muito isso, muito, muito, muito! Hoje que diminuiu um pouco em virtude da gente já ter um conhecimento grande de fundamentos, mas treina-se sempre, apesar do time não gostar muito, há sempre o treinamento e aquela coisa, as vezes você precisa parar um jogo, precisa parar um treino, levar o cara lá e percorrer o caminho da jogada que ele deveria fazer, porque pelo fato de ser deficiente visual, alguns tem dificuldade de percepção, de visão de jogo mesmo. Então muitas vezes você precisa parar o treino e falar, Olha! Era esse percurso que você tinha que fazer, era isso que, que teria que acontecer. Tem que tar atento. Tem que ter visão da bola e não perder é... de vistas, entre aspas lógico, sempre o adversário que tá correspondente, que vai receber essa bola ou que vem de frente. A gente tem que tar muito atento a isso. Essa parte é fundamental.

Análise dos Temas Enunciados

ORIENTAÇÃO & MOBILIDADE: estar atento para perceber os deslocamentos dos adversários,

buscando seu posicionamento em relação a eles, por todo o espaço de jogo.

TÁTICAS/TÉCNICAS: ter a capacidade de fazer a leitura do jogo, assimilando as características dos adversários para dificultar suas ações. Utilizar os recursos técnicos com consciência, sem desespero, quando estiver com a posse da bola para responder de maneira eficiente às situações-problema encontradas.

CONDICIONAMENTO FÍSICO: atribui ao condicionamento físico a principal característica de um bom jogador, em virtude da dinâmica imposta pela inexistência de saída de bola pelas linhas laterais.

TREINAMENTO: os esforços nos treinamentos são responsáveis pela aquisição das características citadas. Acredita que somente o jogo formal não dá totais condições de aprendizagem aos praticantes. Atribui grande valor à repetição das técnicas específicas no início da aprendizagem, como também em fases posteriores. Porém, em proporções diminutas em relação ao início, pela resistência dos já iniciados à utilização de tais procedimentos nos treinos; importância na diminuição de possíveis déficits de orientação apresentados pela ausência do estímulo visual.

JOG. 5

BONS JOGADORES

É habilidade, é saber jogar em conjunto, com a equipe, escutar bem o orientador e o chamador e ajudar os companheiros na hora aí que o adversário tiver com a bola, e é isso aí.

O que é necessário para adquiri-las?

É... força de vontade, acho que é essa daí agora.

Análise dos Temas Enunciados

ORIENTAÇÃO & MOBILIDADE: estar atento para perceber as orientações de sua equipe.

TÁTICAS/TÉCNICAS: utilizar as ações tático-técnicas em prol do objetivo comum do grupo.

DEDICAÇÃO: ter força de vontade para alcançar tais características citadas.

JOG. 6

BONS JOGADORES

Ah eu considero a agilidade uma característica importante, domínio, recepção, condução de bola, e obviamente a finalização. Outra situação importante é a criatividade, a gente percebe que o nível do futebol tem aumento muito principalmente a velocidade e condução e a criatividade acho que tem também, precisa ser desenvolvida, agora acho que não tem se desenvolvido a criatividade tanto quanto tem desenvolvido a velocidade e a condução de bola, na verdade são essas situações que eu acho importante para um bom futebol.

O que é necessário para adquiri-las?

Ah! Eu acho que eu particularmente penso que é nato né, a pessoa acho que tem, nasce com o dom, e é óbvio que ela desenvolve isso agora se a pessoa não tem o dom infelizmente não tem como aprender não.

Análise dos Temas Enunciados

TÁTICAS/TÉCNICAS: ter a capacidade de utilizar as ações tático-técnicas de forma ágil, veloz e criativa. Acredita que a criatividade precisa ser mais incentivada e desenvolvida, em proporções superiores ao desenvolvimento observado na velocidade e na condução de bola dos jogadores atualmente.

TALENTO: Acredita que algumas pessoas possuem um dom inato para a prática do futebol e que somente essas têm a possibilidade de desenvolverem um bom jogo.

TÉC. 1

BONS JOGADORES

Ele tem que ter domínio de bola né, na minha, para mim, do jeito que eu trabalho, ele tem que saber marcar também e atacar né, ... essas duas características que são fortes né, da forma como eu trabalho. Eu exijo demais deles a questão de domínio de bola, de passe, de jogar coletivamente... mesmo né. Não essa coisa da individualidade só... lógico que eu num fico podando! Tem que driblar, tem hora que você tem que driblar, tem que ir para cima, mas sem... é... a questão do coletivo, de voltar para marcar, de atacar, de fazer a bola rolar quando tem que rolar. Porque se você pega um time que fica marcando só em cima [interrupção de um atleta]...

O domínio de bola, que é essencial né. Precisa ter a noção de marcar e atacar né e a questão coletiva. Para mim, essas são as principais características de um jogador de linha do futsal.

O que é necessário para adquiri-las?

Com o treinamento! Muito fundamento, eu trabalho muito fundamento. O treinamento eu divido ele em duas partes principais né, vamos chamar de três. que é a parte de fundamentos, que é domínio, chute a gol, passe, escanteio, cobrança de falta. A outra parte a questão tática, de posicionamento... testar algumas jogadas que a gente faz muito isso. Você montar algumas jogadas para poder em jogos que tão mais... difíceis para você fazer a jogada individual, que você tenha uma forma que você já... Vamos fazer jogada tal que aí já sabe. Cada um se posiciona, que essa é a parte tática e sempre no final o coletivo, exigindo que coloque em prática aquilo que a gente fez durante o treinamento. É então, é durante o treinamento que a gente tem que... é pouco, mas é o que a gente pode. São dois durante a semana né. Um de quarta a noite e um de sábado à tarde.

Análise dos Temas Enunciados

TÁTICAS/TÉCNICAS: ter bom domínio de bola, saber driblar, passar nos momentos certos; ter a capacidade de realizar tanto ações ofensivas quanto defensivas. Jogar em função do grupo sem desprezar suas características individuais.

TREINAMENTO: as situações exercitadas no treinamento, como a repetida execução de técnicas, situações de posicionamento tático, pré-estabelecimento de algumas jogadas e o jogo formal são responsáveis pela aquisição das características necessárias ao jogo de bom nível. Realiza cobrança para execução das situações exercitadas no treinamento.

TÉC. 2

BONS JOGADORES

O bom jogador de futebol de cinco, primeiro, ele tem que ter uma percepção auditiva muito boa, porque é fundamental para ele conseguir se deslocar corretamente em direção à bola. Porque aí sim, ele consegue ter a posse de bola e a partir daí a sua movimentação né, a condução da bola, para ele conseguir finalizar em gol. Então eu acho que a percepção auditiva [interrupção].

A percepção auditiva é fundamental, tá certo? E a partir daí é técnica, é trabalho técnico. Alguns, lógico, tem uma, já... sobressaem naturalmente, mas o trabalho é que formata a questão de dominar, a percepção, receber a bola, conduzir a bola e finalizar.

Já entrou um pouco na próxima pergunta... o que é necessário para adquirir essas características?

Treinamento! O básico é treinamento. Então você tem que trabalhar com o atleta e de preferência quanto antes melhor né. Os meninos mais velhos vão conseguir fazer pa pa pa pa pa pá, mas se você trabalha desde novo ele tem a facilidade do aprendizado motor tá, específico para ele desenvolver aquilo. Então, é muito trabalho com recepção de bola, muito trabalho com condução de bola, muito trabalho com chute a gol, muito trabalho com posicionamento dentro de quadra né, noção de tempo e espaço, tá certo? Muito trabalho de, postura defensiva do seu próprio corpo, então sua postura defensiva, jogar de cabeça erguida, conduzir a bola de cabeça erguida, receber a bola de cabeça erguida, mãos à frente na corrida né.

Sempre em deslocamento estar se protegendo de alguma forma para o atleta não ter medo, porque o acidente provoca medo né. E a partir daí ele conseguir desenvolver tranqüilo a sua técnica.

Análise dos Temas Enunciados
<p>ORIENTAÇÃO & MOBILIDADE: ter boa percepção auditiva para facilitar seus deslocamentos e orientação em relação aos estímulos do jogo, principalmente ao som da bola.</p> <p>TÁTICAS/TÉCNICAS: ter bom domínio das diferentes técnicas do jogo.</p> <p>TREINAMENTO: executar as técnicas específicas da modalidade; trabalhar a orientação (em conjunto com o posicionamento tático) e a mobilidade (para que o jogador desenvolva sua locomoção de forma consciente, sem medo ou traumas em virtude de possíveis acidentes). Acredita ser o aprendizado precoce, o grande diferencial, porém reporta-se a especificidade quando entra nessa questão.</p> <p>TALENTO: possuir certos pré-requisitos inatos coincidentes com as características da modalidade.</p>

TÉC. 3

BONS JOGADORES

A princípio, eu quando iniciei eu tinha noção sempre, eu sempre comento isso em todas que eu vou no Brasil em todos os cantos que alguém sempre pergunta que aquele tempo eu já fui atleta de futebol de salão então quando eu peguei os atletas pra trabalhar o treinamento de futebol alguns atletas dizia eu só sei jogar na defesa, sou atacante, então o futebol já tinha a evolução que, todos os jogadores já tinha movimentação que não existia aquele fixo né e o pivô ou os dois alas, como era antigamente o futebol de salão normal, convencional então eu tive uma dificuldade muito grande no início pra poder trabalhar, por ser pessoas cegas e você ter limitação e a gente trabalhar ou trabalhado com pessoas que vê, então eu tentei, comecei aos poucos implantar o que eu tinha de experiência como atleta e como professor de educação física. Fui adaptando os fundamentos que são aplicados no convencional mas... vendo também um pouco da limitação dos cegos que é orientação pela voz, pela comunicação e por ele ter a dificuldade, né de ter o silêncio pra poder tirar esse som da bola.

O que é necessário para adquiri-las?

Então para ter as característica do bom jogador de futebol de salão de cego acho que o que trabalha com convencional é a mesma coisa se trabalha com os, o quê que ele precisa: ele ter um porte físico, ter uma condição física ideal, saber conduzir uma bola, né, saber chutar, né e outras características que a gente tem no decorrer que é ... driblar né, os fundamentos do futsal né, então pra que desempenhe isso é preciso que você trabalhe mesmo todos os fundamentos que trabalha no futebol convencional obedecendo as limitações do cego.

Análise dos Temas Enunciados
<p>ORIENTAÇÃO & MOBILIDADE: ter atenção para se orientar pela voz e pelos referenciais sonoros em quadra.</p> <p>TÁTICAS/TÉCNICAS: saber utilizar as técnicas do jogo, como qualquer jogador de futebol, porém adaptadas às características específicas da cegueira e logicamente da modalidade.</p> <p>CONDICIONAMENTO FÍSICO: os jogadores precisam estar em condições físicas ideais às demandas do jogo.</p> <p>TREINAMENTO: trabalhar nos treinos as ações tático-técnicas específicas do jogo.</p>

TÉC. 4

BONS JOGADORES

Bom, é... eu me baseio muito no futsal convencional. Eu acho que ele tem que ter todos os fundamentos necessários. Ele tem que ter um bom passe, ele tem que ter uma boa recepção, uma boa condução e um bom chute e antes de ele ter tudo isso ele tem que ter uma boa condição física.

O que é necessário para adquiri-las?

Treinamento. É... o futebol para cego, até um pouco mais que o futsal convencional, ele depende muito da repetição, ele tem que... eu me baseio assim, ele tem que sair do treino enquanto não conseguir o objetivo do treino, objetivo é ele ter que receber bola. Então enquanto seja, você jogar pra eles bola e ele recepcionar mais de 50%, pára o treinamento. Mesma coisa você faz com condução de bola, você indica o sentido que ele tem que conduzir enquanto ele não conduzir sem perder essa posse de bola não tem que acabar o treino. Então é fundamento por fundamento e bastante repetição, até ele adquirir, num pode ocê passar um outro fundamento se ele não fez o primeiro ainda, passo a passo é... eu acho a maneira mais correta.

Análise dos Temas Enunciados

TÁTICAS/TÉCNICAS: conseguir realizar as ações tático-técnicas do jogo em bom nível.
--

CONDICIONAMENTO FÍSICO: os jogadores precisam ter um bom condicionamento físico.

TREINAMENTO: repetição das ações tático-técnicas de forma fragmentada e hierárquica, passando à próxima ação somente quando o jogador já estiver dominando a anterior.

Inferência Coletiva

Bons jogadores

ORIENTAÇÃO & MOBILIDADE: ter boa orientação espacial para se situar por todo o espaço de jogo e uma mobilidade capaz de usufruir dessa orientação. Desta feita, precisa desenvolver uma boa percepção auditiva para saber selecionar os estímulos mais significativos para sua ação, tais como o som da bola, as instruções recebidas e a identificação do posicionamento e movimentação dos jogadores parceiros e adversários.

TÁTICAS/TÉCNICAS: um bom jogador de futebol de cegos deve ter a capacidade de fazer a leitura do jogo, conhecendo as características de sua equipe e percebendo as características dos adversários para realizar manobras que dificultem suas ações. Ao ter essa capacidade, o jogador coloca suas características à disposição da sua equipe, tanto nas ações ofensivas quanto nas defensivas, jogando em prol do objetivo comum do grupo. Deve ter um bom domínio dos gestos técnicos específicos da modalidade para utilizá-los com consciência, respondendo de maneira criativa às situações-problema, encontradas no decorrer do jogo.

CONDICIONAMENTO FÍSICO: a dinâmica imposta ao jogo pela quase inexistente saída de bola pelas linhas laterais, em virtude da regra da banda lateral, pede jogadores bem condicionados fisicamente para suportar as demandas energéticas da partida. Alguns entrevistados consideram tal característica como a de maior importância para um bom jogador de futebol para cegos, julgando-a mais importante que a habilidade em utilizar com eficácia os gestos técnicos específicos da modalidade.

LIDERANÇA: apresentar controle emocional para liderar a equipe em momentos decisivos, passando tranquilidade aos outros jogadores. Porém, centraliza essa responsabilidade no jogador de destaque da equipe (Jog. 2).

TREINAMENTO/DEDICAÇÃO: independentemente dos métodos usados pelos diferentes treinadores a aquisição das virtudes atribuídas a um jogador de destaque é conseguida pela vontade em aprender e aperfeiçoar, com empenho e dedicação aos treinamentos, corrigindo possíveis falhas e melhorando ainda mais as virtudes, além da abdição de alguns comportamentos considerados prejudiciais à melhoria do desempenho, como a bebida alcoólica, por exemplo.

TALENTO: alguns entrevistados acreditam que algumas pessoas possuem um dom ou certos pré-requisitos inatos para o bom desempenho no jogo de futebol, que são aperfeiçoados com o treinamento. Porém, um deles (Jog. 6) não acredita no aprendizado dos não dotados.

Apêndice B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Título da pesquisa: TÉCNICAS E TÁTICAS DO FUTEBOL DE CEGOS.

Pesquisador responsável: Márcio Pereira Morato
Orientador: Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida

Eu, _____
portador do RG: _____, concordo em participar voluntariamente da presente pesquisa, sabendo que, para coleta dos dados, deverei responder as questões formuladas.

É de meu inteiro conhecimento que o projeto será desenvolvido em caráter de pesquisa científica, com o objetivo de descrever e analisar as características particulares do futebol de cegos, mais especificamente em relação às técnicas e táticas apresentadas pelos jogadores de equipes nacionais e com a finalidade de proporcionar à modalidade e aos seus participantes, melhorias no desenvolvimento de ambos.

Entendo que tenho como garantia, como participante da pesquisa, acesso à metodologia do trabalho, tendo total liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, de modo que não haverá qualquer prejuízo a minha pessoa.

É também de meu inteiro conhecimento que os dados por mim relatados terão uso exclusivo para fins da pesquisa em questão e serão mantidos em sigilo para assegurar minha privacidade em relação a esses dados confidenciais.

Os responsáveis pelo projeto podem ser encontrados pelo telefone (19) 3521-6618 / 3289-9577 ou pelo e-mail mpmorato@gmail.com.

Reclamações ou perguntas ao Comitê de Ética em Pesquisa através do telefone: (19) 3521-8936.

_____, ____ de _____ de 200_.

Assinatura do entrevistado

Assinatura do pesquisador

Apêndice C: Permissão CBDC

Campinas 06 de outubro de 2005

À
DIREÇÃO TÉCNICA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS PARA CEGOS
A/C JONAS FREIRE e LEONARDO MATARUNA

Vimos por meio deste, solicitar à diretoria técnica e à comissão de assuntos científicos da **ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS PARA CEGOS**, permissão para a realização de coleta de dados na **COPA BRASIL 2005 DE FUTSAL B1 – séries A e B**, para a pesquisa de Mestrado do aluno Márcio Pereira Morato, intitulada **TÉCNICAS E TÁTICAS DO FUTEBOL DE CEGOS** e vinculada ao programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas na área de concentração – *Atividade Física, Adaptação e Saúde* e na linha de pesquisa *Atividade Física para Pessoas com Necessidades Especiais*, sob a orientação do Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida e financiamento do CNPQ.

A pesquisa em questão tem como objetivo, descrever e analisar as características particulares do futebol de cegos, mais especificamente em relação às técnicas e táticas apresentadas pelos jogadores de equipes nacionais e com a finalidade de proporcionar a modalidade e aos seus participantes, melhorias no desenvolvimento de ambos.

A coleta de dados pressupõe a realização de entrevistas com jogadores e técnicos da referida modalidade. Os dados coletados terão uso exclusivo para fins da pesquisa em questão e os dados pessoais dos entrevistados serão mantidos em sigilo para assegurar sua privacidade.

Os responsáveis pela pesquisa podem ser encontrados pelo telefone (19) 3788-6618 / 3289-9577 ou pelo e-mail mpmorato@gmail.com.

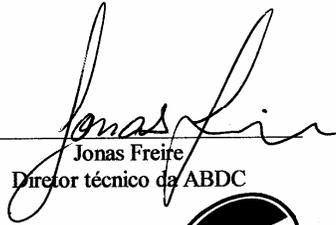
Reclamações ou perguntas ao Comitê de Ética em Pesquisa através do telefone: (19) 3788-8936.

Antecipadamente agradecemos pela atenção dispensada.

Atenciosamente,

Márcio Pereira Morato
Pesquisador responsável

Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida
Orientador


Jonas Freire
Diretor técnico da ABDC



Campinas 02 de outubro de 2006

A

DIREÇÃO TÉCNICA DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS PARA CEGOS

A/C JONAS FREIRE

Vimos por meio deste, solicitar à diretoria da **ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS PARA CEGOS**, permissão para a realização de coleta de dados na **COPA BRASIL 2006 DE FUTSAL B1 – séries A**, para a pesquisa de Mestrado do aluno Márcio Pereira Morato, intitulada **TÉCNICAS E TÁTICAS DO FUTEBOL DE CEGOS** e vinculada ao programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas na área de concentração – *Atividade Física, Adaptação e Saúde* e na linha de pesquisa *Atividade Física para Pessoas com Necessidades Especiais*, sob a orientação do Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida e financiamento do CNPQ.

A pesquisa em questão tem como objetivo, descrever e analisar as características particulares do futebol de cegos, mais especificamente em relação às técnicas e táticas apresentadas pelos jogadores de equipes nacionais e com a finalidade de proporcionar à modalidade e aos seus participantes, melhorias no desenvolvimento de ambos.

A coleta de dados pressupõe a realização de entrevistas com jogadores e técnicos da referida modalidade. Os dados coletados terão uso exclusivo para fins da pesquisa em questão e os dados pessoais dos entrevistados serão mantidos em sigilo para assegurar sua privacidade.

Os responsáveis pela pesquisa podem ser encontrados pelo telefone (19) 3521-6618 / 3289-9577 ou pelo e-mail mpmorato@gmail.com.

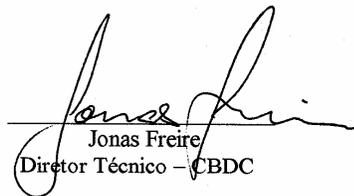
Reclamações ou perguntas ao Comitê de Ética em Pesquisa através do telefone: (19) 3521-8936.

Antecipadamente agradecemos pela atenção dispensada.

Atenciosamente,

Márcio Pereira Morato
Pesquisador responsável

Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida
Orientador


Jonas Freire
Diretor Técnico – CBDC